SÉRIE BESTSELLER INTERNACIONAL



Os Segredos de Ali

DA SÉRIE PRETTY LITTLE LIARS

SARA SHEPARD

ROCCO JOVEM

Os Segredos de Ali

DA SÉRIE PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

TRADUÇÃO
FAL AZEVEDO

ROCCO

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Mudança de hábito

1 - A princesinha de Rosewood Day

2 - Cortina de fumaça

3 - Festa às escondidas

4 - Nunca confie em ninguém da Califórnia

5 - Romances de verão são os melhores...

6 - Algo está quebrado na loja de antiguidades

7 - É isso que dá bancar o cupido

8 - Terapia familiar

9 - A queda de um império

10 - Um amor condenado

11 - Bang, bang, faz o amor

12 - Segredos no beco

13 - Dra. Alison, a seu dispor

14 - Uma verdade indesejada

15 - Parques não são só para crianças

16 - Ficando numa boa

17 - Como tirar leite de pedra

18 - Nada como o elogio de uma amiga

19 - Pisando em ovos

20 - A bomba

21 - Uma oferta irrecusável

22 - A princesinha do papai

23 - A rede intricada

24 - Hanna entrega os pontos

25 - Casas da árvore são ótimas para primeiros encontros

26 - À beira do abismo

27 - A maldade cura todas as feridas

28 - Minha querida Ali

29 - Veja só quem está de volta

30 - A sósia

31 - Poder absoluto

32 - As peças perdidas do quebra-cabeça

33 - Um empurrãozinho

34 - Desaparecida: Alison Dilaurentis

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Se você vai ter duas caras, certifique-se de que pelo menos uma delas seja bonita.

— MARILYN MONROE

Era uma vez duas irmãs gêmeas idênticas, Alison e Courtney. Eram iguais em tudo: tinham longos cabelos louros; imensos olhos azuis arredondados; rostos em formato de coração; e sorrisos arrebatadores, capazes de derreter corações. Com seis anos, iam para lá e para cá com suas bicicletas roxas iguais na entrada de carros da casa da família em Stamford, Connecticut, cantando "Frère Jacques" sem parar. Aos sete anos, subiram juntas o escorrega das crianças maiores e deslizaram de mãos dadas. Ainda que os pais tivessem dado a cada uma delas o próprio quarto, com uma cama de princesa com dossel, as meninas eram frequentemente encontradas dormindo abraçadas. Todos diziam que elas compartilhavam aquela ligação tão especial e indescritível, típica entre gêmeos. Elas prometeram serem melhores amigas para sempre.

Mas promessas são quebradas todos os dias.

No segundo ano do ensino fundamental, tudo começou a mudar. Foram pequenas transformações no início – um olhar reprovador, um empurrãozinho de leve, um suspiro ofendido. E, em determinado sábado, Courtney apareceu na aula de artes de Ali insistindo que era Ali. Pouco depois, em um dia que a irmã não foi à escola por estar doente, Courtney se sentou na carteira dela. E começou também a se apresentar como Ali para o carteiro, para os novos vizinhos que tinham um cão e para a senhorinha da farmácia. Talvez fingisse ser a irmã porque Ali tinha um certo brilho a mais, algo que a fazia ser notada em todos os lugares. Talvez Courtney sentisse ciúmes. Ou, talvez, tivesse sido forçada. *Ali me obrigou,* disse ela a seus pais quando foi apanhada. *Ela disse que, se eu não fingisse ser ela, algo horrível aconteceria comigo, com vocês, com todos nós.* Mas quando a mãe e o pai questionaram Ali sobre aquilo, a menina arregalou os olhos. *Eu nunca pediria que ela fizesse uma coisa assim*, respondeu de forma inocente. *Amo minha irmã e amo vocês.*

De uma hora para a outra, Courtney e Ali estavam se enfrentando aos berros no parquinho. Depois, Courtney prendeu Ali no banheiro durante o recreio e não a deixou sair. Os professores ligaram para os pais das garotas, as vozes carregadas de preocupação. Os vizinhos puxavam os filhos para perto quando passavam por Courtney, pois tinham medo que ela os machucasse também. A gota d'água veio em um perfeito dia de primavera, quando os pais das garotas encontraram Courtney em cima da irmã, com as mãos em torno da garganta de Ali. Especialistas foram chamados. Avaliações psiquiátricas foram realizadas nas duas meninas. Ali lidou com tudo com tranquilidade, mas Courtney entrou em pânico. *Foi ela quem começou*, insistiu, apontando para a irmã. *Ela faz ameaças. Ela quer que eu desapareça.*

Esquizofrenia paranoide, declararam os médicos com pesar. É uma condição que pode ser tratada, mas requer muitos cuidados. A palavra final ficou nas mãos de Ali, que decidiu, com

lágrimas nos olhos, que a irmã deveria partir. Encontraram um lugar para recebê-la, e Courtney foi para longe de sua família e de tudo que conhecia. Seus pais asseguraram que a trariam de volta para casa assim que ela melhorasse, mas as semanas passaram e viraram meses, que também passaram. Courtney foi meio que... *esquecida.*

Às vezes, uma família é como uma espiga de milho: pode parecer perfeita por fora, mas quando você a descasca vê que os grãos estão todos podres. No caso da família DiLaurentis, a garota que parecia ser a vítima poderia muito bem ser o carrasco. Mandar Courtney embora pode ter sido o golpe de mestre de Ali. E talvez, apenas talvez, tudo que Courtney desejava era o que merecia – uma vida feliz.

Esta é Rosewood, afinal de contas, e elas são as gêmeas mais misteriosas da vizinhança. E em Rosewood, como você bem sabe, nada é como parece.

A primeira coisa que Courtney DiLaurentis ouviu quando acordou na manhã em que sua vida mudou para sempre foi o tique-taque baixinho que fazia o relógio de parede. Ele lhe dizia, de um modo não muito sutil, que o tempo estava se esgotando.

Ela olhou ao redor do quarto desconhecido. Seus pais haviam deixado Stamford, em Connecticut, alguns anos antes, para evitar a vergonha de terem internado uma de suas filhas em uma instituição para doentes mentais. Mudaram-se para Rosewood, na Pensilvânia, um subúrbio abastado onde até os cães usavam coleiras Chanel, a pouco mais de trinta quilômetros da Filadélfia. Por serem desconhecidos na cidade, não tiveram que contar a ninguém sobre a filha perturbada que mantinham na clínica. A família inclusive mudou seu sobrenome de Day-DiLaurentis para apenas DiLaurentis, torcendo para que os vizinhos enxeridos de Connecticut se mantivessem a distância.

O quarto de hóspedes que Courtney ocupava cheirava a naftalina e tinha uma cama de solteiro, um velho cobertor xadrez, uma cômoda de vime precária demais até mesmo para um quarto de clínica e uma pequena estante barata, abarrotada de velhas revistas de culinária e caixas marcadas de IMPOSTOS e DECLARAÇÕES. O guarda-roupa estava tomado por decorações de Natal, mantas de crochê feitas pela avó e malhas de lã horrendas que Courtney não conseguia imaginar ninguém usando. Em outras palavras: o quarto servia como depósito de tudo o que a família DiLaurentis preferia esquecer. Inclusive Courtney.

Courtney jogou as cobertas longe e seguiu pelo corredor. A arquitetura da enorme casa vitoriana permitia que, do andar superior, ela tivesse uma visão ampla da sala de estar e da cozinha por cima do parapeito. Seu irmão mais velho, Jason, estava debruçado sobre a mesa comendo uma tigela de cereal. Sua irmã gêmea, Ali, agitava-se em torno do balcão. O cabelo louro dela era uma sucessão de ondas perfeitas que avançavam por suas costas, e a camiseta cor-de-rosa dava um brilho saudável à

sua pele. Ali ergueu uma pilha de jornais e olhou debaixo. Em seguida, abriu uma gaveta de talheres e a fechou com força.

– Alison, o que há de errado? – perguntou a sra. DiLaurentis usando um vestido envelope cinzento Diane von Furstenberg e salto alto. Ela parecia pronta para uma entrevista de emprego, não alguém prestes a internar a filha em uma nova clínica psiquiátrica.

– Eu não consigo encontrar o meu anel – resmungou Ali, abrindo a lata de lixo e olhando dentro.

– Que anel?

– O anel com minha inicial, *dã* – respondeu revirando os olhos, para depois abrir outro armário e fechá-lo com força. – O anel que uso *todos os dias*. – Ela se virou e olhou para o irmão. – *Você* o pegou?

– Por que eu pegaria um anel? – questionou Jason sem parar de mastigar.

– Bem, não consigo encontrá-lo – reclamou Ali. – Assim como não encontro o meu pedaço da bandeira em lugar algum – observou ela, fulminando Jason com o olhar.

Jason limpou a boca com um guardanapo.

– Ainda que eu soubesse onde está o seu pedaço estúpido da bandeira, qualquer pessoa tem permissão legal para pegá-lo, mesmo aqueles que ajudaram a escondê-lo. Há uma cláusula de roubo na competição, está lembrada?

– Talvez você o tenha roubado para dar a outra pessoa. – Ali desviou o olhar para o segundo andar.

Courtney se afastou do parapeito. De volta ao quarto de hóspedes, abriu a mala florida que tinha desde o terceiro ano do ensino fundamental e examinou seu conteúdo. Lá dentro havia uma camiseta quase do mesmo tom de rosa da que Ali estava usando. Encontrou uma calça jeans escura também parecida com a de Ali. E as vestiu.

A Cápsula do Tempo era uma antiga tradição em Rosewood Day, a escola particular onde Ali e Jason estudavam, e encontrar um pedaço da bandeira rasgada era raro para um aluno do sexto ano. Durante todo o fim de semana, Ali ficara se exibindo por ter encontrado parte da Cápsula do Tempo – ainda que, tecnicamente, Jason tivesse contado a ela onde encontrar o tal pedaço da bandeira, o que não parecia nada justo. A menina havia decorado o seu pedaço de bandeira na mesa da cozinha depois do jantar duas noites antes, enquanto lançava olhares de superioridade para Courtney, que assistia à televisão na outra sala. *Preste atenção em como sou importante*, aqueles olhares diziam. *Você não pode nem mesmo sair de casa*.

Mas, no dia anterior, ao notar o desaparecimento de seu pedaço de bandeira, Ali não tinha mais aquele olhar no rosto. Na privacidade do seu patético quarto de hóspedes, Courtney correra as pontas dos dedos sobre a seda e os desenhos em relevo prata de Ali – um logotipo da Chanel, um sapinho

Manga, uma garota jogando hóquei. Courtney havia desenhado um pequeno poço dos desejos no canto, querendo apenas deixar uma marca em algo que a irmã cobiçava com tanta intensidade. *Eu vou devolvê-lo*, prometera a si mesma. Mas, então, Jason a apanhara. Vendo-a com o pedaço de bandeira nas mãos, entrara furioso no quarto.

– Você realmente quer *piorar* as coisas entre vocês?

Antes que ela pudesse protestar, Jason havia tomado o pedaço de bandeira das mãos de Courtney.

Courtney estava prestes a fechar a bagagem quando desviou o olhar para o panfleto dobrado no bolso externo da mala. *Clínica Psiquiátrica Addison-Stevens para jovens*, dizia o folheto. Havia uma foto de um buquê de íris abaixo dos dizeres. As mesmas flores com que seus pais enfeitaram o velório da avó.

Ela abriu o panfleto, observando a primeira página. *Nossa missão é ajudar crianças e adolescentes no desenvolvimento de suas habilidades de superação e na construção da autoestima para que estejam aptos a voltar para casa e para a escola*, dizia.

Os olhos de Courtney se encheram de lágrimas. Vivia internada em uma instituição psiquiátrica desde os *nove anos* – três anos inteiros. E, ainda que estivesse acostumada à clínica Radley da mesma forma que um camundongo se acostuma a viver em uma gaiola, tinha visto coisas terríveis que esperava nunca mais ter de testemunhar. Desde que a clínica anunciara estar fechando as portas para se converter em um hotel de luxo, Courtney havia entendido que a família iria trazê-la de volta a Rosewood para viver com eles. Quando o pai fora buscá-la na sexta-feira, dissera que aquela seria uma visita de experiência e que talvez pudesse se transformar em um arranjo permanente.

Mas, por alguma razão, as circunstâncias mudaram nas últimas vinte e quatro horas. A sra. DiLaurentis tinha batido na porta de Courtney na noite anterior e dissera para arrumar sua mala imediatamente, entregando para a filha o panfleto de uma nova clínica.

– Nós achamos que essa será a melhor coisa para você – sussurrara a mãe enquanto acariciava o cabelo de Courtney.

Courtney folheou o panfleto, observando as fotos dos pacientes. Certamente eram modelos – pareciam todos muito felizes. Tinha ouvido coisas assustadoras sobre essa clínica de outras garotas que haviam passado por lá. Era chamada de "corredor da morte" porque uma porção de jovens cometia suicídio durante a internação. Havia quem a chamasse de "Torre de Rapunzel" porque os pais deixavam as crianças internadas lá por anos. Televisão, internet e telefonemas não eram permitidos. As enfermeiras pareciam figurantes do filme *Um estranho no ninho*, e a equipe médica não tinha receio algum em amarrar os jovens pacientes em suas camas para mantê-los sob controle. Mas os pais adoravam o lugar, porque a clínica era linda vista do lado de fora. E, custando tão caro, *tinha* que ser boa, certo?

Mas ela *não* ia, estava decidido. Courtney passara a noite formulando um plano para evitar a internação. Agora todas as peças do quebra-cabeça estavam se encaixando... faltava apenas uma oportunidade. Courtney esperava que ela surgisse – e *logo*. Seus pais a levariam embora de casa em quarenta e cinco minutos.

Ela enterrou o panfleto da clínica sob suas roupas dobradas e empurrou a mala para o topo da escadaria. Em seguida, foi para o andar de baixo. Uma movimentação chamou sua atenção pela janela da porta dos fundos. Havia quatro garotas junto dos arbustos, sussurrando. Pareciam ter a idade de Courtney, e as vozes delas a alcançavam, ainda que através da janela.

Uma loura usando a saia da equipe de hóquei sobre a grama e uma camiseta branca colocou as mãos na cintura.

– Eu cheguei aqui primeiro! Aquele pedaço de bandeira é meu!

– *Eu* estava aqui antes de você – reivindicou uma segunda garota, uma gordinha com cabelo castanho encaracolado. – Eu vi você deixando sua casa há poucos minutos.

A terceira menina, que usava uma bota de camurça roxa, adiantou-se.

– Você também acabou de chegar! Eu cheguei aqui antes de vocês *duas*.

Courtney passou a língua sobre os dentes. Aquelas garotas tinham vindo até a casa dela por causa do pedaço da bandeira de Ali? E uma delas mencionara uma menina da casa vizinha – tinha de ser Spencer Hastings. A sra. DiLaurentis mencionara o nome dela no jantar na sexta-feira, e o sr. DiLaurentis fizera uma careta antes de comentar que os pais de Spencer estavam por aí se exibindo por causa de uma obra na casa deles, uma reforma para transformar o ótimo celeiro da propriedade em um apartamento de luxo para a filha mais velha. *Como se um quarto não fosse bom o suficiente!*, protestara o pai de Courtney.

– Você pode vê-las daqui? – perguntou Courtney a Ali, que, de pé, apoiada no balcão e com fones nos ouvidos, folheava com raiva uma revista. Jason não estava em lugar algum que pudesse ser visto e, pelos ruídos, seus pais ainda se aprontavam no andar de cima.

Ali ergueu a cabeça e tirou os fones de ouvido.

– Como é?

– Tem umas meninas lá fora. Uma delas é nossa vizinha, a tal Spencer.

– Ela está no nosso quintal? – Parecendo irritada, Ali se aproximou da janela e, dando uma espiadela para o pátio, franziu a testa. – Eu não estou vendo Spencer. Graças a *Deus*.

– Você não é amiga dela?

Ali revirou os olhos.

– *Não!* Ela é uma vaca.

E você não é?, pensou Courtney.

Ali se virou para ela de repente, como se Courtney tivesse falado aquilo em voz alta. Ela sorriu de forma perturbadora.

– Camiseta bonita. Mas esse visual me parece familiar.

Courtney pegou uma banana da cesta.

– Gostei da cor.

– Ah, sei. – Ali deslizou de volta para o balcão e pegou uma rosquinha da caixa aberta.

– Vá com calma... – disse Courtney, aproximando-se lentamente da irmã. – Rosquinhas vão fazer você engordar.

Havia uma gota de geleia no queixo de Ali.

– A comida da sua clínica psiquiátrica também, *maluca*.

Courtney fez uma careta. Ela não era maluca, e Ali sabia disso muito bem.

– Não comece...

– *Não comece...* – disse Ali imitando a irmã, seu rosto assumindo uma expressão horrorosa.

Courtney respirou fundo. Ali sempre usava uma voz anasalada e meio imbecil para imitá-la.

– Pare já com isso! – disparou ela.

– *Pare já com isso!* – repetiu Ali imitando-a.

Courtney sentiu a velha fúria queimar em seu interior, aquela que já lhe colocara em grandes problemas no passado. E, apesar de todo esforço para contê-la, a situação escapou ao seu controle.

– Ei, adivinhe! – disse Courtney com raiva. – O seu pedaço da bandeira da Cápsula do Tempo está *mesmo* comigo.

Ali arregalou os olhos.

– *Sabia!* Trate de devolver agora!

– Já era – disse Courtney –, dei para o Jason. E ele não pretende devolver a bandeira para você. – Aquela não era exatamente a verdade, mas essa versão soava bem melhor.

Ali olhou com ódio para Jason, que tinha acabado de reaparecer na cozinha.

– É verdade? Você sabia que ela estava com a minha bandeira?

O olhar de Jason saltava de uma menina para a outra e ele não deixou de notar as roupas parecidas.

– Ah... Sim, Ali, mas...

De repente, a atenção de Ali foi capturada pelo tecido azul do pedaço de bandeira que escapava do bolso de Jason. Ela começou a puxá-lo, arregalando os olhos quando notou que havia um poço dos desejos entre o sapo Manga e a palavra '*incrível*' que ela escrevera ali com uma caligrafia arredondada. Ela encarou Courtney.

– Foi *você* que desenhou isso?

Jason puxou o pedaço de bandeira da mão dela e o enfiou de volta em seu bolso.

– Deixe isso pra lá, Ali!

Ali ajeitou os ombros.

– Você *sempre* fica do lado dela!

– Eu não estou do lado de ninguém! – retrucou Jason.

– Sim, você está! – Ali olhou feio para Courtney. – Que bom que eu contei à mamãe que você me ameaçou ontem à noite. É por isso que eles decidiram levar você para a clínica psiquiátrica, sabia?

Courtney arregalou os olhos.

– Mas eu não fiz nada!

Ali deu de ombros.

– Bem, talvez você tenha feito. Talvez você não tenha feito. De qualquer maneira, você não é bem-vinda em nossa casa, sua vadia.

– Ali, chega! – gritou Jason.

– *Chega!* – Ali o imitou com um sorriso de escárnio. Quando passou pelo irmão na direção das escadas, ela o empurrou. Jason cambaleou e se apoiou em uma estante de ferro forjado, que oscilou, fazendo um prato com a silhueta dos prédios de Nova York balançar perigosamente na prateleira superior. Jason se adiantou, mas era tarde demais. O prato se espatifou no chão de tábuas de madeira.

O silêncio após o impacto foi ensurdecedor. Jason olhou para Courtney, paralisada no canto.

– Você precisava mesmo provocá-la desse jeito? – chiou ele.

– Eu não pude evitar – disse Courtney com um fio de voz.

– Ah, sim, você podia! – disse Jason. E, então, dando um gemido desgostoso, saiu pela porta dos fundos.

Courtney se sentiu péssima.

– Jason, espere! – gritou ela, correndo para a janela. Jason era seu único aliado, e Courtney não podia arriscar irritá-lo. Mas quando olhou pela janela, Jason tinha desaparecido. As quatro garotas, porém, ainda estavam ali, junto aos arbustos.

Courtney olhou por cima do ombro, observando o estado da cozinha. O chão estava coberto com os cacos do prato de Nova York. Em poucos minutos, sua mãe iria entrar na cozinha e descobrir o prato quebrado. Chamaria as duas filhas para perguntar o que tinha acontecido. Uma das meninas viria do andar de cima. E se a outra filha estivesse no quintal, conversando com algumas garotas da escola? Ora, não seria Courtney no quintal, afinal de contas, ela não conhecia ninguém em Rosewood. Ela sequer tinha *permissão* para sair de casa.

Era isso! A sua oportunidade! Se ela estivesse no quintal com as garotas, os pais pensariam que ela era Ali, não Courtney. Seria a primeira vez que fingiria ser a irmã sem que Ali a obrigasse. *A*

primeira coisa que você precisa fazer, ela disse a si mesma, *é incorporá-la. Ninguém vai acreditar que você é ela se você não acreditar*. Por isso, Courtney fechou os olhos e se concentrou na irmã e em como ela era. Linda e descarada. Uma abelha-rainha manipuladora. A garota que arruinara sua vida.

Courtney ficou arrepiada. Aquilo não era tão difícil: Courtney tinha sido a abelha-rainha de um bando de meninas bastante populares na clínica Radley, o que lhe garantia a melhor mesa na sala de estar, poder escolher os programas a que elas assistiriam na televisão e a melhor performance do show de talentos da clínica. E, mesmo antes de sua internação na clínica Radley, todos a adoravam – bem mais do que adoravam a irmã, na verdade. As pessoas pareciam sentir-se à vontade com Courtney; ela era a primeira a ser escolhida para os times do *kickball*, todos queriam fazer seus projetos de arte com ela e Courtney recebia mais presentes no Dia dos Namorados do que qualquer outra pessoa da classe. Ali, no entanto, parecia intimidar os colegas. Ela era agressiva demais, intensa demais. Gritava com as outras crianças quando não havia adultos por perto, fazia manha quando não recebia o presente mais legal no amigo-secreto e, certa vez, até chutara o gatinho que uma menina levara para um exercício da escola. Claro, Ali era linda – até mesmo um pouquinho mais bonita do que Courtney, mas ela não era a mais querida. Por isso se esforçara tanto para afastar Courtney. Ela queria ser a única estrela.

Courtney viu os sapatos plataforma azuis de Ali perto da porta e os calçou. Para garantir que a mãe visse exatamente onde ela estava – e onde sua irmã *não estava* –, jogou outro prato no chão. Quando ele se espatifou com um estrondo difícil de ignorar, Courtney empurrou a porta de tela que levava da cozinha para o quintal e observou as meninas, que discutiam em voz alta, calarem-se e olharem em sua direção. Pelas expressões intimidadas e reverentes que assumiram, soube que conseguira enganá-las. Estava claro que elas pensavam que Courtney era Ali.

– Podem sair daí! – gritou com a voz mais confiante que conseguiu.

As garotas não se mexeram.

– É sério, *sei* que tem alguém aí – disse ela. – Mas se estão aqui para roubar a minha bandeira, é tarde demais. Alguém já fez isso.

Spencer foi a primeira a aparecer. As outras meninas a seguiram. E então simplesmente... *aconteceu*. Elas assumiram que Courtney era Ali e lhe fizeram perguntas. Perguntas que Courtney respondeu tão naturalmente como se este fosse o papel perfeito para ela. E quando a sra. DiLaurentis apareceu na porta da cozinha, examinou o grupo com cautela – definitivamente, aquelas *não eram* amigas de Ali. Mas, ao observar a filha, ela não suspeitou de nada. A sra. DiLaurentis apenas concluiu que Courtney era Ali. Ela fechou a porta novamente, e pouco depois a família estava no carro, indo embora. Só isso.

Courtney estava tão animada, nervosa e com tanto medo que foi difícil manter o ar de enfado em seu teatrinho para as meninas. Ela se sentia prestes a explodir. Era uma sensação maravilhosa, sua vontade era sair abraçando cada uma das árvores do quintal.

Quando finalmente voltou para dentro de casa, parecia que tinha corrido até a clínica Radley e voltado. Sua cabeça estava leve. Seus membros, pesados. Courtney olhou ao redor. O chão da cozinha ainda estava cheio de cacos dos pratos quebrados. Um vaso de flor também tinha sido derrubado. A casa silenciosa parecia reverberar os sons e as vozes fantasmas do que acabara de acontecer. Gritos desesperados, de ódio, ecoando no ar. A briga para entrar no carro. Os protestos de que os pais estavam levando a gêmea errada para a clínica.

Courtney percorreu as salas silenciosas, o barulho dos saltos de sua irmã ecoando no chão. Seu plano funcionara. Mas, de repente, foi tomada pelo pânico. Agora, tinha de *manter a atuação*. Aquilo não podia durar apenas alguns dias ou semanas, senão os pais perceberiam que haviam internado a garota errada na clínica. Precisava descobrir uma forma de garantir sua permanência em casa para sempre.

Subiu as escadarias de dois em dois degraus e foi direto para o quarto da irmã. Esquadrinhou a colcha preta e branca de Ali, os anúncios recortados das revistas, as fotos das amigas dela nas paredes, o armário explodindo de roupas. Correu para a cama de Ali e deslizou a mão por debaixo do colchão. O diário de Ali estava escondido bem no meio do estrado, como no dia anterior. Ela se sentou na cama, abriu o diário na página em que interrompera a leitura e começou a ler.

Ao chegar ao final, sentia-se ainda mais ansiosa do que antes. As anotações do diário da irmã falavam sobre Naomi Zeigler e Riley Wolfe, fazendo uma porção de referências obscuras a segredos e piadas que Courtney não teria como conhecer. A verdade é que ela não podia continuar amiga de Naomi e Riley – tinha de livrar-se delas e formar um grupo novo de amigas. Mas... com quem?

As quatro garotas que encontrara no quintal surgiram em sua cabeça. Spencer, Aria, Emily e a última, aquela gorduchinha. Courtney pegou o anuário do quinto ano de Ali e as procurou ali. *Hanna* – era esse o nome da menina. Elas não haviam assinado o anuário da irmã – nenhuma delas conhecia bem a Ali. *Perfeito.*

Bam!

Courtney ergueu a cabeça e empurrou o diário de volta sob o colchão. Tinha se passado só uma hora. E se os pais já estivessem de volta? E se tivessem descoberto?

Courtney espiou pela janela. Um carro preto resfolegava, parado junto ao meio-fio, mas ela não conseguia ver quem dirigia. Ouviu passos no chão da cozinha e depois a escadaria rangeu. Courtney permaneceu imóvel enquanto quem quer que fosse caminhava pelo corredor. Um vulto apareceu na sua porta, e ela quase deu um grito.

Jason estreitou os olhos ao encará-la.

– Eles já saíram com ela?

Courtney assentiu, sem se atrever a respirar.

Jason apertou os lábios.

– Bom, *você está* feliz agora, Ali?

O irmão balançou a cabeça e seguiu para o quarto dele. A porta bateu alto, estremecendo as paredes. Alguns segundos depois, os primeiros acordes de uma música de Elliott Smith soaram.

Courtney escondeu o rosto nas mãos. Jason a chamara de *Ali*.

Ela caminhou até o espelho. A garota que a olhava no reflexo usava uma camiseta com um tom profundo de rosa e sapato plataforma. Tinha o cabelo brilhante, o rosto em forma de coração e um sorriso atrevido. Depois de um momento, Courtney jogou a cabeça para trás e o cabelo por cima do ombro, da mesma forma que Ali fazia, e então se sobressaltou. Estava igualzinha.

Uma onda de euforia a tomou. Courtney iria mandar na escola. Seria fabulosa. Ela se tornaria a melhor Alison DiLaurentis que já existira. *Merecia isso*, oras. E sua irmã? Ela pensou na expressão de Ali ao ser empurrada pelos pais para dentro do carro, a vida que teria na clínica. Mas o que estava feito, estava feito. E era justo.

Courtney se levantou, admirando a menina no espelho. De repente, lembrou-se de algo, correu de volta para o quarto de hóspedes, abriu a primeira gaveta da cômoda horrorosa e tirou dali o anel de prata que roubara na noite anterior, quando Ali o tirara para lavar a louça. Ela o apanhou e o ergueu contra a luz. Havia um pequeno *A* gravado na parte de cima. Sorrindo para si mesma, colocou o anel em seu dedo indicador direito, o mesmo dedo em que Ali o usava.

Então, Courtney olhou para a menina no espelho novamente.

– Eu sou Ali – disse para o seu reflexo. – E eu sou fabulosa.

1

A PRINCESINHA DE ROSEWOOD DAY

Alison DiLaurentis caminhava pelo corredor da escola Rosewood Day, com seu salto gatinho ecoando no chão, seu cabelo louro esvoaçando e a saia xadrez do uniforme mal cobrindo suas coxas. O professor de ecologia colocou a cabeça para fora da porta da sala de aula e ergueu as sobrancelhas ao vê-la. As luzes do teto, que faziam todo mundo parecer abatido e pálido, realçavam os tons de mel na pele de Ali e o pontilhado verde em seus olhos. Seus passos pareciam acompanhar o ritmo da música clássica que tocava nos intervalos das aulas. E quando Ali fez menção de entrar na cafeteria, o povo abriu caminho como se ela fosse uma rainha.

O que, de certa forma, ela *era*.

Em plena primavera, o sétimo ano estava quase no fim, e Ali e suas amigas se acomodavam para almoçar na melhor mesa da parte externa, uma grande mesa quadrada, com excelente vista para o campo de beisebol. Emily Fields, Spencer Hastings, Aria Montgomery e Hanna Marin já estavam sentadas e se preparando para atacar a comida: sushi da Fresh Fields e os pretzels deliciosos da cafeteria.

Ali acenou para elas da entrada. Spencer se iluminou. Hanna tirou uma embalagem extra de sushi da bolsa e colocou no lugar de Ali. Emily olhou para Ali com um sorriso tímido e ansioso, espanando mecanicamente as folhas caídas na cadeira favorita de Ali. Aria pousou as agulhas de tricô e dirigiu a Ali um enorme sorriso.

Nenhum dos olhares da cafeteria saiu de cima de Ali enquanto ela atravessava o pátio. Ela conseguia escutar os sussurros de admiração e os assobios apreciativos. Devon Arliss, que era da turma de história dela, adiantou-se e lhe entregou a lição de casa daquela tarde, coisa que Ali sequer pedira a ele. E Heather Rausch, cuja irmã trabalhava na loja Sephora do shopping, deu a Ali uma sacola cheia de amostras de uma nova linha de maquiagem.

– Você é a única pessoa, além das funcionárias, que vai ter acesso a elas antes do lançamento – garantiu Heather com orgulho.

– Obrigada – disse Ali a Devon e Heather, pagando-os com sorrisos indiferentes. Ela parecia uma celebridade de revista, e era tão encantadora e desejável que havia uma lista de espera apenas para chegar perto dela.

Liderar uma escola era, em uma palavra, *sensacional*. Ela ditava moda (sozinha, fizera com que todas as meninas de Rosewood Day usassem esmalte verde-limão naquela primavera); arrasava pessoas (um bilhete falso de amor de Kirsten Cullen para Lucas Beattie tinha sido a vingança perfeita

depois que Kirsten criticara seu talento de jogadora de hóquei); planejava festas incríveis (aquela época, primavera-verão, era a mais agitada); e esnobava todas as garotas. Incluindo suas melhores amigas.

Quando se aproximou da mesa delas, disse:

– E aí, suas vadias!

As meninas sorriram.

– Ei, vadia! – disseram todas ao mesmo tempo, apesar de Emily parecer um pouco envergonhada. Nem os professores estranhavam o termo *vadia* quando o escutavam pelos corredores, mas a família de Emily era praticamente *amish,* e ela ainda ficava desconfortável com xingamentos.

Ali apanhou a velha câmera Polaroid que o pai havia lhe dado e tirou uma foto das amigas, que riram, animadas, para a câmera. Apesar de Aria ser a fotógrafa e cinegrafista oficial da turma, a Polaroid era o xodó de Ali – ela nunca ia a lugar algum sem ela. No começo, ela a carregava consigo para não se esquecer dos detalhes de sua nova vida caso fosse apanhada e mandada para a clínica. Desejava ter uma prova de que conhecera mesmo todos aqueles meninos lindos dos quais, agora, era amiga e do lugar mais ensolarado do pátio, no qual ela e suas amigas se acomodavam para almoçar todos os dias. E, com o passar do tempo, tirar fotos se tornara um hábito.

– E aí, o que há de novo? – perguntou Ali enquanto examinava o seu sushi. Hanna escolhera o favorito de Ali, atum picante com extra wasabi.

– Vi Lara Fiori depois da aula de educação física – comentou Aria – usando sandálias Marc Jacobs iguais às que você usou na semana passada. Uma imitadora barata.

Ali revirou os olhos.

– *Isso não!* – disse Ali, usando a expressão de um jogo que herdou do irmão. Era a frase que ela e as amigas diziam quando conversavam sobre alguém impopular ou sem graça.

– Concordo – disse Spencer, tirando alguma coisa de dentro da bolsa e entregando a Ali. – Kirsten Cullen me convidou para uma festa no Country Club nesse fim de semana. Devo responder que iremos?

Ali analisou o convite em papel-cartão de tom creme.

– Parece perfeito, Spence. Adorei.

Spencer parecia deliciada.

– Nós vamos ter de comprar vestidos, não é?

– Ah! A Bloomie recebeu uma nova remessa de novos vestidos Diane von Fürstenberg – animou-se Hanna. – Liguei para eles todos os dias, como uma louca, até a vendedora garantir que reservaria alguns para nós.

– Muito bem! – disse Ali, erguendo sua garrafa de água Vitamin para Hanna como um brinde.

Emily se inclinou.

– Teve notícias de Matt?

De repente, Ali pareceu muito interessada em suas unhas.

– Só um milhão de vezes.

Matt Reynolds tinha sido namorado de Ali, mas ele se mudara para a Virgínia na semana anterior. Matt queria continuar o namoro a distância, mas ela não. Apesar de ele ser o garoto mais bonito do sétimo ano, Ali nunca tinha sido apaixonada por ele, não de verdade. Só que, como era a *garota* mais bonita do sétimo ano, parecia simplesmente natural que eles namorassem.

– Já esqueci o Matt – continuou Ali. – Prefiro sair com vocês.

Suas melhores amigas do último ano e meio coraram, ainda cheias de gratidão por terem sido escolhidas por Ali para seu grupo novo. E Ali também era muito agradecida a elas. Se as meninas não estivessem no quintal da casa dela justo naquele dia, naquele momento crucial, sua vida seria muito diferente. Os alunos de Rosewood Day aceitaram a nova turma de Ali sem problemas e a popularidade das garotas subiu como um foguete. Todas elas estavam satisfeitas.

E as meninas haviam se divertido muito juntas. Como na casa de campo da família de Ali em Poconos. Ou nas muitas festas às quais foram convidadas, com todas as outras meninas tentando impressioná-las. E ainda houvera outras ocasiões incríveis, como a vez em que, naquela mesma época no ano anterior, nadaram nuas no lago da fazenda Pecks; as inúmeras festas de pijama que faziam; as centenas de horas que passavam juntas falando ao telefone; as compras e os dias de spa em grupo. Ali transformara aquelas garotas. Elas tinham deixado de ser desconhecidas para se tornarem meninas superpopulares, tudo porque ela era Alison DiLaurentis.

É claro que as meninas não poderiam saber que ela *não era* Alison DiLaurentis. Mas Ali não gostava de pensar sobre o passado. Era uma coisa que aprendera no grupo de terapia havia um zilhão de anos: se você tiver pensamentos positivos, vai acabar levando uma vida positiva. Sua antiga existência como Courtney havia terminado.

Ali deu uma espiadela em Aria, que acabara de pegar suas agulhas de tricô e um novelo cor-de-rosa de mohair.

– Você está fazendo outro sutiã?

Aria assentiu e, em seguida, exibiu a metade de um sutiã tamanho 42.

– Você gostou?

Ali tocou o tecido macio.

– Você devia pensar seriamente em vender as coisas que faz na Saks. – Em seguida, Ali olhou para Spencer, que escrevia alguma coisa em seu calendário de planejamento do dia. – Deus, Spence, a sua letra é *tão* linda.

Spencer ficou feliz.

– Obrigada!

Ali disse a Hanna que os novos óculos de sol comprados na H&M eram incrivelmente sofisticados e puxou o rabo de cavalo de Emily dizendo que a camiseta de gola canoa que ela vestia valorizava seus ombros musculosos. Elogiar as meninas era a coisa certa – não só porque elas também a elogiariam, mas porque aquilo as aproximava. Não havia nada no mundo mais poderoso do que um grupo de garotas amigas de verdade. Melhor do que amigas interesseiras. Aquela era uma coisa que Ali sempre desejara, a vida toda.

Mas, ainda assim, não conseguia evitar reafirmar que era *um pouquinho* melhor do que elas. Apanhando seu celular, olhou para a tela e começou a rir.

– Cassie me enviou uma mensagem muito engraçada mais cedo – disse ela, referindo-se a Cassie Buckley, uma menina que jogava hóquei com ela. – Ela é muito divertida.

– Você ainda sai com ela? – Emily parecia magoada. – Os treinos acabaram há meses.

– Ficamos muito amigas – respondeu Ali, despreocupada. – Na verdade, vou sair com Cassie e algumas meninas da equipe esta tarde.

Houve uma longa pausa. Ali observou as amigas, secretamente satisfeita com suas expressões tensas e intimidadas. Sabia que as quatro esperavam ser convidadas também, mas o objetivo era exatamente fazer com que se sentissem excluídas. Não exatamente para ser malvada. Aquele momento a fez lembrar-se dos *labradoodles* de Spencer, Rufus e Beatrice, no quintal da família Hastings: os cães brincavam por um tempo, mas de repente Rufus subia em Beatrice e a segurava um pouco para lembrá-la de que ele era o macho alfa.

– Ah... – começou Spencer depois de um momento. – Precisamos pensar sobre o que vamos fazer em nossa festa do pijama para comemorar o fim do sétimo ano. Isso, se você já não tiver feito outros planos para essa noite, Ali. – Spencer usou um tom tranquilo, mas o olhar que lançou a Ali era cauteloso.

– Por favor, diga que você não tem planos! – disse uma Emily bastante ansiosa.

– Eu não perderia a nossa festa do pijama. – Ali encarou Spencer. – E se fosse em seu celeiro?

O antigo celeiro da propriedade da família Hastings tinha sido convertido em um maravilhoso anexo para Melissa, a irmã mais velha de Spencer. Com pé-direito alto, um closet enorme e um banheiro de mármore, com banheira, o lugar era um apartamento incrível para uma garota.

Spencer fez uma careta.

– Melhor não, a menos que nós queiramos que Melissa participe do nosso Verdade ou Consequência.

Ali revirou os olhos.

– Expulse Melissa de lá por uma noite! Seria perfeito, não acha? Poderíamos espalhar sacos de dormir naquela suíte principal enorme, assistir filmes na televisão de tela plana e talvez até mesmo convidar alguns garotos... – Seus olhos faiscaram.

– Como Sean Ackard? – perguntou Hanna com entusiasmo.

– Noel Kahn? – Aria sorriu.

Spencer suspirou.

– E que tal se fizéssemos uma festa no quintal da sua casa, Ali?

Ali fez uma careta.

– Esqueceu o gazebo que estamos construindo? Meu quintal parece ter sido atingido por um meteoro – disse Ali e, em seguida, deitou a cabeça no ombro de Spencer. – Ah, vai, por favor, fale com Melissa, sim? Se fizer isso por mim, serei sua melhor amiga.

Spencer deu um longo suspiro, mas Ali sabia que ela estava pensando a respeito. Esse era o tipo de poder que tinha sobre todas as amigas. As meninas fariam *qualquer coisa* por ela, mesmo coisas que não queriam fazer.

Assim como ela fizera por sua irmã, anos atrás.

O sinal tocou e todas se levantaram.

– Mais tarde nos falamos? – perguntou Hanna, e Ali assentiu. As cinco amigas tinham o hábito de fazer uma ligação conjunta no final do dia para contar as novidades.

De cabeça erguida, Ali seguiu pelo corredor na direção do ginásio, para a aula de educação física, sentindo os olhares invejosos das colegas queimando em sua pele como o sol de verão. Mas, de repente, ela hesitou. No quadro de avisos de vidro, uma montagem de fotos anunciava: TURMA DE TEATRO DE ROSEWOOD DAY: RETROSPECTIVA. Bem no centro, uma foto mostrava o elenco daquele ano após a apresentação da peça *Um violinista no telhado.* Spencer, que havia interpretado uma coadjuvante, estava em destaque bem na frente. Fotos de peças mais antigas tinham sido dispostas em torno da foto principal. Ali viu uma versão mais nova de Spencer interpretando uma árvore em *Sonho de uma noite de verão*. Havia uma foto que mostrava Mona Vanderwaal com seu cabelo trançado e aparelho nos dentes, interpretando uma vaqueira em *Bonita e valente*. E uma outra que mostrava Jenna Cavanaugh, mais nova, cantando um solo com seus lábios naturalmente rosados e seus grandes olhos cor de avelã observando tudo.

E perto dessa foto havia mais uma. Contracenando com Noel Kahn, que estava usando um tapa-olho, Ali viu seu próprio rosto. Exceto que essa foto era de uma peça montada antes do sexto ano. Antes de Courtney se tornar Ali, e de Ali se tornar Courtney. Se alguém se concentrasse bastante, as diferenças entre as duas garotas ficavam bem claras. Os olhos da irmã eram mais arregalados e de um azul um pouco mais intenso. Tinha uma postura melhor e suas orelhas ficavam menos para fora.

Mas ninguém tinha percebido essas coisas, raramente as pessoas prestam atenção aos detalhes.

Ali pensou na clínica psiquiátrica onde a irmã estava internada. Tinha ido visitá-la algumas vezes e o lugar era ainda pior do que o que haviam lhe contado. Paredes azuis descascadas, grades nas janelas e corredores escuros pelos quais garotos e garotas se arrastavam ausentes pelos corredores, alguns murmurando, outros aos berros, a maioria com tiques nervosos. Sua irmã era um deles, agora. Vinha insistindo que era Alison DiLaurentis havia mais de um ano, o que só piorava a sua situação. Quanto mais a verdadeira Ali insistia que tinha sido injustamente internada na clínica, mais motivos os médicos viam para mantê-la ali. Ela estava sob tantos medicamentos que babava, ausente, a maior parte do tempo.

Ali olhou por cima do ombro, tomada por uma estranha sensação. Parecia que estava sendo observada. Ela se sentia assim vez ou outra, mas quase sempre deixava isso para lá, dizendo a si mesma que era só exaustão por causa do fim do ano letivo.

Observou a foto de novo. Aquilo, de alguma forma, parecia perigoso. Ali jamais, *jamais* permitiria que alguém se aproximasse de seu segredo; não seria internada naquela clínica de jeito nenhum. Destravou a porta de vidro do quadro de avisos, enfiou a mão ali e apanhou a foto que mostrava a linda Alison do quinto ano, guardando-a em sua bolsa. Assim que chegasse em sua casa naquela noite, ela a queimaria.

O que os olhos não veem, o coração não sente. Do jeito como tinham feito com ela.

2

CORTINA DE FUMAÇA

Naquele dia, no fim da tarde, Ali se acomodou no Jeep de Cassie Buckley, na garagem da amiga. Cassie tinha acabado de tirar a carteira de motorista e adorava dar carona para as amigas até suas casas. Elas estavam de frente para a antiga casa vitoriana de Cassie, onde haviam se reunido com outras garotas do time de hóquei depois das aulas. A casa tinha uma varanda coberta em todo seu entorno, vitrais e um cata-vento em forma de galo no telhado. À direita, um quintal estreito e longo, onde havia um jardim que precisava de manutenção, um muro de pedra que o separava da propriedade dos vizinhos e uma antiga banheira com pés em forma de garras que não destoava na estilosa vizinhança de Old Hollis. Na verdade, Ali preferia a atmosfera vibrante, decadente e sofisticada de Hollis à perfeição arrogante de Rosewood, mas como isso não soava como uma opinião que Alison DiLaurentis teria, ela nunca a expressou em voz alta.

Depois de ajeitar os espelhos, Cassie deu partida no motor.

– Espero que encontremos alguns veteranos bonitinhos no caminho.

– Quais? – perguntou Zoe Schwartz, sentada no banco de trás.

– Não sei – respondeu Cassie. – Qualquer um que seja lindo.

– Vou procurar um cara para você. – Zoe folheou o mais recente anuário de Rosewood, *A Mula*, que tinha ficado pronto naquele dia. Ninguém sabia por que ele era chamado de *Mula*, uma piada interna apócrifa de escola particular que a equipe do anuário não queria tirar do nome por superstição.

– Esse Ian Thomas é mesmo uma gracinha – declarou Zoe, parando para observar melhor a fotografia do veterano. O sorriso dele era enorme, seus olhos eram bem azuis e ele realmente estava bonito usando seu capelo de formatura.

– Mas não é tão bonito quanto o irmão de Ali. – Cassie aceitou o Marlboro Light que circulava entre elas e deu uma longa tragada.

– Eca! – disse Ali.

– O que é que tem? Ele é um espetáculo – provocou Cassie. – Você bem que poderia me arrumar um encontro com ele, não?

– Você não iria *querer* um encontro com ele – respondeu Ali. – Ele pode ser bem mal-humorado. – Dito isso, ela se aprumou no banco do passageiro, tirou o cigarro da mão de Zoe e tragou, fazendo o seu melhor para não engasgar quando a fumaça alcançou seus pulmões. As outras meninas eram do segundo ano ou do penúltimo ano do ensino médio. Ela era a primeira estudante do sétimo ano do

fundamental a fazer parte do time, deixando para trás até mesmo Spencer, a senhorita "jogo hóquei desde que nasci". Mas sentadas ali no Jeep de Cassie, fumando e conversando sobre garotos, pareciam ser todas da mesma idade.

– Ian é realmente muito bacana – disse Ali. – Esbarro com ele o tempo todo.

– Mesmo? – Todos os olhares se viraram para ela. – Onde?

Ali adorava receber a atenção delas.

– Ele namora a irmã de Spencer Hastings. Passa muito tempo na casa da família dela.

Cassie franziu a ponta do nariz.

– Melissa Hastings? Que desperdício.

– Ela é a Senhorita Engomadinha – concordou Zoe. – O que será que ele vê nela?

Ali roeu a unha. Por uma ironia do destino, seu irmão também tinha uma quedinha por Melissa Hastings. No entanto, ela não sabia o que pensar sobre a irmã de Spencer. De todas as pessoas de Rosewood, Melissa era uma das poucas que não cedia aos encantos dela. Algumas vezes, quando Ali estava em seu quintal, Melissa vinha até a janela de seu celeiro reformado, nos fundos da propriedade dos Hastings, e ficava olhando para ela.

Cassie soprou um anel de fumaça.

– Quais são nossos planos para o verão, meninas? As aulas acabam em um mês.

Brianna Huston, com cabelo preto brilhante e pernas grossas de goleira, baixou seus óculos de sol.

– Perder cinco quilos e conseguir um namorado, é claro.

– Um romance de verão seria sensacional – suspirou Zoe.

– Ah, eu também quero um namorado – declarou Ali.

Cassie a olhou de modo questionador quando freou ao ver uma placa de PARE.

– Você já não tem um?

Ali se lembrou da carinha de choro de Matt quando ele entrou na van de sua família rumo à Virgínia. Ela respondera só duas das mensagens intensas e apaixonadas dele.

– Não estou muito interessada nessa coisa de namoro a distância.

Elas passaram na frente da Universidade de Hollis. Os estudantes estavam sentados nos bancos, com copos de café gelado nas mãos ou conversando nos degraus de pedra. Quando Ali notou três garotos sem camisa jogando frisbee no gramado, estendeu a mão e buzinou. Os rapazes olharam na direção delas e sorriram. Ali soprou um beijo para eles, enquanto Cassie continuava dirigindo para longe.

– Talvez eu encontre alguém desse tipo – brincou Ali.

O queixo de Cassie caiu quando ela olhou para Ali.

– Você deveria ser minha nova melhor amiga – disse ela. – Vou deixar essas vadias de lado e farei de você minha vice-abelha-rainha.

– Ei! – disse Zoe, bem-humorada.

– Estou *brincando* – falou Cassie e deu uma piscadinha para Ali.

Elas deixaram Hollis para trás e seguiram pelas ruas de Rosewood, onde as casas eram maiores e distantes umas das outras. Cassie colocou uma música do Jay-Z para tocar e todas elas cantaram junto. Passaram pelo monólito branco que era o Shopping King James, com um anúncio do novo bistrô francês Rive Gauche na marquise da entrada. Depois deram a volta até uma das ruas vizinhas, passando pela trilha Marwyn, cujo estacionamento estava cheio de carros e bicicletas. Então, cruzaram a antiga ponte coberta, que todo mundo adorava grafitar e passaram por uma vizinhança de enormes mansões isoladas, onde a família de Sean Ackard, a paixonite de Hanna, vivia.

Cassie entrou em um bairro cheio de construções luxuosas e extravagantes para deixar Zoe em casa, depois seguiram para a fazenda de criação de cavalos onde Brianna vivia. Quando restaram apenas Cassie e Ali no carro, Cassie acendeu outro cigarro, deu uma tragada e o passou para Ali.

– Adivinhe. Minha mãe na verdade vai ficar em casa tempo o bastante para ir à cerimônia de entrega de prêmios esportivos na próxima semana. Acho que ela meio que se sentiu culpada ou alguma coisa assim.

– Isso é sensacional! – Ali apertou a mão de Cassie. – Agora só temos que conseguir que a *minha* mãe vá à formatura.

Cassie olhou para ela com simpatia.

– Ela ainda fica fora o tempo todo?

– Sim – declarou Ali. – A rainha socialite Jessica DiLaurentis. – Ela revirou os olhos. – Meu pai sequer vai mais aos eventos com ela.

Quando Ali falava para as meninas sobre como eram profundas suas conversas com as garotas do hóquei, não mentia, exatamente. Elas conversavam um bocado sobre pais. A família de Cassie frequentava a alta sociedade e nunca tinha tempo para ela. Para as outras garotas, ela fazia isso soar como se fosse uma boa coisa – sua casa constantemente vazia era perfeita para festas, ela podia vestir o que bem quisesse para ir à escola e seus pais nem perceberam o amassado que ela fez no para-choque do Jeep. Mas contou a verdade para Ali, porque os pais dela também viviam em seus próprios planetas. A mãe dela comparecera a três bailes beneficentes naquele mês em prol de sua célebre causa, crianças com problemas mentais, mas raramente passava um tempo com Ali ou Jason.

Elas entraram na rua de Ali. As casas tão conhecidas, para as quais ela olhava todos os dias no último ano e meio, brilhavam sob o sol do fim da tarde. Mona Vanderwaal, em sua scooter Razor, fazia voltas na garagem ao redor dos cinco carros de sua família. As amigas dela, Phi Templeton e

Chassey Bledsoe, estavam sentadas sob um salgueiro, brincando com um ioiô. As três olharam de boca aberta quando viram Ali e Cassie passarem. *Imbecis*.

A casa dos Cavanaugh, grande e de estilo colonial, com um quintal imenso, era a próxima. Ali observou o grande carvalho que ainda tinha os restos da escada que levava até a casa na árvore de Toby Cavanaugh. De repente, ela notou uma pessoa na janela da frente. Jenna Cavanaugh tinha o rosto voltado para o jardim, usando grandes óculos de sol que cobriam seus olhos por inteiro. Ali sentiu um aperto no peito. Tocou a janela do carro com dois dedos, o sinal secreto entre ela e Jenna. Não que Jenna pudesse enxergar.

Cassie dirigiu pela entrada de carros na casa de Ali e parou atrás de um caminhão de construção, cuja caçamba estava cheia de escadas e pás. Perto dele, havia um carro esporte preto, com o interior cheio de copos de refrigerante do Burger King, embalagens vazias e livros escolares.

– O que está acontecendo no seu quintal? – perguntou Cassie.

Ali deu um suspiro dramático.

– Meus pais estão construindo um gazebo gigante. É para receber o zilhão de pessoas em todas as festas que eles dão. E esses pedreiros horrorosos apareceram ontem para ver com meus pais o que vai precisar ser feito.

Cassie se ajeitou no assento e alguma coisa no quintal chamou sua atenção.

– Hum, eles não parecem tão horrorosos para mim.

Ali seguiu o olhar dela. Um trio de rapazes usando camisetas suadas e jeans rasgados andavam para lá e para cá pelo quintal, desfilando bem debaixo da casa da árvore em que ela e Emily já haviam passado muitas horas conversando. Um dos trabalhadores tinha ambos os braços tatuados e carregava uma pá sobre o ombro. Outro, com o rosto imundo, falava no celular. Mas o terceiro rapaz, que era mais jovem, olhava diretamente para Ali, seus olhos esverdeados e penetrantes e um sorriso atrevido no rosto.

– Ah, meu Deus, estou apaixonada – suspirou Cassie.

– Por Darren Wilden? – Ali fez uma careta.

Surpresa, Cassie olhou para ela.

– Você o conhece? Eu só o vi nos corredores da escola.

– Ele é amigo de Jason. – Ali tossiu. – Sua ideia de programa divertido é pichar os muros das quadras de tênis.

– Garotos malvados são sexies! – Cassie pegou o gloss e começou a espalhá-lo lentamente nos lábios.

– Ele é todo seu – murmurou Ali.

Elas ficaram em silêncio quando Darren se aproximou, ainda olhando para Ali. Ele pigarreou e

disse num tom severo:

– Você não deveria estar fumando, Ali.

Ali baixou os olhos. O Marlboro Light que Cassie acendera ainda estava em sua mão, a fumaça branca serpenteando pelo ar. Ela sentiu a raiva queimar por dentro. Darren estava sempre em sua casa, tão mal-humorado quanto Jason e muito irritante. Quem ele pensava que era? O pai dela? Como se ele tivesse algum poder sobre o que ela fazia ou deixava de fazer!

Ali deu outra longa tragada em seu cigarro para depois jogá-lo pela janela. Desceu do carro lentamente, encarando Darren. Desfilou na direção dele, parando somente quando os dois estavam bem próximos. Então, ergueu a saia e permitiu que ele tivesse um vislumbre de suas pernas. Os olhos de Darren se fixaram nela e não se arregalaram de horror ou aversão, mas sim do que, definitivamente, era um desejo impróprio. Sorrindo, Ali deu adeusinho para Cassie, para em seguida se virar e seguir rebolando para dentro de casa, sabendo que ele e Cassie ainda a observavam.

Ela era a única no controle, afinal.

3

FESTA ÀS ESCONDIDAS

– Um fondue suíço com quatro espetos. – Uma garçonete colocou um caldeirão borbulhante de queijo derretido no centro da mesa. – Divirtam-se!

A mãe de Ali, uma mulher alta e elegante, com longos cabelos louros, rosto em forma de coração e a testa permanentemente paralisada com Botox, colocou o guardanapo no colo e delicadamente pegou um espeto. Seu pai fez um som de apreciação e estalou os lábios, que Ali sempre achou finos e borrachudos. Um fio de queijo se esticava de modo deselegante do espeto até a boca dele. *Aquela*, provavelmente, era a razão pela qual sua mãe nunca o levava aos jantares beneficentes.

Ali franziu o nariz de desgosto.

– O que é isto? Parece queijo processado Velveeta.

– É fondue. – A sra. DiLaurentis empurrou um espeto na direção de Ali. – Prove. Você vai adorar.

– Bem, eu provavelmente também adoro sorvete cheio de gordura e açúcar, mas você não me vê tomando *isso*.

A sra. DiLaurentis deu um gole em seu vinho branco.

– É francês, querida. Logo, não tem calorias. – A mãe de Ali torceu a boca como se aquela fosse uma piada muito engraçada.

Ali cruzou as mãos sobre seu prato vazio e olhou em volta. Era noite de quinta-feira e ela estava com a família no Rive Gauche, o bistrô francês recentemente inaugurado no setor mais sofisticado do Shopping King James. O restaurante era decorado com vários espelhos, anúncios vintage de bebidas alcoólicas e placas das ruas de Paris. Em quase todas as mesas, grupos de mulheres bem-vestidas de Main Line compartilhavam mexilhões e batatas fritas. No canto, um grupo de jovens universitários que parecia saído das páginas de um catálogo da J. Crew se empanturrava com a sopa de cebola à francesa servida em vasilhas de porcelana.

Ali pensou em tirar uma foto com sua Polaroid desse novo restaurante tão sofisticado, mas desistiu – o lugar era mesmo sensacional, mas ela preferia tirar uma foto com as amigas. Ali mal podia acreditar que sua família tinha saído para jantar fora; não faziam isso havia séculos. Mesmo assim, seus pais se sentaram o mais distante um do outro que conseguiram, como se fossem dois garotos constrangidos em um baile da escola. A sra. DiLaurentis não tirava os olhos do celular. Ela parecia estar trocando mensagens com o presidente da república. E o sr. DiLaurentis espiava uma pilha de pareceres jurídicos que trouxera em sua mala.

– Jason, você vai experimentar, não vai? – A sra. DiLaurentis colocou seu celular perto do prato e

entregou a ele um espeto.

O cabelo louro e despenteado de Jason caiu sobre seus olhos quando ele sacudiu a cabeça.

– Não estou com fome.

– Você está se sentindo mal? – A sra. DiLaurentis estendeu a mão para conferir a temperatura do filho.

Jason se esquivou dela.

– Está tudo bem.

Ali bufou.

– Parece que alguém está bancando o Elliott Smith de novo – comentou ela, referindo-se à música soturna e miserável que ele ouvia quando estava deprimido.

Jason encarou Ali por um instante, então deu uma fungadela e desviou os olhos. Ali se perguntou se ele estava chateado porque tinha sido informado que ela tinha fumado com Cassie e flertado com Darren. Mas por que ele se importaria com qualquer uma dessas coisas? Afinal, na maior parte do tempo, Jason fingia que Ali não existia.

E aquilo realmente a machucava. Ali se sentia grata por seus pais não terem percebido quem ela era – estavam muito envolvidos em suas próprias vidas para notar o que quer que fosse. Enquanto ela se mantivesse *razoavelmente* parecida com Ali, ninguém a questionaria. Mas ela pensou que Jason perceberia que alguma coisa havia mudado. Seu irmão não deveria conhecê-la melhor do que todos os outros membros da família? Afinal, ele a visitara praticamente todos os fins de semana em Radley e, enquanto jogavam cartas juntos, falava sobre as meninas nas quais estava interessado. Uma delas havia sido Melissa Hastings, com quem ele começara uma amizade.

– É assim que você vai fazê-la se interessar por você – instruíra o irmão, dando dicas que tinha visto na revista *Cosmo*.

Mas, ao assumir a vida da irmã, descobrira que Melissa namorava Ian Thomas e que Jason estava sozinho. Ela queria perguntar a Jason como se sentia a respeito daquilo tudo, mas não era algo que a velha Ali faria, já que Alison considerava Jason irritante e insuportável. Se ela quisesse parecer convincente no papel, teria que fingir que era assim que se sentia sobre ele. Se dissesse a verdade a uma pessoa que fosse, seu segredo estaria um passo mais próximo da revelação.

A garçonete serviu as bebidas. Do outro lado da mesa, o sr. e a sra. DiLaurentis sussurravam um com outro.

– Já? – A mãe de Ali parecia alarmada. – Acho que deveríamos esperar.

– Isso *não pode* esperar – disse o sr. DiLaurentis com firmeza.

– Sim, pode.

– Esperar o quê? – perguntou Ali enquanto apanhava um pedaço de pão coberto de queijo e o

colocava na boca. O queijo derreteu deliciosamente em sua língua. Era tão bom que ela quase desmaiou.

A sra. DiLaurentis se atrapalhou com os talheres.

– Ah, querida, não é nada. Seu pai e eu andamos um pouco estressados ultimamente. Enviar Jason para Yale vai sair muito caro e estamos tentando descobrir como administrar as nossas finanças.

Ali riu.

– Se estão tão preocupados com dinheiro, por que estamos construindo um gazebo enorme no quintal?

Fez-se uma pausa constrangedora. O sr. DiLaurentis se levantou para usar o banheiro e esbarrou na mesa com tanta força que quase derrubou a panela de fondue. O celular da sra. DiLaurentis tocou e ela atendeu com uma falsa animação.

Ali agarrou a taça de vinho de sua mãe quando ela não estava olhando e deu um gole. *Dane-se.* Um ano atrás, teria levado o comportamento esquisito dos pais para o lado pessoal, imaginando que talvez tivessem percebido quem era realmente e que, por isso, não queriam falar demais na frente dela. Mas seus pais guardavam muitos segredos, coisas que também não contavam a Jason.

O pai voltou e imediatamente agarrou sua taça de vinho. Quando a sra. DiLaurentis desligou o celular, olhou para a filha.

– Querida, nós vamos à clínica este fim de semana.

Ali ficou enjoada.

– *De novo?* Mas fomos lá há pouco tempo!

– Faz dois meses que *você* não visita a sua irmã. Vai ser bom vê-la.

– Eu já fiz planos! – disse Ali na mesma hora.

As sobrancelhas do sr. DiLaurentis franziram.

– Sua mãe ainda nem disse que dia nós vamos.

– Tenho *todos* os dias tomados. – Ali deu um sorriso hesitante. – *Por favor*, não me obriguem a ir. É tão *desgastante* emocionalmente. Passo horas chorando na cama sempre que volto da clínica.

A sra. DiLaurentis pareceu angustiada. Ali se sentiu triunfante. A cartada emocional sempre funcionava.

O jantar foi estranho e silencioso, e ninguém disse uma palavra sequer. No meio do prato principal, a sra. DiLaurentis subitamente se levantou ao ver algumas conhecidas da Liga Júnior. Quando chegaram ao bairro onde moravam, notaram uma porção de carros estacionados junto ao meio-fio. Havia mais estacionados na garagem da casa da família Hastings, a maioria Jeeps, SUVs, BMWs antigas e Hondas. Dos fundos da casa, vinha uma batida alta e ritmada.

– Parece que alguém está dando uma festa... – murmurou a sra. DiLaurentis.

O pai de Ali fez cara feia.

– Em plena quinta-feira à noite?

Ali saiu do carro para ver melhor. Adolescentes se amontoavam no pátio dos Hastings e perto do celeiro reformado, que era usado por Melissa. Ali a viu, acomodada com as pernas cruzadas junto a uma das mesas do pátio. Com seus cabelos louros cortados na altura do queixo e usando pérolas, parecia um clone da sra. Hastings. O pai de Spencer, alto e largo, com nariz afilado, mandíbulas robustas e cabelo escuro espesso e encaracolado, estava na varanda, parecendo apreciar muito sua taça de conhaque.

O sr. DiLaurentis revirou os olhos ao descer do carro e bater a porta do motorista.

– Eles têm de ser tão exibidos? Esse terceiro nível no terraço é uma estupidez.

– E ela está sempre dizendo que só serve Dom Pérignon nas festas deles – acrescentou a sra. DiLaurentis. – Que coisa cafona! – Mas mesmo quando a mãe de Ali saiu do carro e caminhou para dentro de casa, permaneceu com os olhos fixos na multidão. Parecia quase desejosa.

Jason entrou em casa sem fazer comentários. Depois de um instante, Ali era o único membro de sua família ali na entrada da garagem. Ela espiou pelos arbustos e reconheceu a maioria das pessoas: Justin Poole; Garrett Flagg, um jogador de futebol muito lindo; e Reed Cohen, cuja banda quase se apresentara em um festival de música em Philly no ano anterior. Ian Thomas, o confiante rapaz perfeito de cabelo cor de trigo, estava ao lado da porta do celeiro com um copo vermelho de plástico que certamente continha bebida alcoólica. Mas quando Ali viu a garota que o acompanhava, flertando descaradamente, ficou boquiaberta.

Era Spencer.

No mesmo instante, Ali se pôs a atravessar o gramado, sem se importar se suas rasteirinhas Maloles brancas e novíssimas ficariam sujas com a grama. Ela se contorceu para passar pela abertura da cerca viva e marchou, atravessando a multidão de adolescentes até se aproximar de Spencer e Ian. Quando Spencer se virou, empalideceu.

– Ah, oi! – disse surpresa.

Ian olhou de uma para outra e, em seguida, afastou-se para cumprimentar um colega de turma. Ali encarou Spencer e sorriu com meiguice.

– Você não me contou que sua família daria uma festa hoje à noite.

Os olhos de Spencer se lançaram de um lado para outro.

– Melissa organizou em cima da hora: ela foi aceita na Penn com uma bolsa de estudos integral.

– Que bom para ela – disse Ali. – Mas você poderia ter me mandado uma mensagem de texto.

– Foi mal. – Spencer parecia nervosa. – Achei que você não estivesse em casa. Vi o carro de seus pais saindo mais cedo.

Ali colocou as mãos na cintura.

– E aí?

Spencer franziu os lábios.

– Ali, não foi... – Então seus olhos se fixaram em alguma coisa atrás dela. Ian estava se aproximando com um prato de comida na mão.

– Quem grelhou esses hambúrgueres? – perguntou ele dando uma mordida entusiasmada. – Eles estão sensacionais.

Spencer pareceu iluminar-se.

– Para falar a verdade, fui eu.

– Mesmo? – Ian pareceu impressionado. – E você sabe fazer bifes?

Spencer inclinou o quadril e olhou para ele de forma sensual.

– Posso fazer qualquer coisa.

Ian sorriu. Subitamente, Ali se perguntou se *ele* era o motivo de Spencer não ter lhe contado sobre a festa. Talvez quisesse Ian só para si.

Ela se colocou no campo de visão de Ian.

– Ei, *Ee*! – saudou ela, chamando-o pelo apelido que sua irmã havia usado no diário.

Ian se virou para ela. Seu sorriso se alargou, e ele a avaliou.

– E aí, Ali?

Ela bateu as pestanas. Ian era velho demais para ela, mas era muito divertido flertar com ele, não podia resistir às covinhas lindas plantadas em seu rosto sorridente.

– Você está bebendo Dom Pérignon? – Ela apontou para o copo.

Ian deu de ombros.

– É champanhe, mas não tenho ideia da marca.

Ali olhou para Spencer.

– Até onde eu sei, sua mãe se gaba por *só* servir champanhe Dom Pérignon nas festas de vocês. Sua mãe gosta de um pouco de ostentação, não é? – Ali adorava provocar Spencer, repetindo as coisas malvadas que seus pais diziam sobre a família Hastings.

– Quem se importa se é ostentação, desde que seja bom? – perguntou Ian. Ele ofereceu o copo a Ali. – Quer dar um gole?

– Ian? – interrompeu Melissa vindo do pátio, um segundo antes de Ali aceitar o copo. Ela parou no parapeito e olhou para eles. Ali sorriu inocentemente para ela, mas a expressão de Melissa não mudou.

– Já vou – disse Ian, pegando o copo de volta da mão de Ali. Ele sorriu para as meninas, se despedindo, e disse que depois as veria. Quando passou o braço ao redor dos ombros de Melissa,

Spencer deu um gemido discreto e angustiado.

– Alguém aqui está tentando surrupiar o namorado da irmã? – provocou Ali.

O rosto de Spencer pegou fogo.

– Mas é claro que não!

Ali revirou os olhos.

– Ah, por favor. Está escrito em neon na sua testa. *Posso fazer qualquer coisa...* – acrescentou com a voz ofegante. – *Venha aqui, seu gostosão e me dê um longo beijo molhado*.

– Não enche! – gritou Spencer. – Você também deu em cima dele!

Ali deu de ombros. É claro que flertara com ele. Havia alguma coisa em seu DNA que a levava a flertar com *todos* os garotos de que Spencer gostava. Precisava provar que era a melhor. Na verdade, Ali e Spencer vinham competindo ao longo do ano para ver qual delas beijaria mais meninos mais velhos. Spencer insistia que estava ganhando, mas Ali estava convencida de que Spencer trapaceava.

– Não era *para valer*! – disse ela. – Se você admitir que tem uma paixonite por ele, eu não vou ficar irritada por você não ter me avisado sobre a festa de hoje. Não a culpo por querer Ian só para você.

– Mas eu não *sabia*... – começou Spencer.

– Só para que fique claro – interrompeu Ali. – Acho Ian lindo. Você devia mesmo correr atrás dele.

– Você acha mesmo isso? – Os olhos de Spencer faiscaram. – Ainda que ele seja o namorado de Melissa?

– E por que não? – perguntou Ali. – No amor e na guerra vale tudo.

Na verdade, Ali achava meio inadequado namorar meninos mais velhos, mas esperava parecer compreensiva para fazer Spencer confessar ainda mais segredos.

Spencer suspirou.

– Tudo bem. Eu *tenho* uma paixonite por ele. Mas não conte a ninguém, certo?

– Seu segredo está seguro comigo. – Ali deu o braço a Spencer e, juntas, foram até a mesa repleta de comidas e bebidas instalada ao lado da grelha. E, vejam só, *havia mesmo* algumas garrafas de Dom Pérignon ali. Mas ao apanhar uma garrafa e despejar um pouco de seu conteúdo tão caro em um copo, Ali se deu conta: admitindo sua paixonite por Ian, Spencer também meio que admitira *ter* escondido a festa dela.

Vadia.

4

NUNCA CONFIE EM NINGUÉM DA CALIFÓRNIA

– Por que você não foi à festa dos Hastings na noite passada? – perguntou Ali ao entrar no BMW de Jason a caminho da escola na manhã seguinte.

Jason, cujas olheiras mostravam que tinha passado a noite em claro, sintonizou seu SiriusXM na estação da faculdade.

– Eu não tive vontade.

– Metade da sua turma estava lá – disse Ali. – Foi muito divertido. – Depois que ela e Spencer conversaram, dançaram com garotos mais velhos e lindos pelo resto da festa. Vários rapazes pediram o número dela, não que ela tivesse dado. Ela ainda achava que havia algo esquisito em namorar alguém muito mais velho.

– Eu não estava no clima. – Jason olhou para ela com severidade. – E eu não gostei que *você* tenha ido.

Ali caçoou.

– Melissa não se importou que Spencer estivesse na festa.

Jason se encolheu.

– Olha, eu não pularia de uma ponte se Melissa pulasse primeiro.

Ali cruzou e descruzou as pernas. *Há um ano, você teria pulado*, ela queria dizer. Mas duvidava que Jason tivesse confessado ter uma queda por Melissa para a *verdadeira* Alison.

Ela o encarou.

– Você acha que mamãe e papai estão realmente com dificuldades de colocar você na faculdade? – Ali suspirou. – E se eles estiverem falidos?

Jason revirou os olhos.

– Eles não estão falidos. E também não acho que esse seja o problema.

– Mas eles falaram... – Ali se interrompeu, pensando no comportamento estranho dos pais durante o jantar da noite anterior. – Você acha que eles mentiram?

Jason parou atrás de um Mercedes Coupé sem responder.

Ali correu os dedos pelo cinto de segurança.

– E se eles estiverem pensando em se divorciar?

Jason torceu a boca.

– Eu acho que não...

– Mas, olha, faz sentido. Eles nunca estão juntos. E toda aquela história no jantar sobre nos contar

alguma coisa... Provavelmente é isso, o que você acha? – Ela brincou com a pulseira. – Na verdade, isso não me surpreende. Uma filha como Courtney deve afetar seriamente um casamento.

O nome *Courtney* ficou suspenso no ar, como gás venenoso. Era raro que Ali dissesse seu verdadeiro nome em voz alta, e, definitivamente, nunca o mencionava para Jason. Ele respirava de forma calma e uniforme e seu rosto não traía emoção alguma.

– Talvez – disse Jason finalmente.

Entraram no longo e arborizado estacionamento da escola Rosewood Day, cujo prédio de pedra se elevava diante deles, deixando Ali arrepiada exatamente como quando esteve ali pela primeira vez, no sexto ano. *Era isso que eu estava perdendo*, tinha pensado enquanto ajeitava o blazer do uniforme. *Eu vou sacudir este lugar*.

E ela havia feito isso, claro. Todos a conheciam e reverenciavam. Sim, Ali teve de encarar desafios no primeiro dia: perdeu-se no caminho para o ginásio, confundiu Devon Arliss e Dara Artz – mas felizmente eles ficaram apenas encantados de tê-la falando com eles – e flertou com Andrew Campbell que, logo depois percebeu, era um dos maiores nerds da escola. Alguns garotos e garotas olharam para ela de uma forma esquisita quando ela se acomodou no *interior* da cafeteria – aparentemente os alunos populares se sentavam ao ar livre – mas tinha superado a maioria dos obstáculos com ímpeto e desembaraço. No dia seguinte, porém, levou consigo o antigo diário da irmã, no qual também passara a escrever, narrando a nova etapa na vida de uma Ali falsa.

Jason passou pelos prédios de pré-escola e ensino fundamental e se dirigiu para o estacionamento da parte dos fundos, onde todos os veteranos estacionavam os carros. Havia alunos por todo lado, conversando, animados. Ali abriu a porta depressa, assim que Jason encontrou uma vaga e olhou em volta procurando por Cassie e outras colegas do time de hóquei. Mas então ela viu alguém. Hanna estava no outro lado do estacionamento, perto de uma menina morena alta e magra que não reconheceu.

– Ali! – Hanna acenou. – Aqui!

Ali começou a andar na direção delas, sem tirar os olhos da nova menina. Ela era bonita – bonita *de verdade* – e parecia estar pelo menos no primeiro ano do ensino médio. Ela carregava uma bolsa verde-esmeralda de franjas com um logotipo da Marc Jacobs no fecho. Ali queria acreditar que a bolsa era uma imitação, mas parecia boa demais para não ser verdadeira.

– Ali, essa é Josie. – Havia duas manchas rosadas e brilhantes nas faces de Hanna. – Josie, essa é Alison DiLaurentis.

– Prazer em conhecê-la. – Josie estendeu a mão para cumprimentá-la. Suas unhas estavam pintadas em um tom cinzento que Ali nunca tinha visto antes. Ela nem sabia que cinza era uma cor da moda, mas parecia muito sofisticado. – Ouvi muito sobre você.

– Todo mundo já ouviu – declarou Ali com arrogância. – Mas eu nunca ouvi coisa alguma sobre você.

– A família de Josie acabou de se mudar de Los Angeles – intrometeu-se Hanna.

– Essa história de mudança em maio é *tão* idiota. – Josie revirou os olhos. – Minha família não poderia ter esperado até o verão? Nem pude ir ao baile do nono ano, e isso depois de ter sido convidada pelo cara mais lindo da turma. *E* minha amiga tinha ingressos para o Teen Choice Awards! Também não vou, lógico.

– Ah, meu Deus, eu *adoraria* ir ao Teen Choice Awards! – Hanna ofegou.

A cabeça de Ali girava. *Los Angeles? Baile do nono ano? Teen Choice Awards?* Ela se recostou no VW Beetle de alguém.

– E *como* vocês se conheceram?

Os olhos de Hanna se iluminaram.

– Eu a conheci ontem na Otter.

– O que é isso? – perguntou Ali. – Uma loja de animal de estimação?

Hanna e Josie deram sorrisinhos quase condescendentes.

– Otter é a nova loja do shopping – disse Josie. – Meu pai é o dono. Trabalho lá depois da escola alguns dias por semana.

– É uma loja espetacular, Ali! – disse Hanna entusiasmada. – Enquanto eu estava lá, vi a equipe da seção de estilo do jornal *Sentinel* conhecendo o lugar! Eles disseram que poderiam fazer um artigo!

– Estamos na semana de inauguração, você deveria dar uma passada lá – disse Josie, afastando-se quando um Volvo velho acelerou pelo estacionamento. Então, ela cutucou Hanna. – Você se lembra da briga daquelas garotas por causa daqueles jeans Citizens?

Hanna olhou para Ali.

– Você teria adorado. Duas meninas queriam a mesma calça skinny e fizeram a maior confusão nos provadores.

– Para você ver *como* a calça era incrível – acrescentou Josie.

Ali limpou a garganta.

– E *como* foi que você descobriu essa loja, Hanna?

– Eu li sobre ela na internet. – Hanna pareceu entrar em pânico de repente. – Pensei que você soubesse dela, Ali. Eu teria contado se achasse que você não conhecia.

– E desde quando você vai sozinha ao Shopping King James? – perguntou Ali em um tom aparentemente brincalhão, mas que sabia que iria mexer com Hanna. – Pensei que mandássemos mensagens umas para as outras antes de ir para lá. – Ela não se preocupou em contar que também

estivera no King James no dia anterior. Mas isso não contava, afinal estivera lá com os pais.

– Mas ela não ficou por muito tempo – disse Josie cautelosamente, olhando para Ali de um jeito esquisito.

– Isso é pessoal, é assunto entre melhores amigas, certo? – Ali estava séria. Então, ela voltou a encarar Hanna. Aquilo tudo era muito esquisito. Desde quando Hanna recebia convites para aberturas de butique e não contava a ela? E desde quando meninas mais velhas e bonitas de Los Angeles escolhiam Hanna para acompanhá-las? Tudo bem, Hanna estava usando uma blusa de seda muito linda que Ali nunca tinha visto, e ela sabia mesmo como combinar seus acessórios – naquele dia ela usava uma fileira de pulseiras prateadas no braço esquerdo. Mas Hanna também tinha elásticos cor-de-rosa e roxos em seu aparelho. E tinha uma espinha na testa e outra começando a aparecer no queixo. Seu blazer de Rosewood Day, que no começo do ano servia perfeitamente bem, pareia esticado demais no peito, e o botão da cintura não estava fechado. Ela ainda seria uma perdedora patética se Ali não a tivesse escolhido e feito dela uma garota popular. Mais do que isso, ela era a perdedora patética *de Ali*, e Ali não queria dividi-la com ninguém.

Ali farejou o ar.

– Hã... Hanna? – Ela olhou para a sandália plataforma amarelo-banana Marc Jacobs de Hanna. – Eu acho que você pisou em cocô de cachorro.

Hanna ficou branca.

– Ai, meu Deus. – Hanna correu até o meio-fio e furiosamente raspou o calcanhar contra o concreto.

Ali deu a Josie um olhar de desculpas.

– Hanna é assim, não dá para levá-la a todos os lugares. Uma vez, estávamos em Philly juntas, e ela literalmente caiu na calçada, bem em cima de uma poça de lama!

Os lábios de Josie se contorceram, mas ela não riu. Ela puxou sua bolsa para cima do ombro.

– Na verdade, preciso ir. Ainda não sei andar direito pela escola.

– Você já vai? – Hanna perguntou, voltando do meio-fio.

– Nós nos falamos em breve, está bem? – Josie se afastou às pressas, fazendo seu rabo de cavalo se agitar ao descer a colina. Quando alcançou a porta, algumas meninas bonitas a cumprimentaram, e ela sorriu de volta.

Hanna se encolheu, sentindo-se miserável. Ali a tomou pelo braço.

– Sinto muito, Han. Algumas pessoas tem muito nojo de cocô de cachorro, sabe como é.

Hanna mordeu o lábio inferior.

– Na verdade, *não havia* cocô de cachorro na sola do meu sapato. Eu verifiquei.

– É mesmo? – Ali perguntou de forma inocente. Ela agarrou a mão de Hanna e apertou com força.

– Eu *juro* que senti o cheiro, Han! Desculpe!

Hanna fez uma cara estranha, talvez se dando conta do que Ali acabara de fazer. De vez em quando, Hanna podia surpreender Ali com sua esperteza – ela aprendeu a manipular muito mais rápido do que as outras. Se Ali lhe desse chance – não que isso fosse acontecer – e se Hanna renovasse o visual, ela poderia vir a ser uma abelha-rainha bastante boa.

Mas Hanna não fez mais comentários. Ali segurou seu braço mais uma vez.

– Além disso, ouvi dizer que as pessoas da Califórnia são meio estranhas. Você não ia querer ser amiga dela, de qualquer maneira.

Afinal de contas, Hanna tinha Ali, e Ali era tudo o que importava.

5

ROMANCES DE VERÃO SÃO OS MELHORES...

– Fim de jogo, senhoritas! – gritou a sra. Schultz, a treinadora do time de hóquei, enquanto o time de Ali disputava com a equipe adversária o controle da bola, correndo pelo campo. Mesmo que a próxima temporada ainda estivesse longe, a sra. Schultz gostava de colocar as meninas em campo eventualmente, para que se mantivessem em forma para o próximo ano. Ali caminhou na direção das arquibancadas. O cheiro de grama recém-cortada fazia cócegas em seu nariz. Quando ela se aproximou, viu que a sra. Schultz tinha uma jarra grande de Gatorade de frutas silvestres, o favorito dela.

– A defesa atuou de forma espetacular, meninas – disse a sra. Schultz quando Ali e Cassie se aproximaram. – Vocês serão um time forte no próximo outono.

Cassie empurrou Ali.

– Você já será titular do time antes mesmo de ser uma caloura no ensino médio!

– É porque sou uma jogadora incrível! – Ali falou entusiasmada, abrindo os braços em V, apesar de, no fundo, ainda não conseguir acreditar que *fazia parte* da equipe. Internada em Radley, mal caminhava pelos jardins da clínica, quem imaginaria que ela pudesse correr como uma louca por um campo de hóquei? Mas assim que soubera que a equipe juvenil da escola abriria testes para escolher entre duas excelentes jogadoras do fundamental – Ali e Spencer –, seu único objetivo era entrar para a equipe. Pouco depois de entrar para o time, quando sua família visitou o hospital e "Courtney" descobriu que Ali conseguira a vaga, "Courtney" tinha ficado branca como papel. *Quem é a melhor Alison agora?* Ali queria gritar na cara dela.

Ali apanhou um copo de plástico e se serviu de Gatorade. Em seguida, trocou a camisa do treino, jogou o equipamento em sua sacola, despediu-se de Cassie e das outras e seguiu na direção do estacionamento anexo, onde Jason deveria estar esperando para levá-la para casa. Mas, ao chegar lá, Ali só viu um Honda Civic, um ônibus escolar e o Ford da equipe de segurança da escola estacionados por ali, e todos estavam vazios.

Ali se sentou junto da fonte para esperar. Duas líderes de torcida de cujos nomes não se lembrava deixavam a escola na direção de seus carros. Um aluno do oitavo ano, que costumava aparecer nos anúncios de vídeo pela manhã, falava ao celular perto do mastro da bandeira. E próximos das portas do ginásio estavam Naomi Zeigler e Riley Wolfe. Elas ergueram os olhos e encararam Ali ao mesmo tempo. Em seguida, também ao mesmo tempo, desviaram o olhar.

Ali sentiu o estômago revirar. Fazia um ano e meio desde que ela abandonara Naomi e Riley sem

nenhuma explicação e ainda se sentia desconfortável quando se encontravam. Em um primeiro momento, as duas meninas imploraram o perdão de Ali por qualquer coisa que tivessem feito – só queriam retomar sua amizade. Ofereceram-se para fazer a lição de casa de Ali por um ano. Qualquer roupa do closet delas de que gostasse, seria dela. Mas então falaram sobre um lugar chamado Purple Room e de alguma coisa chamada Skippies e foi exatamente por esse motivo que Ali as tirou de sua vida – não fazia a menor ideia do que estavam falando. Elas saberiam que ela era uma falsa Ali em um piscar de olhos e ela seria enviada para a clínica nova em questão de horas.

Seu celular tocou, e Ali deu um salto, assustada. Era uma mensagem de Aria: *Quer vir à minha casa amanhã à noite? Meus pais não estarão aqui. Armário de bebidas, aqui vamos nós!*

Mil vezes sim!, Ali escreveu de volta.

Guardou o celular de volta no bolso. De repente, sentiu que era observada de novo, arrepios percorrendo sua pele. Seriam Naomi e Riley? Mas ao se virar, deu de cara com um garoto da idade dela, parado onde as árvores começavam e acabava o estacionamento. Ela não tinha ideia de onde ele surgira, mas o garoto olhava diretamente para ela, com tanta intensidade que Ali quase se preocupou que ele pudesse ouvir seus pensamentos.

– Seu nome é Alison, certo? – perguntou ele aproximando-se dela.

Ali estreitou os olhos. O menino era alto e magro, tinha o tipo físico dos garotos que faziam nado borboleta na equipe de revezamento de Emily durante as competições. Usava uma camiseta preta apertada, bermudas justas e tênis de lona sem cadarço. Ele tinha cabelo castanho espetado, e seus olhos eram de um azul ainda mais profundo e impressionante do que os dela. *Tinham* que ser lentes de contato coloridas.

– Alison – repetiu o menino quando chegou bem perto dela. Sua voz era rouca e profunda.

– Hã... sim – respondeu devagar, passando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. – E você é...?

O garoto pareceu surpreso.

– Você não se lembra de mim?

Ali piscou. Fazia um longo tempo desde que não era capaz de responder a uma pergunta como se fosse sua irmã, e aquilo a fez se sentir tonta, desamparada e transparente.

– Bem, refresque a minha memória – disse Ali, odiando-se por ter de dizer aquilo.

– Sou Nick Maxwell. – Ele se sentou ao lado dela na beira da fonte e se apoiou sobre os joelhos bronzeados, que eram apenas levemente cobertos por pelos escuros. – Do Acampamento Ravenswood!

Isso explicava por que Ali não tinha ideia de quem ele era. A irmã tinha sido enviada ao acampamento de verão depois que as aulas do quinto ano acabaram, alguns meses antes da troca de

identidades.

– Mas é claro! – disse animada, esperando soar convincente, quase enjoada demais para responder. – Como você *está*?

Nick riu.

– Você *não se lembra mesmo* de mim. Acho que você deve escrever coisas sobre rapazes em paredes de chalés o tempo todo, não é?

– Eu... – Ali se sentia como se tivesse acordado em um país estrangeiro, sem entender uma palavra sequer do idioma. Ela sabia o diário da irmã de cor, e não havia qualquer menção a alguém chamado Nick naquelas páginas. Talvez, com medo de que os pais lessem seu diário, ela tivesse decidido não fazer registros sobre ele.

Nick abaixou a cabeça.

– Desculpe, você provavelmente não percebeu que eu vi o que você escreveu. – Ele tamborilou os dedos sobre o concreto. – Os conselheiros me fizeram limpar aquilo. Eles devem ter pensado que eu a *obriguei* a escrever ou alguma coisa assim. – Ele a encarou novamente e sorriu, como se gostasse do que via. – Bem, talvez eu devesse ter prestado mais atenção em você naquela época. Você está mais crescida.

– Você *devia* ter prestado mais atenção em mim – repetiu Ali, conforme as peças iam lentamente se juntando. Será que a irmã dela, em um momento de desespero, havia escrito alguma coisa sobre sua paixonite não correspondida por aquele menino? E será que esse rapaz realmente havia dito *não* a ela?

Ali ficou em pé e ajeitou a saia do uniforme de hóquei que mal cobria suas coxas. E, de repente, ela realmente, *realmente* queria que Nick gostasse dela. Imagine poder contar sobre *aquilo* para a irmã no hospital. Ela teria um aneurisma cerebral.

– Então o que você achou sobre as coisas que escrevi? – perguntou ela flertando.

Os olhos de Nick brilharam.

– Ora... Foi muito lisonjeiro, claro. Não é todo dia que se lê uma mensagem dizendo que você beija bem, especialmente quando quem escreveu foi uma garota que você nunca beijou. Queria saber como você descobriu.

– Ah, sempre consigo sentir como a pessoa beija só de dar uma olhada nela – disse Ali, com os olhos fixos nos lábios dele. Eles eram rosados e curvos.

– Mesmo? – perguntou Nick sorrindo.

– Pois é.

Eles ficaram assim por um momento, sorrindo um para o outro. Em seguida, Ali apanhou sua câmera.

– Posso tirar uma foto sua?

– Só se você me der seu número de telefone – respondeu Nick.

Ali tirou uma foto dele e, em seguida, escreveu seu número de celular em um pedaço de papel que rasgou do caderno de matemática.

Então Nick partiu, apenas dizendo:

– Vejo você por aí, princesa.

Ele se afastou e Ali ficou ali, ainda se sentindo inquieta. Por que Nick não a convidou para sair? Ele ainda não a queria como ela *esperava*. Ali pensou no jogo que a irmã mais velha de Matt fizera com ela recentemente, no qual a ensinara a hipnotizar pessoas. *Fazer uma contagem regressiva a partir de cem, tocar de leve na testa da pessoa e depois dizer que ela está sob seu poder.* Ali desejava poder testar aquela técnica agora e fazer Nick chamá-la para um encontro.

Foi nesse instante que Ali viu alguém conhecido atravessar o campo de hóquei. Era Ian Thomas, usando calças cáqui e uma camisa polo verde. Parecia o cruzamento entre um membro de fraternidade e um jogador de golfe, mas um cara lindo ainda era um cara lindo. Talvez houvesse outra maneira de fazer Nick ficar sob o poder dela.

Ali se colocou no caminho dele. E, como o moço obediente que era, Ian sorriu quando a viu.

– Ei, Ali! – chamou Ian, acenando.

Ali soprou um beijinho para ele e Ian, provocador, soprou um de volta. Ela nem precisou se virar para saber que Nick havia parado de andar e observava a cena.

Talvez Ali fosse melhor hipnotizadora do que pensava.

6

ALGO ESTÁ QUEBRADO NA LOJA DE ANTIGUIDADES

Na tarde de sábado, Ali estacionou sua bicicleta no gramado entre a grande placa torta de madeira onde se lia ANTIGO ARMAZÉM e o surrado Subaru azul dos pais de Aria, com uma porção de adesivos na traseira. Aria telefonara para ela cerca de meia hora antes – a família dela ia sair para comprar uma mesa, será que Ali não queria encontrar com ela na loja? Ali concordou porque além de não ter nada para fazer, queria escapar da tensão insuportável que tomara conta da casa dela – as portas não paravam de bater, os pais se esbarravam o dia todo sem falar um com o outro, e ainda houve um momento em que a mãe dela atendeu ao telefone, mas não disse nada, só deu um logo suspiro para, em seguida, desligar. Ali tinha que sair dali.

Ali abriu a porta do celeiro e piscou na escuridão. A loja de antiguidades tinha um cheiro estranho, uma mistura de mofo e limonada recém-espremida. O rádio estava sintonizado em uma estação antiga e, para todos os lugares que Ali se virava, via pilhas de lixo. Brinquedos antigos, tapetes e cobertores horrendos e cadeiras que desabariam se alguém ousasse sentar nelas. Muitos relógios, mais do que Ali poderia contar, ocupavam cada centímetro de espaço disponível no balcão. O irmão de Aria, Mike, que estava no sexto ano, batia em uma antiga máquina de pinball, tentando fazê-la funcionar. Ele se virou para Ali e lançou-lhe um longo olhar apaixonado e cheio de intenções. Ele sempre olhava para ela assim. O irmão de Aria estava *tão* a fim de Ali que tinha até mesmo tentado beijá-la em uma das festas de pijama na casa da família Montgomery.

– Aí está você! – saudou-a Aria, colocando a mão em seu ombro. Ali se virou e analisou a amiga. Parecia que as listras cor-de-rosa do cabelo de Aria tinham dado cria, e ela usava longos brincos de penas que chegavam até os ombros. Além disso, Aria trazia Pigtunia no colo, uma porquinha de pelúcia que seu pai trouxera da Alemanha para ela.

– Só criancinhas carregam bichinhos de pelúcia, Aria – repreendeu-a Ali.

Aria deu de ombros e deu uma pirueta, exibindo a porquinha e fazendo *oink*.

– Pigtunia queria dar uma voltinha. Como eu poderia dizer não?

Como poderia dizer qualquer coisa a um bicho de pelúcia? Às vezes Aria abusava do direito de ser esquisita.

– Olha! – Aria encostou o focinho de Pigtunia em um abajur estilo Tiffany na mesa. – O que você acha? Essas coisas não são, tipo, muito caras? E veja, está custando apenas 25 dólares!

Ali bufou.

– Com certeza não passa de uma imitação. – Estavam em Main Line, afinal. Mesmo os

proprietários de lojas de velharias sabiam que um abajur Tiffany verdadeiro era muito mais caro do que isso.

Mais à frente, o sr. Montgomery, que Aria chamava de Byron, indicou uma pequena mesa redonda com o tampo de mosaico.

– Que tal essa?

A sra. Montgomery, cujo primeiro nome era Ella, revirou os olhos.

– Isso não acomoda uma família de quatro, Byron. Ou é essa a intenção?

– O que você quer dizer com isso? – indignou-se o sr. Montgomery, cruzando os braços sobre o peito. O blazer de lã que ele usava tinha um buraco no cotovelo.

A sra. Montgomery passou uma mecha do seu cabelo castanho para trás da orelha.

– Deixe para lá.

– Eu não *quero* deixar para lá! – O pai de Aria puxou sua mulher para um canto. Eles sussurravam. Mike ergueu os olhos do pinball com a testa franzida.

Ali se virou para Aria.

– Qual é o problema com seus pais?

Aria deu de ombros.

– Eles sempre ficam assim quando compram antiguidades.

Como Aria parecia nervosa, Ali percebeu que tocara em um assunto delicado. Mas a pessoa tinha de estar cega para não perceber que a forma como os pais de Aria tratavam um ao outro não era mais a mesma. No sexto ano, o sr. e a sra. Montgomery falavam francês à mesa de jantar quando queriam fazer declarações de amor na frente dos filhos. Agora, era raro que jantassem juntos, em qualquer dia da semana. Em uma ocasião, não muito tempo atrás, Ali tinha ido passar a noite na casa de Aria e, ao se levantar para usar o banheiro no meio da noite, notou que a mãe de Aria estava dormindo no quarto de hóspedes. Aria explicou que era porque seu pai roncava, mas a casa estivera em silêncio a noite toda.

Ali queria que Aria se abrisse com ela. Talvez, se a amiga fizesse isso, Ali poderia enfim falar sobre suas próprias questões familiares. Mas Aria não funcionava assim. As outras procuravam agradar Ali e contavam seus segredos mais íntimos depois de qualquer "Como foi seu dia?". Mas era difícil conseguir fazer Aria se abrir. Na verdade, às vezes Ali não entendia o motivo de Aria ser amiga dela. Claro que Aria gostava de ser parte de um grupo, mas, na maior parte do tempo, ela mantinha Ali distante e os sentimentos guardados. Muitas vezes, isso incitava Ali a buscar seu carinho e sua atenção. Outras vezes, isso só a deixava irritada.

De repente, Ali viu uma coisa interessante sobre uma das mesas. Um antigo espelho de bolso prateado com gravações delicadas no cabo estava escorado em uma pilha de livros. Os médicos

usavam um espelho muito semelhante àquele durante as sessões de terapia em grupo na clínica Radley.

Ela fechou os olhos, tomada por uma lembrança. A srta. Anna, a psicóloga, fizera circular o espelho para que cada menina visse nele o que ela mais queria ser e compartilhasse com o grupo. A maior parte das pacientes dava respostas certinhas e chatas: *quero ser forte*; *quero melhorar*; *quero ser feliz*. Contudo, Ali olhou para seu reflexo e viu o rosto da irmã. Mas ela não disse que desejava ser sua irmã, como a maioria das pessoas do hospital teria pensado. Ela disse: *Quero ser livre*.

Ali colocou o espelho na bolsa e se afastou.

– Esse lugar tem o mesmo cheiro do porão da minha avó – declarou, para depois pegar Aria pelo braço e levá-la dali. – Vamos lá para fora.

Elas desviaram das pilhas de cestos de vime, contornaram uma batedeira de manteiga feita de madeira e saíram para o sol da tarde. O ar cheirava a lilases. Ao longe, um cavalo relinchou no pasto. Apesar do lugar ser tão idílico, um arrepio familiar de horror fez Ali estremecer. Um carro passou e, quando ela olhou, o rosto zangado de Melissa Hastings a encarou de volta. Ali se encolheu. Não estavam muito longe do bairro onde viviam, mas aquela era uma estrada de pouco movimento, não era um caminho que Melissa tivesse motivos para percorrer.

Logo depois, Ali viu dois meninos deixando a enorme casa de estilo colonial abaixo da trilha que levava ao celeiro.

– Ei, aquele é Noel Kahn? – perguntou ela.

Aria se virou. As duas meninas observaram enquanto Noel e um cara desconhecido apanharam uma bola de basquete caída na grama e a atiraram na cesta da enorme entrada de carros circular da propriedade.

– Vamos lá! – incitou Ali entusiasmada, começando a atravessar o estacionamento. – Vamos dar um oi para eles!

– Espere aí! – gritou Aria, pegando-a pelo braço e fazendo-a parar. – Como eu estou?

O olhar de Ali varreu a figura de Aria, seu cabelo com mechas coloridas e da sombra azul com glitter até a blusa hippie estampada que exibia seus braços magricelas e seus peitos-grandes-para-o-sétimo-ano.

– Você está ótima – disse ela. – Mas largue esse porco aqui, certo?

Aria prendeu Pigtunia no teto do carro dos pais e, em seguida, ela e Ali foram na direção dos garotos, que ergueram os olhos ao vê-las se aproximando. O cabelo castanho de Noel estava despenteado e o rosto dele estava sujo. Ele e o outro rapaz, que tinha cabelos louros encaracolados, rosto sardento e bochechas de anjinho, usavam camiseta sem mangas, short longo de malha e tênis branco que fazia os pés deles parecerem enormes.

– Ei, Ali! Ei, Aria! – saudou Noel.

Aria agarrou a mão de Ali. *Ele sabe o meu nome!*, o aperto dizia. *É claro que ele sabe!*, Ali queria dizer a ela. Ela os havia apresentado uns seis milhões de vezes.

– Ei, Noel! – disse Ali, para depois olhar para Bochechas de Anjinho. – Quem é o seu amigo?

O rapaz deu um passo adiante.

– Mason Byers. Sou de Atlanta e acabei de me mudar para cá.

– Ele vai entrar para a equipe de lacrosse no próximo ano – explicou Noel. – O treinador me pediu para dar uma volta com ele. – Ele apontou para o lugar de onde elas vieram. – Vocês se interessam por antiguidades?

– Meus pais gostam – respondeu Aria, revirando os olhos. – São obcecados por coisas antigas.

– Que legal. – Noel encarou Aria com seus olhos verdes. – Meus pais também. Meu pai coleciona miniaturas de navios; o escritório é cheio deles.

– O fraco do meu pai são os livros – admitiu Aria, brincando com o piercing falso em seu nariz. – Às vezes ele vai a mercados de pulgas e traz uma caixa deles, procurando por um que seja valioso. Minha mãe quer matar meu pai a maior parte do tempo porque não temos espaço disponível para todos.

– Os mercados de pulgas podem ser muito legais – disse Noel. – Uma vez eu encontrei uma placa de neon de cerveja em Bryn Mawr que era incrível.

Ali bufou.

– Noel, quando é que *você* foi a um mercado de pulgas? – A família dele era uma das mais ricas de Rosewood.

Noel deu um empurrão de brincadeira em Ali.

– Ora, já fui a vários. E, se *você* não estiver interessada, quando Aria e eu formos a um mercado de pulgas, não precisa ir junto.

Ali revirou os olhos.

– Como se eu *quisesse* ir a um lugar desses.

Um *beep* alto veio do outro lado da estrada. Os pais de Aria tentavam encaixar, na parte de trás do Subaru, uma mesa redonda com pernas ornamentadas. Ela caiu no chão com um estrondo e o sr. e a sra. Montgomery começaram a brigar.

Uma expressão infeliz atravessou o rosto de Aria.

– Acho que é melhor a gente voltar.

– Boa sorte com a mesa nova! – disse Noel.

– Prazer em conhecê-lo – disse Ali a Mason enquanto elas se afastavam.

Os meninos voltaram a jogar basquete. Quando elas já estavam relativamente distantes deles, Aria

agarrou o braço de Ali parecendo animada.

– Oh, meu Deus, ele quer me levar a um mercado de pulgas!

Ali revirou os olhos.

– Não foi exatamente *isso* o que ele disse, Aria.

– Ainda assim eu acho que tudo correu bem, você não acha?

Ali deu uma olhada para a amiga. Os olhos de Aria brilhavam, quase giravam nas órbitas de excitação. Ela parecia febril de tão animada. Por alguma razão, aquilo incomodava Ali. Noel não iria *realmente* sair com Aria se pudesse sair com alguém como Ali. Ele estava apenas sendo gentil, talvez porque Aria era a melhor amiga de Ali.

De repente, o celular dela tocou. *Oi, princesa*, dizia a mensagem de um número com o prefixo 610.

Ali franziu a testa. *Quem é você?*, escreveu de volta.

Você se esqueceu de mim de novo?, foi a resposta. *Sou o Nick, do acampamento.*

O coração de Ali quase parou. Finalmente! Ela estava esperando pela mensagem de Nick. *Minha memória está voltando*, escreveu Ali.

Eu só queria dizer oi, Nick respondeu. *Preciso ir agora*.

Ali guardou o celular de volta no bolso, sentindo-se triunfante. Sabia que fazê-lo sentir ciúmes forçaria uma reação.

Ela encarou Aria, subitamente sentindo-se mais generosa.

– Eu acho que *realmente* correu tudo bem – respondeu.

No momento em que as meninas alcançaram a família de Aria, os Montgomery haviam conseguido colocar a mesa dentro do carro, de alguma forma. Ambos pareciam furiosos, mas se endireitaram quando viram as meninas.

A sra. Montgomery abriu a porta do carro e jogou a bolsa no espaço onde ficavam os pés.

– Vamos lá, Aria. É melhor a gente ir embora. – Ela encarou Ali e, em seguida, a bicicleta de Ali. Depois olhou para Mike, que já tinha se acomodado na parte de trás e estava com o corpo contorcido no espaço deixado pela enorme mesa. – Eu lhe ofereceria uma carona para casa, Ali, mas não temos mais espaço.

– Está tudo bem, sra. Montgomery, não me importo de pedalar de volta para casa – respondeu Ali. Então ela olhou para Aria, que tinha pegado Pigtunia do teto e a abraçava. – Estamos combinadas para hoje à noite?

Aria olhou de soslaio para seus pais, que já estavam acomodados nos bancos da frente do carro, sem olhar um para o outro, mudos. Ela engoliu em seco.

– Hum, acho que meus pais não vão mais sair.

– Ah... – Ali encolheu os ombros. – Tudo bem. Nós não precisamos... – Ela articulou a palavra "*beber*" sem fazer som.

– Na verdade... – Aria brincou com sua pulseira azul de barbante e, em seguida, olhou para os pais de novo, parecendo cautelosa. – Não é uma boa noite para ir lá em casa.

Ali deu um passo para trás.

– Por quê?

Aria baixou a cabeça, sem responder.

– Há algo errado com seus pais? – perguntou Ali.

Aria pareceu sentida, quase como se Ali a tivesse esbofeteado. *Só estou tentando ser bacana!*, Ali quase resmungou, mas Aria entrou no carro antes que ela conseguisse dizer qualquer coisa.

– Ligo mais tarde para você, tudo bem? Sinto muito.

Aria bateu a porta, deixando Ali de pé ao lado do carro com cara de boba. Ali olhou para os adesivos na traseira do carro enquanto a família da amiga se afastava. PATERNIDADE PLANEJADA. GENTILEZA GERA GENTILEZA. Um peixe com o nome do cientista Darwin escrito no meio. Aria sequer a procurou com o olhar para acenar um adeus.

Quando o carro se afastou, Ali seguiu na direção de sua bicicleta. Ao colocar a mão dentro da bolsa, seus dedos encontraram algo familiar. O espelho de prata. Ela o puxou para fora e se olhou no espelho. Por uma fração de segundo, não reconheceu a menina que a olhava de volta. Era uma garota que parecia tão triste, confusa, perdida. Nada parecida com ela mesma.

7

É ISSO QUE DÁ BANCAR O CUPIDO

Poucas horas mais tarde, Ali e Emily estavam acomodadas no longo sofá em L de couro na sala de televisão da casa de Ali, que ficava em um nicho junto à cozinha. Ali espiava as matérias sobre bailes de formaturas das revistas *Teen Vogue*, *CosmoGirl* e *Seventeen*, e Emily estava folheando um exemplar todo amassado do almanaque *Horóscopo de Aniversário,* do qual ela parecia nunca se cansar. Na televisão, rolava o programa *My Super Sweet 16* da MTV, e a casa cheirava a frango assado e espiga de milho, que a sra. DiLaurentis tinha feito para o jantar. Jason disparara escadaria acima para seu quarto, onde batia as gavetas da cômoda e abria e fechava a porta do guarda-roupa. Um rock melancólico as alcançava vindo do quarto dele, ainda que as meninas estivessem no andar de baixo.

– As garotas desse editorial de moda estão horrendas nesses vestidos verde-menta – declarou Ali ao virar a página de uma das matérias, que exibia a nova moda para vestidos de baile. – Não é *nada* sexy vestir roupas que têm cor de sorvete, sério.

Emily colocou o almanaque de horóscopos sobre o sofá otomano. Ele tinha sido tão manuseado que as páginas se abriam nas passagens favoritas de Emily sem precisar de ajuda. Ela estava lendo as previsões para 6 de junho, o aniversário de Ali, pelo que deveria ser a bilionésima vez.

– Mas eu acho que *você* ficaria muito bonita em um vestido verde-menta – disse Emily depois de analisar a foto dos vestidos por um instante.

– Isso é porque eu fico bonita em qualquer cor, Em – disse Ali, meio a sério, meio de brincadeira.

– Você fica mesmo – disse Emily com sinceridade, e Ali quis abraçá-la. Emily sabia o que dizer para fazê-la sentir-se bem sobre si mesma. Após Aria ter cancelado a noite delas sem maiores explicações, Ali tinha ligado para Emily perguntando se ela gostaria de jantar com sua família. Emily, como era de se esperar, dissera *sim* no mesmo instante.

Emily rabiscou a imagem de uma menina em um vestido de baile na capa de um de seus cadernos. Em vez de fazer um diário, Emily expressava seus pensamentos, gostos e antipatias rabiscando em seus cadernos. Naquele em particular, escreveu o nome do seu nadador favorito, Michael Phelps, com bolhas formando as letras; uma imagem do tubarão mascote de Rosewood Day com uma caneta hidrocor Sharpie azul; e escrevera os nomes de Ali, Spencer, Aria e Hanna, seguido pelas palavras "Minhas melhores amigas".

O ar-condicionado zunia, soprando um ar geladinho que fazia balançar as cortinas da janela que se projetava para fora da sala. Ali se levantou e puxou as cortinas para trás, tornando visível a casa

da família Cavanaugh do outro lado da rua. Tinha sido através daquela janela que Toby Cavanaugh as espionara no ano anterior, na noite que tudo aconteceu.

Emily deve ter pensado na mesma coisa, porque respirou fundo antes de dizer:

– Acho que eu vi Jenna hoje. Talvez ela tenha vindo da escola para casa.

– Acho que também a vi – contou Ali.

Emily girou a caneta entre os dedos.

– Você... ainda *pensa* sobre ela?

– Nem um pouco – mentiu Ali.

– Você não acha que é muito esquisito Toby confessar algo que não fez?

Ali fechou as cortinas.

– Foi ele o responsável *sim*, Em. Fim de papo.

– Mas...

– Fim. De. Papo. – Ali apontou para a pulseira de barbante que ambas traziam nos pulsos. Ali pensara em dizer uma porção de coisas para Emily desde aquela noite. O que ela vira pouco antes dos fogos de artifício explodirem. A discussão que ela e Jenna tiveram *antes* mesmo daquela noite. Mas ela vinha mentindo há tanto tempo que não poderia começar do zero agora. E, fosse como fosse, a verdade não mudaria o que acontecera.

Ela puxou o rabo de cavalo de Emily.

– Estou muito feliz por você ter aceitado meu convite e vindo hoje à noite, Em.

– Eu também. – Emily baixou a cabeça, tímida. – Não tínhamos uma noite só nossa desde fevereiro.

Ali sorriu.

– Eu deveria saber que você controla todas essas datas, Em. – Emily era uma espécie de gerente da amizade e sabia exatamente quantos minutos elas passavam juntas. Às vezes, do nada, declarava que eram amigas há 213 dias, ou que haviam passado 400 minutos no celular na semana anterior, ou que haviam trocado 67 e-mails, ou que tinham escrito 109 mensagens de texto, ou que haviam compartilhado 14 segredos.

Emily se sentiu incomodada.

– Você acha isso esquisito?

– Não – respondeu Ali abraçando uma almofada. – Bem, talvez esquisito, mas de um jeito muito fofo. – Se as outras meninas também estivessem com elas, provavelmente Ali teria implicado um pouco mais com Emily por causa daquilo, mas, como eram só elas duas, ela podia ser sincera com a amiga. Quando Ali estava com Emily e só com Emily, ser elegante e perfeita não importava muito.

As garotas ouviram passos no corredor e ergueram os olhos. A sra. DiLaurentis surgiu de repente

na cozinha, usando um vestido de verão. Ela trazia uma caderneta de couro nas mãos. Ela estacou quando viu Ali e Emily na saleta.

– Pensei que vocês fossem dar uma voltinha no shopping – disse ela sem fôlego, escondendo a caderneta atrás das costas.

Ali inclinou a cabeça.

– A gente nunca disse isso.

– Ah... – A sra. DiLaurentis parecia atordoada. – Certo. Bem... Não fiquem acordadas até muito tarde, certo?

A porta da garagem bateu. Ali esperou ouvir o barulho do motor do Mercedes de sua mãe em seguida, mas isso não aconteceu. Ela se sentiu um pouco tentada a ir até a garagem e ver se a mãe estava sentada em seu carro, falando ao celular... Ela fazia isso de vez em quando. Era *muito estranho*.

Bzz. O celular de Ali vibrou no bolso da calça. Era outra mensagem de Nick. *Ei, princesa!*, dizia. *Escrevendo sobre alguém em uma parede de chalé ultimamente?*

O coração de Ali disparou e ela deu um gritinho de alegria. *Desculpe, ainda não encontrei ninguém que saiba beijar de verdade*, respondeu ela.

– Para quem você está mandando mensagem? – De onde estava sentada no sofá, Emily espiou o celular de Ali.

Ali escondeu o celular.

– Para uma das meninas da equipe de hóquei. – Ali não queria dividir Nick com ninguém. Ainda não. Era bom manter o flerte em segredo até que ela tivesse certeza de que algo estava acontecendo entre eles. Além disso, Emily provavelmente iria criticá-la por ter se esquecido depressa demais de Matt, dizendo que aquilo iria partir o coração dele. Emily tinha um coração de manteiga.

Ali olhou para a amiga, analisando seu longo cabelo louro-avermelhado, seus olhos claros e seu rosto bonito e sardento.

– Nós precisamos encontrar um namorado para você, Em.

Emily pareceu alarmada.

– Precisamos?

– *Mas é claro!* Você ainda não deu seu primeiro beijo! – Ali bateu palmas. – E acho que eu sei de alguém perfeito para você. É um garoto que acaba de se mudar para Rosewood e se chama Mason Byers. Ele vai entrar para a equipe de lacrosse, então também é um atleta. E parece realmente ser um cara legal, Em, é de algum lugar do sul. Aposto que você vai ficar a fim dele. – Ela se levantou, parecendo se animar. – Eu poderia ligar para Noel agora e pedir o número dele. Ele é supergracinha, Em, e também tem sardas!

Emily mordeu o lábio inferior parecendo angustiada.

– Não estou interessada.

Ali colocou as mãos nos quadris.

– Você não conheceu o cara ainda. E ele não é um apertador-de-traseiros, juro. – Uma vez, em uma festa na casa de Noel Kahn no início desse ano, um aluno do oitavo ano tinha apertado o traseiro de Emily com força, dando uma piscadinha brincalhona quando ela se virou e o encarou. Emily contou a história para Ali com horror, não percebendo que ela deveria ter levado aquilo como um elogio.

A expressão de Emily não se alterou. Intrigada, Ali sentou ao lado dela no sofá.

– O que está acontecendo de verdade?

Emily parecia subitamente interessada em suas unhas recém-feitas.

– Eu acho que gosto de outra pessoa.

– É mesmo? – Ali colocou a mão no joelho de Emily. – Quem?

Emily passeou o olhar pela sala.

– Eu... Não posso contar.

Ali riu. Ela sabia tudo sobre Emily, até mesmo as coisas vergonhosas: que ela ficara menstruada aos onze anos, que fizera xixi na cama em uma festa do pijama de sua equipe de natação no quarto ano, que havia acidentalmente tocado na ereção de um menino mais velho durante um treino de natação e se escondera no vestiário até a hora de ir embora, petrificada de medo de ele pensar que ela fizera aquilo de propósito.

– É alguém muito constrangedor? – insistiu Ali. – Alguém com quem você não deveria se envolver? Não importa quem é, Em, você pode me contar. Não vou dizer a ninguém, juro.

Emily apanhou uma revista e abriu em qualquer página.

– Ei, esses sapatos são bonitos, você não acha?

– Quem quer que seja, posso ajudá-la a fazer com que ele goste de você! De verdade. É só você me dizer – Ali encostou a cabeça no ombro de Emily. – Afinal, eu não sou a sua melhor amiga?

Emily ficou tensa sob o peso da cabeça de Ali em seu ombro. Depois de um momento, afastou-se e se levantou do sofá.

– Acabo de me lembrar – disse Emily de repente, procurando a sacola e enfiando lá dentro a calça do pijama e a bolsa de maquiagem que estavam espalhadas no chão. – Preciso fazer um negócio para a minha mãe.

– *Agora?*

– É... Pois é. Eu tinha me esquecido.

Emily juntou as alças da sacola sobre o ombro e se apressou até a cozinha. Seus sapatos estavam

junto à porta da frente, e ela enfiou os pés neles sem sequer se dar o trabalho de amarrá-los. Depois olhou para Ali, que ainda estava no sofá.

– Nós nos vemos depois.

– Emily!

Mas a porta se fechou com um estrondo, fazendo as panelas e frigideiras penduradas sobre a ilha da cozinha se chocarem suavemente. Ali piscou com força no cômodo subitamente vazio. *O que diabos havia acontecido ali?*

Ela se levantou e caminhou até a cozinha, abrindo a geladeira com força, mas sem vontade de coisa alguma. Pendurado na parede, um calendário com fotos de cães chamou sua atenção, e ela olhou para os trinta e um quadradinhos do mês de maio. Talvez ela e Emily realmente não tivessem uma noite só para elas desde fevereiro, mas fazia muito, muito mais tempo do que isso desde a última vez que Ali havia passado uma noite de sábado sozinha.

8

TERAPIA FAMILIAR

No domingo pela manhã, o carro onde estava a família DiLaurentis – Ali, Jason e seus pais – diminuiu a velocidade junto à placa familiar que apontava para uma estrada secundária ladeada por árvores altas e frondosas. CLÍNICA PRESERVE, dizia a placa. O sr. DiLaurentis ligou a seta e seguiu por essa estrada.

– Essas árvores esbranquiçadas são bizarras – resmungou Ali, olhando pela janela para as bétulas do bosque, os seus galhos contorcidos alcançando a estrada. – Elas me lembram das pessoas internadas nesse lugar.

A sra. DiLaurentis olhou feio para ela pelo espelho retrovisor, mas Ali fingiu não se dar conta, passando mais uma camada exagerada de esmalte nas unhas. A mãe dela odiava aquele cheiro, e Ali queria incomodá-la. Naquela manhã, depois que ela já estava acordada e vestida, a mãe entrou em seu quarto sem bater e se sentou em sua cama.

– Ali, hoje você vai visitar sua irmã no hospital.

– Não, eu não vou, não – disse Ali se esforçando para chorar. – Isso é muito difícil para mim, mãe. Tenho pesadelos toda vez que volto de lá.

Por alguma razão, a atuação da irmãzinha traumatizada não estava mais surtindo efeito.

– Se você não for, não vou permitir que vá com suas amigas à festa do pijama de comemoração do fim do sétimo ano – afirmou a sra. DiLaurentis.

O queixo de Ali caiu.

– Você não tem o direito de dizer o que eu posso e o que eu não posso fazer!

A sra. DiLaurentis ficou de pé.

– Ali, eu sou sua mãe. É claro que tenho esse direito – disse ela com firmeza. – Ela é sua *irmã*, Alison. Eu sei que vocês duas tiveram muitos problemas, mas você tem que superar isso e tentar ser gentil com ela. Você já pensou em fazer a terapia sobre a qual conversamos?

Ali desabou sobre a cama e cobriu a cabeça com um travesseiro. De quando em quando, a mãe mencionava uma terapeuta, dizendo que ela talvez pudesse ajudá-la a lidar com as questões que tinha com sua irmã gêmea. Mas o que a mãe dela não tinha como saber era que ela frequentara terapeutas por anos – e eles nunca tinham sido capazes de resolver esse problema.

Agora, ela estava presa no carro. Quanto mais eles se aproximavam do hospital, mas o estômago de Ali doía. De repente, o celular de Ali tocou. Ali pensou que poderia ser uma mensagem de Nick – haviam trocado mensagens a manhã inteira e ela tinha *certeza* de que o rapaz estava prestes a

convidá-la para sair. Mas esta mensagem era de Emily. *Eu sinto muito por ontem à noite. Onde você está? Podemos conversar agora?*

Ali vislumbrou o edifício a distância. Eles se aproximavam de uma grande mansão branca com colunas impressionantes na fachada, um lugar que parecia ser a casa de alguém e não uma clínica psiquiátrica. Uma enfermeira e um paciente caminhavam lentamente por uma das alamedas. Outro paciente estava sentado em um banco, apenas *encarando* o nada fixamente. Havia uma ambulância estacionada na entrada lateral, à espera de um desastre.

Agora eu não posso, escreveu Ali e, então, desligou o celular. Ela começara a entender por que seus pais mantiveram a irmã gêmea da filha sã em segredo todos esses anos. Havia mesmo um estigma em ter uma filha ou irmã em uma instituição para doentes mentais. As pessoas poderiam considerar os DiLaurentis pais ruins por internarem a filha lá. Ou, talvez, pensassem que o resto da família era doida também.

Seu coração batia mais e mais rápido quando deram seus nomes ao guarda do portão, que usava uniforme cáqui e carregava um walkie-talkie. Eles atravessaram a entrada para carros, passando pelos jardins obsessivamente bem cuidados e pelos pacientes de olhares vazios no gramado. Por um instante, Ali pensou ter reconhecido um daqueles pacientes como uma colega da clínica Radley, uma garota que costumava gritar na cama por horas seguidas, mas não pôde ter certeza.

Eles encontraram uma vaga no estacionamento dos visitantes e saíram. Ali ficou atrás do irmão e dos pais, olhando na direção de árvores e bancos onde placas exibiam os nomes de antigos pacientes falecidos. NELLY PETERSON. THOMAS RYDER. GRACE HARTLEY. Este era outro boato que corria sobre a clínica: a taxa de suicídio por ali era assustadoramente alta. Os internos deviam considerar a morte uma opção melhor do que ficar enclausurado ali.

O saguão tinha piso de mármore, uma grande fonte no centro e sofás brancos muito modernos. Depois que todos os membros da família deram seus nomes a uma recepcionista de avental, foram jogados na ala dos pacientes, visivelmente mais abandonada e antiga do que o saguão e a parte exterior do prédio. Eles entraram na sala de visitas, que era ampla e iluminada pela luz vinda das várias janelas grandes. Havia sofás surrados encostados às paredes, e uma televisão velha reproduzia um filme que Ali não reconheceu. A sala cheirava a desinfetante hospitalar e macarrão com queijo. Uma enfermeira sentada perto de uma janela no canto usava fones de ouvido. Uma mulher, que Ali estava quase certa de que era uma psiquiatra, conversava perto de uma estante cheia de jogos de tabuleiro com uma garota loura que parecia bastante deprimida.

Foi então que a porta se abriu e uma menina conhecida entrou na sala.

Ali prendeu o fôlego. O cabelo louro de sua irmã estava sedoso e cacheado de forma impecável. Sua pele parecia perfeita, apesar da comida nojenta que ela, sem dúvida, comia ali. Os peitos dela

ainda eram um pouquinho maiores e sua cintura ligeiramente mais fina do que a de Ali. Brincos de ouro pendiam de suas orelhas, e ela usava batom rosa cintilante.

– Olá, família – cantarolou sua irmã gêmea docemente, dando beijinhos na bochecha dos seus pais e fazendo um carinho no braço de Jason. Só quando ela se virou para Ali sua expressão mudou um pouco. Havia fúria no fundo dos olhos dela.

A família se acomodou em um dos sofás de tecido xadrez perto da televisão. A sra. DiLaurentis se virou para pegar refrigerantes para todo mundo da máquina automática. Para as filhas, ela ofereceu latinhas de Coca-Cola Diet, parecendo satisfeita consigo mesma.

– Imaginei que vocês duas não gostariam de beber nada com açúcar de verdade.

Ali franziu o nariz.

– Eu também não bebo Coca Diet. Ninguém na escola bebe isso.

A sra. DiLaurentis ficou desconcertada.

– Mas nas compras do mês passado comprei uma caixa inteira para você.

– Isso foi antes de eu ler uma reportagem dizendo que açúcar artificial também engorda. – Ali empurrou a latinha para longe. – Fiz todo mundo da escola beber água Vitamin em vez de Coca-Cola.

"Courtney" resmungou.

– É emocionante inspirar moda, não é, *Ali*?

Ali se encolheu. *Há não muito tempo, você* não *era essa criadora de tendências, certo?*, era o que sua irmã estava realmente dizendo. *Você era um nada*.

– Ah, é mesmo – respondeu ela, segura de si. – Além disso, acho que é um hábito muito mais saudável.

Subitamente, a menina deprimida que havia pouco conversava com a psiquiatra avançou na direção do sofá e envolveu a irmã de Ali em um longo abraço.

– C! – gritou ela.

– Ei, I! – disse "Courtney", passando o braço em torno dos ombros da garota. – Pessoal, esta é minha colega de quarto, Iris. E Iris, estes são Jason, mamãe, papai, e minha irmã. – Ela encarou. – *Alison*.

Iris varreu Ali com seus olhos azul-celestes.

– Então você é a famosa Alison... Ouvi falar muito sobre você.

Ali deu a Iris um sorriso presunçoso.

– Não acredite em tudo o que você ouviu sobre mim. Não sou *tão* fabulosa quanto Courtney diz.

– Ah, sim, Courtney *realmente* não para de falar no quanto você é fabulosa – disse Iris sem piscar. – Mas ela também é muito bacana. Nós nos divertimos muito aqui na clínica. Terça-feira foi dia de spa, não é, C? E quinta-feira temos yoga!

– Que divertido! – A sra. DiLaurentis bateu palmas.

Ali estreitou os olhos.

– Vocês têm spa aqui? E yoga? – Em Radley ela não tinha nada disso.

– Pois é... – Iris exibiu todos os seus dentes ao sorrir. – Você está com inveja, não está? Aposto que você também gostaria de estar aqui.

Um arrepio percorreu a espinha de Ali. Com certeza, a irmã havia contado a história toda àquela menina. E Iris definitivamente tinha acreditado em tudo.

Iris se levantou.

– Bem, vou deixar que vocês conversem em família. – Iris acenou para os DiLaurentis e se afastou, com sua calça jeans frouxa presa abaixo dos quadris magros.

A sra. DiLaurentis colocou seu refrigerante sobre a mesa de centro.

– Ela parece... muito gentil.

– Ela é um esqueleto – murmurou Jason.

– Ela é muito bacana – disse "Courtney" tocando seus brincos. – Ela está aqui por causa de transtornos alimentares. Mas ela melhorou muito, vai embora na quarta-feira. E ainda não se sabe quem vai ser a minha próxima colega de quarto. Eu também gostava da minha colega de quarto anterior, o nome dela era Tabitha. Mas acho que não posso ter tanta sorte três vezes seguidas.

– E então, como são as aulas? – perguntou o sr. DiLaurentis. Os garotos e garotas internados na clínica tinham professores particulares para ajudá-los a não se atrasarem em seus respectivos anos escolares.

– Acho que vou indo muito bem – respondeu "Courtney" animada. – Eu tenho certeza de que arrasei em inglês. E também em geometria. Não sei ainda quais minhas notas em história e ciências. – Ela ficou mais entusiasmada. – Mas tive muita ajuda. Meu amigo, Tripp, tem me ajudado. Ele é sensacional.

A sra. DiLaurentis trocou um olhar surpreso com o marido, que parecia tão chocado quanto ela.

– Que coisa boa, querida. Tripp está aqui?

"Courtney" balançou a cabeça.

– Ele estava, mas foi transferido para outro lugar. – Ela correu o dedo sobre uma ranhura na mesa. – É uma droga, mas trocamos muitos e-mails.

Ela parou de falar e baixou os olhos. O sr. e a sra. DiLaurentis trocaram um olhar cheio de tensão que Ali não conseguiu decifrar.

– Você parece muito mais feliz – comentou a sra. DiLaurentis.

– Bem, estou realmente me sentindo muito bem – disse "Courtney". – Eu acho que são os novos medicamentos que estão me dando.

– E as enfermeiras disseram que você tem cooperado muito – acrescentou o sr. DiLaurentis.

– Eles são muito bons comigo – disse "Courtney". – O pessoal daqui trabalha *tanto*.

Ali desviou o olhar e suspirou secretamente, bastante indignada. Que teatrinho era aquele me-amem-sou-muito-fofa? E por que sua irmã gêmea estava agindo de forma tão *normal*? Quando a família a visitava, "Courtney" costumava ser hostil e agressiva, mal falando com qualquer um deles.

– Na verdade, estou indo tão bem que eles me deram permissão especial para sair da propriedade de vez em quando – acrescentou "Courtney".

Ali se encolheu.

– Sozinha?

– Não. – A irmã deu um sorriso meigo. – Com um acompanhante.

– Minha nossa! – A sra. DiLaurentis deu um largo sorriso. – Você *deve mesmo* estar melhorando.

Ali puxou com tanta força um fio solto do sofá estofado que a linha inteira saiu em suas mãos. Que lunáticos permitiriam a irmã dela deixar a propriedade? Eles não se davam conta do que ela era capaz de fazer?

Pouco depois, uma enfermeira bateu no ombro da sra. DiLaurentis para avisar que a sessão de grupo de Courtney começaria em poucos minutos. Então chegou a hora do abraço de despedida e, na vez de Ali, ela rangeu os dentes quando teve de colocar os braços em volta dos ombros da irmã. Sua gêmea deixou a área de visitação e desapareceu nas dependências da clínica, parecendo estranhamente alegre.

Ali se desculpou e foi ao banheiro – ela se sentia tonta e precisava passar um instante sozinha. Empurrando a porta do banheiro de visitantes junto ao saguão, ela franziu o nariz ao sentir o cheiro pungente de água sanitária e ao ver o círculo de ferrugem em torno de uma das pias. Então a porta se abriu mais uma vez e duas garotas também entraram no banheiro. Uma delas era Iris. A outra era sua gêmea.

– O-oi? – gaguejou Ali. – Você não tinha uma sessão de terapia de grupo?

– Ah, não se preocupe com isso, *maninha* – zombou "Courtney", trocando olhares com Iris. A colega de quarto dela marchou até a porta e se posicionou ali de guarda, com os braços magricelas cruzados sobre o peito.

O coração de Ali disparou. Ela olhou para a porta atrás de Iris.

– A mamãe vai procurar por mim em breve.

– Ah, isso não vai levar tanto tempo assim. – "Courtney" deu um sorriso exagerado, chegando mais e mais perto.

Ali se encolheu. Bem diante de seus olhos, desenharam-se todos os cenários horríveis que ela podia imaginar. Ali viu a irmã pulando sobre ela na cama quando tinham sete anos, obrigando-a a

fazer tudo o que ela mandasse. *Se você não fizer, vai se lamentar.* Ela visualizou a irmã jogando-a dentro de um closet e amarrando seus pulsos com uma corda de *bungee-jump*. Lembrou-se da irmã arrancando a cabeça de sua boneca predileta, o único presente que a avó tinha lhe dado. E então viu a si mesma perder a cabeça, prendendo sua irmã no chão, os olhos dela cheios de satisfação enquanto gritava pedindo socorro. Sua irmã gêmea havia preparado, mais de uma vez, armadilhas para ela, e ela caía sempre.

– Só quero lhe dizer uma coisa, então escute bem, certo? – A irmã de Ali se aproximou tanto que Ali conseguia distinguir cada um dos poros de seu rosto e o desenho brilhante da sombra cuidadosamente aplicada em suas pálpebras. – Sei muito bem o que você esteve fazendo. E logo, logo, vou acabar com você.

Parecia que ela enfiara uma estaca no peito de Ali.

– Por favor, não me faça ser internada de novo – disse ela, sem pensar, tentando se afastar do rosto da irmã. Então ela ofegou, dando-se conta do que acabara de admitir. Após a troca, Ali jurara nunca, *nunca* revelar o que acontecera a ninguém, nem mesmo para a garota cuja identidade havia roubado.

"Courtney" sorriu com maldade, parecendo também compreender o que ela dissera. Estendeu a mão, agarrando o dedo de Ali, tocando o anel de prata com um A gravado no centro.

– Seu tempo está se esgotando, *Ali* – cantarolou ela, largando a mão de Ali e passando pela irmã para seguir na direção da saída. – Vá se despedindo de sua vidinha.

9

A QUEDA DE UM IMPÉRIO

– Alison, você está mandando bem! – elogiou Mark Hadley, um aluno do oitavo ano, quando Ali passou por ele na pista de corrida naquela mesma tarde.

– Posso correr com você? – gritou Brian Diaz em seguida.

Ali deu um sorriso radiante para eles por cima do ombro, mas não parou. As linhas vermelhas da pista de corrida pareciam confundir-se debaixo de seus pés. Sacudiu os braços com vigor, alongou as pernas e passou voando baixo pelas arquibancadas, tentando clarear a mente. Aquela era a sua quinta volta na pista, e Ali decidiu correr até conseguir esquecer completamente o que acontecera no hospital. Mas havia um problema: a expressão raivosa e irônica da irmã parecia ter sido marcada a ferro e fogo em sua pele.

Ali pensou em contar a seus pais a ameaça que a irmã fizera no banheiro, mas resolveu não fazer isso. A sra. DiLaurentis confrontaria a Verdadeira Ali e exigiria saber o que realmente estava acontecendo. A Verdadeira Ali havia afirmado *Eu sou Alison*, *Eu sou Alison* vezes seguidas sem resultado, mas e se a clínica tivesse fitas de vigilância? Ali dissera abertamente *Por favor, não faça me internarem de novo*. Será que ela havia condenado a si mesma? E se sua irmã a observasse toda vez que tinha permissão de deixar a clínica por algumas horas? Será que ela realmente saía de lá acompanhada? O quanto a clínica era rigorosa, afinal?

Houve apenas outra ocasião em que estivera sozinha com a irmã desde que assumira a identidade de Ali. Acontecera no começo do sexto ano, não muito tempo depois da troca ter acontecido, quando a irmã voltara para casa para um fim de semana. Aparentemente, a garota que todos pensavam que era Courtney estava tendo dificuldade em se adaptar à nova clínica e os médicos acharam que algum tempo longe poderia fazer bem a ela.

A visita deixou Ali tensa todos os minutos do dia. A família ficou refém em casa enquanto sua irmã estava por lá, porque seus pais ainda mantinham a situação em segredo e ela não sabia como explicar para as amigas o motivo de ter sumido durante um fim de semana todinho. Ela não podia dizer que a família dela tinha saído da cidade – Spencer veria o carro deles na entrada e luzes sendo acesas e apagadas dentro da casa. Por fim, Ali dissera que estava doente e era bem contagioso.

Mas o estresse não acabou aí. Desde o primeiro minuto da irmã em casa, Ali a observou como um falcão. Tinha até dormido na saleta íntima para se certificar de que sua irmã não saísse no meio da noite, não sem antes trancar a porta de seu quarto para ter certeza de que a irmã gêmea não entraria lá e mexeria em suas coisas. No primeiro dia, tudo correu bem. Ali conseguiu manter a irmã dentro de

casa e sob estrito controle. Mas no segundo dia a irmã desapareceu assim que Ali se distraiu por um instante. Para seu horror, ela a encontrou no jardim da frente. Havia uma segunda garota, que arregalou os olhos ao escutar o som da porta sendo aberta. Era Jenna Cavanaugh. Subitamente, Ali se lembrou: Jenna conhecera as gêmeas há alguns anos, durante outra visita de fim de semana. Elas brincaram juntas com suas bonecas Barbie no quintal. Ela era a única menina de Rosewood que sabia da existência das gêmeas DiLaurentis.

A irmã abriu um sorriso cruel ao vê-la.

– Olá. Eu só estava colocando a conversa em dia com Jenna, *Courtney* – disse ela. – Sabe, contando a ela tudo sobre quem você é realmente.

Os olhos de Jenna pulavam de uma gêmea para outra. A visão de Ali ficou embaçada. Ela agarrou a irmã pela mão e a puxou para dentro de casa.

Os pais delas estavam na cozinha. Ali contou a eles que a irmã estava falando com os vizinhos.

– Só estava contando a verdade! – "Courtney" se defendeu aos berros. – Disse a ela que eu era a Alison verdadeira e que estou sendo mantida prisioneira!

Uma veia saltou na têmpora da sra. DiLaurentis, que, em seguida, resolveu enviar Courtney para a clínica mais cedo. Estava claro que seus pais não acreditaram naquela história, mas, se tivessem provas, se ouvissem Ali dizendo alguma coisa do tipo *Por favor, não me faça ser internada de novo* – a opinião deles poderia mudar. E Ali não aguentaria ser internada novamente – era *demais* para ela. Tentou pensar em si mesma naquelas camas frias, o cheiro de desinfetante hospitalar em todos os lugares, os quartos tristes, enfermeiros de jaleco distribuindo pílulas... Houve um ano, quando ela estava internada na clínica Radley, que sua família não a visitara no Natal, preferindo fazer uma viagem para o Colorado. A celebração do Natal na clínica contara com uma árvore de plástico patética, canções natalinas que ninguém cantara ao som do piano totalmente desafinado e peru com um molho nojento e encaroçado. Naquela noite, Ali tinha certeza de que cada uma das meninas internadas lá tinha chorado até dormir em seus travesseiros.

Ali passou correndo pela parte da pista vizinha aos campos de futebol. Havia uma porção de blocos de concreto pequenos no chão, plantados na estreita faixa de grama que separava a pista dos campos. Cada bloco estava marcado com um ano e com as palavras *Cápsula do Tempo*.

Aquele era o jogo do qual os alunos de Rosewood Day participavam todos os anos. Ali se lembrou do pedaço da bandeira da Cápsula do Tempo que ela roubara da irmã gêmea. Depois que descobriu o que ela havia feito, Jason tomara seu pedaço para nunca mais devolvê-lo, e Ali não tinha ideia do que acontecera com ele. Mas a verdade é que isso pouco importava, pois tinha usado o roubo do pedaço de bandeira para ganhar a simpatia das meninas que se tornariam suas amigas.

Ali limpou o suor da testa. *Será que eu estaria aqui agora se não fosse por aquele pedaço da*

bandeira?, ela se perguntou. Talvez a vida dela não passasse de um arranjo precário. Talvez tudo aquilo pudesse mudar de uma hora para outra mais uma vez.

Seus olhos se encheram de lágrimas inesperadas. Era como se todas as bolas do número de malabarismo incrível que ela vinha a todo custo mantendo no ar houvessem caído no chão. E não era apenas os problemas com a irmã, mas também a situação com suas amigas. Por que as garotas estavam guardando tantos segredos? Não gostavam mais dela? Não queriam mais fazer parte do grupo? Tinham se esquecido do quanto ela fizera por elas? E o que a irmã quisera dizer com *Sei muito bem o que você esteve fazendo?* E se ela tivesse *visto* que as meninas não a consideravam mais tão importante, tivesse testemunhado enquanto ela estragava tudo?

Ali passou diante das arquibancadas de novo sem se dar conta de que havia completado outra volta e, de repente, sentiu o chão fugir debaixo de seus pés. Em um piscar de olhos, estava atingindo o pavimento duro com o rosto.

– Ei, ei, tudo bem com você? – perguntou Mark Hadley pairando sobre ela.

– Tudo bem, eu estou legal. – Ali tentou rir ao se levantar.

Uma lágrima rolou por seu rosto, mas ela só deu uma fungadela e se afastou dele. Alison DiLaurentis não chorava. Alison DiLaurentis não tinha medo de sua irmã maluca, não se estressava, nem se preocupava e nem temia por sua popularidade. Estes eram os motivos de ela ser a garota mais popular da escola: ela sabia que merecia aquilo. Sua irmã estava apenas atrapalhando sua vida, como sempre. E quanto a suas amigas, talvez ela só precisasse lembrá-las sobre como era especial e fabulosa e que, sem ela, voltariam a ser ninguém. Ela as cobriria com bondade, encantaria as meninas com a magia brilhante que as atraíra no começo. Seria fácil, para falar a verdade. Ali já sabia o que cada uma das amigas queria. Era só estalar os dedos e tudo estaria resolvido. Fácil assim.

Não é mesmo?

10

UM AMOR CONDENADO

– *Que luz surge lá no alto, na janela?* – perguntou Aria de modo dramático, com as mãos no peito.

– *Lá é o leste, e Julieta é o Sol* – continuou Spencer, desabando em seguida sobre o banco que ficava em frente ao prédio da People's Light & Theater Company, a poucos quilômetros de Rosewood, onde algumas turmas de Rosewood Day tinham sido trazidas em uma excursão para assistir à peça famosa. – Isso é *tão* romântico.

– Sim, mas não se esqueça de que eles morrem no final – implicou Ali, chutando um buraco da grama. – Eles não podem nem namorar direito e curtir a paixão deles. Isso é uma droga!

– Eu sei, mas morrer por amor é o gesto mais romântico de todos, você não acha? – perguntou Aria com os olhos brilhando. – Quero dizer, se você está disposta a *morrer* por alguém, significa que o ama de verdade!

– Ah, muito obrigada, mas eu prefiro ficar bem viva e poder namorar – argumentou Ali.

E ela *estava mesmo* apaixonada naqueles dias. Ela e Nick trocaram mensagens freneticamente por duas semanas. Não haviam se encontrado ainda, mas o primeiro encontro seria no dia seguinte e ela mal podia esperar. Fazia duas semanas que tinha sido ameaçada pela irmã, mas nada acontecera depois daquilo. Ainda. Apesar dos pesadelos perturbadores de Ali durante aquele período, nos quais sua irmã, de alguma forma, provava o que fizera, não tinha havido quaisquer intervenções dos pais ou revelações bombásticas. Sua irmã não tinha aparecido na porta da casa nem no quarto de Ali, no meio da noite, expulsando-a de sua cama para que trocassem novamente de identidade. O sr. e a sra. DiLaurentis haviam ligado para a filha internada nos últimos dois domingos, e Ali escutara a conversa na extensão. "Courtney" tagarelou sobre o namorado, Tripp. Sobre as aulas. Contara que Iris, sua colega de quarto, tinha recebido alta, mas que ainda não lhe fora designada uma nova colega de quarto. Ela não fizera nenhuma menção a Ali. Nem dissera qualquer coisa que pudesse remotamente ser considerada louca.

O que fazia Ali ficar ainda mais nervosa.

Aquelas duas semanas, porém, não mudaram em nada o relacionamento dela com as amigas. Emily ainda estava guardando segredos. Hanna ainda andava para cima e para baixo com Josie. Spencer ainda parecia cautelosa com Ali, e Aria havia se fechado inteiramente. Cada comentário desafiador das meninas era como um teste no qual Ali precisava passar, especialmente se sua irmã *estivesse* observando, julgando, reunindo informações e provas de que ela não era quem afirmava ser. Ali *não* seria internada em clínica alguma. Ela *não* iria se despedir de "sua vidinha". Preferia

morrer.

Aria apanhou a bolsa.

– Preciso ir ao banheiro.

– Eu também – disse Emily, que lançou um olhar de desculpas para Ali antes de se levantar, como se estivesse pedindo permissão. Ali apenas revirou os olhos e a ignorou.

Próximo a ela, o olhar de Spencer vagava pelo lugar. Perto dali, uma mesa de piquenique acomodava os professores acompanhantes e um grupo de alunos veteranos que incluía Jason, Darren Wilden, Melissa Hastings e Violet Keyes – uma garota que havia andado atrás de Jason por anos. Ian Thomas também estava lá. Os olhos de Spencer se iluminaram quando ela o viu.

Spencer deu um pulo.

– Tenho uma pergunta para fazer para a sra. Delancey – disse ela, apontando para uma das professoras de inglês.

Ali e Hanna, agora as únicas ali, observaram o rabo de cavalo de Spencer pular contra suas costas enquanto ela corria na direção da mesa de piquenique. Aproximando-se, Spencer fez uma pergunta à sra. Delancey e, ao mesmo tempo, ficou espiando Ian com o canto do olho.

Ali resmungou enojada, e Hanna olhou por cima de seu sanduíche.

– O que há de errado?

– Spencer só foi até lá para dar uma olhada nos garotos mais velhos.

– Nós também poderíamos ir – sugeriu Hanna.

– Não. – Ali cruzou os braços no peito. – Estou com raiva de Spencer.

– É mesmo? – preocupou-se Hanna. – Por quê?

Ali tamborilou no banco. *Pelo mesmo motivo que tenho raiva de você*, ela quis responder. Mas, em vez disso, ela suspirou.

– É uma história longa e aborrecida.

Hanna ficou em silêncio. Ali observou os ônibus escolares amarelos no estacionamento, que destoavam dos campos cobertos de relva e das fazendas do Condado de Chester. A feiura deles refletia seu estado de espírito, já que a clara insurreição das suas amigas acabara por alimentar mais uma vez seus sentimentos conflituosos. E se ela *estivesse fracassando* em seu papel? E se sua gêmea *tivesse descoberto* uma forma de voltar e reassumir sua vida? Se Ali fosse enviada para a clínica, nunca mais veria esses campos. E ela *sequer os apreciara* de verdade.

Às vezes, em seus momentos mais sombrios, Ali visualizava seus pais descobrindo o que fizera para, em seguida, abandoná-la em uma estrada em algum lugar para apodrecer. Eles a odiariam para todo o sempre. Talvez até mesmo fizessem com que fosse presa.

Ali sentiu que uma lágrima escorria por seu rosto. Quando ergueu os olhos, Hanna a observava de

queixo caído.

– Ali? – disse ela. – O que há de errado? Você está bem?

A garganta de Ali tremeu quando ela engoliu. Por uma fração de segundo, pensou em abrir seu coração e contar tudo para Hanna, com seu cabelo castanho-cocô, aparelho, e sua carinha solene e cheia de compaixão, tudo. Mas, em vez disso, apenas deu de ombros, sentindo-se um lixo.

– Deixe pra lá.

Gargalhadas cruzaram a área de piquenique. Ali ergueu os olhos. Um grupo de veteranos brincava na grama, imitando uma das cenas de duelo da peça. Ian empunhava uma espada imaginária. Eric Kahn, o irmão de Noel que já estava no nono ano, ria alto. Spencer desaparecera.

Subitamente desesperada para se livrar de Hanna, que testemunhara a breve rachadura em sua armadura, Ali pegou sua câmera Polaroid, saltou da mesa e foi na direção de Ian e dos outros rapazes mais velhos antes que Hanna pudesse perguntar aonde ela ia.

– Ei, Ee! – saudou Ali, dando um sorriso ousado e flertando com ele.

Ian interrompeu o duelo de mentirinha e também sorriu para ela.

– Ei! – cumprimentou ele afastando da testa uma mecha rebelde do cabelo louro. – Eu não sabia que você estaria aqui.

– Estive aqui o dia todo – disse ela, inclinando o quadril.

Ian sorriu e se aproximou dela.

– É mesmo?

– Pois é. – Ali levantou a câmera, o peso em seu coração lentamente desaparecendo. – Posso tirar uma foto de nós dois?

– Claro – respondeu Ian, passando o braço em volta dos ombros de Ali. Ali esticou o braço o máximo que pôde e tirou uma foto deles. A máquina zumbiu e chiou, em seguida, soltou um papel quadrado e branco. Lentamente, a imagem foi se formando. Ali estava absolutamente linda. E a forma como Ian inclinara a cabeça na direção dela fizera parecer que eram namorados.

Ian também analisou a foto.

– Você está linda! – ele a elogiou.

Ali estremeceu.

– Ah, você também – rebateu ela. Quando ergueu o queixo para encará-lo, Ali se surpreendeu ao ver o rosto de Ian junto ao dela, quase como se pretendesse beijá-la. Mas *ela* não queria Ian – ele era a obsessão esquisita de Spencer. Aquilo a fez lembrar-se de seu plano para reconquistar as amigas. E, então, ela teve uma ideia.

Ali se afastou e observou Ian por um tempo.

– Sei de alguém que gosta de você.

Ian ergueu as sobrancelhas.

– Quem?

– Spencer.

Ian piscou aturdido, talvez porque tivesse pensado que Ali fosse dizer que era ela.

– Spencer Hastings? – Ele riu. – Ah, sei.

– Você daria um beijo nela?

Ele encarou Ali como se ela fosse louca.

– Isso seria meio perigoso.

Ali ficou surpresa. Era incrível que Ian não tivesse se recusado logo de cara, já que ele tinha namorada. Ela baixou o rosto e fez olhinhos pidões.

– Ah, Ian, por favor? Ela iria *adorar*! Spencer tem uma queda *gigante* por você.

Um sorriso de satisfação tomou o rosto de Ian. Ele fingiu pensar por um instante.

– E se a gente combinasse uma coisa? Dou um beijo em Spencer e, então, ganho um beijo seu.

– Tudo bem – concordou, dando de ombros. Beijar Ian Thomas não seria a pior coisa do mundo. Certamente seria algo de que poderia se gabar com Cassie e as outras garotas mais velhas. – Mas você vai me prometer que beijará Spencer de verdade, certo? Não estamos falando de um beijinho na bochecha. Você deve beijá-la como se realmente a quisesse.

– Temos um trato – concordou Ian e estendeu a mão para ela apertar. Quando Ali aceitou a mão dele, Ian deixou seus dedos passearem pela palma da mão dela. Uma leve agitação atingiu Ali. Ian podia ser um cafajeste, mas ele *era* lindo.

Enquanto voltava ao ponto onde estava sentada com as amigas, Ali se sentia um milhão de vezes mais animada do que antes. Quando Spencer soubesse que Ali não precisara de mais do que um estalar de dedos para convencer Ian a beijá-la, ficaria tão grata e impressionada que nunca mais a desobedeceria. Mas, ao passar por um velho carvalho, ouviu uma risadinha estridente e alta. Ali parou e olhou em volta, prestando atenção. Havia alguém sentado sobre uma das mesas de piquenique, estreitando os olhos para encará-la de forma dura.

Melissa. E, pela expressão no rosto dela, era quase certo que ouvira cada uma das palavras que Ali e Ian tinham dito.

11

BANG, BANG, FAZ O AMOR

No dia seguinte, Ali se olhou no espelho de corpo inteiro no banheiro do Henry's Paintball and Laser Tag, um centro de entretenimento nos arredores de Rosewood. Nick marcara o primeiro encontro deles ali e, apesar de Ali não achar graça nenhuma em paintball, esperava realmente conquistar o rapaz que não quisera ficar com sua irmã gêmea. Até a humilhação de vestir aquele horroroso macacão azul de paintball valeria o esforço. Ali alisou o tecido estufado e amarrou por cima seu cinto J. Crew, tornando um pouco melhor o conjunto medonho.

– Ali? – alguém a chamou assim que deixou o banheiro.

O coração dela se apertou. Nick se apoiou no balcão de inscrição. Ele estava lindo apesar do macacão. Seus olhos azuis penetrantes olhavam para ela e apenas para ela. Covinhas apareceram nas pontas de seu sorriso. Ali foi na direção dele parecendo relaxada e tranquila, resistindo à vontade de gritar.

– Ei! – disse ela, sorrindo.

Nick gesticulou, mostrando a área de paintball, um campo de obstáculos com arbustos e trincheiras, cheio de lugares para se esconder.

– Está pronta?

– Estou, sim – respondeu Ali. Mas quando Nick deu a ela uma arma, ela hesitou. Era *enorme*.

Nick gargalhou.

– Você não precisa agir como uma menininha perto de mim. Eu me lembro de você mandando ver no dia do paintball no acampamento.

Ali segurou a arma contra o peito e se aprumou. Nunca jogara paintball na vida, mas Nick não podia saber disso. Espiou os outros garotos e garotas atirando de trás dos arbustos para marcar os inimigos. Saíra com uma quantidade suficiente de meninos para saber que havia dois times; o objetivo era capturar as bandeiras amarelas que estavam penduradas na cerca do outro lado do gramado. Aquilo não poderia ser tão difícil, certo?

– Vamos arrasar – declarou ela.

Enquanto andavam pelo campo, Nick se inclinou na direção dela.

– Então, o que está acontecendo no mundo de Alison DiLaurentis?

– Nada demais – respondeu ela quando se abaixaram atrás de um arbusto. Era difícil falar de sua vida sem esbarrar em coisas como sua última visita ao hospital psiquiátrico, por exemplo. – E você?

Nick espiou por cima do arbusto. Um menino passou correndo, mas também usava macacão azul.

Bolhas de tinta explodiram em sua direção vindas de todos os lados, e ele gemeu e cobriu a cabeça.

– Acabo de conseguir emprego em um restaurante francês no Shopping King James.

– Rive Gauche? – perguntou Ali entusiasmada. – Adoro aquele lugar! Agora vou ter que ir mais vezes.

– Espero que sim. – Os olhos de Nick cintilaram. Então ele a cutucou, brincalhão. – Claro que você conhece o Rive Gauche. Deve ser do tipo de menina que gosta de fazer compras, não é?

– Ah, eu gosto mesmo de fazer compras – disse Ali. – Mas não sou um *tipo* de menina.

– Não? – Nick ergueu uma sobrancelha. – No acampamento você era. As meninas do seu chalé pareciam fazer tudo o que você mandava.

– Talvez eu tenha mudado – provocou Ali. – Você mesmo disse que eu cresci.

Nick não parecia convencido.

– Então você não é a Senhorita Popular, o tipo de garota consigo-tudo-o-que-desejo, adoro-manicure-pedicure, tenho-um-enorme-grupo-de-amigos, e sou-tão-boa-em-tudo?

Ali espiou pelo arbusto, mas não havia ninguém à vista. Aquela era mesmo a imagem que esperava projetar, a Alison perfeita que precisava ser. Mas, de repente, queria que Nick soubesse que ela era mais que isso. Mais profunda.

– Para seu governo, não gosto de fazer as unhas – admitiu ela.

Nick arregalou os olhos.

– Que choque! – disse ele fingindo estar horrorizado. – Vou avisar a imprensa.

Ali chegou mais perto.

– E eu meio que gosto de assistir a partidas de futebol – sussurrou ela. – *E* de comer asinhas de frango, em vez de salada.

– Não!

Ela gargalhou.

– Também adoro animais.

– Ah, é? – Ele sorriu para ela. – Você tem algum?

Ali balançou a cabeça.

– Agora não. Mas tive um gerbil.

Nick pareceu surpreso.

– Você não parece o tipo que teria um gerbil.

Ali o cutucou.

– Aí está você supondo coisas de novo. – Ela apoiou a arma de paintball mais alto no ombro. – O nome da minha gerbil era Marshmallow. Ela era a melhor! Eu colocava enfeites no pelo dela, pintava as unhas e colocava laços em sua cabeça.

– Então tudo bem para você fazer as unhas de sua gerbil ainda que *você* não goste de fazê-las. – Nick estalou a língua. – Crueldade contra animais.

– Ela não parecia se importar – admitiu Ali, se sentindo chateada repentinamente. – Por um tempo, Marshmallow foi minha única amiga.

Nick bufou.

– Sim, certo.

Ali fechou a boca, percebendo que falara demais. Marshmallow fora sua única amiga porque fora seu animal de estimação em Radley. Fora um grande privilégio tê-la como seu bichinho, e Ali cuidava muito bem dela, dando carinho, garantindo que fizesse bastante exercício em sua rodinha, e colocando a gaiola bem ao lado de sua cama, porque ouvir o *tec-tec-tec* de suas unhas no meio da noite era reconfortante.

– Bem – disse Nick, chegando mais perto de Ali –, com sorte vou poder conhecer essa menina que definitivamente *não é* a Senhorita Perfeita.

– Eu gostaria disso – disse timidamente Ali. – E você? Algum segredo que eu deva saber?

Nick colocou o dedo no gatilho.

– Não mesmo. O que você vê é tudo o que há – disse ele, olhando nos olhos dela.

Ali estremeceu. Então, de repente, algo vermelho passou por seus olhos. Uma menina em um macacão vermelho ziguezagueou pelo campo. Ali saltou e mirou nela, disparando a arma de paintball como se realmente fosse o mestre de paintball do acampamento. A menina gritou e correu para se esconder.

Ali segurou a mão de Nick.

– Vamos! – Ela o puxou para o campo em direção às bandeiras. Projéteis de tinta cruzavam o ar na direção deles, vindos de todos os cantos. Ali se esquivou e gargalhou, conseguindo evitar todos os ataques. As bandeiras amarelas estavam próximas. Ela arrancou uma bandeira da cerca e deu um gritinho de satisfação. Nick, que estava bem atrás dela, ficou tão animado que a ergueu e rodou no ar.

– Você *realmente* arrasa no paintball! – gritou ele, com um sorriso largo. – Acho que você não mudou *tanto assim*.

– Acho que não – disse Ali quando ele a colocou no chão gentilmente, com o peito doendo por causa da corrida pelo campo. Mas junto de Nick, rindo feito louca, ela não notava a dor. *Sou a melhor Alison que já existiu*, pensou ela.

Ninguém, nem mesmo a Verdadeira Alison, poderia tomar seu lugar. Nunca.

12

SEGREDOS NO BECO

Alguns dias depois, Ali se sentou com as amigas no banco em frente à Pinkberry, na rua principal de Rosewood, a algumas quadras da escola. Do outro lado da rua, a placa de neon de Ferra's Cheesesteaks piscava. Mulheres de calça capri e grandes óculos de sol Chanel entravam e saíam do salão Aveda. Os sininhos na porta da Wordsmith's Books soavam alegremente. Tirando o ocasional fedor do escapamento dos carros que passavam, o mundo todo cheirava a flores da primavera e caramelo quente das coberturas de iogurte da Pinkberry.

– E então eu olhei pela janela e um dos pedreiros estava me encarando. – Ali estava contando às amigas sobre os homens que tinham ido cavar o buraco para o gazebo naquela manhã. – E aí ele *assobiou* pra mim! Quer dizer, ele era tão nojento quanto Toby Cavanaugh. Talvez até *mais nojento*. Eu fiquei me sentindo suja. E se eles tirassem fotos de mim?

Spencer soltou a colher em seu copo.

– Você devia ter fechado as cortinas se não queria que eles a vissem.

– Qual a diferença? – intrometeu-se Emily. – Esses sujeitos não podem fazer isso! Você deveria contar aos seus pais, Ali.

Ali levantou a mão para frear o assunto.

– Está bem. Eu consigo lidar com isso sozinha.

– Sério. – Emily estava respirando ofegante, o que sempre fazia quando ficava nervosa. – Isso é, tipo, assédio! Eles deviam contratar outras pessoas! Quer que *eu* conte a eles para você?

– Calma, Delegada – provocou Ali, usando seu apelido favorito para Emily. Certo, ela havia aumentado a verdade um pouquinho. Os pedreiros não tinham sequer olhado em sua direção naquela manhã, nem mesmo quando ela andou até o carro de Jason.

– Certo, meninas, vamos trocar – disse Ali às amigas, colocando a colher de plástico de volta em seu copo da Pinkberry e passando-o para Hanna, que estava à sua esquerda. Hanna deu o seu sorvete de iogurte de pistache para Emily, Emily deu o seu de manteiga de amendoim para Spencer, e Ali ficou com o de lichia com granulado de chocolate de Aria.

Ali deixou os sabores derreterem em sua língua, sentindo que tudo estava certo no mundo. Recebera três mensagens de Ian prometendo que Spencer receberia seu beijo em breve, mas também querendo saber quando seu beijo com *ela* aconteceria. Com sorte, passando o tempo, ele esqueceria, especialmente agora que as coisas estavam indo tão bem com Nick. Ainda estava curtindo o resultado de seu encontro incrível. Parte dela queria contar às amigas sobre isso, mas outra parte

queria manter Nick para si mesma por mais tempo. Ela nem havia escrito em seu diário sobre ele; ele era tão especial que Ali queria encontrar as palavras certas para descrevê-lo.

De repente, sentiu-se tão feliz que desejava compartilhar o sentimento. Apoiou a cabeça no ombro de Spencer.

– Então, meninas. Acho que todas nós devemos encontrar paixões incríveis para o verão. E depois transformar essas paixões em namorados.

Hanna parecia animada.

– Estou dentro! Eu quero Sean!

– Ótimo! – Ali sorriu. – E você, Spencer? Está a fim de alguém? – Ela não sabia quando Ian faria sua tentativa, mas quanto antes, melhor.

Spencer pareceu ficar sem graça e lançou a ela um olhar de *Por favor, não conte a ninguém.*

– Hã... *não*. – Ela enfiou sua colher no sorvete e levou avidamente uma colherada à boca.

– Bem, *eu* tenho uma paixão – disse Aria orgulhosa quando Spencer não respondeu.

– Nós sabemos, nós sabemos. – Emily bateu nela brincalhona. – Por Noel. Você nos contou só umas cinquenta vezes.

– Sim, e nós nos encontramos semana passada – disse Aria animadamente.

Ali escondeu a boca no guardanapo.

– Que tal eu convidá-lo para sair para você? – perguntou ela, sentindo-se generosa.

Os olhos de Aria se arregalaram.

– O que você *diria*?

– Eu diria que você é a menina mais incrível do mundo.

Aria riu.

– E ele *acreditaria* em você?

– Claro, Aria. Noel me escuta. No que eu disser, ele acredita. Posso convencê-lo que você é a única menina que serve para ele. – Ela olhou em volta para as outras. – Digam a ela, meninas. Digam que posso convencê-lo de que Aria é incrível.

– Ela pode – disse Emily. Claro que Emily foi a primeira a concordar.

– É verdade – assentiu Hanna.

Até Spencer deu de ombros, relutante. Aria girou sua colher em torno do sorvete que derretia rapidamente.

– Você faria mesmo isso por mim, Ali? Qual é a pegadinha?

– Sem pegadinha. – Ali bagunçou os cachinhos que ela ajudara a fazer em Aria naquela manhã antes da aula. – Só quero que você seja feliz. – *Tão feliz quanto eu.*

– Você é incrível. – Aria deu um grande abraço em Ali.

Depois que as meninas acabaram suas sobremesas, Spencer anunciou que deveria ir ao Rosewood Memorial Hospital, onde era enfermeira voluntária. A mãe de Hanna a esperava na Starbucks ali perto. Emily e Aria montaram em suas bicicletas e foram para casa também. Ali jogou seu copo de iogurte no lixo e foi na direção da livraria Wordsmith, mas viu o carro de Jason estacionado em uma zona onde era proibido parar. Pela primeira vez ele tinha chegado no horário.

– Você se importa de pararmos na papelaria Kinko em Hollis antes de irmos para casa? – perguntou Jason quando Ali entrou no carro. – Tenho que fazer uma cópia do meu histórico escolar para a faculdade. – Então ele a viu no banco de trás. – Venha para o banco da frente! Não sou seu motorista!

Ali resmungou, então entrou no banco da frente no semáforo seguinte e colocou o cinto de segurança.

– Por que você precisa fazer uma cópia do seu histórico para Yale? – perguntou ela.

– Porque tem minhas notas finais – respondeu Jason. – Yale pede os históricos dos alunos para se certificar de que vale a pena admiti-los.

Ali franziu o nariz.

– Pensei que você já tivesse entrado.

– Isso garante que o pessoal que foi aceito não enfie o pé na jaca no último semestre do ensino médio – disse Jason, apertando o acelerador quando o semáforo ficou verde.

Ali fechou os olhos e pensou sobre seu irmão indo para a faculdade. Costumava ser uma das coisas sobre as quais eles conversavam quando ele a visitava na Radley. Jason queria se formar em Ciências Políticas e depois se tornar advogado especializado em casos de emancipação de crianças. *Eu deveria me emancipar de mamãe e papai* – dissera ela com tristeza. *Então talvez eu pudesse sair deste lugar*. Jason murmurara concordando.

Seguiam calados no carro quando passaram pela placa de letras arredondadas da Universidade de Hollis. Havia muitos prédios velhos de tijolos no campus, uma torre de relógio tipo Big Ben e uma grande arena que abrigava a pista de hóquei no gelo e os ringues de esgrima, os únicos esportes da 1ª divisão de Hollis. Passaram por um bar chamado Snooker's, que tinha uma lousa na entrada listando a agenda semanal de Phillies. Quando Jason virou à esquerda, seguindo por uma rua cheia de bares de estudantes e tabacarias, ele deu uma olhada em Ali.

– Posso fazer uma pergunta?

Ali deu de ombros.

– Depende da pergunta.

Jason deu um gole grande em sua garrafa de água.

– Eu sei que Courtney estava no banheiro com você antes de sairmos do hospital. Ela disse

alguma coisa?

O sorriso esvaeceu dos lábios de Ali. Ela pensava que ninguém havia visto *Courtney* entrar no banheiro. Quando ela saiu de lá, o vestíbulo estava vazio, Jason e os outros esperavam na entrada. Era possível que Jason tivesse ouvido o que sua irmã gêmea dissera?

– Eu a vi sair depois de você – disse Jason, como que lendo sua mente. – Correu tudo bem?

Ali mexeu em sua pulseira.

– Tudo bem. Falamos de coisas bobas.

– Tem certeza?

Ali piscou.

– Por que eu não teria certeza?

– Não sei. – Jason ergueu as mãos na defensiva. – Só estou perguntando.

Ali umedeceu os lábios e considerou contar a ele como a Ali verdadeira a ameaçara, mas então as palavras ecoaram em sua mente. *Por favor, não me faça ser internada de novo*, ela havia implorado, basicamente admitindo tudo que ela fizera.

Jason parou junto a uma faixa de pedestres para deixar os alunos atravessarem.

– Você acha que Courtney está diferente?

Ali se encolheu.

– Diferente como?

– Mais feliz, acho. Não parece ela mesma.

Ali se sentia irrequieta.

– Alguém sabe quem Courtney realmente é? Ela é louca.

– Eu sei quem ela é.

Não, não sabe, pensou Ali com um toque de raiva. *Você não sabe de nada.*

Jason estacionou na frente da Kinko.

– Sei que você nunca entendeu por que eu a visitava todos esses anos na Radley – disse ele baixinho. – Eu achava que ela precisava de um amigo, sabe?

– Então por que você parou de visitá-la na nova clínica? – Era uma pergunta que Ali nunca fizera a ele.

Jason passou o dedo sobre o chaveiro prateado da BMW.

– Eu não queria parar de visitá-la no começo. Só estava sem tempo, com todos os trabalhos da escola. Mas, nas vezes que eu a visitei, ela parecia tão... *estranha*. – Ele engoliu em seco, depois olhou para ela. – Ela me disse algumas coisas esquisitas sobre você.

Ali sentiu o estômago revirar.

– Ela só está enciumada, doida.

Jason não pareceu convencido.

– Por um tempo, achei que algumas das coisas que ela havia contado eram verdade.

Ali tentou impedir que suas mãos tremessem.

– Ela está mentindo.

Jason abriu a boca, depois a fechou de novo. Ele olhou firme para ela, como que tentando memorizar cada sarda, cada cílio em seu rosto.

– Você alguma vez quis poder voltar no tempo e mudar o que fez?

As palavras atingiram Ali como uma estaca de gelo em seu coração. *O que você fez.* Mas ele quis dizer o que *Ali* fez.... com *Courtney*. Certo? Não o contrário.

– Eu não fiz nada – respondeu irritada.

Jason manteve os olhos na estrada.

– *Todos* nós fizemos coisas que poderíamos ter feito de maneira diferente. Podíamos tê-la ajudado. Deveríamos ter sido mais unidos.

– Não é assim que vejo – disse firmemente Ali. – Ela é uma louca. Precisa ficar presa. Fim da história.

Jason mordeu seu lábio inferior e não disse nada. Depois de um instante, deixou o carro e caminhou calmamente para dentro da Kinko. Ali viu a porta abrir e fechar, sentindo-se péssima. O carro parecia encolher com ela dentro e, de repente, ela se sentiu apertada em um assento que não podia mais acomodá-la.

Ali abriu a porta, sem forças, e cambaleou na rua. Carros e caminhões passaram zunindo pela avenida movimentada. Os alunos passavam depressa por ela, segurando copos de café de Starbucks e livros. A torre do relógio bateu quatro badaladas. Ali deu alguns passos cuidadosos pela calçada, tentando se equilibrar de novo.

Andou até o fim do quarteirão e estudou os adesivos com logotipos de skate que alguém grudara em uma placa de trânsito. Então, uma gargalhada cantada soou pela esquina. Ali virou e escutou atentamente. De novo o riso. Vinha do beco.

Ela enfiou a cabeça em uma rua estreita entre dois prédios universitários. Lia-se ESTE ESPAÇO É RESERVADO PARA FUNCIONÁRIOS DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA na placa em frente a uma vaga de estacionamento. Um Subaru estava na vaga, sua janela um pouco aberta, duas pessoas dentro. Uma delas tinha um rabo de cavalo louro e um sorriso intenso de menina de faculdade. A outra, no assento do motorista, tinha um rosto enrugado e cabelo selvagem, estilo professor.

Ali ficou rígida, reconhecendo os adesivos de PATERNIDADE PLANEJADA e GENTILEZA GERA GENTILEZA no para-choque do Subaru. Havia um amassado no para-lama também, aquele que a mãe de Aria fez quando atropelou uma pedra decorativa na frente da casa de Ali.

Era o pai de Aria dentro do carro. Mas a outra, a menina de rabo de cavalo, definitivamente *não* era sua esposa.

– Adoro essas sessões depois da aula – disse ele.

– Eu também – concordou a menina fazendo beicinho. – Mas odeio ter que espremê-las nas terças-feiras às quatro da tarde.

O sr. Montgomery tocou o rosto dela.

– Este é o único horário que nós dois estamos por aqui.

A menina suspirou.

– Eu sei, eu sei, mas...

O sr. Montgomery colocou o dedo sobre os próprios lábios para silenciá-la. Então, ergueu o queixo dela e trouxe seu rosto em direção ao dele. Ali se agachou atrás da parede de tijolos quando o pai de Aria passou as mãos pelo cabelo da menina. A menina puxou o pai de Aria para perto e beijou seu pescoço.

– Ali?

As duas cabeças de distanciaram. Ali se virou depressa. Jason estava parado atrás dela, uma sacola plástica da Kinko na mão.

– Está pronta? – perguntou ele.

Ali piscou com força. Ouviu-se um som de motor.

– Ah... – disse ela, enfiando a cabeça no beco de novo.

O beco estava vazio agora. Só havia uma nuvem de fumaça lá, como se o sr. Montgomery e o que ele fizera dentro do carro nunca tivessem existido.

Mas Ali sabia muito bem o que tinha visto.

13

DRA. ALISON, A SEU DISPOR

Ali foi até a porta da frente de Hanna e tocou a campainha. As notas de abertura da *Quinta Sinfonia* de Beethoven soaram, depois tudo ficou em silêncio. Mas Ali sabia que Hanna estava em casa. Ela enviara uma mensagem alguns minutos atrás.

Ali se virou e olhou para o enorme jardim de Hanna, elegantemente podado. Sempre gostara mais da casa de Hanna, porque ficava sozinha em uma rua reclusa no topo de Mount Kale, que era logo depois de Rosewood. Havia muitas árvores por ali e o bairro não tinha aquela atmosfera suburbana de todo-mundo-se-metendo-na-vida-de-todo-mundo que o bairro de Ali e outros bairros de Rosewood tinham. Frequentemente, quando dormia lá, via veados no jardim da frente pela manhã, e era escuro o suficiente na montanha para que conseguissem enxergar milhares de estrelas à noite.

Hanna abriu a porta. Seu cabelo castanho estava caído sobre o rosto, seus olhos estavam vermelhos por trás dos óculos, e em sua camisa havia migalhas com a cor laranja brilhante de Doritos. Atrás de Hanna, Ali viu um monte de embalagens abertas de bolinhos na mesa de centro. Havia um pacote de pipoca de queijo vazio no chão. Um pão doce estava em um prato, banhado em uma piscina de creme de leite.

Ali olhou fixamente para aquelas migalhas. Por muito tempo, ela se perguntara por que Hanna comia daquele jeito, enfiando porções enormes de Doritos na boca como se houvessem anunciado que não iam mais fabricá-los. Ali costumava fazer as meninas tirarem sarro dela, *Não é um campeonato para ver quem come mais, Hanna!,* e *Cuidado, seus dentes vão ficar alaranjados, Hanna!*, esse tipo de coisa. Mas isso foi antes de irem para Annapolis alguns meses atrás, quando ela viu o que Hanna fez com a escova de dentes de Kate.

– Ah, oi – Hanna disse sem ânimo. Ela deixou Ali entrar e digitou o código do alarme que já estava bipando. Quando a mãe de Hanna não estava em casa, ou seja, sempre, já que ela era uma executiva importante, Hanna tinha que deixar o alarme ligado o tempo todo.

– O que aconteceu? – perguntou Ali.

– Nada – disse Hanna, sem olhar nos olhos de Ali. Então ela olhou para a caneca de café com o focinho de um Dobermann nas próprias mãos, sua expressão era uma mistura de dor e tristeza. Seu pai costumava usar essa caneca, mas o sr. Marin se mudara meses atrás.

– Você falou com Aria? – perguntou Ali.

– Não... – A cabeça de Hanna se ergueu num instante. – Por quê? Está acontecendo alguma coisa com ela?

Ali passou a língua nos dentes. Tudo que ela conseguia pensar, desde que aquilo acontecera, era no que vira o pai de Aria fazer em Hollis. Aria sabia? Era por isso que estava agindo de modo tão estranho ultimamente? Ela não contara a Ali o que estava acontecendo, mas e se ela tivesse contado a uma das outras? Hanna seria uma boa escolha, seus pais tinham se divorciado no ano anterior.

Mas Hanna parecia genuinamente não saber de nada, então Ali notou que Aria não contara a ela. Talvez ela não devesse dizer nada. Uma coisa era Ali falar pelas costas de Aria sobre um segredo que ela já revelara, mas talvez fosse bem diferente contar a Hanna algo que ela ainda não sabia. Além disso, saber algo tão terrível sobre a família de Aria fazia Ali se sentir poderosa.

– Ah... esquece – murmurou Ali. – Mas você obviamente não está bem. O que está acontecendo?

Hanna afundou em uma cadeira na sala de jantar. Os enfeites haviam sido postos de lado, e seu livro de história estava aberto no capítulo que cairia na prova delas amanhã. Ela deu um suspiro torturado.

– Meu pai me mandou fotos dele com Kate e Isabel no feriado de primavera.

Ali piscou, esperando Hanna continuar. Isabel era a nova namorada de seu pai, e Kate era a linda filha dela. Ali as conhecera em Annapolis.

Ela estava prestes a perguntar a Hanna qual era o grande drama, mas, de repente, lembrou-se de que era a Nova Ali, a menina que afogava as amigas em gentilezas. Kate era definitivamente um assunto penoso para Hanna. Embora Hanna raramente mencionasse isso, o sr. Marin tinha ido embora para Annapolis e dado a guarda da filha para a mãe de Hanna. Era surpreendente porque Hanna e seu pai sempre foram muito unidos antes dele ir embora. Eles cantavam músicas dos Beatles no banco da frente durante as caronas, tentando fazer as outras meninas cantarem também. Não importava quantas vezes Ali falava que Hanna estava sendo bebezona, eles ainda falavam de um amigo imaginário chamado Cornelius Maximilian durante o jantar. E uma vez, quando o sr. Marin levara Ali e Hanna para passar o dia na praia, parecia que Hanna preferia ficar com o pai a escapar para o píer com Ali e conversar com meninos. *Esquisitona*.

O sr. Marin era tão diferente do pai de Ali, que colocava um terno todos os dias e ia trabalhar e conversava com a família durante as refeições, mas fora isso ficava escondido em seu escritório. Ali nunca contaria a Hanna, mas ela se sentira um pouco aliviada quando o pai da amiga foi embora. Hanna não tinha mais aquela coisa cintilante e especial em sua vida, que lá no fundo Ali invejava.

Agora Hanna estava preocupada que Kate houvesse tomado seu lugar. Ali se oferecera para ir a Annapolis com ela, prometendo que elas iriam desbancar Kate e fazê-la se sentir pequena e burra. O único problema tinha sido que, quando chegaram lá, algo em Ali mudara. Kate parecia tipo... *legal*, muito parecida com ela na verdade. Talvez Hanna tivesse simplesmente de aprender a conviver com ela. Mas, em vez disso, Hanna *comera* toda sua frustração, enfiando na boca todos os lanchinhos que

Isabel servira para elas. Ali nunca vira Hanna enfiar comida goela abaixo tão compulsivamente e, ainda assim, parecera surpresa quando seu pai a chamou de "porquinha". Quando Ali havia seguido Hanna ao banheiro e abrira a porta, vira Hanna debruçada sobre a privada, uma escova de dentes verde na mão. Hanna implorara a Ali para não contar a ninguém, e, até agora, Ali não contara.

Ela tocou a mão de Hanna.

– Dói mesmo ver todos eles de férias, não é?

Uma expressão de choque cruzou o rosto de Hanna, seguido de um olhar de gratidão.

– Um pouco. – Ela respirou fundo. – E, quer dizer, você viu Kate.

Ali assentiu.

– Ela foi muito legal, Han, apesar de tudo.

Hanna pareceu magoada.

– Talvez ela tenha sido, não sei. Mas Kate está usando um daqueles biquínis que entram no traseiro. Meu pai não me deixaria usar um desses.

Você não ficaria bem em um desses, pensou Ali, mas não se atreveu a dizer. Kate era magra, o tipo de menina que podia expor um pouco do traseiro e enlouquecer os meninos. Ainda que Hanna não fosse gorda, ela não podia pegar um jeans numa loja e comprar sem experimentar. E ela tinha consciência disso, pois estava sempre beliscando o excesso de carne em sua barriga, sempre olhando em volta para as outras meninas no vestiário com inveja, sempre a última a tirar a camiseta no clube ou na praia.

O olhar de Ali vagou para os restos de comida na mesa de centro.

– Comer feito uma descontrolada não é a resposta, Han.

Hanna balançou a cabeça vigorosamente.

– *Não.* Eu só fiz aquilo uma vez, Ali. Juro. Uma parte dessa comida foi minha mãe que deixou por aqui, ontem à noite.

Ali cruzou os braços sobre o peito. Aquilo era uma baita mentira, a mãe de Hanna era magra como uma tábua, fazia yoga religiosamente e seguia uma dieta macrobiótica.

– Você pode me falar, Han. Você passou por muita coisa nos últimos tempos. Cassie me contou sobre uma amiga que comia compulsivamente, ela fazia isso procurando algum controle sobre a própria vida.

Hanna desviou o olhar e brincou com a caneta.

– Estou bem, Ali. Não tenho problemas.

Ali sentiu a irritação aumentar dentro dela. Não era boa o suficiente para ser confidente de Hanna? Ela olhou Hanna nos olhos, esperando que ela admitisse a verdade, mas Hanna só mexeu nas borlas de seus mocassins. Ali fez um gesto vago.

– Muito bem – disse Ali bruscamente. – Você não tem problemas.

– Você não contou a ninguém sobre Annapolis, contou? – perguntou Hanna repentinamente.

Um sorriso misterioso se espalhou pelos lábios de Ali. Esperou um pouco, observando o pânico inundar o rosto de Hanna. Então, apertou a mão de Hanna com força.

– Claro que não, boba. Meus lábios estão selados, juro.

O celular de Ali tocou. Ela desviou o olhar do de Hanna e o pegou em sua bolsa. *Número desconhecido*, estava escrito na tela. Ali fez uma careta e atendeu.

Tudo o que podia ouvir do outro lado era uma respiração.

– Alô? – disse Ali. – *Alô?*

Hanna franziu a testa sem tirar os olhos de Ali. Ali virou de costas, o coração disparado. Foi tomada de repente por uma sensação horrível sobre quem poderia ser a pessoa do outro lado da linha.

– Alô? – disse ela uma vez mais, andando pelo vestíbulo. Mais respiração. – É você? – sussurrou ela, imaginando a irmã sentada em um daqueles horríveis sofás da clínica, sorrindo ao telefone. Mas os pacientes não tinham permissão para fazer ligações, certo? Eles teriam mudado as regras? Ou ela estava fora, em uma de suas visitas "supervisionadas"?

Houve uma fungadela do outro lado da linha, seguida de um *clique*. Ali olhou para o relógio piscando na tela até que sua vista nublou.

– Ali?

Ela pulou e se virou. Hanna estava parada no fundo do vestíbulo, um saco de batata frita nas mãos.

– Está tudo bem? Quem era?

Ali olhou para a tela do celular, preocupada por um breve momento que Hanna pudesse saber de tudo. Então ela se endireitou e colocou o cabelo atrás do ombro.

– Só um trote estúpido – disse ela despreocupadamente. – Provavelmente alguém que tem uma paixonite por mim.

– Oh, sem dúvida – disse Hanna sorrindo.

Ali andou para a televisão e a ligou, tentando esquecer o que acabara de acontecer. Hanna se sentou ao lado dela, provavelmente aliviada por deixar a conversa de lado também. Mas conforme zapeavam pelos canais, tudo que Ali podia ver era a si mesma deitada em uma cama de hospital na clínica Preserve. Amarrada, como eles costumavam fazer em Radley com as meninas que ficavam muito agitadas.

Sei muito bem o que você esteve fazendo, a voz de sua irmã ecoava em sua mente. *Vá se despedindo de sua vidinha.*

14

UMA VERDADE INDESEJADA

No dia seguinte, as meninas passearam pelos corredores da Saks. A loja era iluminada com muito bom gosto por luzes embutidas nas peças assinadas, e as paredes eram pintadas com listras brancas e pretas. Música dance tocava nos alto-falantes embutidos, e vendedoras magras e bonitas deslizavam pela loja com sorrisos em seus rostos. Mas o que Ali mais gostava na Saks era que ela sempre cheirava como se estivessem dentro de uma fábrica de perfume. Nenhuma outra loja de departamento cheirava assim.

Hanna pegou uma bolsa de matelassê da Chanel de uma prateleira.

– Esta. Definitivamente. – As meninas estavam fazendo seu jogo favorito: *O Que Você Compraria Se Tivesse Todo o Dinheiro do Mundo?*

– Mesmo? – Ali fez uma careta. – Ela é tão estilo vovozinha.

Hanna ficou horrorizada e a largou.

– Uh, peguei a errada. Quis dizer esta. – Ela mostrou a ela uma Louis Vuitton vermelha. Ali assentiu e Hanna sorriu aliviada.

– Eu gosto desta – disse Emily, segurando uma mochila Chloé. – Você não consegue me imaginar com uma dessas na escola?

– É linda – disse Ali, suspirando. – Queria ter visto primeiro.

Emily empurrou a mochila na direção dela.

– Você fica com ela. Escolho outra coisa.

Ali revirou os olhos.

– É só um *jogo*, Emily. – Ela escolheu uma mochila Dior da parede. – Vou me virar com esta.

– Posso ajudá-las, meninas? – perguntou uma vendedora atrás delas. Ela ergueu uma sobrancelha ao ver as peças de luxo nas mãos das garotas. Ali olhou para as outras, e elas desataram a rir, então largaram tudo e foram embora.

– Vamos para a Contemporary – anunciou Ali. – Quero gastar dinheiro de verdade hoje.

Elas se enfileiraram na escada rolante e olharam para seus reflexos nas paredes espelhadas. Ali estava usando jeans justo e uma blusa rosa soltinha que vira na capa da *Teen Vogue*. Aria colocara uma faixa azul no cabelo e vestia uma blusa de lantejoulas prateadas, calça boca de sino e uma desajeitada sandália plataforma. Hanna usava um lindo minivestido French Connection, que era, infelizmente, pequeno demais para ela. Spencer parecia demais que tinha saído de alguma escola particular cara, com seu vestido de tênis Lacoste e sapatilhas Tory Burch, enquanto Emily usava a

roupa que era praticamente o seu uniforme, jeans largo e uma camisa azul. Ali fez uma anotação mental de convencer a amiga a comprar alguma roupa bonitinha.

Ao chegarem à Contemporary, Ali vislumbrou uma garota magra de cabelos platinados perto dos vestidos e congelou. Era Iris, a antiga colega de quarto de sua irmã no Preserve. Ela estava com outras duas meninas da idade dela e, quando viu Ali, um sorriso malicioso se espalhou em seu rosto. Ela agitou os dedos num aceno ameaçador.

Emily franziu o cenho.

– Você a conhece?

– Não – disse Ali, guiando as amigas pelas araras de peças em liquidação, para bem longe dali.

Ali respirou fundo conforme elas iam em direção aos jeans. *Não importa que ela esteja aqui,* disse ela para si mesma. *Ela não dirá nada sobre a clínica. Provavelmente não quer que as meninas que estão com ela saibam que ela é completamente louca.*

Ali fixou o olhar na arara de jeans, fingindo que Iris não estava ali. Aria, Emily e Spencer se espalharam, e logo todas as cinco estavam escolhendo jeans justos e de boca larga nos seus tamanhos, em cores escuras e claras. Em seguida, foram para os provadores, espremendo-se todas em um só, antes que a vendedora gritasse:

– Apenas uma menina por provador, por favor.

A meio caminho de uma quantidade enorme de roupas para provar, Ali se olhou no espelho de três faces; então percebeu Emily sentada no sofá no final do corredor do provador com um olhar distante, pensativo. Ela parou.

– Por que você não está provando nada, Em?

Emily balançou a cabeça.

– Essas roupas são muito caras. Meus pais morreriam se vissem os preços.

– Nós vamos fazer uma vaquinha e comprar algo para você – ofereceu Ali.

Mas Emily parecia estar num mundo paralelo, simplesmente oferecendo a Ali um sorriso vago e um dar de ombros.

– Vou só olhar vocês experimentarem as coisas. Não me importo.

De repente, Ali se animou, um pensamento se formando em sua cabeça. Ela se acomodou na beirada do sofá.

– Aconteceu algo entre você e aquele rapaz? – perguntou ela animadamente.

Emily franziu o cenho.

– Que rapaz?

Ali a cutucou gentilmente.

– Você sabe! Sua paixão, *boba*!

– Ah. – A boca de Emily se retorceu. – Não. Nada mudou.

– Você vai me dizer quem ele é? – perguntou Ali.

– Quem é *quem*? – perguntou Aria, saindo de outro provador usando uma calça de veludo cotelê. – Você gosta de alguém, Em? *Quem?*

Emily desviou os olhos, parecendo em pânico. De repente, ela fez Ali se lembrar da gata, Kiki, que sua família tivera quando ela ainda morava em casa. Sempre que tentavam acuar Kiki no canto para levá-la ao veterinário, ela arqueava as costas e arregalava os olhos do mesmo jeito que Emily estava fazendo agora.

– Ah...

– É aquele rapaz da natação? – perguntou Spencer. – Como era o nome dele... Ben? Ele é tão bonitinho.

– Eu acho que ela deve gostar de Kenneth Griggs, da minha turma de artes – disse Aria.

– Ele é lindo! – disse Hanna saindo de um provador. – Vocês dois iam ficar incríveis juntos!

– Não é Ben – disse Emily baixinho. – Nem Kenneth.

De repente Ali soube o que precisava fazer.

– Pessoal, se Em não quer nos contar ainda, então precisamos dar tempo a ela.

As meninas assentiram e voltaram aos seus provadores. Depois que as portas fecharam, Ali segurou a mão de Emily e a puxou para a área de calçados.

– Desculpe elas terem ouvido. Mas você pode *me* contar, certo?

A expressão de Emily dava a entender que ela queria muito fazer xixi, mas estava segurando.

– Acho que não.

Uma onda de dor atravessou o corpo de Ali. Por que ela não era boa o suficiente para saber? Ela disfarçou sua decepção fazendo uma cara séria.

– Não entendo. Por que isso é tão importante?

Emily parou e olhou para os tamancos na parede. Enquanto Ali esperava, sentiu que alguém a observava. Do outro lado do recinto, Iris estava encostada a uma arara de blazers com os olhos fixos em Ali, um estranho sorriso no rosto. Ali engoliu em seco e se virou para outro lado.

– Por favor, Em? – pediu Ali suavemente. – Talvez eu possa ajudar. É alguém que seus pais não aprovariam? Alguém mais velho?

O rosto grande e sardento de Emily se avermelhou. Ela balançou a cabeça.

Irritada, Ali tentou um esforço desesperado.

– Você conhece minha amiga Cassie? Ela me pediu para ser sua melhor amiga. E estou pensando sobre isso.

Emily piscou com a mudança de assunto.

– Mesmo? – perguntou ela, parecendo triste.

– Eu não ia topar, mas se você não confia em mim, então talvez nós não sejamos tão próximas quanto pensei – disse Ali.

Os olhos de Emily ficaram cheios de lágrimas.

– Não posso – sussurrou ela. E então, engolindo em seco, ela passou por baixo da arara de sapatos Jimmy Choos e correu.

– Emily! – gritou Ali, correndo atrás dela.

Emily atravessou correndo o setor de cremes para pele, e Ali a perdeu perto do balcão de maquiagens. Ela procurou pela cabeça louro-avermelhada nos Acessórios e Roupas Masculinas, mas Emily não estava em lugar algum. Então, Ali viu uma placa pequena, discreta, que indicava o banheiro feminino alguns metros mais abaixo, e foi para lá.

Lá dentro, ouvia-se o som suave de música clássica. O local cheirava a rosas e tinha uma pequena cesta na pia contendo spray de cabelo, gel, desodorante, absorventes internos e balas de caramelo. A menina que entregava as toalhas, apoiada na pia, digitava em seu celular e sorriu para Ali. Um par de tênis estava visível debaixo da porta da cabine. Emily.

Ali viu uma mochila de brim familiar sobre o balcão. Não conseguia lembrar quantas vezes ela dissera a Emily que não era bacana carregar uma mochila por aí, mas Emily sempre dizia que combinava muito bem com seus ombros de nadadora. A aba estava aberta e alguns de seus cadernos tinham ficado para fora. Os rabiscos que Emily tanto gostava de desenhar estavam visíveis na capa.

Ali olhou para os pés debaixo da cabine, então para a mochila de novo. Parecia que Emily havia deixado a mochila para Ali achar.

Quando a menina da toalha virou as costas, ela puxou a mochila em direção a ela e tirou o caderno de cima. *Equipe de Natação Main Line!*, Emily escrevera com sua letra em formato de bolhas na capa. Era o nome de sua equipe de natação. Abaixo do nome da equipe, ela listara os nomes das meninas de seu time campeão estadual de revezamento. Perto disso, desenhos do cão da série *Uma família da pesada*, que Emily não tinha permissão para assistir em casa, e um grande coração vermelho com a letra *A* no centro.

A, pensou Ali, animada. Ela estava no caminho certo.

Ali ergueu a capa de papelão do caderno e olhou a primeira página, mas não havia nada escrito ali. Virou as páginas de papel pautado, mas só havia anotações do teorema de Pitágoras e pequenos diagramas geométricos. Houve um barulho de papel higiênico sendo puxado do rolo, e Ali ficou paralisada e ergueu os olhos. Os pés de Emily se moveram debaixo da cabine. Ela deu uma fungada alta, como se estivesse chorando.

O nome de quem começava com *A*? Andrew Campbell? Austin Chang? Aquele veterano gostoso,

Aaron Gearheart?

Oh, Deus, é Aaron Gearheart, pensou Ali, sentindo um frio na barriga. Aaron namorava meninas de Hollis, dizia-se que ele havia engravidado alguém. Garotas como Emily eram seu café da manhã.

Ela passou mais páginas, esperando que não fosse Aaron. Quando chegou à última página do caderno, viu um pequeno coração no canto. Era de fato tão pequeno que Ali só conseguiu ler o que estava escrito nele ao aproximar o rosto e apertar os olhos.

Eu amo Ali.

15

PARQUES NÃO SÃO SÓ PARA CRIANÇAS

Na tarde seguinte, Ali estava parada na porta do Rive Gauche. No balcão, os atendentes usavam camisas muito brancas e andavam para lá e para cá servindo bebidas e limpando taças. Uma garçonete passou quase correndo por ela com uma terrina de fondue que exalava um cheiro delicioso. Algumas meninas da escola ocupavam uma das mesas, inclusive Melissa Hastings, que olhava feio para Ali. Ali esticou o pescoço, procurando por Nick. Ele estava trabalhando naquele dia e pedira que ela chegasse na hora do intervalo, mas ela não o via em lugar algum.

Ela estava tão feliz por ele ter mandado a mensagem. De alguma forma, precisava vê-lo, *precisava* confirmar para o mundo que gostava de *um menino*. Encontrar aquele coração no caderno de Emily a abalara profundamente. Ali havia largado o caderno e deixado o banheiro tão rápido quanto conseguiu, balbuciando uma desculpa esfarrapada para Spencer e as outras e implorando a Jason para buscá-la imediatamente. Como ela não tinha percebido os sentimentos de Emily? Todas aquelas vezes Emily a defendera, todos os elogios que fizera... No dia anterior, Emily estava contente apenas por sentar no sofá na área dos provadores e assistir enquanto Ali desfilava com seus novos jeans em frente ao espelho de três faces. Ali se trocara na frente dela um zilhão de vezes, sem pensar no que fazia. Isso explicava a atenção de Emily ao ver Ali dançando a coreografia sexy da música de Justin Timberlake algumas semanas atrás. E ela havia deixado escapar um pequeno suspiro de satisfação quando Ali terminara, como se fosse sonhar com Ali mais tarde naquela noite...

Ali não sabia ao certo como lidar com isso. Emily estava realmente apavorada de falar sobre seus sentimentos. Ela provavelmente sabia que Ali diria não sentir o mesmo e que a amizade delas estava acabada. Mas Emily era uma amiga muito valiosa: era muito fácil falar com ela e, mais que isso, ela era tão *fácil de controlar*. Emily faria qualquer coisa que Ali pedisse. Ela nunca encontraria uma seguidora como Emily.

– Terra para Alison?

Ali olhou para cima e viu Nick na porta, usando a camisa branca e a calça preta que eram o uniforme do Rive Gauche.

– Ei! – disse ela, com um grande sorriso. Só estar com ele de novo a deixou tão relaxada que era como se tivesse entrado em uma banheira quente.

Um bipe soou, e Nick olhou para seu celular. Depois de observar a tela por um momento, ele o colocou no bolso da calça.

– Então... – disse ele sorrindo, seus olhos azuis brilhantes e claros. – Quer ir ao carrossel

comigo?

Ali quase riu.

– Você está falando sério? Aquele no parque de diversão no fim do corredor?

Nick deu um sorriso sarcástico.

– Por quê? Você é adulta demais para andar no carrossel?

Normalmente, Ali teria dito sim, mas algo na ideia de andar de carrossel com Nick parecia divertido.

– Vou se você for – desafiou ela.

– Muito bem. – Uma faísca a percorreu quando Nick tomou sua mão. Juntos, eles saíram do restaurante e andaram pelo longo corredor, passando por várias lojas, incluindo a Woof, uma luxuosa loja de animais. Assim que tomou o lugar da irmã em Rosewood, Ali passara horas ali, admirando os cobertores de cashmere, roupinhas de couro e petiscos orgânicos, ainda que sua família não tivesse um animal de estimação. *Rosewood é um lugar onde mesmo os* cães *precisam usar as roupas certas,* pensara ela.

Nick olhou para a loja.

– Você gosta mais de cães ou de gatos?

– Gosto de gerbils, não se lembra? – provocou Ali. – Mas acho que escolheria um gato em vez de um cão.

– Isso quer dizer que você é reservada e misteriosa – disse Nick.

– Ou que não gosto de baba de cachorro – especificou Ali.

– Ou que você não gosta de cães montando em tudo que se move.

Ali desatou a rir.

Eles passaram pela Chanel, Bloomingdale's e por uma loja chique de roupas infantis, enquanto conversavam sobre escola, lição de casa e o novo emprego de Nick. Ele lhe contou que uma mulher que poderia ser sua mãe dera em cima dele naquela tarde.

– Foi muito esquisito – admitiu ele. Então olhou para ela. – Você já saiu com alguém mais velho?

Ali pensou em Ian, depois em seu jogo com Spencer de beijar quantos meninos mais velhos pudessem. Ela beijara alguns meninos do oitavo ano, e uma vez até um garoto do nono ano, mas foram apenas beijos, nada mais.

– Na verdade, não – admitiu ela. – Você já?

– Para ser sincero, eu não saí com muitas pessoas. Eu só tive uma namorada, e ela... – Ele ficou calado. – Não deu certo.

– Você está brincando – falou Ali. – Pensei que as meninas ficassem todas em cima de você.

– Não encontrei a menina certa, acho. – Ele voltou os olhos azuis profundos para Ali e parecia

prestes a dizer algo, mas então fechou a boca.

– O quê? – perguntou Ali, com o coração disparado.

Uma vermelhidão subiu pelo pescoço de Nick. Ali esperou, uma sensação vibrante de ansiedade misturada com animação a deixou tonta. Mas então alguém esbarrou em sua bolsa e algumas de suas fotos Polaroides, que ficavam no bolso da frente, espalharam-se pelo chão. Ali ergueu os olhos e viu uma menina de cabelo louro curto se afastando. Era a irmã de Spencer. Ali olhou feio para ela. Ela bateu em Ali de propósito?

– Nossa, bacana – disse Nick quando se inclinou para ajudá-la a recolhê-las. – O que são?

Ele segurou uma foto que mostrava Ali e Aria na aula de arte. Elas haviam posicionado grandes pincéis grossos debaixo de seus narizes para parecerem bigodes. Depois, ele viu uma foto de Jason deitado no sofá, com um pedaço de queijo pendurado na boca. Ela tirara essa na surdina ontem e planejava usá-la depois como chantagem.

– Ah, só umas coisas que faço – disse Ali. Ela procurou pelas fotos. – Tenho uma sua no dia em que nos reencontramos. – Ela achou e o entregou a ele.

– Você anda com uma foto minha? – Nick pareceu tocado. – Também quero uma foto sua.

Ali verificou as fotos e encontrou uma que Spencer tirara dela do lado de fora de Rosewood Day. Seu cabelo louro brilhando no sol. Seu sorriso amplo e malicioso, como se estivesse escondendo algum segredo.

– Aqui está – disse ela timidamente, entregando-a a ele. Parecia algo significativo trocar fotos com um menino. Quase tão importante quanto amigas trocando colares com metades de corações ou anéis de amizade.

Eles entraram em um novo corredor e ali estava o carrossel. Um órgão de tubos produzia música típica de parque de diversões. Os cavalos de madeira pintados de forma elaborada se moviam lentamente para cima e para baixo. Uma criança montava o trenó atrás dos cavalos, e um pai estava parado perto de um menino acomodado sobre um leão rugindo.

Nick segurou a mão dela.

– Quer ir?

– Claro – respondeu Ali, sem dar a menor importância a quem pudesse estar olhando. Normalmente, uma menina como ela nunca andaria no carrossel. Mas com Nick aquilo parecia ser uma coisa bacana a se fazer.

Pagaram pelo ingresso e, quando o carrossel parou, a atendente levantou a corrente e os deixou escolher seus cavalos. Eles escolheram dois pôneis brancos próximos e montaram. No momento em que Ali colocou os pés nos estribos, foi inundada por saudade e tristeza. Uma lembrança de quando estivera pela última vez em um carrossel veio à sua mente. Ela e sua irmã ainda eram amigas, antes

de coisas terríveis acontecerem. As duas vestiam saias cor-de-rosa e blusas brancas idênticas; as duas pediram balões cor-de-rosa no carrinho de balões. Os cavalos eram tão altos que seu pai tinha precisado erguê-las, e elas se sentaram lado a lado, como ela e Nick estavam fazendo agora. Quando a música começara, elas duas soltaram gritinhos e deram as mãos no corredor.

O que fizera sua irmã mudar? Por que, repentinamente, ela ficou tão ciumenta, tão desesperada para ser a única menina na casa? Provavelmente era uma resposta que Ali nunca teria.

Quando ela passou os dedos pelo nome do cavalo, um pensamento surpreendente lhe ocorreu: *Ela sentia falta da irmã*. Não da maluca que a irmã se tornara, não da presença ameaçadora no banheiro, mas da menininha que ela fora, sua antiga melhor amiga. Às vezes, no meio da noite na clínica Radley e mesmo agora, ela se pegava estendendo a mão para algo no escuro. Ali se perguntara mais de uma vez se era a mão de sua irmã que ela procurava em vão.

A música recomeçou, e o carrossel girava e girava. Ali sorriu para Nick, tirando os pensamentos da mente. Nick se apoiou com uma das mãos e segurou a mão dela com a outra. Ele não tirou os olhos dela o tempo todo. As batidas do coração de Ali acompanhavam o tambor que tocava na música antiga do carrossel.

O carrossel girou várias vezes antes que eles desviassem o olhar um do outro. Quando a velocidade diminuiu, o telefone de Nick fez barulho, e ele o pegou do bolso e começou a escrever uma mensagem.

– Para quem você está escrevendo? – falou Ali sem pensar, depois quis enfiar a mão na boca. Ela não deveria se importar com quem ele trocava mensagens. Ela deveria agir de forma fria e distante. Rapazes não suportavam meninas fiscalizando suas vidas.

Mas Nick virou a tela do celular para que Ali pudesse ver.

– Meu amigo Jeff. – Ele apontou para a mensagem. Um rapaz chamado Jeff G. perguntou o que ele estava fazendo, e ele respondeu, *Estou passeando com minha nova paixão, Alison.*

Ali ficou boquiaberta.

– Então eu sou sua nova paixão? – disse ela, tentando soar indiferente. Mas sua voz estava cheia de alegria. Os dedos dela tremiam. Havia uma voz dentro dela gritando, *Sim!*

– Espero que seja – disse Nick, ajudando-a a desmontar do cavalo e a acompanhando para fora da área do carrossel. – Eu quero saber tudo sobre você, Ali. – Ele enlaçou seus dedos nos dela. – Gosto muito de você.

– E-Eu também gosto de você – Ali se ouviu dizendo, sua voz saindo baixinha, denunciando nervosismo mas, ao mesmo tempo, animada.

– Bom – disse Nick, inclinando-se para perto. E ali, ao lado do órgão de tubos do carrossel, com crianças gritando enquanto esperavam na fila do quiosque de algodão-doce, que exalava um cheiro

açucarado nauseante, Nick se aproximou e encostou os lábios nos de Ali. O beijo durou só um instante, mas Ali sabia que se lembraria da sensação que ele provocara por muito tempo.

Eles sorriram zonzos um para o outro por alguns segundos, mas repentinamente algo atrás de Nick chamou a atenção de Ali. O vulto de alguém conhecido estava ali, perto de um dos pequenos corredores que levavam para os banheiros e os escritórios de funcionários. Aquela era sua *mãe*?

Ali apertou os olhos, a princípio irritada por estar sendo espionada pela mãe. Mas então viu um segundo vulto parado ao lado dela. Um homem com o rosto oculto nas sombras pousou a mão no braço da sra. DiLaurentis, falando com urgência sobre algo. E não era o pai de Alison.

Ali ficou com dor de estômago. Inspirou com força e se afastou de Nick. Ele franziu a testa.

– Qual é o problema?

– Eu... – O olhar de Ali permaneceu em sua mãe e no sujeito, que se virou e tocou o rosto dela em um gesto tão gentil que fez Ali querer sumir.

– Ali? – A voz de Nick era reconfortante, mas distante. – Você está bem?

– Não – sussurrou Ali, afastando-se. Parte dela queria ver quem era o homem, mas outra estava com pavor de descobrir. Então, ela se virou e saiu correndo em direção à saída, cada vez mais rápido, até que suas pernas doeram e seus pulmões queimaram.

16

FICANDO NUMA BOA

Mais tarde naquela noite, Ali estava toda esparramada em sua cama, olhando para o teto. Ela mudara algumas coisas no quarto depois de tomar o lugar da irmã, tirando as fotos de Naomi e Riley e as substituindo pelas de Aria, Spencer, Emily e Hanna; reorganizando o armário bagunçado e jogando fora itens de que não gostava; reposicionando a mesa para que ficasse perto da grande janela que dava para o quintal dos fundos; e pendurando um grande pôster que dizia LIBERDADE acima de sua cama. Era sua piadinha particular.

A única coisa que deixou de sua irmã foi o lustre, um móbile de várias estrelas amarelas brilhantes e uma lua prateada. Quando ainda era Courtney, ela o dera para a irmã como presente de aniversário, e ficara surpresa de a irmã mandar pendurá-lo. No fundo, será que ela se arrependera do que fizera? Ou ainda gostava da peça?

Bipe.

Ela abriu os olhos e olhou para o celular, nervosa até o último fio de cabelo. Mas era apenas uma nova mensagem de Nick: *Está tudo bem? Estou preocupado com você.*

Ali não sabia como responder. Nick a alcançara no estacionamento; onde, encostada em um dos pilares de concreto, Ali respirava fundo, tentando se acalmar. Ele perguntara diversas vezes o que ela vira, mas Ali só balançava a cabeça e dizia que não podia falar. Ela não sabia *como* falar sobre o assunto. Ela era Alison DiLaurentis, tinha uma família perfeita. Sua mãe não trocava carinhos em locais públicos com um homem estranho. E quem *era* aquele homem, afinal? O que ele estava dizendo para ela? A mãe iria deixá-los por ele?

Aquilo era algo que acontecia com outras famílias, claro, como a de Aria. Mesmo com a de Hanna. Mas não acontecia com a *dela.*

Eu vou contar depois, escreveu finalmente. *Juro.*

Quando você estiver pronta, ele respondeu.

Uma porta bateu do lado de fora, e então veio uma risada. Ali saiu da cama, foi até a janela e espiou a casa dos Hastings. Spencer estava na entrada de carros, descalça, usando uma velha saia xadrez plissada e uma camiseta cortada. Seu cabelo louro estava preso atrás da cabeça e seus lábios tinham sido delineados com gloss rosa. Suas bochechas estavam avermelhadas, mas não de blush. Ela conversava com Ian Thomas, que estava encostado em seu SUV.

Ali ergueu as sobrancelhas, esquecendo-se temporariamente de seu acordo com Ian.

Ian falou, e Spencer soltou uns risinhos. Quando ele tocou o braço de Spencer, ela não se afastou,

mas se inclinou e beijou o rosto dele. Então, Ian a agarrou, puxou-a para perto e a beijou na boca. Ali arregalou os olhos. Ela tinha dito para Ian fazer isso, mas a paixão dele a surpreendeu.

Depois que se distanciaram, Ian se virou e entrou no carro. Spencer ficou no jardim com as mãos nos bolsos da saia, um sorriso bobo no rosto. Um de seus cachorros, Beatrice, enfiou o nariz na mão de Spencer, e ela começou a acariciá-la, distraída.

Ali enfiou os chinelos e correu para baixo. Ela só podia imaginar como isso se desenrolaria: Spencer confessaria que acabara de beijar Ian, sua voz cheia de espanto. Ali diria que *ela* ajudara aquilo a acontecer, *viu só*? Ela podia fazer qualquer coisa! E Spencer olharia para Ali com gratidão eterna. Ela obedeceria a Ali para sempre.

Spencer ainda estava no mesmo lugar quando Ali cruzou o gramado. Quando viu Ali, ela se sobressaltou como que saindo de um transe.

– Ei. – Sua voz falhava. – Há quanto tempo você está aí?

– Não muito – disse Ali, bancando a tola. – O que você está fazendo?

Spencer mexeu na ponta de seu rabo de cavalo louro.

– Nada.

– Você está parada no meio do gramado sem razão alguma? – provocou ela.

Spencer deu de ombros.

– Estava pegando a correspondência.

Ali bufou, olhando as mãos vazias de Spencer.

– Então onde está?

– Está... – Spencer se calou. Suas sobrancelhas se apertaram. – Ainda não peguei, está bem? Deus.

Ali colocou as mãos no quadril. Por que Spencer estava tão irritada? E por que não estava se gabando de seu grande beijo? Ela decidiu tentar um caminho diferente.

– Meu dia foi realmente ótimo – mentiu ela. – E o seu?

Spencer enfiou os dedos debaixo da coleira de malha de Beatrice.

– Foi normal.

– Não aconteceu nada de interessante?

Um ombro se ergueu.

– Não mesmo.

Ali piscou. Spencer realmente pensava que Ian a beijara porque *gostava* dela? Ela estava *tão* afastada assim da realidade? Nessa situação, algumas meninas admitiriam ter visto o que acontecera, mas, para Ali, fazer isso era um gesto tolo e desesperado. Ela queria que Spencer desse a informação a ela, que *quisesse* contar a ela.

Ela se virou.

– Preciso ir.

– Você *precisa*? – perguntou Spencer.

Ali não respondeu. Ela atravessou a cerca viva, rangendo os dentes com tanta força que fizeram um barulho agudo horrível quando deslizaram uns nos outros. A meio caminho de seu gramado, Ali ouviu um som farfalhando atrás dela e pensou que poderia ser Spencer, que tinha decidido lhe contar tudo. Elas poderiam reparar as coisas, decidiu Ali. Ela até mesmo perdoaria Spencer por esconder o que acontecera, contanto que Spencer implorasse.

Mas, quando ela virou, não era Spencer. Era Jenna Cavanaugh. Um arrepio correu pela coluna de Ali. Os óculos escuros de Jenna obscureciam a maior parte do rosto dela, exceto seus lábios naturalmente rosados e seu queixo pontudo. O cabelo preto cascateava por seus ombros, e as pernas e os braços pareciam ainda mais magros do que no último outono, antes dela começar a frequentar sua nova escola especial. Ela estava magra como uma modelo. O cão-guia pastor-alemão estava ao seu lado, sua língua longa e rosada pingando saliva. Parecia que Jenna estava olhando direto para Ali, *enxergando-a de verdade*, mas claro que isso era impossível. Ali se abaixou atrás de uma árvore assim mesmo.

– Ali? – chamou Jenna. – É você?

Ali se encolheu ainda mais. Mesmo querendo dizer a Jenna que era, não queria começar uma conversa, não com Spencer ainda em seu quintal. E se Jenna dissesse algo sobre sua irmã gêmea?

– Ali? – chamou Jenna novamente.

Uma porta de tela bateu do outro lado da rua, e Toby Cavanaugh saiu na varanda. Ali ficou gelada. O que *ele* estava fazendo em casa? Ele não fora mandado embora para sempre?

Toby saiu da varanda e cruzou o quintal.

– Jenna, o que você está fazendo aí?

Sua voz sombria fez Ali estremecer. Aquele momento horrível no sexto ano voltou em um instante: o modo bravo como Toby dissera *Eu vi você* naquela noite, o terror nos olhos dele quando ela jogara tudo o que sabia na cara dele. Pouco antes disso, ela fora até Jenna chorando. Mesmo tendo atormentado Jenna na escola, Jenna sabia mais de Ali que qualquer um, e ela nunca contou a ninguém. De repente, Ali queria se redimir por ter sido tão má. Ela queria fazer as pazes com Jenna.

O que está errado?, ela perguntou a Jenna. Apertou sua mão. *Você pode me contar. Você sabe que não vou contar a ninguém.*

Jenna ergueu a cabeça. Levou muito tempo para dizer alguma coisa. *É meu irmão*, começou ela.

Quando terminou, Ali deu um abraço nela. *Você sabe que tenho problemas com meus irmãos também. Posso ajudá-la. Deveríamos arranjar algo para fazê-lo ir embora para sempre.*

E conseguiram.

– Jenna – disse Toby de novo, mais severo desta vez. Quando chegou à calçada onde Jenna estava, ele parou, como se também sentisse que Ali estava ali. Ele estreitou os olhos até se tornarem duas fendas ameaçadoras. O coração de Ali foi parar na boca.

Finalmente, pegou Jenna pelo braço.

– Venha – disse ele. – Vamos entrar.

Jenna puxou a coleira do cão. Batendo com sua bengala branca e andando junto do cachorro, ela desapareceu dentro de casa, sem dizer uma palavra.

17

COMO TIRAR LEITE DE PEDRA

Não havia som mais bonito, pensou Ali, do que o vibrante toque de guitarra que anunciava uma nova mensagem de Nick.

Qual é a sua matéria favorita na escola? Ele perguntara na última mensagem. Ali, que esperava por Aria sentada no balanço sob a cobertura da varanda da frente, digitou sua resposta. *Era inglês*, escreveu ela, *mas agora nós precisamos ler tantos livros chatos que acho que é ficar sem fazer nada na sala de estudos. Hahaha.* Ela não queria dizer qual era sua verdadeira matéria favorita, ciências, por medo de passar por nerd.

A minha também, Nick respondeu, e Ali sorriu.

Seu celular bipou de novo. *Ei, você se lembra daquele conselheiro no acampamento que foi picado por todas aquelas abelhas?* Escreveu Nick. *Como era o nome dele?*

Ali mordeu com força o interior da bochecha. *Sei de quem você está falando,* digitou ela após um momento. *Mas não consigo lembrar o nome.*

Um Subaru conhecido estacionou, e Aria saiu do banco de trás carregando Pigtunia debaixo do braço. *Falamos mais tarde*, escreveu Ali para ele. *Estarei aqui*, respondeu Nick.

Ela olhou para o pai de Aria ao volante. Ele estava com uma camiseta surrada, com as palavras impressas no peito tão apagadas que nem eram mais legíveis. O cabelo ralo dele estava arrepiado por todo lado, e sua barba por fazer podia ser considerada sensual por algumas meninas, mas Ali achava que lhe dava um aspecto sujo. Ela nem conseguia olhá-lo nos olhos.

Byron olhou para outro lado também, como se soubesse que Ali conhecia seu segredo. O que significava que Aria sabia também, certo? Se Aria admitisse algo, então talvez Ali contasse a ela que sabia como era. Que ela vira sua mãe com um homem qualquer no shopping. O segredo fazia com que ela se sentisse como uma lata de Coca-Cola sendo agitada, o conteúdo borbulhando e fazendo pressão dentro do peito. Seria bom contar para alguém, especialmente alguém que pudesse entendê-la.

Aria subiu os degraus da varanda e se sentou no balanço perto de Ali.

– O que esteve fazendo?

– Nada de mais – disse Ali. – E você?

Aria empurrou a balaustrada da varanda para dar impulso ao balanço.

– Então, preciso falar com você sobre uma coisa.

Ali ficou animada.

– O quê? – perguntou ela inocentemente.

Aria girou a pulseira de contas no pulso.

– Sabe a aula de teatro que estou fazendo depois da escola? – perguntou Aria. – Bem, apareceu um aluno novo hoje. Toby Cavanaugh.

Por instinto, Ali olhou para o outro lado do quintal, meio que esperando que Toby estivesse parado ali, igual à noite anterior.

– Ele voltou – afirmou, não perguntando exatamente.

– Sim – Aria mordeu o indicador. – Ele ficou me encarando. Tivemos que fazer esse exercício de oratória e formamos pares. Eu precisava falar uma frase, e ele tinha de repeti-la para mim até que a frase mudasse. Escolhi *Nunca neva no verão*. E nós repetimos um para o outro até que Toby me encarou dizendo *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado*. – Ela arregalou os olhos alarmada. – Você acha que Toby sabe de alguma coisa?

Ali tocou um ponto enferrujado na corrente do balanço. Só Spencer estava perto dela em sua briga com Toby, e Ali a fizera prometer não contar às outras. Parecia mais seguro manter isso entre elas.

– Toby não sabe o que nós fizemos – disse ela parecendo muito segura. – De qualquer forma, A Coisa com Jenna aconteceu na primavera passada, não no verão. Ele é só louco. – Ela encarou Aria. – Era *isso* que você tinha para me contar?

– Bem, sim. – Aria franziu o cenho. – Você não acha que isso é sério? Toby é *esquisito*.

Ali deu de ombros.

– Sim, mas isso não é exatamente uma *novidade*.

Ela apoiou a cabeça no ombro de Aria, pensando por um instante como poderia fazer a amiga falar. Decidiu usar seu plano de emergência. Limpou a garganta e disse:

– Uma coisa esquisita aconteceu comigo também, e eu realmente preciso de alguém para falar a respeito. – Ela desviou os olhos para o gramado. – Acho que meus pais estão se separando. – Só de dizer as palavras, sentiu que ia sufocar.

Aria se contorceu para olhá-la de frente.

– Por que você acha isso?

– Eles têm discutido muito. – Ali olhou para as próprias mãos. – E eles disseram que tinham algo para contar para mim e para Jason. Eu sei que é sobre isso. – Mas de modo algum ela contaria o segredo sobre sua mãe. Ainda não.

– Sinto muito.

Aria parecia genuinamente compreensiva. Foi bom por um momento, mas então Ali percebeu que não era suficiente:

– Eu não sei o que vou fazer se meus pais não ficarem juntos. Seria ainda mais estranho se

ficarem com outras pessoas. Você já pensou nisso?

Aria deu de ombros.

– Não, não realmente.

– Mas sua mãe é bonita, ela está sempre às voltas com aqueles marchands. Seu pai cercado de alunas o dia todo, a semana inteira. É possível, não acha?

Várias expressões, estranheza, humilhação, vergonha, passaram pelo rosto de Aria de uma vez.

– Acho que tudo é possível.

Ela abriu a boca, talvez para contar tudo. Mas então seu olhar parou em algo que estava atrás de Ali, e ela se levantou do balanço tão depressa que Ali se desequilibrou para trás.

– Ei! Jason!

Jason subiu os degraus da frente, sua mochila pendurada em um ombro.

– Ei – disse ele mal-humorado.

– Tudo bem? – A voz de Aria estava esganiçada e estranha. – Está animado com a formatura?

– Não mesmo – respondeu Jason, abrindo a porta e fechando-a com força atrás de si.

Aria se afundou de volta no balanço, parecendo desapontada. Ali apertou as unhas na palma de sua mão, sentindo-se humilhada. Aria tinha acabado de mudar de assunto de propósito? Ela sabia de alguma coisa... e *não queria* contar? Ali havia acabado de compartilhar algo verdadeiro, apavorante e terrível. Aria não teria a decência de retribuir? Não era isso que amigas faziam?

O rancor a cobriu como uma capa negra pesada, e ela cutucou Aria com força.

– Você ainda gosta de Noel?

Os olhos de Aria se iluminaram.

– Claro! Você falou com ele sobre mim?

– Na verdade, sim – mentiu Ali.

– *E...?*

Ali se permitiu uma leve pausa, então colocou a mão no joelho de Aria e apertou.

– Bem, eu fui até a casa dele. Mas algo meio... *estranho* aconteceu. Eu falei de você e ele disse que gosta de você como amiga.

Os cantos da boca de Aria se curvaram para baixo.

– Hum...

– E então ele disse que gosta de mim. E eu acho que também gosto dele.

Aria se recostou.

– O quê? – Sua voz estava anormalmente aguda. – Certo. Nossa.

– Mas não saio com ele se você não quiser.

A dor era óbvia no rosto de Aria.

– Ah... tudo bem – disse ela depois de um momento.

Por um instante, Ali quase se arrependeu de mentir. Noel provavelmente *teria* saído com Aria se Ali pedisse. E ela *tinha* planejado falar sobre ela com Noel. Mas por que se esforçaria por uma amiga que nem lhe contava o que estava acontecendo em sua vida? Amizades funcionavam assim – o que ela iria ganhar com aquilo?

Os cantos da boca de Aria estremeceram. Ela olhou para a tela de seu celular muito assustada, embora ele nem tivesse tocado.

– Ah... eu tenho mesmo que ir – disse ela. – Minha mãe precisa de mim.

– Problemas em casa? – perguntou Ali em uma tentativa final. *Se ela admitir tudo agora, direi que inventei tudo*, decidiu. *Direi a ela que vou realmente falar com Noel.*

Mas Aria apenas desceu da varanda coberta.

– Não – disse ela, machucando um pouco o coração de Ali. E então saiu correndo em direção ao quintal dos fundos. Ali a viu desaparecer no bosque a caminho de seu bairro. Ela andava com a cabeça baixa, os ombros arqueados, e, depois de um breve momento, Ali teve certeza que ouviu um soluçar baixo, descontrolado, vindo dos pinheiros.

Ali fechou a boca com força e tentou engolir seu arrependimento. Aquilo não era ruim. Era *bom*.

18

NADA COMO O ELOGIO DE UMA AMIGA

Alguns dias mais tarde, o último sinal tocou, e todos os alunos da turma de inglês de Ali se levantaram e dispararam na direção da porta.

– Não se esqueçam, pessoal! – gritou a sra. Lowry, a professora de inglês. – A paródia de Hemingway é para segunda-feira! Não aceitarei trabalhos atrasados!

– Você já começou a fazer a sua? – perguntou Spencer a Ali enquanto elas deixavam a sala e seguiam pelo corredor lotado de garotos e garotas que guardavam e pegavam material em seus armários.

– Não – respondeu Ali, balançando a cabeça. – Quer fazer para mim?

Spencer deu uma fungadela.

– Tenho um trabalho enorme de história para terminar, Ali. Desculpe.

Ali cruzou os braços sobre o peito. Pouco tempo atrás, Spencer teria feito sua lição de casa em um piscar de olhos sem reclamar. *Eu vi vocês*, ela estava louca para dizer. *Eu sei o que você fez com Ian*. Cada dia que se passava com o silêncio de Spencer fazia a traição dela parecer ainda pior.

O celular de Ali tocou. Ela o procurou na bolsa. *Número desconhecido.* Ela estava prestes a apertar IGNORAR quando Spencer pigarreou ao seu lado.

– Detesto quando recebo ligação de números bloqueados – disse ela. – Geralmente é minha mãe verificando como estou, mas não quer que eu saiba que é ela ligando.

O celular tocou de novo. Ali olhou para Spencer.

– É possível bloquear qualquer número?

– Acho que certos telefones não permitem isso. – Spencer parou em seu armário e começou a girar o cadeado. – Telefones públicos geralmente são bons para isso. Telefones celulares também.

Ali assentiu. Ela se lembrava de ver uma série de orelhões no vestíbulo da clínica, talvez sua irmã conseguisse usá-los de vez em quando sem que as enfermeiras percebessem. Ou talvez ela usasse o celular de alguém emprestado.

Spencer lançou um olhar suspeito para Ali.

– Por que você quer saber como bloquear ligações?

Ali abriu a boca, depois fechou. Spencer respirou fundo.

– Tudo bem – disse ela mal-humorada, enfiando a cara em seu armário de novo. – *Não me conte*.

Finalmente a ligação caiu na caixa postal. Ali observou a tela, esperando pelo ícone de mensagem aparecer, mas não apareceu. De repente, sentiu que precisava se afastar de Spencer, e rápido. Ela

forçou o caminho pela multidão de garotos e garotas até as portas duplas que davam para um pequeno pátio que conectava o ensino fundamental e o ensino médio. Era quase território do ensino médio; alunos do ensino fundamental seriam massacrados se sentassem nos três bancos do pátio ou se ficassem por ali depois da aula. Ali conseguia um indulto, especialmente se Cassie ou qualquer das outras estivesse por ali. Mas não viu nenhuma delas. Entretanto, ela viu uma menina miudinha, ligeiramente gorducha, parada no canto do pátio, falando animadamente com as mãos. Ela se endireitou. Seria *Hanna*?

Josie estava do lado de Hanna, assentindo compreensivamente. Ali chegou perto, encolhendo-se atrás de uma árvore em um vaso, para que Hanna não a visse. Quando estava a apenas alguns metros de distância, conseguiu ouvir a conversa de Hanna acima do barulho dos outros alunos.

– ... E ela é, tipo, tão *manipuladora* – Hanna estava dizendo. – Há coisas que ela sabe a meu respeito que não quero que *ninguém* saiba, e tenho tanto medo que ela conte a alguém se eu pisar na bola de alguma forma... Está me deixando doida. E ela está agindo de modo mais esquisito ultimamente, guardando todos esses segredos, recebendo esses telefonemas esquisitos. Provavelmente ela me odeia.

– Você tem que se afastar dela antes que ela descarte você – aconselhou Josie.

Hanna mordeu o lábio inferior.

– Mas ela é minha amiga há dois anos. Nós passamos por muita coisa juntas.

Os olhos de Ali se arregalaram. Hanna estava falando *dela*?

– Ela pode ter sido uma boa amiga para você antes, mas ela não é uma boa amiga agora – disse Josie firmemente. – Você é tão bacana, Hanna. Ficará bem.

Ali bateu com a mão na boca. Josie estava *chapada*? Hanna não ia ficar bem sem Ali, não mesmo.

Ela não conseguia mais aguentar. Saiu de trás da árvore e passou apressada por Hanna, como se não a tivesse visto.

– Ei! – disse ela, fingindo surpresa. – Olá, Han! Oi... Josie, é isso?

Hanna ficou pálida. O sorriso de Josie se apagou.

– O-oi – disse Hanna, seus olhos indo para lá e para cá. – Há quanto tempo está aqui, Ali?

Ali colocou as mãos nos lábios e piscou.

Seu silêncio parecia enervar Hanna ainda mais. Hanna olhou para Josie.

– Preciso ir.

– Claro – disse Josie. Ela acenou para Ali, então andou para o lado dela da escola.

Ali virou e marchou de volta para Rosewood Day, seus ombros tensos, o maxilar travado. Hanna correu para alcançá-la.

– Espero que não tenha pensado que estava falando de você, Ali – disse ela. – Eu estava falando

de Kate, juro.

Ali chegou a seu armário e fingiu se concentrar na combinação.

– Ah, sei.

– Josie tem uma meia-irmã também – disse Hanna, sua voz não era particularmente convincente. – Ela meio que... já esteve nessa situação, sabe?

Ali a encarou, estreitando os olhos.

– E você é amiga de Kate há dois anos? Desde quando?

Hanna ficou boquiaberta. Sem emitir som algum.

Ali abriu o armário e enfiou um monte de livros didáticos na bolsa, sem prestar atenção de que matéria eram.

– Você deveria ser mais cuidadosa com quem se abre, Hanna. Você não conhece Josie. Ela pode não guardar seus segredos tão bem quanto eu.

Hanna assentiu obedientemente.

– C-Certo.

Ali foi para o estacionamento, onde ela deveria esperar Jason.

– Mas ela *realmente parece* ser muito legal – disse ela depois de um momento. – Sabe no que estou pensando? Talvez eu dê uma festa. E deveríamos convidá-la.

Hanna torceu a boca.

– Mesmo?

– É – disse ela.

– I-Isso seria ótimo – balbuciou Hanna.

– Fico feliz que você ache – respondeu Ali. Já que Hanna não estava entendendo a mensagem de que Josie não era necessária, talvez fosse a hora de tentar uma tática diferente: trazer Josie para o seu lado. Provar para Hanna que todas queriam Ali como amiga muito mais do que Hanna.

Elas estavam na calçada da frente a essa altura, bem ao lado da grande fonte borbulhante. A mãe de Hanna parou o carro junto ao meio-fio, e Hanna acenou um adeus enquanto entrava no carro. Ali seguiu em direção ao mastro da bandeira, passando por meninas que carregavam caixas tamanho família de Toblerone para arrecadar fundos para uma viagem à França e por um grupo de meninos seguindo na direção do ponto de ônibus. Ali procurou Jason pelo estacionamento o tempo todo, mas não o viu. Virou à esquerda e caminhou pelo conjunto principal de lojas na rua abaixo. A placa divertida da Pinkberry parecia chamativa e irritante. A bandeira italiana flamejando em frente ao Ferra's Cheesesteaks a deixou zonza. Ali precisava se controlar.

Mas então algo se materializou em frente aos seus olhos. Uma Mercedes dourada estava estacionada no final da quadra. O motor não estava ligado, e havia alguém sentado no banco do

motorista. Ali reconheceria aquele cabelo louro dourado em qualquer lugar. Era sua mãe.

Ela chegou mais perto. Sua mãe segurava o celular no ouvido, e havia algo em sua postura com a cabeça baixa que fez Ali querer ouvir o que ela dizia. A janela estava aberta e, quando Ali estava a apenas alguns carros de distância, pôde ouvir algumas das palavras. *Só precisamos de um pouco mais de dinheiro, querido. Só para pagar o resto das contas da internação dela.* Então ela se aprumou no banco, antes de continuar: *Eu sei, eu sei. Mas ela é sua filha também.*

Ali se encolheu. Por que sua mãe estaria implorando a seu pai por dinheiro?

A sra. DiLaurentis mandou beijinhos e desligou o celular. Uma fração de segundos depois, o celular tocou de novo.

– Ah, alô, Kenneth – disse a mãe de Ali com um suspiro. Kenneth era o nome do pai de Ali. O tom de voz de sua mãe era totalmente diferente daquele que usara na última ligação. Era entediado. Exasperado. *Como se não o suportasse mais.*

O coração de Ali se acelerou. Ela se afastou e entrou na Wordsmith's Books antes que sua mãe pudesse vê-la. Mesmo que não tivesse provas, sabia que sua mãe estivera falando com duas pessoas diferentes, dois homens diferentes. Ela pedira dinheiro para o primeiro, presumivelmente para pagar as contas de hospital da irmã de Ali. Mas ela tinha dito, *Ela é sua filha também*. O que não fez nenhum sentido.

A não ser que...

Tudo começou a rodar de repente. Ali andou para trás quase batendo em uma prateleira de metal cheia de novidades em cartões. A não ser que o primeiro homem falando com sua mãe ao telefone fosse o pai verdadeiro de sua irmã gêmea.

O que fazia dele o pai verdadeiro *dela* também.

19

PISANDO EM OVOS

Dois dias mais tarde, justo quando Ali estava saindo de casa, Jason apareceu na sua frente e abriu a porta para ela.

– Vai a algum lugar? – perguntou ele.

– Por que você se importa? – respondeu Ali, sentindo-se incomodada.

Jason estranhou o tom de Ali.

– Eu só achei que podia dar uma carona. – Ele se remexeu, desconfortável. – Achei que poderíamos... conversar.

Ali colocou a mão na maçaneta, com os olhos grudados nos tênis Vans de seu irmão. Sobre o que ele queria conversar com ela? A última vez que realmente conversaram, Ali falara de sua preocupação sobre o divórcio dos pais. Isso fora antes de ela descobrir sobre o caso de sua mãe. De repente, desejou contar a ele sobre o encontro entre a mãe deles e aquele homem estranho. A pessoa que ela *fora* teria contado tudo. Eles se sentariam juntos na sala comunitária da clínica Radley, analisando o assunto sob todos os ângulos, tentando descobrir por que a mãe deles estava fazendo isso, quem seria o homem, o que iria acontecer depois. Era muito duro guardar tudo dentro de si. A cada dia que passava, ela sentia mais e mais que ia explodir.

– Ali? – chamou Jason.

Ali voltou à realidade com um tranco. Ela *não era* mais aquela pessoa, e nunca poderia ser de novo. Alison DiLaurentis não tinha esse tipo de relacionamento com o irmão, ele era muito mal-humorado e esquisito para que ela se preocupasse com ele. Por isso, deu as costas e deixou a varanda.

– Eu posso ir sozinha – disse por sobre o ombro. – Não acredito que estejamos indo na mesma direção, de qualquer forma.

Dez minutos depois, Ali parou a bicicleta em frente ao Orvis Hollis Memorial Ice Rink na Universidade de Hollis, onde iria encontrar Emily. CASA DOS PINGUINS DE HOLLIS, dizia uma placa perto da calçada. Meninos com patins de gelo pendurados sobre o ombro e longos tacos com ponta em forma de bumerangue saíam pelas portas duplas da pista de patinação. Mesmo da rua, Ali conseguia sentir o cheiro da pipoca fresca e da barraca de cachorro-quente.

– Alison DiLaurentis *patina no gelo*?

Ali se virou. Um Escalade preto havia parado junto ao meio-fio, e o rosto bronzeado de Ian

Thomas se inclinou na direção dela.

Ali foi até ele.

– Você está me seguindo, perseguidor? – provocou ela.

– Você me pegou. – Ian saiu do carro e foi até onde Ali estava, parando tão perto que seus corpos quase se tocaram. – Eu só queria que você soubesse que eu beijei Spencer, exatamente como você pediu. Então, quando você vai cumprir *a sua* parte do trato?

Ali pegou um tubo de gloss e passou nos lábios. A última coisa que desejava era beijar Ian, mas algo no modo como ele a olhava fazia com que se sentisse poderosa como uma super-heroína, como se pudesse girar carros acima da cabeça ou envergar barras de ferro com o poder da mente. Mas, um segundo depois, Ali se deu conta: trair Nick com Ian a tornava igual sua mãe.

Um arrepio a percorreu. Poderia *outra pessoa* ser seu pai verdadeiro, um homem qualquer, um sujeito horroroso que ela não conhecia? Não fazia sentido. Seu pai a levara com a irmã para andar de trenó quando eram pequenas. Ele fora às suas apresentações de dança. Ele sabia que ela gostava de suco de laranja com a polpa e café com aroma de baunilha Wawa French. Fosse lá o que tivesse acontecido, *se* é que tinha acontecido alguma coisa, Ali estava quase certa de que seu pai não sabia de nada.

E talvez tivesse mesmo acontecido alguma coisa esquisita. O sr. DiLaurentis e Jason tinham os dedos dos pés idênticos, o segundo dedo maior que o dedão. E Ali herdara o cabelo louro e os olhos azuis da mãe. Mas seu nariz não era parecido com o de nenhum dos dois, nem o botãozinho empinado de sua mãe, nem o feio nariz em forma de gancho de seu pai. Por muito tempo ela fora grata por não ter herdado o nariz dele, mas agora lamentava o fato. E de onde vieram seus lábios curvados e seu sorriso sarcástico? Ela havia encarado seu pai por tanto tempo no jantar da noite anterior que ele perguntara duas vezes se havia algo errado.

Ian moveu a mão em direção ao braço de Ali, mas Ali se afastou antes que ele pudesse tocar seu pulso.

– Sabe de uma coisa? Mudei de ideia. Eu só vou te dar um beijo se você terminar com sua namorada.

Ian franziu o cenho.

– Melissa?

Ali riu com vontade.

– Não, *Spencer*. Claro que é Melissa. Não sou do tipo que sai com caras que já têm dona.

Ian cruzou os braços sobre o peito.

– É só um beijo.

– Bem, é minha palavra final. – Ela se virou e seguiu na direção da pista de patinação.

Lá dentro estava frio e escuro. Havia bandeiras de times e placas de campeonatos penduradas nas paredes. Música New Wave dos anos 1980 saía dos alto-falantes. Um Zamboni se arrastava pelo gelo para lá e para cá, seu motor rosnando baixinho enquanto a máquina limpava e nivelava a superfície. Vários garotos e garotas esperavam impacientes perto das divisórias de Plexiglas, seus pés agitados calçados em patins.

Ali viu Emily junto da mesa de aluguel de equipamento. Quando Emily se virou e sorriu, Ali ficou enjoada. Era a primeira vez que ficaria sozinha com Emily desde que descobrira o coração no caderno dela. Mesmo tendo quase certeza que Emily não fazia ideia de que ela sabia, ficou insegura, como se Emily fosse adivinhar que conhecia seu segredo.

Mas como Emily podia *não* saber? Ali fugira correndo do banheiro tão rápido. Nem tentara esconder, o que era atípico para ela. A situação a fez sentir-se paranoica sobre todos os outros segredos de sua vida. E se as pessoas descobrissem aquilo?

– Ei! Olá! – disse Emily gentilmente quando se aproximou. Ela trazia dois pares de patins de gelo nas mãos e usava um suéter de tricô pesado e uma calça jeans. Emily deu um par de patins tamanho 36 a Ali e se sentou no banco.

– Obrigada por vir me encontrar. Vai ser muito divertido.

– Se você gosta de desviar de criancinhas – disse Ali, vendo umas meninas de uniforme de escoteira e patins marrons alugados saírem do banheiro. – *E* cair de bunda. Não patino desde pequena.

– Não se preocupe – disse Emily tranquila. – Eu ajudo você.

Ali olhou para a amiga, pensando de novo naquele coração. *Eu amo Ali*, dizia. Ali a amava também, mas não *daquele jeito*. E ainda não sabia se deveria ficar lisonjeada ou completamente surtada.

Ali afundou o pé no patim e puxou os cadarços com força. Havia acabado de fazer o laço quando o Zamboni deixou o gelo e os guardas abriram os portões mais uma vez. As criancinhas correram para o centro da pista. Luzes de discoteca brilharam no gelo novo e cintilante. Uma música de Flo Rida começou a tocar.

O equilíbrio de Ali oscilou assim que ela pisou no gelo. Emily esticou o braço.

– Segure. Eu pego você.

Ali segurou na manga de Emily. Seus pés ziguezaguearam debaixo dela, e ela esticou o outro braço para tentar se equilibrar. Quando um menino com patins de hóquei e camiseta do Flyers passou voando, quase esbarrando nela, Ali se inclinou para a esquerda, mas seus pés foram para a direita. De repente, ela estava com o traseiro no gelo.

– Opa! – disse Emily, ajudando Ali a se levantar. Ela guiou Ali até a borda da pista e pediu que

esperasse um instante. – Mexa seus pés assim, deslizando – explicou ela, demonstrando o que desejava dizer. Os patins dela cortaram uma linha perfeita no gelo. – Mantenha os calcanhares firmes. E não olhe para os pés, isso certamente fará você cair.

– Eu não vou cair mais – murmurou Ali. Hesitante, tomou impulso e tentou imitar os movimentos de Emily. Seus calcanhares queriam virar, e suas coxas queimavam mais que quando ela corria pelo campo de hóquei na grama, mas, depois de duas voltas ao redor da pista, começou a pegar o jeito. Na verdade, foi quase *divertido*.

– Viu? – disse Emily. – Você adorou, não foi?

– Não conte a ninguém – disse Ali, piscando.

– Prometo – disse Emily, dando a Ali outro sorriso muito carinhoso. Ali retribuiu o sorriso, mas então virou para outro lado com um movimento brusco.

Elas passaram por várias escoteiras patinando juntas e ficaram olhando os saltos complicados que os patinadores faziam no centro. Então Emily pigarreou.

– Você está animada com a formatura?

– Com certeza – disse Ali. A cerimônia seria em breve e elas todas teriam de usar as capas e os chapéus oficiais, como os veteranos. – Na verdade, vou dar uma festinha no final de semana anterior à formatura. Provavelmente vou convidar Cassie e algumas das outras meninas da equipe, então haverá gente de todas as idades. Hanna vai convidar a amiga dela, Josie, também.

– Ah. – A expressão desconcertada de Emily não combinava com o tom de voz alegre dela. – Nós ainda vamos ter nossa festa do pijama para celebrar o fim do sétimo ano?

– Até onde eu sei, sim – disse Ali. – Por quê?

– Eu não tinha certeza. – Duas manchas rosadas apareceram nas bochechas de Emily. – Quer dizer, ultimamente eu não tenho visto você por aí. Você não tem mandado mensagens. Achei que estivesse brava comigo.

Ali desviou os olhos para o grande relógio da Pepsi na parede.

– É só que eu andei ocupada.

– Claro. – A voz de Emily ficou trêmula. – Então... você *não* está brava comigo?

Ali olhou desafiadoramente para ela.

– Por que eu estaria brava?

Por uma fração de segundo, Ali quase desejou que Emily dissesse. *Sei que você viu o que eu escrevi em meu caderno*. Talvez fosse melhor deixar isso claro.

– Por nada! – disse Emily depressa. Por um momento, ela quase perdeu o equilíbrio, seus patins escorregando em direções opostas e seus braços girando em círculos.

Ali agarrou um passante do jeans dela para mantê-la em pé. Por um momento, Ali olhou nos olhos

de Emily, desafiando-a a desviar os olhos. De repente, ela imaginou Emily perdendo o interesse nela, Ali se tornando apenas outra amiga, os elogios generosos chegando ao fim. Mesmo que ela não sentisse o mesmo que Emily, havia algo no relacionamento delas que a fazia sentir-se tão poderosa como quando estava ao lado de Ian. Ela limpou a garganta.

– Você está bonita hoje, Em.

Um olhar maravilhado surgiu no rosto de Emily.

– *Estou?*

– Está sim. Seu cabelo está bonito. E eu não havia notado como sua bunda é firme, por causa da natação.

– Ai, meu Deus, minha bunda é enorme. – Parecia que Emily estava prestes a desmaiar. – Bem, você está *sempre* bonita, Ali.

– Bem, então acho que *nós duas* somos lindas – disse, cutucando-a de modo brincalhão.

O rosto de Emily foi tomado pela animação.

– Você é definitivamente a menina mais bonita desta pista. De *Rosewood*. Às vezes nem acredito que conheço você.

Ali sentiu seu rosto queimar, lágrimas despontaram de seus olhos – nunca havia percebido como *precisava* que dissessem esse tipo de coisa a ela. Envergonhada, virou o rosto e engoliu o choro.

– Eu também não acredito que conheço você, Em. – Ela estava sendo sincera de várias maneiras: se não tivesse trocado de lugar com a irmã, ela *não conheceria* Emily.

As luzes da pista diminuíram, e uma música lenta começou a tocar. As crianças pequenas saíram correndo e os casais que ficaram ali se juntaram para a patinação lenta.

– Apenas casais patinando – anunciou uma voz no alto-falante. – Convide quem você ama.

Um globo de discoteca foi aceso, lançando pontinhos de luz cintilante por todos os lados da pista envidraçada. Ali se virou para Emily, seu coração batendo forte.

– Quer dançar?

Os lábios de Emily se abriram, e seus olhos se arregalaram.

– Com *você*? – perguntou ela, chocada.

Ali sorriu devagar, tentando controlar o coração disparado.

– Claro, comigo. Meninas podem patinar com meninas, não podem?

Ali colocou a mão na cintura de Emily e tentou ignorar os dedos trêmulos que Emily passou em volta de seu pescoço. Depois de um momento, Emily fechou os olhos, e um pequeno sorriso brotou em seu rosto. Elas balançavam para lá e para cá, acompanhando o ritmo.

– Isso é bom, não é? – Ali sussurrou no ouvido de Emily.

Emily assentiu, nervosa. Quando Ali a puxou para ainda mais perto, Emily deu um leve suspiro.

As luzes de discoteca coloriam seus rostos. Ali conseguia sentir os pulmões de Emily se expandindo e contraindo acelerados.

Bzzzz.

O bolso de trás de Ali vibrou. Ela colocou a mão e pegou o celular. *Número desconhecido,* dizia.

A realidade a alcançou, e Ali se afastou de Emily.

– Alô? – respondeu ela, parando de repente na pista de gelo. Um casal quase trombou nela, mas Ali não se importou.

Nenhuma resposta, apenas uma respiração.

– Diga alguma coisa! – gritou Ali. – Sei quem é!

Sua irmã não disse uma palavra, só deu uma pequena gargalhada aguda.

– Ali?

Emily tocou seu braço. Ali olhou para ela, o celular em sua mão trêmula. Os olhos de Emily caíram sobre ele.

– Quem é? – perguntou, preocupada.

Ali balançou a cabeça.

– É a Cassie – disse ela, citando o primeiro nome que passou pela sua cabeça. – Nós andamos passando trote uma na outra a semana toda. Nada sério.

Emily puxou o lábio inferior para dentro da boca.

– Tem... *certeza*?

– Aham, tenho – confirmou Ali, enfiando o celular de volta no bolso. Ele vibrou de novo, mas ela ignorou.

Outra música lenta começou, e Emily esticou a mão para segurar a de Ali novamente. Mas Ali se esquivou, sentindo-se suada e confusa, e muito, muito exposta. E se sua irmã de alguma forma a estivesse vendo agora? E se ela tivesse visto a cena com Emily e pensasse que ela estava dançando com Emily para valer?

– Acho que uma música lenta é o suficiente por hoje, não acha, Em? – perguntou, tentando fazer sua voz soar provocadora, mesmo estando exausta e acabada.

O rosto de Emily ficou rosado.

– Ah, claro! Eu não queria dançar! Só queria pegar um cachorro-quente, e ia perguntar se você também quer um!

Mas o sorriso dedicado persistiu na mente de Ali. Conforme elas deslizavam em direção à saída, sentiu-se péssima. Dizer coisas legais a Emily tocava em seu ponto mais doce, fraco e vulnerável. E, ainda que tirar sarro da vulnerabilidade fosse uma especialidade de Ali, algo naquilo a fez sentir-se especialmente culpada.

Talvez ela se sentisse assim porque Emily era sua melhor amiga. Ou talvez porque, no fundo, as coisas que Emily dizia às vezes fizessem com que Ali se sentisse fraca e vulnerável também.

20

A BOMBA

– Quantos irmãos e irmãs você tem? – perguntou Nick a Ali quando falavam ao celular na tarde seguinte.

– Um – disse Ali automaticamente, apoiando os pés na parede de seu quarto e olhando para o teto. – E você?

– Sou filho único. Foi difícil quando era criança. Estava sempre brincando sozinho.

– Sim, mas você tinha a atenção de seus pais só para você – argumentou Ali.

Nick grunhiu.

– Todo mundo que tem irmãos diz isso. Mas não era muito divertido.

– Eu teria adorado ser filha única – murmurou Ali, mais para si mesma que para Nick.

Ali se virou de bruços. Estava no celular com Nick havia 45 minutos e 36 segundos, não que ela estivesse contando. Essa era a conversa mais longa que jamais tivera com um menino, e eles ainda não tinham ficado sem assunto.

– E amigas? – perguntou Nick. – Você tem uma melhor amiga, um grupo ou alguma coisa assim, não tem?

– Eu tenho um grupo, elas todas são minhas melhores amigas. – Ali cutucou o esmalte. – Mas não sei como estão as coisas entre nós agora.

Nick fez uma pausa.

– Vocês andaram brigando?

– Não exatamente. Elas... bem, alguma delas não são as pessoas que eu achei que fossem. Isso já aconteceu com você?

Nick pensou por um momento.

– Eu tive uma amiga há um tempo. Ela era fantástica, muito doce, muito engraçada, mas acontece que também tinha um lado sombrio.

Ali ergueu a sobrancelha.

– Ela era sua namorada?

– Não exatamente – disse Nick. – Ela era amiga de uma namorada. Uma verdadeira psicopata.

A palavra *psicopata* atravessou o corpo de Ali como uma bala de espingarda.

– Como sua namorada a conheceu?

– Espere um pouco – disse Nick, e houve uma pausa. – Desculpe – disse ele, voltando à linha. – Achei que minha mãe estava me chamando.

Britadeiras foram ligadas no quintal dos fundos, e Ali rosnou.

– O que é isso? – perguntou Nick.

Ali suspirou.

– Pedreiros estão cavando um buraco no meu quintal para abrir espaço para um gazebo. É o processo de construção *mais longo* que eu já vi.

– Por que os pedreiros precisam cavar um buraco para construir um gazebo?

– Essa é a pergunta que *eu* venho me fazendo – disse Ali, rindo. – Vai saber? Talvez estejamos fazendo um abrigo antibombas. Ou talvez esse gazebo precise de um porão. – Ela trocou o celular de orelha. – Bem, eu vou dar uma festa antes da formatura. Só um pequeno grupo de amigos, mas vou adorar que você venha. – Seu coração disparou inesperadamente. Ficar tão nervosa por estar convidando Nick a surpreendeu. Era a primeira vez, desde que se tornara Alison, que ela se preocupava em um menino dizer não.

– Quando vai ser? – perguntou Nick.

– Na sexta-feira – disse Ali. – Aqui mesmo na minha casa. Vai ser muito informal.

– Ah...

Houve um barulho atrás dela, e Ali se virou. Sua mãe estava parada no corredor parecendo bem aflita. Era o tipo de olhar que ninguém ignorava.

Ali segurou o celular com força no ouvido.

– Preciso ir. Continuamos depois. – Então ela desligou.

A sra. DiLaurentis deu alguns passos para dentro do quarto.

– Você pode descer por um segundo? Seu pai e eu queremos falar com você e Jason sobre uma coisa importante.

Por um momento, as pernas de Ali pareceram grudadas à colcha. Sua mente voltou instantaneamente para sua mãe e aquele homem do shopping no outro dia. O modo como o homem havia tocado o rosto de sua mãe. Talvez fosse melhor não ir lá embaixo mesmo.

– Vamos – disse a sra. DiLaurentis, oferecendo a mão.

Ali não sabia mais o que fazer, então a seguiu. Seu coração batia descompassado conforme ela descia a escada e fazia a curva para a cozinha. O sr. DiLaurentis estava sentado à mesa, e Jason encostara-se ao balcão, comendo biscoito. Ali tentou fazer contato visual com ele, mas ele olhou para outro lado.

Ela se sentou à mesa e encarou o arranjo floral.

A sra. DiLaurentis quebrou o silêncio.

– Querida, temos notícias de Courtney.

A cabeça de Ali se ergueu como um foguete.

– Ela está indo muito bem ultimamente. Não está mais dizendo que se chama Ali. Ela está tomando os remédios e se dando bem com as outras pacientes e com os funcionários. Você viu por si mesma algumas semanas atrás no hospital, ela parecia feliz.

– Ela parecia louca – interrompeu Ali incisivamente.

Sua mãe ergueu um dedo.

– Deixe-me terminar, certo? Tivemos uma longa conversa com os médicos, e eles recomendaram que tentássemos trazê-la para casa por um tempo. Ela virá na próxima semana, e partiremos daí.

Ali entendeu cada palavra individualmente, mas juntas não faziam sentido.

– Na próxima *semana*? – perguntou ela, então arrastou a cadeira para trás. – E a minha festa de fim do ano? Convidei muitos meninos, o pessoal de Rosewood Day.

– Vamos pegá-la na terça-feira, que tal?

Ali só piscou.

– Mas ela estará aqui para a formatura? E para a festa do pijama? Ela não *vai* à formatura, vai? – E ela *definitivamente* não vai participar da festa do pijama.

– Oh, não, um de nós vai ficar com ela. – O sr. DiLaurentis colocou a mão no braço dela. – Vai ficar tudo bem, querida. Nós juramos.

– Não, *não vai ficar*. – A voz de Ali falhava. – Essa é uma péssima ideia.

– Eu sei que é muita coisa para aceitar de uma vez – disse gentilmente o sr. DiLaurentis. – E nós estaremos aqui para ajudá-la a passar por isso. Mas, querida, nós realmente achamos que ela não vai machucar mais você. Tente olhar para isso tudo com compaixão. Se você estivesse no hospital, não ia querer que nós a tirássemos de lá?

É claro que sim!, Ali queria gritar. *Eu quis isso tanto, e vocês nunca fizeram!*

Ela olhou ao redor da cozinha. Tudo parecia diferente de alguma forma, as paredes estavam mais próximas, o relógio maior, o forno muito brilhante. Do lado de fora, um enorme corvo se empoleirou em cima da casa da árvore, parecendo sinistro.

– Ela não está mais dizendo que se chama Ali? – perguntou ela com a voz estranha.

– Isso mesmo – disse o sr. DiLaurentis. – Isso é uma coisa muito boa, não acha?

Ali não tinha muita certeza. A não ser que ela *tivesse mesmo enlouquecido*, a razão mais lógica que sua irmã podia ter para não continuar se autonomeando Ali era fazer com que os médicos a declarassem curada e a mandassem para casa. E *então* o que poderia acontecer? Ela tomaria seu lugar de direito como a verdadeira Ali e forçaria Courtney a ficar calada ou o quê? Ou, mais provavelmente, bolaria um jeito de colocar *Courtney* de volta no hospital, para ser novamente a única menina DiLaurentis?

– Você vai contar a todos quem é ela? – perguntou Ali. – Vou ter que contar às minhas amigas? A

todos na escola? O que as pessoas vão *pensar*?

– Vamos dar um passo de cada vez – disse a sra. DiLaurentis. – Agora, vamos tentar trazê-la para casa por alguns dias. Vamos manter Courtney dentro de casa como fizemos da última vez que ela esteve aqui.

– Só que ela *não ficou* aqui dentro – retorquiu Ali. – Ela saiu e falou com Jenna Cavanaugh. Ela praticamente expôs todos nós.

– Nós vamos vigiá-la com mais atenção desta vez – garantiu o sr. DiLaurentis, apoiando sua caneca. – Esperamos que vocês duas conversem um pouco também. Marcamos para um psicólogo vir aqui nos ajudar na transição. Nós realmente precisamos começar a lidar com alguns desses problemas, em vez de evitá-los.

– Mas eu não quero *falar* com ela! – gritou Ali. Ela sabia que parecia descontrolada, mas não podia evitar. Então ela olhou para Jason. Havia um sorrisinho em seu rosto, como se realmente estivesse feliz. – Você *sabia* disso?

Jason assentiu.

– Eles me contaram ontem à noite. Eu também acho uma boa ideia.

– Claro que você *acha* – disparou Ali. Ela pulou da mesa e saiu feito um furacão pela porta.

– Alison, aonde você vai? – gritou a sra. DiLaurentis

– Sair – bradou Ali, sua voz esganiçando de forma constrangedora.

– Ainda não terminamos de falar!

Ali fez sinal para se afastarem, mas a sra. DiLaurentis foi atrás dela, estendendo o braço para puxá-la pela camiseta. Ali se contorceu e se soltou, mas, em vez de continuar, se virou e olhou para a mãe de cima a baixo. Os olhos dela ardiam. Suas narinas se moviam. De repente, Ali se encheu de raiva pela mulher parada diante dela. Seus membros literalmente se contorceram de ódio.

– Sei o que você está fazendo – disse ela. – Eu a vi com... *ele*. Sei a verdade.

Primeiro, as sobrancelhas da sra. DiLaurentis se contraíram, mas então seu rosto ficou pálido. Olhou ansiosa para o marido, depois para Jason. A pele de Ali pinicava. Então *era* verdade. Talvez tudo aquilo.

Ali virou e fugiu pela porta.

– Alison! – chamou o sr. DiLaurentis. – Droga! Volte!

Mas Ali já estava na metade do quintal em direção às árvores dos fundos. As lágrimas escorriam por seu rosto. Seu peito estava congestionado com todos os gritos que não dera. De repente, parecia que tudo o que tentava manter unido agora era uma grande bola de fios soltos. Ali imaginou a bola quicando no chão, uma esfera emaranhada de nós impossíveis. Não importava o quanto ela tentasse desfazer os nós, nada seria como antes.

E se eles a mandassem para a clínica Preserve? E se houvesse um leito esperando por ela *naquele instante*? Ela pensou na pilha de Polaroides na sua gaveta, todas as suas lembranças do último ano e meio. Seria tudo que ela teria desta vida. Em *qualquer vida*. Ali morreria antes que tivesse que voltar. Ela se mataria, de verdade.

– Alison! – chamou sua mãe da varanda, mas ela nem olhou para trás. Só quando chegou ao buraco do gazebo foi que parou e olhou feio para seu abismo escuro. Deveria ser uma queda de mais ou menos três metros. Se seus pais descobrissem, se "Courtney" desse algum jeito de mandar Ali para a clínica no lugar dela, ela pularia no buraco e nunca sairia. O que os pais dela fariam? Tentariam salvá-la? Sentiriam falta dela? Eles sequer se *importariam*?

– Ali! – chamou sua mãe mais uma vez, mas Ali ergueu o dedo do meio. Chutou uma pilha de terra e viu os pedregulhos cascatearem para baixo, enchendo o buraco vazio. Depois disso, continuou a andar para dentro do bosque, onde poderia chorar sem ninguém ouvir.

21

UMA OFERTA IRRECUSÁVEL

Duas tardes depois, Ali e Spencer estavam sentadas à grande mesa de jantar de Spencer, assistindo, pela janela, à chuva que caía. Para abrir espaço para o laptop de Ali e uma pilha de fichas, as meninas haviam tirado uma parte dos pratos, guardanapos e candelabros da mesa, pois a sra. Hastings era o tipo que sempre deixava a mesa posta para poder receber um convidado para jantar em cima da hora. Elas estavam usando o iTunes de Ali para escolher uma lista de músicas para a festa de final do ano escolar improvisada que Ali organizava para sexta-feira. Nas fichas, listavam palavras do vocabulário para a prova final de inglês do dia seguinte.

– Certo, *megalomaníaco* – disse Spencer.

Ali inclinou a cadeira para trás.

– É uma banda ou uma palavra do vocabulário?

Spencer riu.

– Vocabulário, boba.

Ali ergueu as mãos.

– Você me pegou.

Spencer virou o cartão.

– Alguém que tem fantasias alucinatórias de poder, importância e onipotência.

– Entendi – disse Ali, virando para outro lado. Aquela definição a lembrava uma pessoa: sua irmã psicótica. Querendo ser a única menina DiLaurentis. Afastando-a da família de qualquer maneira possível. E agora eles iam trazê-la *de volta*.

Faltavam aproximadamente 6 dias, 1 hora e 23 minutos para que a irmã voltasse, e Ali não tinha ideia do que fazer sobre esse assunto. Pior ainda, sua família estava se empenhando em preparar o retorno da irmã gêmea: compraram outro edredom para o quarto de hóspedes, um laptop e uma escrivaninha para ela, informaram-se sobre a possibilidade dela se tornar membro do Rosewood Country Club e abriram uma conta na farmácia de Rosewood para que pudessem comprar facilmente os remédios prescritos. O sr. DiLaurentis tivera a coragem de pedir a Ali algumas roupas que ela não se incomodasse de dar, "Courtney" provavelmente precisaria de algumas coisas no começo. Como se Ali fosse realmente deixá-la usar seus jeans e camisetas! Era incrível: seus pais acreditavam que a menina na clínica era a verdadeira Courtney, mas a estavam tratando melhor do que *jamais* trataram Ali enquanto ela estivera internada.

Ali revirou na cama a noite toda, tendo pesadelos com os corredores da clínica Preserve e os

gemidos que costumava ouvir na Radley. Será que a irmã poderia provar, sem sombra de dúvida, que Ali mentira todos esses anos e a forçara a tomar seu lugar na clínica? E o que Ali poderia fazer se isso acontecesse? Afinal, era verdade.

– Ali?

Spencer a encarava, o lápis a meio caminho entre sua boca e o papel. Seus olhos azuis estavam arregalados, e mechas de seu cabelo haviam se soltado do rabo de cavalo.

– Perguntei se você acha que Nas seria bom para a lista de músicas.

– Ah... – Ali girou o anel com sua inicial no dedo. – Parece bom.

Spencer empinou a cabeça.

– Você está bem?

– Claro! – respondeu Ali depressa. Então ela deu de ombros. – É só que eu dormi muito mal noite passada. Jason estava tocando a música horrível dele de novo; sabe como é.

Spencer virou a página do livro didático. O relógio antigo no vestíbulo bateu as horas. Justo quando a mente de Ali começou a vagar pela terra da histeria mais uma vez, Spencer fechou o livro e olhou para o celular.

– *Sim!* – sussurrou tocando a tela.

Ali ergueu os olhos.

– O que é?

Spencer sorriu cheia de mistério.

– Nada.

Ali moveu sua cadeira para dar uma espiada, mas Spencer escondeu a tela com a mão. Contudo, não antes que Ali pudesse ver o nome Ian Thomas em cima de uma mensagem de texto.

– Você está mandando mensagens para Ian – afirmou Ali.

Spencer colocou o celular com a tela para baixo na mesa.

– Talvez eu esteja.

Ali a encarou, chocada pelo tom de voz sarcástico e arrogante de Spencer. Esse tom era próprio de Ali e apenas de Ali. Ela encarou a amiga por vários segundos. *Não* ia fazer perguntas sobre coisa alguma a Spencer. Não desceria tão baixo a ponto de ter que implorar.

Logo depois que pensou nisso, Spencer entregou os pontos.

– Certo, certo. Você sabe que eu tenho uma paixão por Ian, não é? Ele e eu nos beijamos na frente de casa algum tempo atrás. – Ela segurou o braço de Ali de brincadeira. – O que me coloca na frente da velha competição de beijar meninos.

Ali manteve o rosto impassível.

– Hum – disse ela sem entusiasmo.

Spencer girou o lápis nas mãos.

– Eu acho que ele gosta muito de mim. – Ela deu um sorrisinho cheio de si para Ali. – Então agora estou pensando no que fazer. Devo ligar para ele? Espero ele me procurar? Vai acontecer de novo, eu sei. Mas não sei como lidar com isso. Talvez eu devesse convidá-lo para sua festa? O que você acha?

Ali ficou boquiaberta. Spencer estava falando sério? Realmente achava que Ian queria algo de verdade, que aquela bobagem ia continuar? Ele estava saindo com a *irmã dela*. Ali desviou os olhos para uma antiga foto de Melissa na escola que estava na parede, sentindo-se mal por ela por um instante. Então se lembrou daquele homem estendendo a mão e tocando o rosto de sua mãe. Aquele homem que possivelmente era seu *pai*, algum idiota que nem era bom o suficiente para assumir a mulher com quem tivera duas filhas. Como sua mãe se atrevia a não contar isso a ela! Como ela se atrevia a manter isso escondido da família inteira! E se Ali quisesse conhecer esse homem, quisesse saber de onde ela realmente viera? *Ela* importava nessa história toda? Ali se sentia como quando estava internada em Radley, esquecida, em segundo lugar, um obstáculo em vez de alguém que precisava de cuidados e de estímulo. *Vaca.*

Ela sentiu aquela mesma repugnância negra, grudenta, que sentira com Emily no outro dia se espalhar por ela. Virou para a fileira de fotografias ao longo da parede, pegando a grande foto emoldurada de Melissa no ensino médio.

– Isso é uma coisa muito maldosa de se fazer com Melissa, Spence – disse ela. – Ian é o namorado de sua irmã.

Spencer olhou de lado.

– E daí?

Ali olhou nos olhos de Melissa na fotografia. Eram do mesmo azul que os seus.

– Sei que você a odeia, mas isso é muito baixo, mesmo para você.

– Mas você me disse para investir nele! – berrou Spencer, sua voz entrecortada.

Ali franziu a testa.

– Não, não disse.

Spencer se levantou.

– Sim, você falou! Você não se lembra da festa da Melissa? Você disse: *Você não deve deixá-lo escapar. No amor e na guerra vale tudo.*

Ali cruzou os braços sobre o peito.

– Bem, mudei de ideia. E, de qualquer forma, não achei que você faria isso.

Spencer se afastou, indo até o canto da sala, e olhou pela janela. A vista era do celeiro de Melissa. A luz estava acesa lá dentro; Melissa deveria estar lá.

– Eu *gosto* dele de verdade – disse ela com a voz trêmula, seus olhos brilhando cheios de lágrimas. – Achei que você fosse ficar feliz por mim.

Ali suspirou e ficou de pé.

– Eu ficaria mais feliz se você gostasse de outra pessoa.

Uma percepção tomou conta do rosto de Spencer.

– *Você* gosta dele?

Ali balançou a cabeça firmemente.

– *Não é isso*. Só acho que é errado. E acho que você deveria contar a Melissa o que fez.

– Não posso.

Ali inclinou o quadril para o lado.

– Sim, você pode, Spence. E, se você não contar, eu conto.

Os olhos de Spencer examinaram o rosto de Ali como se ela nunca a tivesse visto antes. Depois de um momento, ela virou para o lado e deu um gritinho.

– Talvez eu não precise mais de você como amiga – rosnou ela por entre os dentes.

Ali riu.

– Vamos, Spence. Você não seria nada sem mim.

– Isso não é amizade. Estou cansada de você sempre tentando ser melhor que eu.

Ali ficou surpresa, mas não mordeu a isca.

– Bem, se não formos mais amigas, eu não teria absolutamente nenhuma razão para não contar a Melissa o que aconteceu. Só estou de boca fechada porque me importo *muito* com você. – Ela piscou inocentemente.

Spencer passou a mão na testa. Sua boca se abriu, mas não saiu uma palavra. Ela foi até a mesa, recolheu os livros e, louca da vida, marchou para fora da sala, deixando cair algumas fichas no caminho. Spencer não voltou para pegá-los, e Ali observou sua letra de mão uniforme, caprichada. *Svengali*, estava escrito. Definição: *Nome da personagem criada por George du Maurier, em 1894, que se tornou sinônimo de alguém que, com más intenções, controla outra pessoa por convencimento ou falsidade. O svengali pode fingir gentileza e usar de manipulação para fazer a outra pessoa abrir mão de sua autonomia.*

Essa sou eu, pensou Ali com tristeza. *Foi nisso que minha família me transformou.*

Atravessou os arbustos da cerca viva e entrou em seu quintal. Mas, quando estava prestes a abrir a porta da frente de sua casa, sua pele formigou. Parecia que havia alguém parado atrás dela, observando. Quando se virou, porém, a rua estava vazia. Ali olhou para a casa dos Cavanaughs do outro lado da rua. As cortinas estavam fechadas. Nenhuma luz acesa.

Alguma coisa flutuou, saindo do batente da porta, e caiu aos seus pés. Ela se inclinou e franziu a

testa ao pegar a foto Polaroid à sua frente. Era um retrato que tirara de si mesma e Ian na peça *Romeu e Julieta* algumas semanas antes. Só que agora havia algo escrito com batom vermelho sobre os rostos sorridentes dela e de Ian. Ali tomou fôlego quando leu a mensagem, então olhou em volta mais uma vez.

– Olá? – perguntou baixinho, hesitando. – Ali? – Nenhuma resposta.

Engolindo em seco, ela olhou para a mensagem de novo. *Você está morta, sua vaca!,* estava escrito, com uma letra terrivelmente parecida com a de sua irmã.

22

A PRINCESINHA DO PAPAI

Na quinta-feira à tarde, Ali e Aria estavam nos corredores da Sparrow, uma empoeirada loja de discos no coração do centro comercial de Hollis. Dos alto-falantes saía o som de Cut Copy, e dois universitários que pareciam não tomar banho tinham parado diante dos caixas, balançando no ritmo da música, os olhos fechados. Sparrow era uma das únicas lojas restantes na área da Filadélfia que vendia álbuns de discos de verdade. A família de Ali *não tinha* um toca-discos, mas era divertido mexer naquelas pilhas e ver as capas dos álbuns.

– Estou mesmo muito animada com essa festa – disse Aria enquanto procurava discos de música dance. – Foi uma ideia muito boa, Ali.

– Eu estou ansiosa – disse Ali com tranquilidade. Então ela olhou para seu celular que bipava. Pelo menos dessa vez não era uma ligação de um número desconhecido, mas uma mensagem de Spencer. *Fiz a prova final de história hoje,* dizia. *Você quer as respostas?*

Tudo bem, escreveu de volta Ali, sentindo uma onda de satisfação. Era a terceira mensagem apaziguadora que recebia de Spencer naquele dia, todas para prevenir que Ali contasse qualquer coisa a Melissa. Na primeira mensagem, Spencer dissera que Ali poderia ficar com sua bolsa Burberry, em vez de só pegar emprestada. Na segunda, disse que estava se esforçando ao máximo para conseguir que a festa do pijama acontecesse no celeiro. Ali provavelmente poderia pedir a lua que Spencer se ofereceria para trazê-la com um laço. Era bom ter o controle sobre Spencer de novo.

– Talvez eu devesse começar a trabalhar como DJ – murmurou Aria, suas pulseiras de argola rígida batendo umas nas outras enquanto ela pegava um enorme fone e o colocava nos ouvidos. – Eu fico legal? Talvez chamasse atenção de algum rapaz da faculdade.

– Você parece um controlador de tráfego aéreo – disse Ali, arrancando os fones da amiga. – Fones de ouvido grandes estragam o cabelo.

Aria fez beicinho e deu de ombros, colocando o fone de ouvido de volta na prateleira. Ela segurou um disco antigo dos Rolling Stones.

– Você deveria dar esse disco ao Noel. Ele gosta muito de rock clássico.

Ali piscou.

– Por que eu daria isso ao Noel?

Aria pareceu surpresa.

– Porque você está saindo com ele, não está?

Ali foi direto até um coelho empoeirado no canto; era o tipo de loja que nunca vira um espanador.

Quase esquecera que dissera a Aria que Noel estava a fim dela. Ela até contara que eles saíram duas vezes, mesmo não sendo verdade.

– Ah, é mesmo – disse ela sem entusiasmo. – Você deve estar muito magoada por causa disso, não está?

Aria caminhou até a sala de discos raros, onde havia duas cabines com toca-discos no fundo e luminária de cores neon nas mesas dos cantos.

– Não sei – murmurou ela. – Recebi uma notícia hoje que alivia um pouco a dor.

– Que tipo de notícia? – Ela de repente estava preocupada que houvesse uma desculpa inocente para o que acontecera entre o sr. Montgomery e aquela menina. Que a família de Aria estivesse bem, que *somente* a *sua* família estivesse arruinada.

Aria pegou um álbum do Fleet Foxes, depois o colocou de volta.

– Meu pai recebeu uma oferta para dar aula na Universidade da Islândia ano que vem. Vamos nos mudar para lá.

Ali piscou.

– *Islândia?* Achei que só pinguins morassem lá.

– Isso é na Groenlândia – disse Aria, parecendo saber do que estava falando. – A Islândia é exuberante e linda. Vimos fotos do país na internet noite passada e parece incrível. É uma ilha cheia de vulcões e geleiras, e é sensacional praticar snowboarding lá. O cenário musical é ótimo também, e aparentemente todos os rapazes são altos e lindos.

Ali olhou para ela. Só de imaginar a família de Aria sentada alegremente em volta do computador a fez ficar nauseada. A última reunião da família DiLaurentis fora quando seus pais contaram a ela que sua irmã viria para casa, e olhe como *aquilo* tinha ido mal.

– A Islândia não é aquele lugar que, tipo, fica claro o tempo todo no verão e escuro no inverno? Isso seria horrível!

Aria deu de ombros.

– Acho que a pessoa se acostuma.

– E se não falarem inglês lá?

– Eles falam. Nós verificamos. Todo mundo fala inglês perfeitamente. E 100% das pessoas são alfabetizadas.

Ali deu uma fungadela, sem se convencer.

– E se eles fizerem você aprender a cantar como os tiroleses?

– Acho que isso é na Suécia – disse Aria. – Ou na Noruega.

– Parece uma ideia terrível – decidiu Ali. – Você não leu a *Teen Vogue* do mês passado? Eles mostraram os lugares mais bacanas para visitar, e a Islândia não estava lá.

Aria inclinou a cabeça.

– Se você está com inveja, pode ir me visitar. Eu gostaria muito.

– Não estou com inveja – disparou Ali.

Mas talvez ela *estivesse* com um pouco de inveja. E mais, Aria parecia nem se importar em deixar Rosewood, em deixá-la. Na verdade, parecia *querer* sumir dali, como se suas amigas não fossem nada para ela. Aria ainda não dissera o quanto ia sentir falta das amigas. Não confessara que ficaria muito triste de ir embora.

A sensação a deixou quente e com coceira, como se tivesse acabado de ser picada por formigas. De repente, Ali teve uma ideia. Fora aproximadamente naquele horário que ela fizera sua descoberta no beco. Talvez houvesse algo a ser descoberto lá naquela tarde também. De repente, queria que Aria sofresse tanto quanto ela estava sofrendo.

Encarou Aria.

– Você disse que seu *pai* recebeu uma oferta de emprego?

– Sim. – Aria sorriu. – Ele será chefe do departamento. Está pensando em fazer uma pesquisa sobre trolls. Muito louco, não é?

Ali fungou.

– Seu pai não vai deixar Hollis.

Aria focou em Ali.

– Por que não?

Ali balançou no lugar. Ela analisou a expressão de Aria em busca de um sinal de reconhecimento, mas Aria só a encarava. Dando de ombros, Ali deu meia-volta e se encaminhou para a saída da loja. Aria a seguiu enquanto ela descia pela calçada.

– Aonde vamos? – perguntou ela. – Você está brava?

– Não estou brava – disse Ali calmamente. – Só preciso tomar um ar. Venha dar uma volta comigo.

– Desculpe, Ali. – Aria parecia na defensiva. – Mas achei que você ia ficar feliz. É uma oportunidade incrível para meu pai, para todos nós.

– Ah, sim – concordou Ali. – Estou *muito* feliz por você, Aria. Sua vida será verdadeiramente perfeita. – *Isso é o que você pensa*, acrescentou ela na cabeça.

Elas passaram pela Kinko e pelo lugar junto ao meio-fio onde ela e Jason haviam estacionado algumas semanas atrás. Quando Ali entrou no beco que ficava ao lado do prédio de história da arte, havia nada mais nada menos que um Subaru surrado na vaga dos professores. Duas sombras eram visíveis no painel. *Sim.*

Aria virou a esquina logo atrás dela.

– Ali, por que estamos... – Ela se calou ao ver o carro do pai. – Ei, olhe só! Vamos deixar um bilhete para meu pai!

Aria enfiou a mão na bolsa, talvez procurando por um bloquinho e uma caneta, quando algo no carro chamou sua atenção. Franziu a testa ao ver a cabeça de seu pai surgir de trás dos bancos. Ela estava prestes a chamá-lo, mas então a cabeça de uma garota também apareceu. Ali viu o exato momento que Aria percebeu o que estava acontecendo. A bolsa caiu de sua mão. Ela deu um grande passo para trás, tropeçando. Byron Montgomery se inclinou sobre a menina e a beijou na boca.

– *Papai?* – Aria deixou escapar.

As figuras no carro se afastaram. O sr. Montgomery se virou e olhou para Aria, a cor se esvaindo de seu rosto. A moça, que era loura, bonita e provavelmente uma aluna da faculdade, olhou para Aria impassível, um leve sorriso nos lábios.

– Aria! – disse o sr. Montgomery, abrindo a porta da frente com força.

Aria deu outro passo para trás. Ela olhou para Ali, seus olhos enormes. Sua expressão mostrava todos os tipos de perguntas. *Você viu isso? Isso está realmente acontecendo?* E talvez, apenas talvez, *Você sabia que eles estavam aqui?*. E então, antes que seu pai pudesse alcançá-la, ela se virou e saiu correndo.

23

A REDE INTRICADA

Naquela noite, Ali estava deitada de bruços na cama, com o diário aberto à sua frente. Tinha muito a escrever; muita coisa acontecera. Nos últimos dias ela estava escrevendo mais sobre a vida e as transgressões de suas amigas do que sobre si mesma. Era como escrever um romance picante sem ter de trabalhar para conseguir nenhum dos detalhes, já que todos estavam ali em sua memória. Escreveu uma frase final sobre Aria espionando seu pai galanteador no carro, então soltou a caneta, pegou o celular e escreveu uma mensagem para Aria.

Como você está? Quer conversar?

Não recebeu resposta. Não era assim que deveria acontecer. Aria deveria desabar na sua frente e *precisar* dela, e então Ali contaria o que estava acontecendo em sua vida. Em vez disso, Aria estava em silêncio, quase como se isso fosse culpa de Ali.

O celular dela bipou e, por um segundo, Ali achou que Aria escrevera de volta. Mas a mensagem era de Nick. *Saudades.*

O coração de Ali se alegrou. *Também estou com saudades*, respondeu ela. *Você vem à festa?*

Não sei se vou poder, respondeu Nick. *Provavelmente vou trabalhar nesse dia.*

Não!, respondeu Ali. *Tente tirar a noite de folga!*

Uma batida em sua porta a assustou e a fez derrubar o celular no chão. Era sua mãe.

– Está tão gostoso lá fora – disse ela suavemente. – Por que não sentamos no deque?

Ali pegou o celular e encarou a mãe com um olhar gelado.

– Você está me convidando ou mandando que eu vá com você?

A sra. DiLaurentis parecia atormentada.

– Por favor?

Ali mordeu o lábio conforme seguia sua mãe até o enorme deque de madeira nos fundos da casa. Sua mãe colocara ali uma jarra de limonada e dois copos com vários galhos de hortelã dentro, algo que sempre fazia quando as meninas eram pequenas. Em sua antiga casa, hortelã selvagem crescia no quintal; Ali e Courtney costumavam colher as folhas e espremê-las no nariz para sentir o cheiro fresco. Elas tomavam suas limonadas como damas sofisticadas, fingindo que eram coquetéis. Ali sorriu com a lembrança e então, segundos depois, tossiu para disfarçar um gemidinho.

– Você está bem? – perguntou a sra. DiLaurentis, servindo-se de limonada.

Ali deu de ombros e olhou para o quintal. Estava imaculadamente verde e aparado, graças aos jardineiros que vinham toda semana. Só o feio buraco nos fundos feria a cena idílica.

– Sei lá.

– Ansiosa para sua festa? – perguntou a sra. DiLaurentis.

– Estou. – Ela tomou um gole de limonada.

– Seu pai colocou os alto-falantes no deque. E os pedreiros já terão ido embora até lá, mas ainda teremos o buraco no quintal. Só garanta que ninguém vá até lá, está bem? Não queremos que ninguém caia.

– Certo. – Se ela desse respostas monossilábicas, talvez sua mãe a deixasse em paz.

A sra. DiLaurentis apertou as mãos. Os raios de sol batiam no seu rosto, iluminando um lado e fazendo sombra no outro.

– Parece que alguma coisa realmente a está incomodando.

Ali bateu o copo de limonada com força, e o gelo tilintou. Sua mãe era assim tão idiota? *Claro* que algo a estava incomodando. Várias coisas. E sua mãe sabia exatamente o que eram essas várias coisas.

Ela olhou para o buraco meio cavado.

– Quando vão acabar essa maldita obra? – explodiu. – Está levando muito tempo. Quando terminarem, a oportunidade de dar festas fabulosas de verão terá acabado.

A sra. DiLaurentis não olhou em direção ao buraco, seus olhos ainda estavam em Ali.

– Tem alguém com quem você possa falar, querida? Sobre... o que está acontecendo?

Ali olhou para os chinelos.

– Se você está falando sobre *ela*, nós estamos mantendo isso em segredo, lembra? *Não posso* falar com ninguém.

– Bem, se você quiser falar com suas amigas sobre isso, por nós tudo bem.

Ali prendeu a respiração.

– Não, obrigada.

A sra. DiLaurentis passou a mão em uma bagunça de folhas invisíveis do tampo da mesa da varanda.

– Talvez um psicólogo, então. Eles podem ajudar.

Ali olhou feio para ela.

– Você está falando com a gêmea errada. Eu não sou a louca. Não preciso de um psiquiatra.

A sra. DiLaurentis fechou os olhos.

– Não foi o que eu quis dizer. Mas no outro dia, quando eu disse que Courtney viria para casa, você reagiu de um jeito que fez parecer que estava muito perturbada.

Ali mudou a cadeira de lugar para ficar de frente para sua mãe.

– O que você esperava? Você despejou tudo na minha cabeça! Até Jason sabia! E eu *não a quero*

em casa, mãe. É uma péssima ideia.

– Ela é parte da família. E às vezes, nas famílias, você tem que fazer coisas que não quer.

– E o que acontece se ela tentar me machucar de novo?

Um carro passou roncando pela rua. Uma rolinha arrulhou nas árvores. A sra. DiLaurentis contraiu os lábios.

– Isso não vai acontecer.

Ali se lembrou subitamente do incidente no banheiro na clínica.

– Como *você* sabe?

– Eu apenas sei, está bem? – Então a mãe de Ali olhou para o buraco parcialmente cavado, depois para os arbustos que separavam seu quintal do quintal da família Hastings. – Deveríamos conversar, também, sobre o que você disse para mim. Sobre... *ele*.

Ali ficou de pé e foi em direção às portas de correr.

– Não, obrigada.

A sra. DiLaurentis a segurou pelo braço.

– Não é o que você pensa, Alison.

Ali abriu a porta com tudo.

– Sim, é.

– Não é, e você não deveria ter levantado o assunto. Agora seu pai está fazendo perguntas. Não estou tendo um caso, e aquilo foi extremamente rude da sua parte.

Ali ergueu a cabeça. Todos os sons, o murmúrio do vento, o Weedwacker do vizinho, o zumbido constante da unidade de aquecimento, pareceram cessar de uma vez.

– Você realmente vai ficar aqui sentada e negar?

Os olhos da sra. DiLaurentis analisaram o rosto dela.

– O que você acha que viu, exatamente?

– Eu vi um homem tocando seu rosto no shopping. E eu *ouvi* você – chiou Ali. – Ouvi você conversando com alguém com uma voz melosa, alguém que não era papai. Pareceu que quem quer que fosse sabia sobre Courtney.

Um músculo da boca da sra. DiLaurentis se retorceu. Seus olhos tinham escurecido para um azul mais profundo, o que sempre acontecia quando ela ficava séria ou brava.

– Sim, há alguém que sabe sobre Courtney além de nós. Mas é alguém que manteve as coisas em absoluto segredo, juro. Há muitas coisas que você não entende, Alison. Coisas sobre as quais você não precisa saber.

Ali esfregou o rosto, nervosa, e o ódio que borbulhava em seu peito explodiu.

– Coisas que eu não preciso saber? – rosnou ela, com a voz descontrolada. Ela afastou sua mão

da de sua mãe, sua cabeça girando cada vez mais rápido. – Quando você vai contar a verdade, mãe? Quando você vai me contar de onde eu realmente vim?

A sra. DiLaurentis recuou a cabeça e franziu a testa.

– Do que você está falando?

– *Eu ouvi o que você disse!* – gritou Ali. – Ouvi você dizer *Ela também é sua filha!* Então isso *me diz respeito*, mamãe. Saber quem é meu verdadeiro pai me diz *muito* respeito.

A sra. DiLaurentis ficou branca como uma folha de papel.

– *Alison!* – falou ela exasperada. E então se levantou e deu um tapa na cara de Ali.

Aconteceu tão rápido, tão inesperadamente, que Ali não sentiu o rosto arder até alguns segundos depois de ter acontecido. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Ela abriu a boca, mas estava muito aturdida para falar.

A sra. DiLaurentis se acomodou de novo na cadeira. Calmamente, ereta, ela pegou o copo que tombara. Houve uma longa pausa. O coração de Ali estava disparado, sua bochecha pinicava. Parecia que tudo dependia do que sua mãe diria em seguida.

– Encerramos esse assunto – declarou a sra. DiLaurentis. E então seu olhar se desviou para o buraco parcialmente cavado no fundo do quintal. – Os pedreiros devem concretar o buraco para o gazebo no final de semana que sua irmã estará em casa – disse ela com a voz pausada e indiferente à qual Ali estava acostumada, a voz que fazia as coisas acontecerem. Ela apertou o ombro de Ali duas vezes. – A tempo para suas festas fabulosas de verão.

Dito isso, ela se foi.

24

HANNA ENTREGA OS PONTOS

Na noite seguinte, Ali colocou a última tigela de salgadinho na mesa e se afastou para ver como ficou.

– As pessoas ainda comem Doritos? – perguntou alto, depois virou e olhou para as amigas. Que pena que Hanna não estava ali; se estivesse, Ali teria feito um comentário sarcástico.

– Parece ótimo, Ali – disse Emily, arrumando atrás da orelha a margarida que colhera no quintal de Ali. Emily se arrumara para a festa – pelo menos para os padrões dela –, usando um jeans novo sem nenhum buraco e uma camiseta quase justa que pegara emprestada de Aria, que exibia a frase *Meninas Irlandesas São Mais Fáceis*. Ali tinha certeza de que, se a mãe de Emily a visse usando essa roupa, ela estaria muito encrencada.

– As luzes de Natal deram um toque bacana – disse Spencer. Ela ainda olhava para sua casa ao lado, provavelmente esperando que Ian chegasse: ele ia sair com Melissa naquela noite.

– Obrigada – disse Ali. Seu pai trouxera uma caixa de luzes do porão naquela manhã e as pendurara por todo o quintal, um tipo de iluminação que Ali tinha visto em um restaurante em Little Italy em Nova York. Depois disso, seu pai se oferecera para buscar os convidados que não tinham como vir e para fazer hambúrgueres para todos. *Tudo aquilo era culpa?* Ali quisera comentar, sem morder a isca. Era óbvio que ele estava tentando se redimir por causa da chegada da irmã gêmea na terça-feira seguinte, mas nada poderia compensar aquilo.

Ali acendeu mais velas e as colocou nas mesas, então verificou se o aparelho de som estava programado com uma lista de músicas animadas e dançantes e também checou o deque, para ver se estava completamente desobstruído para que todos pudessem dançar. Ela tocou no ombro de Aria, que estava parada no canto, olhando as mensagens em seu celular.

– Tudo bem em casa?

Aria empalideceu, olhando em volta para as outras meninas no deque.

– Tudo certo. – Ela quase parecia irritada. – Só estava avisando minha mãe que horas voltaria.

Ali se contorceu. Era isso que ela recebia por tentar ser legal? Ela se encheu de ódio. Certo. Se Aria pensava que Ali era terrível, então ela *seria* terrível.

– Então, você sabe quem era a menina? – perguntou Ali, chegando mais perto, mal reconhecendo a própria voz.

Aria falou por entre os dentes.

– Não sei do que você está falando.

– Você acha que sua mãe sabe? Que todos em Hollis sabem?

Aria olhou implorando para Ali, então enfiou o celular no bolso e se afastou. Ali trincou os dentes. Ela não tinha certeza se era com Aria que estava brava: tudo que viu ao fechar os olhos foi a mão de sua mãe se esticando para lhe dar o tapa. Mas praticar alguma maldade fez bem a ela, mesmo. Ela se sentiu no controle.

Ali ergueu a cabeça para olhar o céu, admirando um avião que passava acima. A noite estava limpa e sem nuvens, com um friozinho leve, o que era perfeito para os casais que desejassem namorar. O problema é que, apesar de Nick ter pedido, não havia conseguido a noite de folga. Talvez fosse melhor assim. Ainda não havia contado a ninguém sobre ele, não sabia se eram oficialmente namorados e não queria contar às amigas sobre ele antes da hora. E, de qualquer forma, ela estaria ocupada naquela noite.

A campainha tocou, e Ali correu para dentro de casa e a abriu. Hanna e Josie estavam na varanda, as duas usando vestidos estampados parecidos que ela vira na Otter.

– Bem-vindas! – disse alegremente, enfiando seu nojo e inveja lá no fundo. Hanna nunca saíra usando roupas iguais às dela.

Ela saiu do caminho para deixar Josie e Hanna entrarem, e mais convidados apareceram na rua. James Freed e o menino novo, Mason Byers, saíram da BMW do pai de James. Kirsten Cullen e Lanie Iler, que eram sempre quase bacanas, vinham logo atrás, seguidas por Sean Ackard. Por alguns momentos, todos se juntaram no vestíbulo, Mason encontrando Lanie, James cutucando Kirsten como para dizer eu-gosto-de-você-mas-vou-fingir-que-odeio, e Hanna se afastou, mortificada por estar no mesmo recinto que sua paixonite. Mas Josie ficou firme e cumprimentou Sean com um aperto de mão.

– Em que ano você está? – Ali a ouviu perguntar a ele.

– Indo para o oitavo – respondeu Sean.

Josie franziu o cenho.

– Mesmo? Você parece mais velho.

Sean ficou vermelho.

– As pessoas me dizem isso às vezes. Acho que é porque eu sou alto.

Ali observou quando Josie riu e colocou um cacho de seu cabelo atrás da orelha. Ela... *gostava* dele? Ela olhou para Hanna, que agora falava com Spencer enquanto comia um monte de Doritos, talvez nem notando que Josie e Sean estavam conversando. Ali levou Hanna para o quintal e a colocou junto com umas meninas do time de hóquei do sexto ano. Depois voltou para dentro. Josie ainda estava conversando com Sean. Aquilo estava fácil demais.

James levou Sean ao quintal, onde alguém ligara o aparelho de som. Ali aproveitou a oportunidade para conversar com Josie.

– Muito legal você ter vindo – sorriu afetada. – Qualquer amiga de Hanna é amiga minha.

Josie olhou para Ali com cuidado, mas depois deu de ombros.

– Foi legal você ter me convidado. Eu ainda não conheço muitas pessoas por aqui, mas todos parecem muito bacanas.

– Como Brayden, certo?

Josie piscou.

– Quem?

– Aquele rapaz com quem você estava falando agora mesmo. – Ali escolhera um nome qualquer caso Hanna houvesse contado a Josie sobre sua paixão. Era pouco provável que Hanna o tivesse mostrado, já que Josie estivera flertando com ele, e claramente Sean não dissera seu nome. – Acho que ele gostou de você.

Josie roeu a unha do dedão, parecendo intrigada.

– Você acha? – perguntou ela com relutância.

Ali assentiu.

– Sou amiga dele há muito tempo. Eu sei.

Josie olhou para os lados.

– Ele *era* bem bonitinho.

– Você quer conhecê-lo melhor? – perguntou Ali.

Josie sorriu.

– Claro.

Ali assentiu.

– Sabe o que vou fazer? Vou mandá-lo para o solário com umas bebidas para que vocês possam conversar sozinhos. – Ela piscou como quem sabe das coisas.

Josie encarou Ali por algum tempo.

– Obrigada.

– Vá para lá e se acomode no sofá – disse Ali, gesticulando em direção ao solário. Para sua satisfação, Josie fez exatamente como ela mandou. Então Ali voltou ao quintal, que estava repentinamente cheio de garotos e garotas. Spencer e Kirsten dançavam. Aria e Emily estavam em uma das mesas, conversando com Joanna Kirby, que seria perfeita para seu círculo de amigas, não fosse o fato de ela ser obcecada por cavalos. Diziam que ela ainda brincava com bonequinhos. Ali viu Sean do outro lado do quintal com James Freed. Hanna estava por perto, roendo a unha, provavelmente pensando em falar com ele. Ali o chamou antes que Hanna tentasse qualquer coisa.

Depois disso foi fácil. Sean, sempre um cavalheiro, imediatamente pegou dois copos de ponche e se encaminhou ao solário. Hanna o observou, confusa, mas ficou onde estava, perto do vaso suspenso

de florzinhas coloridas.

Cinco minutos se passaram. Depois dez. Hanna estava agitada, como se tivesse percevejos nos bolsos. Ela enfiou a mão na tigela de Doritos uma porção de vezes, até que houvesse apenas migalhas. Finalmente, Ali chegou perto dela na cerca.

– O que aconteceu com Josie?

– Não sei – disse Hanna ansiosa. – Eu não a vejo desde que chegamos. Será que ela achou a festa chata e foi embora?

Ali ignorou o fato de que Hanna a havia quase insultado e deu o braço para ela.

– Vamos procurá-la lá dentro.

Elas entraram na cozinha, onde o silêncio era chocante em comparação com as vozes altas do lado de fora. Ali enfiou a cabeça em um banheiro, depois olhou na escada.

– Não sei, Han...

Quando Hanna se dirigiu ao solário, Ali não foi com ela. Não precisava. Ela viu quando Hanna parou de repente na entrada, seu rosto empalidecendo.

– O que foi? – perguntou Ali, aproximando-se.

Hanna deu um grande passo para trás, com lágrimas nos olhos. Ali deu uma olhada lá dentro e viu Josie e Sean abraçados no sofá, quase se beijando.

– Oh, meu Deus – disse Ali, pegando a mão de Hanna.

Todos os tipos de expressões passaram pelo rosto de Hanna. Ela balançou a cabeça, depois correu em direção ao banheiro. A porta bateu com força. Ali forçou a maçaneta, mas estava trancada.

– Hanna? – chamou ela. – Han, por favor, me deixe entrar.

Ali ouviu uma tosse seca dentro do banheiro. Barulho de água. A descarga foi acionada. Ali envolveu a mão na maçaneta. Era um *déjà vu* do que acontecera em Annapolis em fevereiro. Ela repentinamente sentiu uma pontada de culpa. *Ela* era a responsável por aquilo. Então, ela meio que fizera o lance de Annapolis se repetir.

Ali virou a maçaneta, que cedeu, era quase como se Hanna *quisesse* que ela entrasse. A porta se abriu para uma cena conhecida: Hanna agachada na frente da privada, seus olhos vermelhos. Ela olhou para Ali não com pavor, mas vencida. Ali entrou e fechou a porta de novo.

– Eu não tenho feito muito isso na verdade – desatou a falar Hanna.

– Eu sei – acalmou-a Ali. – E vendo o que você acabou de ver... oh, meu Deus, Han. É horrível.

Hanna assentiu.

– Eu *disse* a ela que gostava dele. Eu *disse* a ela que ele estaria aqui. E ela deu em cima dele!

– Algumas meninas são assim – disse Ali, acariciando o cabelo de Hanna. – Você sabe o que precisa fazer? Nunca mais falar com a vadia de novo, começando agora. Se ela tentar falar com você,

dê um gelo nela. Ela está morta para nós.

Hanna engoliu um soluço.

– Mas ela era tão bacana. E divertida. E...

– Você não pode deixar que ela saia impune – interrompeu Ali. – Meninas como ela vão acabar com você se deixar, Han. E se Sean não percebe como você é especial, é problema dele. Vou garantir que a reputação de Josie vá para o lixo de Rosewood Day, está bem? Vou garantir que ninguém compre na Otter. Vou mandar uma mensagem para Spencer agora mesmo pedindo a ela que leve Josie e Sean para fora daqui. E vamos encontrar outro garoto para você neste verão, alguém muito melhor que Sean, pelo menos. Eu juro.

Hanna limpou uma lágrima.

– Você vai?

– Com certeza. – Ali afastou o cabelo do rosto de Hanna. – Sem querer ofender, Han, mas Sean é muito certinho para você. Você precisa de um menino que seja mais agitado, mais bacana, um pouco mais divertido. Eu conheço milhares de meninos assim.

– Certo – murmurou Hanna. E, quando Hanna a olhou, Ali percebeu que Hanna não falaria mais com Josie. Ela faria qualquer coisa que Ali mandasse, especialmente agora.

Então Hanna pigarreou.

– E você não vai contar a ninguém sobre... *isso*, vai? – Ela gesticulou na direção da privada.

Ali se apoiou na pia.

– Hanna, você não acha que *deveria* falar com alguém?

– Não!

– Nem mesmo com sua mãe?

Hanna balançou a cabeça, jogando o cabelo para lá e para cá.

– Por favor – implorou ela.

Ali cruzou os braços sobre o peito, fingindo pensar no assunto.

– Certo – disse ela. – Melhores amigas protegem umas às outras, você me protege e eu protejo você.

– Exatamente – disse Hanna ansiosa. – Farei o que você quiser.

– Perfeito – disse Ali, e acariciou a cabeça de Hanna. – É só isso que peço.

Ela pegou um copo d'água para Hanna e lhe disse para lavar o rosto. Então, ela a ajudou a sair do banheiro. Mesmo que agora as roupas de Ali cheirassem a vômito tanto quanto as de Hanna, Ali não reclamou.

Afinal, amigas serviam para isso.

25

CASAS DA ÁRVORE SÃO ÓTIMAS PARA PRIMEIROS ENCONTROS

Por volta das onze da noite, a festa já esfriara e quase todo mundo já havia ido para casa. Aria alegara cansaço, Hanna dissera estar se sentindo mal, e Spencer tinha um treino especial de hóquei na manhã seguinte, então Emily foi a única que ficou. Na manhã seguinte, as duas sentaram no quintal, assistindo ao nascer do sol e depois investigando o buraco no gramado, onde uma lona se agitava. Algumas ferramentas tinham sido deixadas na grama ao redor.

– Os pedreiros continuam mexendo com você? – sussurrou Emily.

– Às vezes – disse Ali, fingindo estar chateada.

– Isso é tão errado. – Emily estalou a língua.

Ali enfiou as pernas debaixo da cadeira. A verdade era que, mesmo tendo desfilado de biquíni na frente dos pedreiros, eles mal olharam para ela. Ela ficou pensando se seu pai os havia avisado ou alguma coisa assim.

Ela esticou as pernas.

– Você se divertiu noite passada?

– Foi bom. – Emily deu de ombros. – Mas Hanna pareceu muito chateada por causa do Sean.

– Sim. – Ali verificou as unhas, esperando que Emily não estivesse ciente de sua participação na trama. Mas, ainda que Emily soubesse, não falaria a respeito.

– Aria parecia quieta – Emily continuou. – Spencer também.

– Mais ou menos – disse Ali.

– Você sabe o que está acontecendo com elas?

A luz do alvorecer criava um halo sobre a cabeça de Emily. Ela estava mexendo nos fios soltos da pulseira de barbante que todas usavam para se lembrar da Coisa com Jenna.

– Acho que elas mesmas deveriam contar – disse Ali.

O celular dela bipou, assustando as duas. Ali o pegou, esperando que fosse Nick, mas a ligação apareceu como *Número desconhecido*. Ela virou a tela do celular.

– Você precisa atender? – perguntou Emily.

– Não agora. – Ali sorriu.

O celular ficou quieto por um instante e, então, recomeçou a tocar. Ali grunhiu e o chutou para debaixo da mesa, depois se levantou.

– Vamos – disse ela para Emily. – Vamos dar uma volta.

Elas foram até o buraco parcialmente cavado e olharam lá dentro. Os pedreiros haviam cavado

vários metros mais do que da última vez que ela olhara, expondo mais raízes retorcidas e terra escura argilosa. Diversas pás amassadas estavam no fundo, e um canivete tinha sido abandonado na beirada.

Ali pegou o canivete e olhou lá para baixo.

– Eu a desafio a pular no buraco.

Emily pareceu preocupada.

– E se eu não conseguir sair?

– Você consegue – disse Ali, mas, quando olhou para o buraco de novo, não teve tanta certeza. Parecia mais fundo, de repente, do que um minuto antes. – Pensando bem, esqueça – decidiu ela. – Eu ficaria muito suja puxando você para cima.

Emily virou e olhou para a casa da árvore nos fundos da propriedade. De repente, pegou o canivete da mão de Ali e andou em direção ao tronco massivo. Depois de um momento, Ali ouviu sons de arranhões. Emily estava entalhando algo na casca.

– Você está cortando minha árvore? – perguntou ela, andando até lá.

– Não. – Emily saiu da frente da árvore e mostrou o tronco. Entalhado na casca estavam EF + AD. – Você gosta?

Uma sensação de tontura tomou conta do corpo de Ali tão inesperadamente quanto uma tempestade imprevisível chega a uma cidade.

– Bonitinho – disse ela, com a voz falhando.

– Estou tão feliz por sermos amigas. – Emily foi efusiva. – Eu queria... não sei. Mostrar a você, acho.

– Aham. – Ali ficou com a garganta seca de repente.

Emily deixou o canivete cair na grama e espiou a casa da árvore.

– Faz séculos que não vamos lá em cima.

– Vamos – disse Ali, ansiosa para mudar de assunto.

Ela segurou a corda e apoiou os pés sobre as tábuas que seu pai tinha pregado no tronco como degraus em algum momento dos muitos anos que ela ficara trancada no hospital. Era uma escalada fácil até a casa da árvore, que consistia basicamente de algumas tábuas no chão, pedaços de compensado formando paredes e teto. A janela era formada por simples cortes na madeira. Folhas secas e insetos mortos sujavam o chão. Teias de aranha se alojavam nos cantos. Ali empurrou tudo para o lado com as mãos e se sentou, com o traseiro afundando na madeira.

Emily subiu em seguida e se sentou ao lado dela. Elas tinham crescido tanto que mal havia espaço para as duas ali; seus braços se tocavam. Olharam pela janelinha, que oferecia uma boa vista do celeiro dos Hastings. Melissa Hastings andava para lá e para cá na frente da janela. Ela parecia falar

com alguém ao celular.

Então Ali virou e olhou para sua casa. A luz estava acesa na janela de seu quarto, mas a janela do quarto de hóspedes estava escura. Era a primeira janela que seu olhar sempre procurava. Em alguns dias, sua irmã estaria naquele quarto, olhando por aquela janela. Ou ela estaria em seu velho quarto de novo? Ela convenceria os pais sobre a verdade do que acontecera?

As entranhas de Ali se retorceram.

– É tão legal aqui em cima – Emily respirou, trazendo Ali de volta ao presente. – Tão... quieto. Parece que não estamos mais em Rosewood.

– Seria legal sair de Rosewood, não seria? Eu definitivamente não vou morar aqui quando for mais velha.

– Nem eu – concordou Emily. – Eu nem queria morar aqui *agora*.

Ali olhou para ela por um instante. Queria perguntar por que não. Seus pais? Seus zilhões de irmãos e irmãs? Ela se perguntou se não teria algo a ver com sua paixonite. Rosewood não era exatamente o local mais tolerante com pessoas diferentes.

– Uma ilha tropical seria bacana – disse Ali depois de um momento.

Os olhos de Emily se iluminaram.

– Eu adoraria morar em uma praia. Nadar todos os dias? Seria sensacional.

– Por que não vamos agora mesmo? – perguntou Ali. – Eu poderia comprar passagens para nós com os pontos do cartão de crédito do meu pai. Podíamos fugir e nunca mais voltar.

– Mesmo? – Emily parecia impressionada. – Você gostaria de ir comigo?

– Claro, Em. – Ali se inclinou. – Seria divertido ir com você. – Talvez fugir fosse a saída, ela pensou de repente. Poderia evitar sua irmã para sempre. Não precisaria encarar o que estava por vir.

– Seria muito divertido ir com você também, Ali – disse Emily sem fôlego. Seus dedos estavam tremendo um pouco, mas Ali fingiu não perceber. – Quando digo que estou muito feliz por sermos amigas, é realmente verdade. Isto é... *incrível*.

– Com certeza – disse Ali, olhando para a coxa de Emily. Ela havia se movido para mais perto e seu joelho encostava no de Ali.

Emily olhou para cima e encontrou o olhar de Ali.

– Não foi divertido patinar na pista de gelo?

– Claro – disse Ali, um sentimento estranho tomando conta dela. – Precisamos ir de novo outra hora.

Um sorriso de partir o coração surgiu no rosto de Emily.

– Mesmo? Eu *adoraria*! – Agora sua coxa definitivamente tocava o joelho de Ali. Emily colocou a mão sobre a de Ali e então tirou-a, parecendo envergonhada. – Venho pensando muito sobre aquele

dia, Ali.

De repente, tudo que Ali conseguia ver em sua imaginação eram aquelas letrinhas que diziam *Eu amo Ali* no caderno de Emily. O ar estava cheio de eletricidade, Emily parecia ansiosa para tirar um peso dos ombros. Ali achava que sabia o que era. Ela afastou o joelho com um puxão e tocou o ombro de Emily.

– Tenho algo para contar a você – desabafou ela. – É um segredo.

Emily apertou os lábios. Seus olhos brilharam.

Ali umedeceu os lábios e respirou fundo.

– Eu meio que estou saindo com alguém. Este rapaz mais velho. Ele é absolutamente incrível.

Por um momento a casa da árvore ficou absolutamente em silêncio.

– Ah, eu, ah... – gaguejou Emily. Seus olhos foram em todas as direções.

– Eu queria que você soubesse porque você é minha favorita, Em. Sempre foi.

Emily engoliu em seco com tanta força que deu para ouvir.

– Isso... isso é ótimo. Qual é o nome dele?

– É... olha, não quero contar ainda. Mas conto logo, certo?

– Certo – disse Emily.

Elas ficaram em silêncio de novo. Eletricidade estática pairava no ar, áspera. Os pássaros piavam. Ao longe, alguém soltou uma risada alta. E então, repentinamente, Emily virou o corpo em direção a Ali. Antes que Ali percebesse o que estava acontecendo, os lábios de Emily tocavam os dela. Eles pareceram suaves, *normais*, como os lábios de um menino, na verdade, e, por uma fração de segundo, Ali fechou os olhos e deixou a sensação inundá-la. De muitas formas, era gostoso ser adorada daquele jeito tão genuíno. Era gostoso dar a alguém exatamente o que a pessoa queria.

Mas então voltou a si e se afastou. Aquilo não era o que *ela* queria. E as pessoas iam achar esquisito. Como Emily se atrevia a assumir que Ali estaria a fim?

Tudo que Ali conseguiu ver era a parte branca dos olhos de Emily. Ali sentiu um sorriso maldoso se acomodar em seus lábios.

– Bem – ela se ouviu dizendo, com a voz cheia de tensão e maldade –, acho que é por isso que você fica tão quieta quando estamos nos trocando para a aula de educação física.

Emily se encolheu. Uma risada falsa, horrível, torturada, escapou de sua boca.

– Deus, desculpe – disse ela. – Não sei o que aconteceu comigo, isso tudo foi um engano. Acho que estava pensando sobre o menino que eu gosto e fiquei confusa.

Ali riu grosseiramente.

– Não acho que você goste de alguém, Em. Acho que você está mentindo para mim.

Emily arregalou os olhos.

– Eu *realmente* gosto de alguém.

– Um rapaz? – provocou Ali.

Lágrimas cintilaram nos olhos de Emily, iluminadas pelas luzes da varanda. Ela se afastou na direção da corda.

– Preciso ir.

Ali não disse mais uma palavra enquanto Emily descia e disparava pelo quintal. Ela observou da casa da árvore quando Emily montou em sua bicicleta e ziguezagueou rua abaixo, seu rabo de cavalo balançando. Emily não olhou para trás nenhuma vez.

Por uma fração de segundo, Ali pôde sentir o cabelo de Emily nas mãos de novo, sua pele macia encostada em seu rosto. E então ela mordeu o lábio, as emoções muito misturadas dentro de si para fazerem sentido. De um lado, ela sentia nojo. Por outro, sentia-se restaurada. E também... bem, de modo mais intenso do que fizera com Hanna, sabia que alterara as coisas com sua melhor amiga para sempre.

E embora Emily estivesse ainda mais em seu poder do que antes, aquilo parecia meio... *horrível*.

26

À BEIRA DO ABISMO

– Estamos perto – sussurrou Nick no ouvido de Ali.

– Aonde estamos indo? – Ali segurou um risinho ansioso. A grama pinicava a sola de seus pés. Os aromas de madressilvas e lilases pairavam no ar. Ao longe, ela podia ouvir água correndo e pássaros piando.

– É surpresa – disse Nick, apertando a mão dela. – Mas juro que é boa.

A tarde já estava avançada, e Ali estava fora com Nick. Eles haviam se encontrado no Shopping King James, e Ali assumira que eles iriam fazer compras, mas então Nick vendara seus olhos dizendo que ela não podia ver o lugar para onde a levaria em seguida, a não ser quando chegassem. Ali percebeu que tinham entrado em um táxi. Nick sussurrou o endereço, para que Ali não ouvisse. A corrida levara cerca de quinze minutos, e, quando chegaram, ela ouviu cascalho sendo amassado pelas rodas.

– Você sabe, eu devo mesmo confiar em você – disse Ali. – Não andaria vendada com qualquer um.

– Fico honrado – disse Nick. – Só espero que goste de onde estamos.

Depois de mais alguns passos, Nick parou e tirou a venda dos olhos dela.

– *Tchã-rãããã!*

A primeira coisa que Ali viu foi aquele rosto lindo de partir o coração de Nick, seus olhos expressivos, seus lábios deliciosos e rosados, aquele cabelo cacheado que se encaracolava sobre as orelhas. Atrás dele havia um campo cheio de flores, e depois o que parecia ser um penhasco rochoso. Água escorria na encosta e seguia por um cânion lá embaixo. Vários garotos e garotas se espalhavam pelas rochas escuras em variados graus de nudez. Uma manta xadrez de piquenique estava estendida alguns passos adiante, com uma garrafa de sidra espumante no gelo, uma bisnaga de pão francês, um queijo redondo e algumas uvas. Um suporte para tocar iPod também estava no cobertor, e hip-hop saía pelos alto-falantes.

– Onde estamos? – perguntou ela.

– Na Pedreira do Homem Flutuante. – Nick pareceu surpreso. – Você nunca veio aqui?

Ali olhou para o amplo lago claro no fundo do penhasco e balançou a cabeça. Spencer costumava pedir que fossem lá, mas Ali sempre se recusara, preocupada que todas fossem gostar *demais* do lugar, o que poderia fazer Spencer pensar que ela era mais legal que Ali.

– O mergulho do penhasco é incrível. – Nick andou até o cobertor. – As autoridades estão sempre

tentando fechar este lugar, dizem que é perigoso, mas ninguém se machucou até agora.

Ali sentou no cobertor perto dele, percebendo que a grama em volta estava úmida de orvalho e salpicada de trevos. Então Nick se virou para ela e a beijou de leve na boca. Ali ficou zonza, a sensação era de que ia desmaiar. As mãos de Nick acariciaram os ombros dela. Então ele se afastou e sorriu timidamente.

– Você é tão linda – sussurrou ele.

– Você também – respondeu Ali.

Então Ali sentou no cobertor e olhou para o céu. Nick cortou um pedaço de pão para ela e o cobriu de queijo. Ele acariciou a mão de Ali de novo quando ela pegou o pão.

– Estou falando sério. Isso é, tipo, o máximo. Estou feliz por você ter vindo aqui comigo hoje. Espero que compense eu ter perdido a festa ontem à noite.

– Estou feliz por ter vindo também – disse Ali. Mas, repentinamente, por motivos que ela não conseguia explicar direito, foi tomada por um soluço de choro. Aquilo era quase legal *demais*. Ela virou para outro lado.

Nick parou de servir as duas taças de sidra espumante, baixando a garrafa até o cobertor.

– O que foi?

Ali balançou a cabeça.

– Nada. Desculpe. Só estou sendo uma idiota.

– Tem certeza?

Um Jeep estacionou perto dali, e alguns jovens saíram, tiraram as roupas e seguiram até a beirada do penhasco. Ali viu quando eles saltaram sem nem mesmo olhar para baixo primeiro. Tudo que acontecera recentemente borbulhava dentro dela, pronto para explodir. Sua irmã. Suas amigas. Era mais do que ela podia aguentar. Seus problemas pareciam um daqueles brinquedos que havia na casa da avó dela, em que cobras pulam de uma lata: não importa o quanto você tente fechar a lata, a tampa escapa e as cobras saltam para fora.

Ela olhou o penhasco, tentando enterrar tudo bem fundo.

– Qual é a altura da queda?

– Não sei, mas não chega a ser perigosa – chutou Nick. Então ele virou para Ali e olhou muito seriamente para ela. – Você não precisa mudar de assunto comigo, sabe? Eu também faço isso, quando há algo acontecendo e não sei como falar a respeito. Mas o que quer que esteja preocupando você, o que quer que você ache que não pode dizer, você realmente pode.

Ali engoliu em seco. Ela olhou para Nick, então afastou os olhos.

– Eu não deveria – disse ela. – Não é algo que eu normalmente comente.

– Não prometo que posso ajudar. Mas pelo menos vou ouvir. Você me parece alguém que

realmente tenta manter as coisas em seu lugar porque todas as outras pessoas na sua vida não conseguem. Eu também sou assim.

Ali olhou para ele com gratidão.

– Mesmo?

– Ah, sim. Isso me mete em encrencas às vezes, especialmente quando estou lidando com coisas muito sérias e não tenho ninguém com quem contar. Mas todos nós *precisamos* de alguém com quem contar. E talvez você e eu devêssemos contar um com o outro.

Ali assentiu. Repentinamente, ela se sentiu corajosa. Respirou fundo.

– Eu tenho uma irmã gêmea – admitiu ela. – Ninguém sabe dela.

Só de dizer as palavras em voz alta, ela ficou nauseada. Ela olhou em volta, certa de que um raio iria descer do céu e uma praga de gafanhotos recairia sobre a pedreira, algo para provar que o mundo havia se alterado para sempre. Em vez disso, uma borboleta passou voando e as nuvens deslizaram gentilmente no azul. Nick segurou a mão de Ali.

– E...? – perguntou ele.

– A princípio, quando éramos pequenas, a gente se dava muito bem. – Ali arrancou um punhado de grama e deixou que se espalhasse com o vento. – Mas então, de repente... bem, não sei. Algo aconteceu. E então ela começou a me odiar. Queria que eu fosse embora. Ela fez coisas terríveis comigo.

Nick apertou sua mão.

– Eu sinto muito.

Ela assentiu, com um nó na garganta.

– Meus pais a mandaram embora. Ela está longe há muito tempo. Mas acabei de descobrir que ela vai voltar a morar conosco. – Nick piscou, sua expressão assustada, como se ela houvesse acabado de dar um tapa nele.

– Ela vai?

Ali fez que sim.

– Bem, sim. Meus pais querem que tentemos ser uma família, mas não *somos* uma família, não com ela. Ela vai destruir tudo. Eu sinto isso.

– Quando você ficou sabendo que ela voltaria?

Ali girou o brinco de botão no lobo da orelha.

– Alguns dias atrás. – Ela sentiu as lágrimas chegando. – Todo o resto está uma bagunça também. Meus pais... quem é que *entende* o que está acontecendo com eles. E minhas amigas, não as conheço mais. Eu conseguiria lidar com tudo se fosse só isso, mas com minha irmã voltando, é...

– É demais – Nick terminou a frase para ela.

Ali assentiu.

– Exatamente.

Então ele abriu os braços e puxou Ali para si. Ela se aninhou no peito dele, permitindo-se um único soluço. Foi tão gostoso ser abraçada bem forte. Ela apoiou o ouvido nas costelas dele e ouviu o coração de Nick batendo, o ritmo incomumente rápido.

Ele se inclinou para trás e olhou nos olhos de Ali.

– O que quer que aconteça, fique calma, está bem? Você vai conseguir lidar com tudo, eu vou ajudá-la. Não deixe que ela a abale. Se precisar desabafar pode me ligar. Eu só quero ter certeza de que você está em segurança.

Ali tentou dar um sorriso trêmulo.

– Certo – disse ela timidamente. Depois baixou os olhos. – Eu nunca contei isso a ninguém, sabia?

– Bem, fico feliz que tenha me contado – respondeu Nick.

– Também estou feliz por ter me aberto com você.

Houve um ruído, e vários quadriciclos se aproximaram. Três rapazes desceram, tiraram seus capacetes e correram para saltar do penhasco. Outro grupo de jovens subiu a colina em direção ao carro estacionado, todos bronzeados e com aparência cansada. Ali colocou outro pedaço de queijo na boca e mastigou pensativa. Ela *estava* feliz por ter contado a Nick. Sentia-se mais leve de certa forma, como se tudo fosse ficar bem.

Depois de um tempo, Ali se levantou, indo para o pequeno pavilhão de concreto dos banheiros do outro lado do estacionamento. Dentro do banheiro feminino, ela sorriu para seu reflexo no espelho deformado.

– Ele é incrível – sussurrou para sua imagem.

– *Buuu!* – disse alguém.

Ali gritou quando duas mãos seguraram seus ombros. Quem quer que fosse, tirou as mãos e gargalhou alto. Quando Ali se virou, viu Ian Thomas debruçado de tanto rir. Seu hálito estava horrível, cheirando a bebida. Seus óculos Ray-Ban caíram de sua cabeça e quicaram no chão de concreto.

Ela se afastou dele.

– O que você está fazendo aqui? Esse é o banheiro feminino.

– E...? – Ian deu um sorriso de menino malvado. Ele arrastava um pouco as palavras. – Eu a vi e pensei em vir aqui para ganhar aquele beijo.

– Você me *seguiu* até a pedreira?

– *Alguém* realmente pensa que é muito importante – provocou Ian. – Para seu governo, adoro mergulhar do penhasco. Não fazia ideia que você estaria aqui também. Quem é aquele rapaz que está

com você? Ele parece um maricas.

– Ele não é maricas! – Ali virou o rosto para a pia de novo, jogando sabonete nas mãos.

– Ele não parece fazer nem um pouco o seu tipo. – Ian chegou por trás dela e a tocou nos ombros. – Então? Que tal aquele beijo?

Ali se desvencilhou e o encarou.

– Estou com uma pessoa agora. O acordo está desfeito.

Ian ergueu uma sobrancelha.

– Então é sério entre você e o sr. Maricas, não é?

– Não é da sua conta.

Ele apoiou a mão na parede, parecendo nada convencido. De repente, antes que Ali percebesse, os lábios dele estavam tocando os seus. Ali ficou paralisada pelo choque, deixando a sensação do beijo invadi-la. Os lábios dele eram macios, seu hálito não parecia mais tão ruim, e os movimentos eram confiantes. E então uma segunda emoção despencou em sua cabeça: estava beijando Ian mesmo tendo um namorado. Ela não era melhor do que sua mãe.

– *Alison?*

Quando Ali abriu os olhos, seu coração se despedaçou. Parado no corredor, olhando pela porta aberta, ela viu Nick. Ele estava boquiaberto. Seus olhos em chamas. Ele olhou de Ian para Ali, depois para a mão de Ian, que estava firmemente enroscada à dela.

Ali se afastou.

– Nick!

Nick olhou-a feio. Sua cabeça balançava um pouco, e ele deu um grande passo para trás.

Ali olhou desesperada dele para Ian, que agora estava encostado à parede, com os braços cruzados sobre o peito, um sorriso sarcástico no rosto.

– Isto não era... eu não... não era nada.

Nick piscou para ela.

– Eu sei o que vi. – Ele olhou para Ian. – Que diabos, cara? Ela é minha namorada.

Ian sorriu com maldade, então se endireitou para ficar bem alto. Ele era pelo menos dez centímetros mais alto do que Nick.

– Ela não parecia estar dificultando as coisas, não é?

Os olhos de Nick fumegavam. Ele foi em direção a Ian, com os braços estendidos.

– Por favor! – gritou Ali, enfiando-se entre eles. E então Nick se contorceu, derrubando a garrafa vazia de sidra espumante no chão. Ela se despedaçou, vidro voou para todos os lados. Ali gritou. Ian ergueu os braços para proteger o rosto.

Nick olhou para Ali, balançando a cabeça lentamente.

– Tenha uma ótima vida, Alison. – Ele deu as costas para ela.

Ali pegou o braço dele.

– Do que você está falando?

– Como assim? – Ele deu uma meia risada incrédula. – *Acabou*. Nós acabamos.

– Não! – gritou Ali, tentando alcançá-lo com o braço. – Desculpe! Por favor!

Mas Nick já havia se desvencilhado dela. Ele caminhou pelo estacionamento. Ela o seguiu, chamando seu nome, mas ele apenas continuou indo, os ombros tensos, o olhar fixo à sua frente.

– Nick! – gritou Ali. – Por favor, deixe-me explicar! – Mas, quando ela disse isso, deu-se conta de que não adiantava mais e se desesperou. *Como* ela iria explicar aquela cena? *Prometi um beijo a Ian se ele beijasse minha melhor amiga? E, ah, sim, ele está traindo a namorada, a irmã da minha melhor amiga, algo que eu sabia desde o começo?* De qualquer maneira, ela iria parecer uma sacana sem coração.

Nick começou a correr. Ali correu transtornada atrás dele, enquanto ele seguia para o penhasco sem qualquer cuidado, alheio ao redor. Algo nos movimentos dele parecia perigoso e descontrolado. Estava claro que Nick estava de coração partido. Mas o que ele ia *fazer*?

Nick estava a apenas alguns metros do penhasco. Ali correu mais rápido em sua direção, estendendo o braço e tocando a camiseta dele com a ponta dos dedos.

– Espere! – implorou ela.

Mas, em vez de parar na beirada e olhar para a água, ele continuou. Num segundo ele estava em terra firme, no outro estava suspenso no ar, e depois ele... *não estava mais ali.*

27

A MALDADE CURA TODAS AS FERIDAS

No domingo à tarde, Ali estava deitada na cama, ouvindo o barulho das britadeiras no quintal. Toda vez que considerava levantar e fazer alguma coisa, seu corpo não obedecia. Ela não conseguia imaginar tomar um banho. Ela não conseguia imaginar escovar os dentes. Tudo o que desejava fazer era olhar para as relíquias de seu breve relacionamento com Nick. O ingresso do carrossel. O recibo do paintball. Era quase nada.

Ali desabou de novo no travesseiro, pois só queria dormir. A última vez que se sentira assim foi quando seus pais a mandaram para Radley pela primeira vez. Ela permanecera em seu quarto, chocada, muda e horrorizada. *O que está acontecendo?* Ela pensava de novo e de novo. Seus pais a deixaram levar um álbum de família, e ela virara as páginas pegajosas e despedaçadas tantas vezes que a lombada se soltou. As enfermeiras tentaram encorajá-la a se envolver em atividades em grupo, como canto, música e aulas de arte. Uma terapeuta sentara ao lado de sua cama e tentara fazê-la falar, mover-se, *qualquer coisa*, mas ela sentia que havia uma enorme pá pairando acima dela, jogando areia nela até que apenas seus olhos pudessem ser vistos.

Seu celular bipou, ela pulou para pegá-lo, mas era apenas uma mensagem de Spencer: *Vamos nos encontrar na minha casa. Por favor, venha!*

Ela viu pela janela Spencer, Aria, Emily e Hanna em roupas de banho na varanda de Spencer. Caiu de volta no travesseiro, sentindo lágrimas pinicarem seus olhos. As meninas dariam uma olhada nela e saberiam. Emily provavelmente contara às outras que Ali estava saindo com alguém mais velho; talvez perguntassem se era por causa dele que os olhos de Ali estavam tão vermelhos. E como ela poderia fingir que não?

As amigas reconheceriam a fraqueza nos olhos dela. Elas veriam que tipo de vida ferrada era a de Ali. Elas a destruiriam, como Ali fizera com elas. Era isso que melhores amigas faziam, não era? Comiam vivas umas às outras. As meninas dariam a Ali uma prova de seu próprio remédio.

Ela vasculhou de novo as mensagens de seu celular, para ter certeza de que não perdera nenhuma de Nick, mas não perdera. O que ele estava fazendo agora? Almoçando e alegremente continuando com sua vida? Ele a aceitaria de volta *em algum momento*?

E, ainda pior, ela contara a ele sobre sua irmã gêmea, algo que jurara manter em segredo para sempre. Sentia-se nua, exposta.

Seu celular tocou de novo. *Você vem?*, perguntava Spencer. *Vejo a luz do seu quarto.*

– Deus – disse Ali por entre os dentes, jogando o celular no closet. Bateu com força na parede,

derrubando uma fotografia de Ali e as amigas em um barco na Baía de Newport. Depois de um momento, Ali saiu da cama, andou em direção ao celular e escreveu uma mensagem para Spencer.

Não estou disposta.

Outra mensagem chegou imediatamente. *Por que não? Você está doente? Podemos ajudar?*

Ali fechou os olhos e não respondeu. A última coisa que desejava era a piedade delas.

Outro apito. *Nós vamos até aí*, escreveu Spencer. *O que quer que você precise, podemos ajudar.*

– Não! – gritou Ali, mas ela sabia que era tarde demais. E, quando ela se levantou, Spencer, Aria, Hanna e Emily já haviam deixado o quintal de Spencer e estavam se encaminhando para o gramado de Ali. Em segundos estariam ali.

De repente, seus braços e pernas podiam se mover de novo. Ela enfiou os chinelos, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e disparou escada abaixo. Ela quase bateu na mesa de canto do vestíbulo quando fez a curva em direção à garagem, mas ela precisava sair dali, rápido.

A sra. DiLaurentis, que estava olhando a geladeira, virou-se quando ela passou.

– Ali, você está bem?

– Sim – Ali respondeu rápido, estendendo o braço para alcançar a maçaneta da porta de correr.

– Podemos conversar? – Garrafas de molho para salada tilintaram quando a porta da geladeira bateu.

– Estou ocupada – rosnou Ali.

Do lado de fora, o sol parecia de outro mundo, brilhante demais. Um cortador de grama zunia ao longe, e abelhas esvoaçavam em torno dos narcisos recém-desabrochados. O nariz de Ali se contorceu com o cheiro de algo próximo a azedo e, depois de um momento, ela percebeu que era ela mesma. Não tirara a camisa que usara no encontro com Nick no dia anterior.

Ela deu um passo para fora do quintal, depois parou. As árvores no limite da propriedade sussurravam e silvavam. Ali ficou paralisada. Parecia que alguém a estava observando. Olhou em volta, quase esperando ver um par de olhos espiando-a do bosque. Estremeceu.

– Ali?

Ela deu um pulo, esbarrando em uma pilha de tijolos. Paradas na beirada do gramado estavam Spencer e as outras garotas, parecendo envergonhadas e preocupadas.

Spencer deu um passinho adiante.

– Você está doente? Você *parece* doente.

– Posso fazer canja para você – ofereceu Hanna. – Ou brownies. Meu pai costumava fazer isso para mim quando eu ficava doente.

– Talvez você devesse voltar pra cama, não? – perguntou Emily baixinho.

Ali passou a mão pelo cabelo ensebado e desejou ter trocado de camisa.

– Estou bem, é só um vírus – disse ela, suspirando. – Acho que posso pegar um pouco de sol.

– Ah... – Spencer empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Bem, então vamos lá.

O grupo voltou para o quintal da casa de Spencer, que tagarelava sobre uma festa na próxima semana para a qual todas haviam sido convidadas. Hanna sugeriu que fossem comprar vestidos depois das aulas na segunda-feira. Mas, a cada passo que dava, Ali podia sentir a preocupação delas. Foi tomada por um sentimento familiar de perversidade. De repente, ela quis descontar em alguém. Ela queria que as meninas se sentissem tão mal quanto ela.

Aria olhou por cima do ombro, lançando um olhar preocupado para Ali, e Ali sentiu o peito queimar. Ela agarrou Aria pelo braço.

– Quer me dizer alguma coisa? – sussurrou ela, fingindo interesse.

Aria empalideceu e manteve o olhar fixo à sua frente.

– Não. Tudo bem.

Ali estalou a língua.

– Não é bom reprimir os sentimentos, Aria; vejo isso no *Dr. Phil* o tempo todo. Você precisa falar sobre as coisas. Colocar para fora. Se não fizer isso, você será, tipo, sexualmente reprimida, ou alguma coisa assim, quando for mais velha.

Aria se contorceu.

– Sério?

Ali colocou a mão sobre o ombro da amiga.

– Sério. Por isso, conte para a dra. Ali o que você pretende fazer.

Aria chutou um montinho de grama recém-aparada que o jardineiro tinha esquecido de ensacar.

– Não posso fazer nada a respeito daquela história, Ali – sussurrou.

– Você acha que eles são, sei lá, tipo, namorados? – perguntou Ali, seu tom de voz se elevando em um misto de horror e excitação. – Ela era tão *jovem*!

Aria meteu as mãos nos bolsos e deu de ombros. Mas seus olhos estavam úmidos, como se ela estivesse prestes a cair no choro. Ali desviou os olhos. Pelo menos não era *ela* quem estava chorando agora. Pelo menos a mãe dela estava tendo um caso com alguém da própria idade.

Hanna olhou por cima do ombro e franziu a testa ao ver a tristeza estampada no rosto de Aria.

– Do que vocês estão falando? – Ela atrasou o passo, de modo que Ali e Aria pudessem alcançá-la. – Tudo bem por aqui?

– Claro que sim! – respondeu Aria na mesma hora.

– Está tudo ótimo – completou Ali. – Não é, Aria?

Aria estremeceu. Ela lançou um olhar desesperado para Ali, que significava *por-favor-não-conte-nada*. Hanna parou de repente, parecendo confusa. Emily e Spencer pararam também, olhando

com curiosidade para elas, perto dos arbustos de framboesa.

– E com você, Hanna, está tudo bem, não é mesmo? – perguntou Ali. – Bem, exceto por Sean.

A boca de Hanna estremeceu. As outras meninas olharam com curiosidade para ela.

– Hanna pegou sua nova melhor amiga, Josie, aos beijos com Sean na minha festa – explicou Ali.

As meninas engasgaram.

– Oh, Hanna, que coisa horrível! – lamentou Emily, apoiando a mão no ombro de Hanna.

– Mas por que você não nos disse nada? – perguntou Aria.

Hanna deu de ombros.

– Pareceu uma coisa tola de contar. Sean não é para mim, de qualquer forma. Já superei.

Ali riu.

– Você tem razão, Han. Você definitivamente tem sua própria forma de *eliminar os problemas da sua vida*.

Hanna ergueu a cabeça depressa. O olhar no rosto dela era tanto de alguém horrorizado quanto o de alguém que tinha sido traído. *O que você está fazendo?,* sua expressão dizia. Ali não a olhou nos olhos. Havia falado sério ao prometer a Hanna que não contaria a ninguém sobre sua compulsão alimentar. Mas isso tinha sido antes. Alfinetá-la com essa história agora era quase divertido. A tristeza de Hanna era muito maior do que a dela. E Ali não era idiota o suficiente para acreditar que comer e vomitar era a forma de lidar com os problemas.

Elas chegaram à piscina. Spencer se sentou em uma das espreguiçadeiras, cruzando as pernas. As outras garotas também se sentaram, parecendo bastante abaladas. Os olhos de Aria estavam fixos na água. Aflita, Hanna mergulhou a mão na tigela de pipoca sobre uma das mesinhas. Ali sentiu como se algo se movesse dentro de seu peito. Seu desejo de ser má parecia um trem desgovernado e ela não conseguiria pará-lo, ainda que tentasse. E Ali não queria exatamente fazer isso. Toda vez que suas amigas agonizavam, ela sentia sua força vital se restaurar mais um pouco.

Emily apanhou uma revista *People*, abrindo-a aleatoriamente. Ali olhou para a página. No lado esquerdo, uma propaganda de cerveja mostrando a foto de uma menina bronzeada de biquíni.

Ali a cutucou.

– Eu me pergunto se *ela* gosta de casas na árvore.

A revista caiu das mãos de Emily e seu olhar era o de um animal preso e torturado. Emily abriu a boca, mas não conseguiu emitir nenhum som.

Hanna se voltou para elas.

– Como assim?

Ali sorriu e colocou as mãos no colo.

– Ah, é só uma piada particular entre Em e eu. É uma boa piada, certo, Em?

Emily apenas piscou, sem responder. Ali tentou ao máximo evitar baixar os olhos para os lábios rosados de Emily ou pensar em como tinha sido o beijo entre elas. Também tentou ignorar a pontada de remorso que a atingiu.

As amigas olharam para Emily e, em seguida, para Ali. Era como se todas elas quisessem dizer alguma coisa, mas não soubessem muito bem o quê.

Então, como se tivesse sido ensaiado, a porta de correr foi aberta, e Melissa Hastings, usando um biquíni verde e uma canga estampada amarrada na cintura, espiou o que estava acontecendo.

– Ah! – resmungou Melissa ao ver as meninas. – Eu não sabia que o pátio estava sendo usado.

– *Oi*, Melissa! – disse Ali com uma animação forçada, levantando-se. – Como vai você?

Melissa fez uma pausa e observou Ali com os lábios contraídos.

– Eu vou bem.

Ali tocou o braço de Spencer.

– Acho que Spencer tem algo para contar a você, acho que será uma grande surpresa. Não é mesmo, Spence?

O queixo de Spencer caiu. Ela balançou a cabeça, negando com veemência.

– Não, eu não tenho.

Melissa colocou as mãos na cintura.

– O que foi, Spence?

– *Nada*.

Melissa olhou novamente para Ali, mas tudo o que Ali fez foi dar a ela um sorriso enigmático. *Não é comigo que você deve falar*, o olhar dela parecia dizer. Finalmente, Melissa suspirou e entrou em casa novamente. A porta de correr emitiu um som agudo ao deslizar.

Spencer se virou e encarou Ali.

– O que você está *fazendo*?

– O que *você* está fazendo? – devolveu Ali.

Aria piscou.

– O que está *acontecendo* com todo mundo?

Ali olhou para ela.

– Eu não sei, Aria. O que *está* acontecendo?

Houve outro silêncio doloroso. As aves cantavam nas árvores. Então Spencer olhou para seu celular.

– Preciso ir, está bem? Acabo de me lembrar. – Ela se levantou e entrou em casa sem sequer se despedir.

As outras meninas observaram a porta de correr, imaginando talvez que Spencer fosse voltar.

Quando ela não o fez, Aria ficou em pé.

– Isso me lembra que eu também preciso ir.

– Eu também – disse Hanna no mesmo instante.

Emily lançou um olhar longo e conflituoso para Ali e então se levantou. Elas deixaram o pátio, montaram em suas bicicletas e foram em direção ao bosque. Ali deu um suspiro pleno de satisfação. Reunir-se com as meninas se revelara uma ótima ideia no fim de tudo. Na verdade, ela se sentia muito fortalecida – não tinha mais necessidade de voltar para a cama.

E o melhor de tudo: ela não pensara em Nick nenhuma vez.

28

MINHA QUERIDA ALI

No dia seguinte, após as aulas, Ali se inclinou para fora da janela do Jeep, enquanto Cassie fazia uma curva brusca para entrar em sua rua. Na casa da esquina, o vizinho fazia listras perfeitas no gramado com o cortador de grama. Do outro lado da rua, criancinhas jogavam basquete com um aro rebaixado. E na casa dos Vanderwaal, Mona, Phi e Chassey passeavam na entrada de carros, no que parecia ser uma espécie de desfile de meninas feias. Ali franziu o nariz.

Enquanto seguia na direção da casa de Ali, Cassie se virou para ela e sorriu.

– Adorei que você tenha me pedido uma carona hoje. Seu irmão estava ocupado?

Ali deu de ombros.

– Jason e eu não estamos exatamente nos falando por esses dias.

Os lábios de Cassie se curvaram em um sorriso.

– Você quer que eu fale com ele?

Ali fingiu rir, preferindo não discutir *o motivo* da briga que teve com o irmão. Ela não trocara mais uma palavra com Jason desde a declaração dele de que considerava uma boa ideia a família trazer sua gêmea para casa, e pareceu mais fácil não aceitar suas caronas.

Cassie voltou a observar a rua, até que fixou o olhar em alguma coisa na calçada da casa de Ali.

– Você tem alguma coisa marcada?

Ali seguiu seu olhar. Emily estava parada ao lado da caixa de correio de Ali e colocava alguma coisa lá dentro. Quando viu Ali, rapidamente fechou a caixa e se afastou, como se a coisa toda estivesse pegando fogo.

– Até onde eu sei, não – murmurou Ali, sentindo-se irritada com a presença de Emily. No passado, quando Em aparecia de surpresa, geralmente era bem-vinda. Mas agora, depois de tudo o que acontecera, sua forma de agir parecia um pouco... invasiva. Pegajosa.

Cassie estacionou junto ao meio-fio. Emily estava simplesmente parada ali, com os braços ao lado do corpo e um sorriso tímido no rosto. Não fez nenhuma menção de se aproximar do Jeep de Cassie. Talvez estivesse esperando permissão de Ali ou que ela as apresentasse. Ali se virou para Cassie e deu-lhe um grande abraço.

– Foi muito divertido – agradeceu. Quando viu o maço de cigarros Marlboro Lights de Cassie, perguntou: – Posso pegar um?

Cassie ergueu as sobrancelhas.

– Garota danada, fumando em sua própria casa! E se seus pais a virem fazendo isso?

– Não dou a mínima – afirmou Ali.

Cassie acendeu o cigarro para Ali, que, dando uma grande tragada, fez o que pôde para não tossir. Em seguida, Cassie borrifou nela um pouco de perfume Dior e partiu. Ali permaneceu de costas para Emily enquanto Cassie virava a esquina, afastando-se de sua vizinhança. Depois disso, finalmente ela virou na direção de sua caixa de correio.

– Ah... Ei! – balbuciou Emily. – Desculpe.

Ali mudou de posição.

– Desculpe pelo quê?

– Por interromper a conversa de vocês. Parecia que você e Cassie estavam se divertindo.

– Aham – disse Ali batendo as cinzas. – Ela é muito divertida mesmo.

O olhar de Emily foi atraído pelo cigarro.

– Vocês duas *fumam*?

Ali deu de ombros.

– E daí? – perguntou ela, expirando fumaça.

Emily agitou os braços abanando para longe a fumaça, mas, em seguida, pareceu envergonhada pelo gesto.

– Eu só achei... quero dizer...

Ali bateu na caixa de correio. Ela fez um som de metal oco.

– Então, Em, o que você estava fazendo, roubando minha correspondência?

O queixo de Emily caiu.

– O quê? Não! Claro que não! Na verdade, eu...

– Porque isso é um crime grave, você sabe – interrompeu Ali. – E quer saber que outra coisa é considerada crime grave em alguns estados? Beijar pessoas dentro de casas da árvore.

Os olhos de Emily se arregalaram. Ela deu um pequeno passo para trás.

Ali expirou novamente.

– Em, eu só estou *brincando*.

– Ah! – Emily umedeceu os lábios. – Eu sabia que era brincadeira, claro.

Emily se virou para a caixa de correio, correndo os dedos sobre a bandeira de plástico vermelha. Um olhar melancólico surgiu no rosto dela, e Emily respirou fundo, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa muito importante. De repente, um pensamento terrível ocorreu a Ali: E se Emily quisesse conversar sobre o que estava acontecendo entre elas? E se ela ficasse toda emocional e viesse com um papo tocante, *literalmente*?

– Você sabe o que seria muito legal? – interrompeu Ali antes que Emily pudesse começar a falar. Ela apontou para as meninas da rua. – Se você mandasse Mona parar com aquele desfile. Aquilo é

uma afronta à palavra fashion.

Emily franziu a testa, em seguida, também olhou para as meninas.

– *Agora?*

– Ah, sim, agora.

Uma expressão desconfortável cruzou o rosto de Emily.

– Ali, eu realmente não quero fazer isso.

Ali abaixou o rosto, a raiva pela rebeldia de Emily fazendo o sangue correr mais rápido em suas veias.

– Ei, Mona! – chamou ela num sussurro. – Adivinhe o que Emily gosta de fazer em casas de árvore!

Emily piscou um monte de vezes. Abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

– Certo. Tudo bem – resmungou ela, abaixando a cabeça e seguindo pela calçada.

Ali se arrastou atrás dela, observando quando Emily interrompeu a brincadeira das garotas. Quando viram que Emily vinha em sua direção, os olhos de Chassey, Phi e Mona brilharam. Elas a rodearam do mesmo modo que as alpacas faziam com as pessoas junto à cerca da fazendinha para a qual a mãe de Ali sempre a arrastava. E, ainda que meio distante, Ali conseguiu observar o momento exato em que Emily fez o que ela mandou. Mona mordeu o lábio. Phi inchou as bochechas. Os cantos da boca de Chassey viraram para baixo e ela quase pareceu prestes a chorar.

Emily voltou correndo para junto de Ali.

– Bem, acho que elas vão parar com essa história de desfile.

– *Graças a Deus!* – disse Ali. – Elas trariam humilhação para todo o bairro, você não acha? Foi um bom trabalho, Em.

Emily olhou para ela com o queixo tremendo.

– E como estão as coisas entre você e aquele sujeito?

– Que sujeito?

– Você sabe. Aquele de quem você me falou lá na casa da árvore. O menino de quem você gosta.

Ali mordeu o lábio. Vinha se segurando para não soterrar Nick de mensagens implorando para que voltasse a falar com ela, porque não queria parecer desesperada. Esperava que ele caísse em si sozinho. Só que Nick não a procurara mais. E, quando ela tentou enviar uma mensagem instantânea na noite anterior, percebeu que ele a bloqueara de sua lista.

– As coisas estão indo muito bem – disse ela, sorrindo largamente.

Emily sentiu um nó na garganta. Olhou de novo para a caixa de correio. Correu até ela e abriu a pequena porta de metal. Ali colocou a mão em seu braço para detê-la.

– Ei, o que você está fazendo?

Emily piscou.

– Eu...

– Roubar correspondência é um crime gravíssimo, Em! – disse Ali em um tom de voz adocicado.

Emily assentiu, então se virou, correu até sua bicicleta e passou a perna por cima da barra.

– Preciso ir! – O olhar de Emily não saiu de cima da caixa de correio, que ela não tinha fechado direito. Lá dentro só havia um envelope. – Vejo você mais tarde, Ali.

Ali observou enquanto Emily se afastava, pedalando pela rua. Em seguida, virou-se para a caixa de correio. Ela pegou o envelope, que era comprido e fino e tinha o nome de Ali no lugar do destinatário, escrito com a caligrafia de Emily. Ali esperou até que o cabelo louro-avermelhado de Emily desaparecesse dobrando a esquina e, em seguida, abriu-o. A carta tinha apenas um parágrafo, que ocupava os dois lados da folha de papel. A caligrafia de Emily parecia mais desleixada do que era habitualmente, como se ela tivesse escrito aquilo bem rápido, de um fôlego só, antes que perdesse a coragem.

Minha Querida Ali,

Preciso tirar um peso do meu peito. Sei que disse a você que o beijo que compartilhamos na casa da árvore foi um engano. Mas, na verdade, não foi nada disso. Eu quis mesmo fazer aquilo com você e somente com você.

Ali afastou a carta por um momento, sentindo um gosto estranho na boca. Estava com a sensação esquisita de que Emily desejava que ela lesse essa carta na sua frente para que pudesse explicá-la, linha por linha.

Ali voltou para a carta.

Eu acho tão maravilhoso que sejamos amigas... Amo olhar seu cabelo por trás na sala de aula, e amo quando você masca chiclete enquanto estamos falando no celular, e amo quando você sacode seus tênis Skechers durante a aula enquanto a sra. Hat começa com aquela lenga-lenga a respeito de processos famosos nos tribunais americanos, aí eu sei que você está totalmente entediada. Eu não quero que nada atrapalhe a nossa amizade e acho que o que aconteceu não vai fazer isso. Você também sentiu alguma coisa, não sentiu? Eu sei que sim.

Ali fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes. Quando abriu os olhos de novo, leu o resto.

... e pensei muito sobre o motivo de ter beijado você naquele dia. E então eu me dei conta: não foi um engano, Ali. Acho que amo você. Vou compreender se nunca mais quiser falar comigo,

mas eu precisava confessar.

– Em

Quando Ali terminou de ler, dobrou a carta ao meio e a enfiou no fundo do bolso. Mas, como aquele parecia um lugar muito íntimo, tirou a carta de lá e a empurrou para o fundo de sua bolsa, debaixo do livro de matemática. Depois, apanhou o celular, pronta para escrever para Emily, dizendo alguma coisa como: *Acabo de ler a sua carta, sua esquisitona. Hahaha, que brincadeira engraçada*. Mas, vendo por outro lado, talvez fosse melhor simplesmente não reconhecer que tinha lido.

Ali se aprumou e entrou em casa. Assim que atravessou o vestíbulo, estremeceu. Algo ali parecia diferente. Os adereços sobre a mesa da entrada eram os mesmos de sempre. Havia dois capelos e duas becas pendurados na balaustrada. A azul era de Jason e a branca era de Ali, para sua formatura do sétimo ano. Seu olhar foi atraído para a mala florida no chão. Era a mala *dela* – do tempo em que era Courtney. Fazia anos que não a via.

Ali sentiu cheiro de café fresco e enroladinhos de canela, que sua mãe sempre fazia quando ela era pequena e precisava de consolo. Aquilo era o que sua mãe fazia *para ela*, não para sua irmã. Sua irmã, na verdade, costumava reclamar que enroladinhos de canela faziam seus dentes doerem.

De repente, Ali soube o que estava acontecendo. Mas isso *não poderia* estar acontecendo. Não deveria acontecer até amanhã. E então, Ali se lembrou de Mona e suas amigas brincando na garagem, Emily esperando por ela junto à caixa de correio. Quando ela havia chegado? Alguém a tinha visto?

O primeiro impulso de Ali foi correr até o segundo andar e nunca mais deixar seu quarto, mas, neste instante, sua mãe enfiou a cabeça para fora da cozinha e sorriu.

– Ali? – disse a mãe com doçura. – Sua irmã está em casa.

29

VEJA SÓ QUEM ESTÁ DE VOLTA

A sra. DiLaurentis colocou uma travessa de lasanha de abobrinha sobre a mesa.

– Cuidado, está quente – avisou ela para, em seguida, começar a encher os copos de todo mundo com limonada. – Acabei de espremer – disse a mãe alegremente. – É muito mais gostoso assim, vocês não acham?

Fazia algumas horas que Ali tinha chegado, e sua família estava acomodada na sala de jantar, que normalmente era usada apenas no dia de Ação de Graças e para a ceia de Natal. À frente de cada lugar havia um guardanapo dourado, e a família estava usando taças de cristal. A sra. DiLaurentis tinha até acendido velas, e a luz lançava formas agourentas contra os rostos deles. E lá estavam todos sentados ao redor da mesa: o sr. e a sra. DiLaurentis em cada uma das cabeceira, Jason, depois Ali... e, então, a terceira filha. A gêmea. "Courtney".

– Bom apetite, meus queridos! – declarou a sra. DiLaurentis tirando as luvas de forno. – Lasanha não é um prato muito sofisticado, mas os ingredientes são todos frescos.

– Parece estar uma delícia! – disse o sr. DiLaurentis pegando seu garfo.

– Parece mesmo – concordou Jason dando um grande gole em sua limonada.

Ali olhou para ele, mas Jason não devolveu o olhar. Tinha sido ele quem arrumara a mesa naquele dia. E se oferecera para tirar o pão do forno. *E* se voluntariara para levar as coisas da irmã deles para o andar de cima, fazendo "Courtney" sorrir e agradecer, dizendo que seria ótimo. Parecia que aquela vibe Elliot Smith tinha evaporado.

Então, Ali prestou atenção em Courtney. A irmã esperava com toda a tranquilidade enquanto o pai delas a servia, colocando um retângulo de lasanha em seu prato. Seus pais tinham ido buscá-la na clínica enquanto Ali e Jason estavam na escola, dizendo que aquele seria um dia melhor para fazer isso por causa do horário de trabalho do sr. DiLaurentis. Ela chegara em casa pouco antes dos ônibus pararem no estacionamento de Rosewood Day, o que significava que era bastante improvável que alguém da idade de Ali a tivesse visto. Não que isso a fizesse sentir-se muito melhor.

O cabelo de Courtney, que estava com o mesmo comprimento que o de Ali, estava preso para trás com pequenos grampos com estrelinhas nas pontas, exibindo seu rosto. Ela usava uma blusa listrada com babados no pescoço que Ali nunca tinha visto – não era uma das roupas do seu closet nem nada que ela havia guardado um ano atrás – e jeans skinny preto. Longe da luz forte do hospital, a pele de sua irmã gêmea exibia um brilho de saúde, como se tivesse acabado de fazer uma caminhada revigorante. E ela parecia estar *sorrindo* muito, o que deixava Ali aflita. Ela inclusive tinha sorrido

ao ver a irmã entrar, aproximando-se e dando-lhe um grande abraço, antes de dizer que era *bom* vê-la de novo. Mas, quando seus lábios estavam perto do ouvido de Ali, ela sussurrou: *Vá se despedindo de sua vidinha.*

– Muito obrigada – agradeceu Courtney ao pai, em um tom gentil. – É *tão* bacana da parte de vocês fazerem isso tudo por mim. – Ela ergueu uma câmera Polaroid moderna e a apontou para sua mãe. – Diga xis, mamãe!

– *Xiiiiis!* – disse a sra. DiLaurentis com um largo sorriso. A câmera *zumbiu* baixinho e depois uma foto saiu de dentro dela. Em um primeiro momento, Ali pensou que aquela era a câmera Polaroid *dela*, mas a sra. DiLaurentis explicou rapidamente que, depois de ver sua câmera na cozinha, Courtney ficou interessada e os pais deram uma a ela também.

Ali limpou a garganta.

– Engraçado você estar interessada em fotografia, Courtney. Esse é o meu passatempo favorito também.

Courtney piscou com inocência.

– Não fique preocupada, irmã. Não vou fingir que sou você.

Ela baixou o rosto e deu uma piscadela. Ali encolheu os dedos dentro dos sapatos. E se fosse exatamente isso o que a irmã dela estivesse planejando?

A sra. DiLaurentis se serviu de lasanha.

– Várias pessoas podem se interessar por fotografia, meninas.

Courtney deu um sorrisinho discreto e, em seguida, estendeu a mão para apanhar o parmesão, que estava em um pequeno pote de prata que Ali nunca tinha visto. Geralmente a família usava uma queijeira comum.

– Ah, deixe, eu faço isso para você – disse o sr. DiLaurentis, espalhando um pouco de queijo sobre a lasanha de Courtney. Como se ela fosse uma inválida e não pudesse fazer nada sozinha.

– Bem, hoje nós tivemos uma conversa muito agradável com os médicos – contou a sra. DiLaurentis durante o jantar, olhando para Ali enquanto falava. – Parece que Courtney foi uma paciente-modelo na clínica no ano passado. Ela fez uma porção de amigas, realmente colaborou com os projetos em grupo, destacou-se nos estudos... – Ela colocou a mão no ombro de Courtney.

– Eles até permitiram que você jogasse na equipe de hóquei que se reúne ali por perto do terreno da clínica para treinar, não foi, querida? – intrometeu-se o sr. DiLaurentis, sorrindo para a filha.

Ali se aprumou.

– Você deixava as dependências da clínica para participar de *todos* os treinos?

Courtney lhe deu um sorriso que deve mesmo ter parecido sincero para o resto de sua família, mas que, para Ali, não passava de um esgar sinistro.

– Sim. Não é legal?

– E você ia para mais algum lugar? – perguntou Ali sem pensar.

Sua irmã baixou a cabeça.

– Por quê? Você está com a impressão de que *me viu* em algum lugar?

Ali se encolheu. Ora, isso queria dizer que seus temores não eram infundados. A irmã *estivera* observando seus passos.

Courtney deu uma fungadela e balançou a cabeça em uma negativa para tranquilizar seus pais.

– Ah, pelo amor de Deus, Ali. Havia supervisores ao meu redor o tempo todo. Eu participava dos treinos, ia a uma sorveteria de vez em quando, e foi só isso.

– Mas você não gosta de sorvete – disse Ali, esperando pegar a irmã em uma mentira.

Courtney espetou um pedaço de abobrinha com o garfo.

– Você não sabe tudo sobre mim.

Houve uma longa pausa. Parecia que a temperatura da sala havia caído vinte graus. Jason estendeu a mão para pegar mais pão, mastigando distraído. O sr. DiLaurentis deu um gole em seu vinho.

– Ali? – A voz da sra. DiLaurentis quebrou o silêncio. – Não está com fome?

Ali olhou para a sua lasanha e, em seguida, sentiu o olhar da irmã sobre ela, como se fosse uma lâmpada queimando sua pele. A última coisa que poderia pensar naquele momento era comer, mas, se não o fizesse, sua irmã poderia perceber o quanto ela se sentia perturbada. Ela cortou um pequeno quadrado da lasanha apesar de sua mão tremer sem parar e se forçou a colocá-lo na boca. Tinha gosto de serragem. Courtney apanhou sua câmera novamente, apontando-a para Ali como se fosse o cano de uma arma. Ali colocou a mão na frente do rosto e se virou, mas Courtney tirou a foto de qualquer forma.

A sra. DiLaurentis limpou a boca.

– Estávamos conversando no caminho de volta para casa. Pensamos na possibilidade de apresentar Courtney para algumas pessoas de Rosewood, só para ver o que acontece.

O pedaço de lasanha que Ali acabara de engolir subiu de volta até sua garganta.

– Como assim, para *quem*?

– Bem, para começar, para os nossos vizinhos. – A sra. DiLaurentis roubou um tomate da salada. – Quero dizer, não podemos mantê-la trancada como fizemos antes, Courtney disse que isso pode ter sido parte do problema.

– Definitivamente – concordou Courtney, assentindo com vontade.

– Deixá-la *sair* é que é parte do problema – resmungou Ali. Ela olhou para a irmã. A cabeça de Courtney estava abaixada e ela tentava esconder um sorriso.

– Nós só estávamos pensando nas pessoas da nossa vizinhança – continuou a sra. DiLaurentis, ignorando Ali. – Achamos que talvez fosse um pouco demais, digamos, levar Courtney à formatura, mas deixar algumas pessoas saberem da existência dela pode não ser ruim.

– Isso quer dizer que vocês vão contar aos Hastings? – Ali praticamente gritou. Spencer não poderia saber sobre sua irmã gêmea, de jeito nenhum! De. Jeito. Nenhum.

– Bem, é claro que sim. – A sra. DiLaurentis limpou a boca com o guardanapo de pano. – Mas achamos que você mesma gostaria de contar a Spencer, Ali. Talvez durante a sua festa do pijama. – Ela se virou para Courtney. – Na quinta-feira à noite, sua irmã vai a uma festa do pijama para comemorar o fim do sétimo ano.

Ali olhava boquiaberta para a família. Todos sorriam para ela como se tivessem sofrido uma lavagem cerebral.

– Dizer a Spencer durante a nossa festa de pijama seria, basicamente, contar a *todas* as minhas amigas. E, para ser franca, não quero contar coisa alguma a elas. Courtney não é um membro da família que me encha de orgulho.

– Alison! – o sr. DiLaurentis abaixou o garfo com força. – Sua irmã está sentada bem aqui!

Todos os olhares se voltaram para Courtney, que escondia outro sorriso. Ela se aprumou e cruzou as mãos no colo.

– Está tudo bem, gente, de verdade. Estava preparada para um pouco de... hostilidade. Juro. Não consigo imaginar como deve ser para Ali me ter de volta em casa. – A voz dela falhou, ela se virou para Ali e olhou para a irmã com olhos de cachorrinho faminto. – Entendo e aceito que vai demorar algum tempo para a gente se entender, mas eu realmente, *realmente* espero que este seja um obstáculo possível de superar. Sabe, eu costumava me sentir o tempo todo zangada, mas agora vejo que essa raiva era inveja. Você estava totalmente certa de me querer trancada em uma clínica psiquiátrica, Ali. Você salvou a minha vida.

A boca de Ali se abriu, mas ela não conseguiu articular as palavras. Havia lágrimas de verdade nos olhos da irmã. Mais uma vez, para todos os outros, aquele espetáculo parecia provavelmente sincero, mas para Ali eram palavras frias. Ameaçadoras.

– Courtney! – disse a sra. DiLaurentis com as mãos pousadas no peito. – É tão maravilhoso escutar você dizendo essas coisas.

A sra. DiLaurentis lançou um olhar encorajador para Ali, mas Ali baixou a cabeça para seu prato. Ela podia sentir o olhar risonho da irmã sobre si. De repente, sentiu-se sufocada.

– Estou satisfeita – soltou finalmente, levantando-se e levando o prato para a cozinha. Ela quase o quebrou enquanto o batia contra a lata de lixo para jogar fora os restos de seu jantar. Depois disso, subiu correndo as escadas e bateu a porta do quarto com força, respirando de forma ofegante.

Aquilo não podia estar acontecendo. Mas *estava*... e era bem pior do que ela jamais imaginara.

Talheres tilintavam lá embaixo. Vozes murmuravam. A maldita câmera Polaroid da irmã zumbia vomitando mais fotos. O olhar de Ali passeou pelo quarto, e o coração dela não parava de acelerar no peito. A irmã tinha um plano. Era simples assim. A irmã dela iria encontrar um jeito de contar ao mundo o que ela fizera o mais rápido que pudesse. Talvez ela tivesse conseguido uma prova de alguma forma. Talvez, inventasse a prova. E talvez, apenas talvez, seus pais acreditassem nela. Afinal, *era* a verdade.

Ali se jogou na cama e deitou a cabeça no travesseiro. Alguma coisa afiada a cutucou, e ela se ergueu. Em sua fronha, estava um pequeno grampo de prata. Ali o pegou para examiná-lo na palma da mão. Havia uma estrelinha brilhante na ponta. Ela soube imediatamente de quem era.

Ali se levantou, procurando ao redor do quarto por sinais de que suas gavetas tinham sido vasculhadas, de que as portas de seu closet tinham sido abertas. Tudo parecia em seu devido lugar. Mas, ainda assim, um sentimento de terror caiu sobre Ali, como um edredom de plumas. O grampo no travesseiro era como um presságio. A irmã iria pegar sua vida de volta – começando pelo quarto – um grampo por vez.

30

A SÓSIA

No dia seguinte, depois das aulas, Ali parou à frente de uma longa mesa no saguão da escola e observou garotos e garotas darem seus nomes para a sra. Ulster, a professora de arte, que também era a responsável pela formatura do sétimo ano.

– Ah, Andrew, certo, vamos lá – dizia a sra. Ulster, revirando uma caixa no chão a procura de alguma coisa. Pouco depois, tirou da caixa uma longa beca branca de formatura com um capelo combinando e os entregou para Andrew Campbell, um dos maiores nerds da classe. Havia uma medalha presa ao capelo dele, por ter tirado notas A durante todo o ano letivo. Assim como Spencer, supôs Ali.

– Obrigado! – Andrew pegou a beca e o capelo em seus braços. Quando passou por Ali, sorriu todo gentil, como se eles fossem amigos. Ela bufou e deu as costas para ele.

Ali recebera sua beca no outro dia, por isso já estava com ela em casa. Mas ainda precisava saber qual seria seu lugar no auditório e pegar os dois ingressos a que cada família tinha direito. Ao seu redor, os colegas comentavam sobre a cerimônia daquela noite, cheios de animação. Rebecca Culpepper afirmou que usaria sandálias de salto alto sob a beca. Jordyn Wellsley anunciou que faria todo o caminho até o palanque dançando break. Chassey Bledsoe perguntou quem seria o orador da turma, mas Ali apenas revirou os olhos ao passar por ela.

– Nossa cerimônia não tem orador, fracassada – implicou. – Isso é apenas para os veteranos.

Chassey pareceu intimidada, como se aquela fosse uma coisa que devesse saber. E, enquanto se dirigia ao estacionamento, Ali sentiu a raiva brotar em seu peito. Ela estivera bastante animada com a ideia de se formar durante todo o ano, e, agora que a formatura tinha chegado, sua irmã estava em casa e tudo parecia tão apagado. Aquele era o primeiro dia de Courtney em casa, e Ali ainda não tinha sido capaz de se concentrar em aula nenhuma com medo de que a irmã aparecesse do nada a qualquer momento e dissesse a verdade.

Um Jeep buzinou no estacionamento, e Ali ergueu os olhos e acenou. Cassie deu a partida depois que Ali entrou no carro, seguindo na direção da saída. Conforme se afastavam do estacionamento, ela ergueu os olhos e fez um gesto com a cabeça na direção de um casal que vinha subindo a colina em direção ao estacionamento dos veteranos, com suas becas escuras balançando nos braços.

– Não posso acreditar que ele ainda não terminou com ela.

Ali virou o pescoço. Eram Ian e Melissa. Caminhavam de mãos dadas e, quando eles se aproximaram do SUV de Ian, ele agarrou Melissa pela cintura e deu beijo em seu pescoço. Ela soltou

um gritinho e se afastou.

– Eu também não posso acreditar – murmurou Ali, sentindo uma surpreendente pontada de ciúme. Não era nada justo que Ian estivesse em um relacionamento tão feliz depois de ter estragado o dela. Ali queria fazê-lo pagar por aquilo – e sabia como fazer isso. Apanhando seu celular, procurou pelo número de Ian. *Você ainda quer aquele beijo?,* Ali digitou uma mensagem de texto. *Me encontre na quinta-feira. No quintal da minha casa. Às nove da noite em ponto.*

Em trinta segundos ela ouviu um *ping*. *Combinado*, escreveu Ian de volta. Ali tentou conjurar uma chama de excitação – afinal de contas, beijar um garoto atraente era beijar um garoto atraente. Mas não conseguiu sentir nada.

Quando estacionou junto ao meio-fio da casa de Ali, Cassie se inclinou sobre o volante.

– Posso entrar por um segundo? Preciso mesmo, *mesmo* fazer xixi.

– Não! – Ali praticamente gritou ao responder.

Cassie recuou, olhando para Ali com estranhamento.

– Hã... É que estamos tendo problemas com o sistema de fossa séptica – disparou Ali, percebendo que estava parecendo uma louca furiosa. – A casa está nojenta. – Ela olhou fixamente para a casa. Uma das cortinas acabara de dar uma balançada? Será que Cassie teria como *saber* que sua irmã gêmea estava lá dentro, só de olhar a fachada?

Cassie fez uma cara de compreensão e se despediu. Ali se jogou para fora do carro e correu na direção da porta de entrada, grata quando Cassie se afastou do meio-fio. Mas, assim que pôs a mão na maçaneta, ouviu vozes lá dentro.

– Eu não fiz de propósito! – choramingou sua irmã.

– Você sabe muito bem que não deve fazer isso! – respondeu a mãe com firmeza.

Um arrepio de mau pressentimento percorreu a espinha de Ali. O que tinha acontecido? E então, subitamente, ouviu vozes diferentes, desta vez no quintal:

– Mas... por que ela estaria em apuros? – sussurrou alguém. – Ela não fez nada de errado, afinal.

Ali se afastou da porta. Era a voz de... *Emily*?

– Não que *nós* saibamos – argumentou outra voz familiar.

Ali quase engasgou com o chiclete. *Spencer.*

Sua mente dava voltas. Ela não havia chamado as meninas para visitá-la. O que estavam *fazendo* em sua casa? Sua irmã as convidara? Ou – ainda pior – sua *mãe* as chamara, querendo que Ali contasse tudo a elas?

Elas *não poderiam* saber da verdade. Se soubessem, poderiam lentamente descobrir o resto da história... que Ali não era quem dizia ser. Talvez, secretamente, as garotas tivessem se perguntado por que Ali de repente as escolhera como amigas, dispensando Naomi e Riley daquela forma, sem

explicação. Ou talvez ainda estranhassem a lembrança sobre aqueles dias em que Ali se perdera quando andava por Rosewood Day no início do sexto ano. Talvez toda aquela informação estivesse catalogada em seus cérebros, peças mínimas de um quebra-cabeça que nunca se reuniam para formar uma figura completa. Com a aparição de uma irmã gêmea, a figura surgiria bem diante dos olhos delas. E, se os pais descobrissem, eles a mandariam para a clínica Preserve como punição.

Ali ficou ali, paralisada na varanda da frente, com medo de entrar e encarar toda aquela história. De repente, uma porta bateu, e a voz de sua mãe veio do quintal.

– Eu só quero ter certeza de que as dimensões estão certas! – gritou ela para os trabalhadores nos fundos da casa.

Ali deixou a varanda e, na ponta dos pés, foi para o quintal do lado, onde sua mãe caminhava na direção dos homens que construíam o gazebo. Eles estavam apenas sentados lá, aparentemente sem fazer nada.

– Não estou pagando para vocês ficarem por aí parados! – ralhou a sra. DiLaurentis, com as mãos nos quadris. – Isso não pode ser feito mais rápido?

Um dos trabalhadores deu de ombros.

– Estamos aguardando o concreto secar, senhora.

– E quando é que este buraco vai ser preenchido? – exigiu saber a mãe de Ali. – Amanhã?

O mesmo trabalhador balançou a cabeça, agitando o seu já despenteado cabelo.

– Depois de amanhã. É o mais cedo que podemos conseguir o caminhão.

A sra. DiLaurentis revirou os olhos e continuou a tecer suas críticas. Ali se aproximou e viu *todas* as suas amigas sentadas no pátio de trás, parecendo atordoadas. Graças a Deus, Courtney não estava com elas. Então, talvez elas não soubessem de tudo.

Ali respirou fundo e subiu as escadas do quintal.

– Uh... oi – disse ela.

Spencer ficou em pé. Emily, parecendo aflita, deu um enorme sorriso. Aria olhou para Ali, impassível, e Hanna se ajeitou sem se levantar. Elas pareciam constrangidas e os temores de Ali vieram à tona mais uma vez.

– Por que sua mãe lhe deu aquela bronca? – perguntou Spencer.

Ali olhou de uma para outra, incerta sobre como responder.

– Você está conseguindo arrumar encrenca sem a gente? – continuou Aria, usando um tom de voz leve e sociável que parecia bem artificial. – E por que você trocou de roupa? Aquela regatinha que você estava usando era tão bonita.

Ali piscou, perplexa. *Regata.* Sua irmã tinha usado uma regata no dia anterior. Talvez a tivesse vestido também naquela manhã, porque aquela era, provavelmente, a peça de roupa mais linda que

ela possuía.

Seus joelhos ficaram bambos. Elas *tinham mesmo* se encontrado com sua irmã gêmea... talvez até mesmo falado com ela, mas não tinham sido chamadas ali por sua mãe... E onde ela estivera? Em casa? *Lá fora?*

Mas, em seguida, Ali se deu conta de que sabia exatamente onde elas tinham visto sua irmã. No *quarto* de Ali.

Aquela vagabunda!, pensou ela, sentindo a fúria se espalhar e tomar seu corpo como mercúrio dentro de um termômetro. *Como ela se atreve!* Aquela era a primeira fase do seu plano de mestre? Estava tentando se fazer passar por Ali para tentar trocar novamente suas identidades e reassumir seu lugar? E o pior de tudo era que suas amigas acreditaram que "Courtney" era Ali. Se sua irmã conseguia convencê-las, poderia convencer qualquer pessoa.

Emily tossiu, trazendo Ali de volta a si.

– Você quer que a gente... *vá embora*?

Ali sacudiu a cabeça rapidamente, percebendo que sequer imaginava que tipo de expressões poderiam ter cruzado seu rosto.

– É claro que não quero que vocês vão embora! – ela conseguiu articular, tentando reaver o controle. – Minha mãe estava louca da vida comigo porque eu... eu joguei minhas roupas de hóquei junto das roupas íntimas dela na máquina de lavar de novo. – Ela revirou os olhos. – Mas não se preocupem, meninas, não estou de castigo nem nada parecido. Nossa fabulosa festa do pijama vai acontecer como planejamos!

As meninas pareceram aliviadas, embora Ali ainda sentisse uma nota de tensão no ar. Por um momento, temeu que as amigas estivessem percebendo que havia algo *diferente* nela, algo que não tinham visto na menina que usava uma blusinha regata há poucos instantes. Mas, então, Spencer disse ter boas notícias: elas poderiam fazer a festa do pijama no celeiro do quintal dos Hastings, afinal. Spencer não sabia, mas Melissa estava indo para Praga na quinta-feira após a formatura, então elas poderiam ter o lugar todo para elas.

– Maravilha – disse Ali em voz alta, esperando que Courtney, onde quer que estivesse, ouvisse. Ela não permitiria que a irmã atrapalhasse sua diversão. Não deixaria que a irmã *tentasse* trocar de identidade com ela de jeito nenhum. Isso nunca iria acontecer.

De repente, um vulto azulado atraiu sua atenção para o quintal dos Hastings. Melissa caminhava na direção do celeiro trazendo em uma das mãos um cabide com sua beca pendurada. Sobre os ombros, ela trazia o manto de oradora oficial da escola. *Exibida.*

De repente, Ali tinha que fazer todo mundo entender o quanto ela era poderosa, o quanto ela podia ser aniquiladora. E Ali não tinha certeza se fazia aquilo para as amigas... ou para a menina assistindo

à cena de dentro da casa.

Ali se levantou.

– Ei, Melissa! Aqui!

Melissa parou e se virou na direção delas.

– Ah. Oi, meninas!

– Feliz com a viagem para Praga? – perguntou Ali sorrindo com meiguice. – Ian *vai* com você?

Spencer estendeu a mão sobre a mesa e apertou o braço de Ali, cravando as unhas nela.

– *Ali!*

– Não – respondeu Melissa depois de uma pausa. – Ian não vai comigo.

– Ah...! – Ali ouviu a si mesma dizer. – Mas... você tem certeza de que é sensato deixá-lo sozinho? Ele poderia arranjar outra garota!

Ela deu a Spencer um olhar significativo.

– Alison! Pare já com isso. Pare *agora*.

Mas Ali não podia parar.

– Spencer – perguntou Aria –, o que está acontecendo?

– Nada – respondeu Spencer depressa.

Ali viu quando as outras meninas trocaram olhares de incerteza. Mas ninguém disse nada. Então, Melissa ajustou o manto em volta do pescoço e voltou a caminhar na direção do celeiro. Ela deu um último longo e duro olhar para o buraco no quintal de Ali, mas não disse nada.

Spencer encarou Ali depois que Melissa se afastou, mas Ali não disse coisa alguma. Ela mal conseguiu suportar o restante da visita e, quando as meninas foram embora, correu de volta para dentro de casa e foi direto para seu quarto. Tudo estava no lugar. Em seguida, encontrou a mãe, que estava de pé na pia, lavando uns copos.

– Você deixou as minhas amigas entrarem quando eu não estava aqui – acusou ela.

A sra. DiLaurentis se virou, parecendo culpada.

– Querida, pensei que você estivesse em casa. Mas então vi você chegando em casa com a sua amiga do hóquei e percebi o meu erro.

O corpo de Ali começou a tremer.

– Então, elas falaram com ela?

– Bem, sim. Mas, então, eu a peguei.

– Elas estiveram no meu quarto?

A sra. DiLaurentis baixou os olhos.

– Ela só está curiosa, meu bem. O terapeuta nos explicou tudo: ela não viveu uma vida normal. Nós a privamos disso. Pense em si mesma como um modelo para ela.

Essas palavras feriram Ali. Era dela que eles realmente falavam, *ela* era a gêmea que eles pensaram ainda estar no hospital, apodrecendo, tornando-se mais esquisita e mais feroz a cada dia.

– Onde ela está? – perguntou Ali falando baixinho e com a voz cheia de tensão.

A sra. DiLaurentis pousou a mão no braço de Ali como um aviso.

– Querida, não faça uma cena. Estou certa de que ela não quis ser má ou provocá-la.

– *Onde. Ela. Está?* – As emoções de Ali pareciam como uma pipa, cujo barbante ela havia perdido. Era dessa mesma forma que Ali costumava se sentir quando a irmã a pressionava, pressionava e pressionava até que ela, finalmente, explodia. Era inacreditável como, depois de todo aquele tempo, a sensação podia voltar tão urgente, tão renovada como no dia em que ela a tivera pela primeira vez.

O pano de prato pendia das mãos da sra. DiLaurentis.

– Querida, seremos mais cuidadosos, está bem? Vamos mantê-la dentro de casa de hoje em diante, até estarmos certos de que ela não está regredindo. Ela ficará trancada em casa durante sua formatura e durante sua festa do pijama. Temos um trato?

– Você promete? – exigiu Ali. A sra. DiLaurentis assentiu quase assustada.

Mas aquilo não era o suficiente. Ali se virou e subiu os degraus, passando por seu próprio quarto mais uma vez. A porta do quarto de hóspedes estava fechada. Ali bateu nela com tanta força que machucou os nós dos dedos.

– Courtney! – gritou ela.

Mas a porta não foi aberta.

– Courtney! – berrou Ali.

– Alison, *por favor*! – pediu a sra. DiLaurentis, ao pé da escada.

– Abra a porta – gritou Ali. Depois, ouviu as molas da cama. Uma gaveta foi aberta e fechada. E então, claramente, ela ouviu uma risada alta e estridente. Era o tipo de gargalhada que soava como a de uma bruxa e o som a fez estremecer.

– Eu sei o que você está fazendo! – disse Ali, apertando o rosto contra a porta. – Você não vai se safar!

Ela ouviu passos dentro do quarto, e a porta foi aberta. Sua irmã estava usando a regata listrada, como Ali temia. Ela usava o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, sua nova Polaroid estava presa em volta do seu pescoço, e sorria, parecendo muitíssimo satisfeita. A irmã sustentou o olhar de Ali por tanto tempo que Ali começou a se sentir aflita.

– E por que não? – perguntou Courtney finalmente, sua voz cheia de alegria. – *Você* se safou!

31

PODER ABSOLUTO

Na noite seguinte, logo após a formatura, um Subaru bastante surrado estacionou junto ao meio-fio da casa de Ali. Ela observou pela janela quando Aria saiu do banco de trás, fez piruetas no gramado e enterrou o rosto na grama.

– Ai, que delícia! – Ali a ouviu dizer.

A sra. DiLaurentis tocou no braço de Ali.

– Por que você não vai até lá?

Ali se virou e encarou sua mãe. Seu coração batia como se ela tivesse dado um zilhão de voltas correndo ao redor do campo de hóquei. Cada som do andar de cima, onde sua irmã tinha sido mantida durante a cerimônia de formatura, fazia Ali estremecer.

– Você *tem certeza* de que vai mantê-la em casa? – perguntou ela, olhando para as escadas.

A mãe hesitou, parecendo culpada. Estava claro que ela se sentia realmente mal por ter deixado a irmã de Ali entrar no quarto dela para enganar suas amigas. Ela vinha tentando, nas últimas vinte e quatro horas, compensar Ali por seu erro. Para o jantar especial de formatura, a família havia pedido sushi do restaurante favorito de Ali. Naquela tarde, antes da cerimônia, a mãe dera a Ali um par de brincos de diamantes como presente de formatura. Só que nada disso apagava o que acontecera. Courtney tinha enganado suas amigas. Courtney havia sido *vista*.

E se *houvesse* algo diferente em Courtney, algo que as suas amigas foram capazes de perceber? Ali quase podia vê-las indo para casa na noite de terça-feira e telefonando umas para as outras para comparar suas impressões. *Os olhos dela pareciam um pouco diferentes quando nos encontramos no quintal, vocês não acham?,* Aria poderia ter dito. E, em seguida, Hanna teria dito algo como: *E Ali não usaria uma regatinha como aquela*. E então Spencer: *E, sabe, pensei ter visto uma luz acesa no quarto de hóspedes. Além disso, há anos eu ouço comentários...*

Não, não. Nada disso. Não tinha havido nenhum comentário sobre a família dela. Ou tinha? Aquele era um segredo que jamais escapara. Mas então Ali se lembrou de Jenna. E se ela tivesse falado alguma coisa? Talvez apenas um comentário inocente para Spencer em certa ocasião, alguma coisa na qual Spencer se recusara a acreditar. Ou que tal o homem que sua mãe mencionara... Talvez *ele tivesse* falado alguma coisa a respeito. Qualquer informação poderia levantar as suspeitas das amigas.

E se elas estivessem descobrindo lentamente o segredo de sua família? Tudo o que acontecera, até mesmo a troca de identidade?

– Você não tem com que se preocupar, meu bem – disse a sra. DiLaurentis de forma gentil, interrompendo os pensamentos de Ali. Ela mordeu o lábio inferior. – Mas sabe, querida, a verdade é que eu gostaria que você apenas *contasse* a elas.

– *Não!* – Ali quase gritou.

– Por que não? Elas vão entender. São suas amigas, não se importarão por você ter escondido a história delas, se é com isso que você está preocupada. As pessoas escondem coisas umas das outras o tempo todo.

– Bem, *você* é a especialista nisso – respondeu Ali.

A sra. DiLaurentis pareceu ter levado um tapa na cara e, sem pensar, ergueu a mão para Ali, que pensou que ia levar outro tapa. Mas tudo o que a mãe fez foi afastar uma mecha de cabelo dos olhos dela.

– Não vamos começar com isso de novo – disse a mãe em um tom neutro.

Ali trincou os dentes. Será que sua mãe esperava que ela simplesmente se esquecesse de tudo? Havia um homem, em algum lugar, que era seu verdadeiro pai – ela estava certa disso –, um homem que sua mãe estava escondendo dela e que Ali estava determinada a descobrir quem era. Ela pensou em contar tudo ao sr. DiLaurentis, mas então decidiu que a informação teria mais efeito se fosse revelada quando ela já conhecesse a identidade de seu pai biológico.

Quando ela voltou o olhar de novo para a janela, Emily também estava no jardim, usando jeans folgado e uma camiseta azul qualquer. Ela e Aria estavam rindo e conversando perto dos arbustos de flores de Ali. E então Ali percebeu que, se não saísse logo, as amigas tocariam a campainha. Talvez insistissem em entrar na casa. E se Courtney aparecesse no topo da escada? E se as meninas quisessem *subir* para o quarto de Ali, e Courtney aparecesse na porta de repente?

Ela abriu a porta da frente com a ponta do pé e marchou até onde as meninas estavam para dizer oi. Uma brisa leve fez dançar a saia do uniforme de hóquei, que ela usara para a festa de despedida da equipe naquela tarde.

– Oi, meninas! – saudou Ali com a voz mais animada que conseguiu se forçar a fazer.

As amigas olharam para ela. Por um instante, Ali teve certeza de que elas sabiam de tudo. Mas, no momento seguinte, todas elas sorriram, como se não houvesse nada errado. Talvez as meninas não soubessem *mesmo* que havia alguma coisa errada. Emily estava visivelmente mais animada, os problemas do outro dia aparentemente esquecidos... pelo menos por enquanto. Spencer e Hanna, que tinham acabado de chegar ao jardim, juntaram-se a elas, e as meninas se aproximaram para um abraço de grupo. Abraçando as amigas bem apertado, Ali olhou por cima do ombro a tempo de ver uma cortina no segundo andar da sua casa balançando. Era no quarto de hóspedes. Havia um vulto na janela olhando para elas.

– Vamos para seu celeiro! – disse ela para Spencer, afastando-se e levando as meninas através da cerca viva. Ela precisava sair dali, *rápido*.

Felizmente, as meninas a seguiram como boas ovelhinhas. Mas o rosto da sua irmã ainda a assombrava enquanto as cinco resmungavam sobre como o ano letivo tinha sido longo. E quando Ali ouviu alguém cumprimentando o grupo, *Oi, Alison! Oi, Spencer!,* achou que fosse desmaiar. Por um instante, pensou ter ouvido a voz da irmã.

Ali se virou e viu Mona Vanderwaal e seu grupo de geeks vindo em sua direção. Parte dela queria abraçar e beijar Mona de alívio. Mas, em vez disso, disse sem pensar:

– *Isso não!*

– *Isso não!* – suas amigas repetiram um segundo depois.

Mona estava em sua scooter. Chassey Bledsoe e Phi Templeton seguiam atrás, Chassey em uma mountain bike e Phi a pé, com aquele ioiô ridículo que ela carregava para todo canto.

– Vocês querem vir assistir *Fear Factor* conosco? – perguntou Mona.

– Desculpe – Ali sorriu com afetação, usando o tom mais maldoso que pôde conjurar –, mas estamos um pouco ocupadas.

Dito isso, ela deu as costas para as meninas e se afastou. As amigas a seguiram. Quando Ali revirou os olhos, elas também reviraram os delas. *Elas não sabem*, pensou, seus batimentos cardíacos se acalmando. *Elas não suspeitam de nada*. Mas, então, Ali voltou os olhos novamente na direção de sua casa. Ainda havia uma luz acesa no quarto de hóspedes, e aquele vulto ainda estava na janela. Para o horror de Ali, Hanna também espiava a janela.

Ali a puxou pelo braço.

– Vamos lá, Han! – chamou.

Elas seguiram a trilha que levava do quintal de Ali para o de Spencer. Uma escavadeira amarela gigantesca, espalhafatosa, estava estacionada nos fundos, sobre uma pilha de terra.

– Graças a Deus os trabalhadores não estão aqui – disse Ali em voz alta, para se certificar de que a atenção das amigas estava nela e não no vulto da janela.

Emily ficou tensa.

– Eles voltaram a fazer gracinhas idiotas com você?

– Calma aí, Delegada! – zombou Ali, e as amigas riram. Ela olhou por cima do ombro de novo. A luz na janela havia sido apagada. O vulto desaparecera. Mas será que a irmã ficaria de braços cruzados em seu quarto durante toda a noite como uma menina boazinha? Parecia bastante improvável.

O celeiro reformado da família Hastings estava logo à frente. Ali liderou as outras na direção dele, rezando para que a irmã não estivesse na cozinha, espionando para onde elas estavam indo. E

se a sua mãe tirasse os olhos dela? E se ela saísse de casa?

Risos as alcançaram vindos de dentro do celeiro.

– Eu já disse, *pare* com isso! – gritou ela. Era Melissa, sem sombra de dúvida.

Spencer parou de andar de repente.

– Ah, Deus. O que *ela* está fazendo aqui?

Ali encarou Spencer.

– Pensei que você tivesse dito que sua irmã estaria em Praga.

– Eu *disse*. – Spencer abriu a porta e elas viram Melissa e Ian deitados no sofá, rodeados de uma porção de garrafas de cerveja. Melissa se levantou, ajeitando a faixa que prendia os cabelos. Ian avaliou as meninas com um sorriso preguiçoso e sedutor.

– Ei, vocês estavam nos espionando? – atiçou Ian.

Spencer parecia atordoada.

– Nós não... Eu não queria interromper vocês, mas... Nós íamos ficar aqui esta noite.

Ian deu um soco de brincadeirinha no braço de Spencer.

– Eu só estava de gozação, Spencer!

Parecia haver eletricidade entre eles, o que, por sua vez, fez com que Ali fosse tomada por uma onda de possessividade.

– Nossa! – disse ela quase gritando. – Vocês dois formam um casal muito *fofo*. Você não concorda, Spence?

Spencer piscou, aturdida. Melissa deu a Ali um olhar bem esquisito, e depois colocou a mão no ombro de Ian.

– Podemos conversar lá fora um instante?

Ian bebeu o último gole da garrafa de Corona e se levantou do sofá.

– *Adieu*, senhoritas.

Ele deu um sorriso dissimulado quando passou por Ali. Ela assentiu levemente de volta. Iriam se encontrar no quintal da casa dela às nove horas. Ali sabia que ele estaria lá. Tudo o que precisava fazer era enviar uma mensagem para Melissa antes que se beijassem. E então Melissa veria a cena toda.

Depois que eles tinham saído, Ali se voltou para as amigas.

– Ian é tão lindo – disse Hanna. – Ainda mais bonito do que Sean. – Depois de dizer isso, alguma espécie de conflito aflorou em seu rosto. Era provável que ela estivesse pensando em Josie e Sean juntos na festa.

– Quer saber o que eu acho? – perguntou Ali a Hanna, deixando sua maldade assumir o controle. – Acho que Sean gosta mesmo de meninas com bom apetite.

Hanna pareceu surpresa.

– Sério?

– *Claro que não!* – soltou Ali. Ela não pôde suprimir a risada que deu a seguir, mas, quando percebeu a expressão magoada no rosto de Hanna, fechou a boca. Ali parecia quebradiça naquela noite, desorientada e completamente fora de controle. Sentia como se precisasse ser a Alison mais radical que pudesse ser, não apenas para mostrar a sua irmã que era capaz, mas também para mostrar a suas amigas. *Ninguém pode me substituir. Ninguém é melhor do que eu. Não ousem suspeitar de coisa alguma.*

De repente, Ali teve uma ideia. Talvez houvesse uma forma de ter as amigas definitivamente sob seu poder. E, ainda que elas vissem sua irmã de novo, sempre estariam do lado de Ali, fazendo o que ela pedisse, o que significava que as gêmeas nunca mais poderiam trocar de lugar. E também poderia ser uma forma de apagar de uma vez por todas o que elas tinham visto.

– Eu sei de uma coisa muito legal que podemos fazer juntas – sugeriu Ali. – Eu aprendi a hipnotizar pessoas!

Spencer pareceu alarmada.

– Hipnotizar?

– A irmã de Matt me ensinou – esclareceu Ali, cada vez mais animada. Ah, aquilo era perfeito. Ela poderia hipnotizá-las e exigir que obedecessem a ela e só a ela. E também poderia apagar de suas mentes a memória da irmã em seu quarto. – Quem quer tentar? – perguntou, tentando não implorar.

As meninas se remexeram, desconfortáveis.

– Não sei, não – murmurou Aria. – A hipnose não faz você dizer coisas que não gostaria de dizer?

Ali trincou os dentes.

– Por quê? – incitou. – Há alguma coisa que não queira nos dizer? – Ela apontou para Pigtunia. – E por que você ainda está carregando esse negócio para cima e para baixo? Não foi o seu *papai* quem deu isso a você?

Aria empalideceu e, mais uma vez, Ali sentiu um pouquinho de remorso. Talvez ela tivesse sido malvada *demais*. Hanna a observou atentamente, franzindo a testa, e Spencer congelou, com uma porção de pipoca a meio caminho da boca. Ali poderia dizer que todas elas estavam repassando o que Ali dissera em suas mentes. Por que Aria parecia chateada? O que Ali dissera? O que *elas* não sabiam?

– Esse negócio de hipnose, hã, *parece* meio fingimento – Spencer desabafou.

– *Você* não entende coisa nenhuma – disse Ali ansiosa. – Vamos lá! Eu posso fazer com todas vocês de uma vez.

Ali observou as amigas enquanto trocavam o peso de uma perna para outra. Um longo silêncio se instalou entre elas. *Por favor*, Ali repetiu em silêncio. *Por favor, por favor, por favor.*

– Eu topo! – exclamou Hanna.

– Eu também – disse Emily.

Spencer e Aria deram de ombros também, relutantes. Ali soltou um suspiro secreto de alívio.

– Então vamos lá – disse ela, emocionada. – Sentem-se em um círculo. – Ela correu em volta da sala, desligou as luzes e acendeu algumas velas votivas que estavam sobre a mesa de centro. Em seguida, Ali tomou seu lugar de frente para as meninas, fechou os olhos e soltou um "*ommm"* que soou vagamente espiritual.

As meninas também fecharam os olhos, e Ali se sentiu ainda melhor. Talvez a hipnose fosse *mesmo* funcionar. Talvez ela fosse capaz de dizer as palavras certas para fazer com que elas esquecessem de tudo.

– Tudo bem, apenas relaxem – pediu. – Vou contar de trás para a frente a partir de cem. Assim que eu tocar na testa de vocês, vocês estarão sob meu poder.

Emily riu, nervosa.

– Que coisa assustadora.

Ali começou a contar, andando ao redor da sala e olhando para o topo da cabeça das suas amigas. Sua voz dominava a sala, os números decaindo de noventa para sessenta e depois para quarenta e cinco. Quando alcançou o trinta, Ali vislumbrou um clarão na janela e se virou. Um vulto escuro desapareceu de vista. Seu coração parecia paralisado.

– Vinte e nove... – disse ela, movendo-se em direção à janela. Depois, houve outro clarão. Ela protegeu o rosto, pontinhos negros se formando na frente de seus olhos. Quando sua visão clareou, havia um vulto do outro lado do vidro, que trazia consigo uma câmera Polaroid moderna. Ali quase deu um grito.

Era a sua irmã.

– Vinte e oito... – Ali disse com um leve soluço, sua mente disparando em milhões de direções. *Não*. Ela nunca, *nunca* perdoaria sua mãe por ter deixado a irmã sair. O que ela devia fazer agora? Correr para fora do celeiro, contar aos pais que Courtney estava andando por aí? Mas suas amigas abririam os olhos em breve e veriam as duas gêmeas idênticas, uma do lado de fora, outra dentro da sala. Elas trocariam olhares de quem, finalmente, entendeu tudo. *Estão vendo? Tudo o que suspeitávamos se confirmou*. E se elas gostassem *mais* de sua irmã gêmea?

Então ela deveria fingir que nada estava errado? Aquilo também não parecia correto. Sua irmã poderia entrar ali como uma louca furiosa a qualquer momento. Ela poderia contar a elas toda a verdade. E depois o quê?

Ali espiou as amigas, mas elas ainda estavam sentadas e com os olhos fechados. Ela fechou as persianas e, em seguida, certificou-se de tê-las fechado bem. E, então, continuou contando, passando pelo vinte, depois diminuindo até alcançar o dez. Ela imaginou a irmã junto da janela, sem conseguir ver o que se passava lá dentro, mas ainda podendo ouvir tudo. Checou a porta para se certificar de que estava bem trancada. E estava. Mas e se Courtney conseguisse entrar ali de alguma outra forma?

– Dez, nove... – Forçando-se a engolir o nó na garganta, Ali tocou a testa das amigas. Primeiro a de Aria, depois Hanna e, por fim, Emily. – Três... dois...

De repente, os olhos de Spencer se abriram. Para horror de Ali, ela se dirigiu para o outro lado da sala, direto para a janela. Ali se virou, o coração descontrolado.

– O que você está fazendo?

– Está muito escuro aqui – disse Spencer, estendendo a mão para alcançar o bastão que abria as persianas. Ela as abriu, e Ali estremeceu. Sua irmã gêmea, porém, havia ido embora.

– Precisamos da escuridão! – ordenou Ali, correndo na direção dela. Ela não tinha ideia se Courtney iria voltar e não queria correr nenhum risco. – É assim que isso funciona.

Spencer fez uma pausa, com a mão no controle da persiana.

– Não, não é.

– É, sim! – rosnou Ali, com o coração batendo disparado. Spencer não iria abrir a janela de jeito nenhum. Sua irmã estaria do outro lado, como um reflexo perverso em um espelho.

Spencer se afastou da janela e colocou as mãos na cintura.

– Nem sempre precisa ser do jeito que você quer, sabia?

– Feche as cortinas! – rosnou Ali tentando manter o desespero em sua voz sob controle.

Spencer revirou os olhos.

– Deus do céu, dê um jeito de se acalmar!

– Dê *você* um jeito de se acalmar!!

Ali a encarou. E, de repente, algo lhe ocorreu: e se Spencer *soubesse*? Talvez tivesse descoberto tudo – ela era a mais inteligente de todas elas. Talvez ela tivesse visto Courtney na janela e, com isso, juntado todas as peças. Estava desafiando Ali porque podia fazer isso; sabia exatamente o que Ali temia.

Numa postura de desafio, Spencer ergueu o braço e puxou o controle da persiana, fazendo cada palheta se erguer, revelando o mundo lá fora. Ali deu um grito e tampou as vistas, preparando-se para o pior. Espiou por entre os dedos depois de um instante. Mas viu apenas o bosque que fazia limite com a propriedade.

Ali se virou para Spencer que, sem expressão, também olhava pela janela, embora talvez houvesse uma pequena amostra de decepção em seu rosto. Spencer fez um gesto indicando a porta.

– Saia.

– Tudo bem – disse Ali. E *estava mesmo* tudo bem. Ela precisava contar aos pais o que havia acontecido ali. Spencer lhe fornecera a desculpa perfeita.

Aprumando-se, ela foi na direção da porta, girou a maçaneta e enfrentou o crepúsculo. O chão estava úmido de orvalho. O céu estava azul-marinho. Os carros na estrada zuniam a distância.

– Espere um pouco! – Spencer chamou atrás dela. – Alison!

Mas Ali seguiu em frente, sem olhar para trás, verificando se havia indícios de que a irmã estava por ali. As luzes brilhavam na casa dos Hastings, assim como na dos DiLaurentis. Havia luz na janela do quarto de hóspedes novamente. Ali não via a irmã em lugar algum.

Mas ela duvidava que sua irmã gêmea estivesse lá dentro. Courtney estava lá fora, escondida em algum lugar. Ela só teria de encontrá-la e arrastá-la de volta para os pais. Aquela vagabunda ia voltar para a clínica e ficar trancada lá de uma vez por todas.

32

AS PEÇAS PERDIDAS DO QUEBRA-CABEÇA

Ali percorreu o caminho escorregadio de ardósia, olhando da direita para a esquerda, procurando por um vulto familiar em meio à escuridão. Sua irmã tinha de estar por perto. Mas onde?

Um pensamento horrível lhe ocorreu: uma cama de hospital desconfortável, esterilizada. Ser jogada em um quartinho, a porta batendo às suas costas. *Nós nunca mais vamos deixar você sair daqui*, uma voz ameaça. Ela viu a si mesma pressionando as mãos contra o vidro de uma janela da clínica Preserve, observando seus pais – e Courtney – afastando-se do carro.

Isso não poderia acontecer.

Um cheiro peculiar a fez parar e erguer a cabeça. Cheiro de cigarro. Mas, antes que pudesse descobrir de onde vinha, o cheiro desapareceu.

– Ali! – uma voz irrompeu através da noite. – Ali, volte!

Ali interrompeu seus passos no caminho de ardósia e olhou por cima do ombro. As lanternas chinesas do pátio não ajudavam muito em matéria de iluminação, mas ela podia distinguir o vulto de Spencer vindo em sua direção. A sensação de pânico voltou. Spencer não devia estar ali. Ela poderia ver algo – ou, para ser mais exata, *alguém*.

Ali colocou o celular de volta no bolso e se aprumou, esperando Spencer a alcançar. As bochechas de Spencer estavam rosadas e havia uma expressão de culpa em seu rosto.

– Para onde você está indo? – perguntou ela, parecendo magoada.

Ali piscou. De repente, parecia que Spencer *não sabia* de coisa alguma. Ela parecia tão preocupada, como se estivesse com medo de que Ali fosse embora para sempre. Mas Spencer não poderia ficar fora de casa justo naquele momento, não com sua irmã gêmea passeando por aí. Ali disse a primeira coisa que conseguiu pensar que faria Spencer dar meia-volta e retornar para o celeiro.

– Vou para um lugar bem mais legal do que ficar nesse celeiro com vocês.

Spencer pareceu ofendida.

– Certo então. Pode ir. – Mas, ainda assim, ela não se mexeu.

Ali trincou os dentes, esforçando-se para pensar em alguma outra coisa. Algo se agitou no bosque, e ela desviou seus olhos em direção às árvores. Ian? A irmã dela? Spencer precisava sair dali. *Agora.*

– Você tenta roubar tudo de mim, Spence – provocou Ali, tentando não parecer apavorada. – Mas essa é uma coisa que você não pode ter.

Spencer estreitou os olhos.

– Não posso ter o quê?

Ali deu uma risada maldosa.

– *Você* sabe.

Spencer fez um gesto vago.

– Você está delirando.

– Não, não estou. – Houve mais movimento no bosque, e Ali se aproximou de Spencer para bloquear a visão dela. – É *você* que está.

A raiva fez os olhos de Spencer brilharem e ela empurrou Ali pelos ombros com toda força. Ali cambaleou, atordoada com a força do empurrão. Seus pés perderam a firmeza e escorregaram, ela deu uma guinada para a direita e teve de se agarrar em um galho para se equilibrar.

Assim que pôde, endireitou-se e encarou Spencer, surpresa.

– Amigas não empurram umas às outras!

Spencer se aprumou.

– Bem, talvez nós não sejamos amigas.

– Parece que não – disse Ali. E ela queria acrescentar, *Então volte para dentro do celeiro!*

Mas Spencer ainda não queria sair dali. Ela já havia passado do ponto da simples chateação. Agora Ali *queria* magoar Spencer de verdade. E, de repente, percebeu como. Umedeceu os lábios, o gosto do segredo era como néctar em sua língua.

– Você acha que seu beijo com Ian foi uma coisa muito especial – zombou –, mas quer saber o que ele me disse? Que você não sabe beijar.

Spencer deu um passo para trás, como se Ali tivesse esbofeteado seu rosto.

– Ian disse isso a você? Quando?

– No encontro que tivemos – mentiu Ali.

Spencer abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

Ali se aproximou dela.

– Você é tão patética, agindo como se não soubesse que estávamos juntos. Mas é lógico que você faria isso, Spence. Era isso que a atraía nele, não é? Porque ele está *comigo*? Porque ele está com a sua irmã? – Ela deu de ombros. – A única razão pela qual Ian a beijou naquela noite foi porque eu pedi. Ele não queria, mas eu implorei.

Spencer arregalou os olhos.

– Por quê?

– Eu queria testá-lo, ver se ele realmente faria *qualquer coisa* por mim. – Ela apertou o lábio. – Ah, Spence. Você realmente acreditou que ele gostava de você?

Spencer parecia atordoada. Um vaga-lume pousou em seu braço, e ela nem se mexeu. Ali esperou que ela se virasse e saísse dali furiosa, mas, em vez disso, ela estendeu a mão e empurrou Ali com tanta força que perdeu o equilíbrio e seu corpo tomou impulso para trás. Uma série de imagens passaram diante de seus olhos, um emaranhado de luzes, a visão da enorme lua no céu e, então, tudo ficou branco. Um estalo soou perto dela. Sua cabeça latejava de dor. Ela caiu diretamente sobre o cotovelo e rolou para o lado. Suas roupas ficaram imediatamente úmidas, mas, por um instante, ela estava aturdida demais para se mover.

Uma coruja chamou das árvores. Ali abriu os olhos, sentindo a lama aderir à pele de seu rosto. Mexeu os dedos das mãos e, em seguida, os dedos dos pés. Então, virou-se e tentou sentar. Viu que Spencer ainda estava lá, mas ela parecia paralisada, era quase como se *tivesse* sido hipnotizada. Ali se levantou do chão e se afastou dela, correndo pelo caminho. Spencer não foi atrás.

Ótimo.

Ela seguiu na direção do quintal dos fundos de sua casa. Mas, ao atravessar a cerca viva, ouviu uma batida de porta no celeiro, e um pensamento lhe ocorreu. E se sua irmã gêmea aproveitasse a oportunidade para entrar no celeiro com Aria, Emily e Hanna? Ela poderia fingir que era Ali – ou contar toda a verdade a elas.

Ali se virou para fazer o caminho de volta, sua cabeça latejando. Tinha de ser isso! Ela não conseguia acreditar que tinha caído nesse golpe.

Ela começou a caminhada de volta para o celeiro com os pés escorregando na grama coberta de orvalho. Houve uma batida de porta, e, pela janela, Ali mal conseguia distinguir Spencer voltando para dentro do celeiro. Um burburinho soou atrás dela, e Ali se virou. Havia alguma coisa se movendo perto do quintal dos Hastings. Uma *pessoa*.

Ali colocou a mão sobre a boca.

– Courtney? – sussurrou, mas falava baixo demais para que alguém a ouvisse.

E então percebeu que eram duas pessoas, não uma. Estavam juntas e se moviam em direção à lateral da casa, até pararem perto da mangueira do jardim. O vulto mais alto deu um empurrão no menor, segurando-o contra a parede da casa. Seus corpos se uniram, e os lábios deles se encontraram em um beijo.

Ali observava a cena. No começo, pensou que os vultos eram Ian e Melissa, afinal eles estavam por perto. Mas um carro passou na rua e os faróis iluminaram os dois por um breve instante. Os longos cabelos louros de sua mãe e o contorno do seu perfil ficaram então visíveis. Ali arfou e prestou atenção no vulto maior, que agora acariciava o pescoço da sra. DiLaurentis. A luz fez com que seus traços se destacassem por um momento, revelando a sua mandíbula marcada, seu nariz longo e afilado e seus cabelos cheios. Ele inclinou a sra. DiLaurentis contra a parede da casa com

segurança, como se fosse o dono do lugar.

E então Ali percebeu que ele era *mesmo* o dono do lugar. O homem que sua mãe estava beijando era o pai de Spencer.

Ela recuou, profundamente abalada pela revelação. Aquilo não podia ser verdade. A mãe dela odiava o sr. Hastings, não odiava? Mas então se lembrou das palavras da mãe ao telefone: *Só precisamos de um pouco mais de dinheiro, querido. Só para pagar o resto das contas da internação dela... ela é sua filha também.*

Seu estômago revirou. Certamente, o sr. Hastings tinha dinheiro para pagar as contas da clínica – especialmente para uma filha insana, mantida longe da vista de todos. E talvez essa história explicasse por que o sr. DiLaurentis parecia sempre tão incrivelmente ciumento em relação aos Hastings – talvez ele sentisse que alguma coisa estava acontecendo entre os dois. Mas *o que* acontecera de verdade? O sr. Hastings e a mãe de Ali tiveram um caso secreto e então ela engravidou e... e depois? Que ela fingiu que as gêmeas eram filhas do sr. DiLaurentis, isso era claro. Talvez a mãe até tivesse se afastado dessa história por um tempo... até as coisas ficarem complicadas entre Ali e Courtney. Então, a sra. DiLaurentis precisou da ajuda financeira do sr. Hastings. Quem sabe ele tivesse até mesmo ajudado a família a se mudar para Rosewood. Arrumado uma casa para os DiLaurentis ao lado da casa da família dele para poder manter as filhas – e também a amante – sob seus olhos. *Que conveniente*, pensou Ali com frieza. Seu pai logo ali, na casa ao lado, e ela nunca desconfiara.

Ali achou que ia vomitar. Mas, em vez disso, deu meia-volta e saiu correndo. Seu pai biológico ser alguém que ela conhecia, o *pai* de sua melhor amiga, tornava tudo pior. Como a mãe *pôde* nunca contar isso a ela? Como foi possível a família dela acabar vivendo na casa ao lado dos Hastings, com o verdadeiro pai ao alcance da mão, mas ainda assim fora dos limites? E mais: aquilo fazia dela e de Spencer... *irmãs*.

Com os pensamentos enevoados, Ali de repente perdeu o rumo. Estacou no meio do quintal de casa ou, pelo menos, ela pensava estar em seu quintal. Tudo parecia tão estranho. A casa brilhava ao longe acima de um longo declive de grama. Uma lona se agitava ao lado dela, e a luz do luar fez brilhar o metal de uma ferramenta descartada no chão. Ali não havia percebido o quão perto estava do buraco da obra. Um movimento em falso e ela podia ter caído ali dentro.

– Tudo isso é muito chocante, não é mesmo?

Ali ergueu a cabeça. Havia um vulto bem na frente dela, oculto pelas sombras. Seu rosto estava voltado na direção do casal que se beijava no quintal da família Hastings.

– Parece que a nossa árvore genealógica tem uma boa quantidade de maçãs podres – disse o vulto, com uma voz que deixava claro que ela também havia concluído a verdade.

Então, o vulto deu um passo na direção da luz, e Ali engoliu em seco. Era sua irmã.

33

UM EMPURRÃOZINHO

Por um momento, Ali não pôde se mover. Encarou a irmã à sua frente, os olhos dela brilhavam. Seus dentes reluziam. Metade de seu corpo estava oculto pela bruma. Era como se ela fosse um fantasma.

Ali se virou e seguiu em direção à casa.

– Você não deveria estar aqui fora.

Sua irmã gêmea cravou as unhas na pele de seu braço.

– Você não vai a lugar algum, *Ali*.

– Ei, me solte! – ordenou Ali, tentando puxar seu braço. Mas o aperto de Courtney era firme. – Eu vou gritar! – ameaçou, o medo dominando sua voz.

Courtney deu uma risadinha.

– Não, você não vai, não. Vai ficar quietinha.

– Ah, sim, eu vou! – disse Ali. – Mamãe e papai virão correndo.

Courtney deu uma gargalhada.

– Hã, você não acabou de ver a mesma cena que eu? Mamãe está um pouco ocupada no momento.

– Então eu chamo o papai.

Courtney sorriu ainda mais.

– O papai desmaiou no sofá. Alguém pode ter colocado alguma coisa no vinho dele no jantar.

Ali recuou, subitamente tremendo. *Ela realmente* é *uma louca*, ela pensou.

Mas "Courtney" a puxou de volta, simplesmente.

– E não acredite que Jason virá salvá-la – sussurrou no ouvido da irmã. – Ele não dá a mínima para nenhuma de nós. E pelo visto as suas amigas já se foram. Que droga de festa do pijama do fim do sétimo ano, hein?

– Me solte agora! – gritou Ali. Seu braço estava começando a doer sob a pressão das unhas da irmã, e seu coração batia tão rápido que ela pensou que iria explodir em seu peito. De repente, ela sentiu outra vez cheiro de cigarro. Vinha de algum lugar próximo, mas sua irmã não parecia ter fumado recentemente. – O que você está fazendo aqui?

Courtney riu mais uma vez, o som mais horroroso do mundo.

– Ah, eu queria apenas ver como é a sua vida. A *minha* vida. O que passou pela sua cabeça para escolher essas garotas como suas novas amigas? Você quis me atormentar? Quis arruinar a minha reputação?

– Não há nada de errado com elas! – disse Ali, sentindo-se subitamente protetora para com as

meninas. – Elas são realmente doces.

– *Elas são realmente doces* – zombou Courtney imitando-a. – Você acha que elas ainda vão obedecer você cegamente depois de descobrirem tudo o que fez?

– Elas jamais acreditarão em você – disse Ali, mas até ela pôde sentir sua hesitação.

Courtney ergueu o queixo.

– Ah, elas vão acreditar se eu lhes contar a verdade sobre você.

Ali ficou tensa. De repente, uma onda de ódio a atingiu, quente e potente.

– *A verdade?* – perguntou. – E qual seria a verdade? Que você me manipulou durante anos? Que você *me mandou* no seu lugar para uma clínica psiquiátrica? Que você simplesmente *disse a eles* que eu tinha que ir embora?

– E você *tinha* que ir embora – declarou Courtney, falando de forma estranhamente calma. – E você vai ter que ir de novo. Você vai contar para todo mundo o que você fez. E, então, não será perdoada nunca, *nunca*.

O medo fez o sangue disparar pelas veias de Ali, mas ela não deixou transparecer.

– Não, eu não vou a lugar algum – disse ela, firmando os pés na grama fria e ensopada. Ela riu, o mais confiante que pôde. – Você realmente acha que seria fácil para você entrar em minha vida e ser quem eu sou? Fiz coisas que você não é capaz de fazer! Sou melhor sendo você do que você jamais foi!

– É a *minha* vida! – rosnou a irmã, agarrando Ali pelos ombros com firmeza. – Você realmente acha que não posso me adaptar? Posso até ser amiga daquelas vagabundas estúpidas, se for preciso. Posso fazer isso com os olhos fechados.

– Não, você não pode! – afirmou Ali. – Você não sabe de nada.

Courtney bufou.

– Ah, tenha dó. Eu li o seu diário. O *meu* diário. Eu sei tudo sobre aquelas garotas, sobre você. Você escreveu sobre todos os seus segredos lá, tudo o que é importante...

– Nem tudo – Ali rebateu, pensando em Nick. Graças a Deus ela o deixara de fora. Ali desejou poder jogar aquilo na cara da irmã agora – afinal, ele tinha sido sua paixão não correspondida. Mas eles tinham terminado e isso só faria a irmã gêmea rir da cara dela.

– O que você escreveu no seu diário deve bastar, acredite em mim – provocou Courtney. – Foi assim que descobri que vínhamos chamando o sujeito errado de papai. Cuidado com o lugar onde você guarda seus segredos, *Ali*. Qualquer um pode abrir um diário e ficar sabendo de toda espécie de coisas. – Ela pegou a irmã pelo braço. – E agora é a hora das despedidas! Que tal procurarmos nossa mãe e nosso verdadeiro pai? Podemos revelar toda a verdade para eles!

Ela apertou com força os ombros de Ali, tentando empurrá-la na direção da casa dos Hastings,

mas Ali dobrou o corpo, desvencilhando-se das mãos da irmã. Então Courtney a agarrou pela cintura e lhe deu um puxão pelo quintal, mas Ali tropeçou, trazendo-a consigo.

– *Levanta daí*, sua vaca! – gritou Courtney.

– Eu não vou a lugar algum com você! – Ali puxou com força os cabelos da irmã gêmea e rolou em cima de Courtney, prendendo-a sobre a grama. Todos aqueles velhos sentimentos voltaram e ela era de novo aquela menina de nove anos, lutando contra uma força tão insana e manipuladora que ela não sabia o que fazer senão bater, socar, perder totalmente a razão.

Mas, de repente, Ali recuperou o senso. Aquilo não passava de loucura. Odiava a irmã, mas ela não podia permitir-se cair nessa armadilha. Tinha de ser superior.

Ali saiu de cima de Courtney, se levantou e se virou, seguindo na direção de casa. Mas, após poucos passos, uma das mãos da irmã envolveu seu tornozelo e, de repente, ela estava mais uma vez caída na grama. Ali sentiu o corpo da irmã sobre o dela. As extremidades do seu cabelo longo arranhavam a nuca de Ali.

– Acho que vou precisar apelar para o Plano B, então – sussurrou Courtney. Ela se afastou e, antes que Ali pudesse fazer qualquer coisa, agarrou a irmã pelos pés e a arrastou na direção do limite da propriedade como se ela fosse uma boneca de trapos. Ali berrou e tentou se segurar em alguma coisa, mas não havia nada a que pudesse se agarrar. Quando viu que passava por algumas das ferramentas esquecidas no chão, seu coração parou. A irmã a estava arrastando para o buraco?

Ali tentou gritar, mas não tinha fôlego. Sua casa estava longe e o celeiro dos Hastings agora estava escuro. Para onde suas amigas teriam ido? Elas a haviam deixado? Então, Ali pensou em Ian, esperando por ela em algum lugar do bosque. Talvez *fosse ele* quem estava fumando. Ergueu os olhos desesperada para as árvores negras, rezando para que ele visse o que estava acontecendo. Só que o bosque permanecia silencioso. Nenhum barulho de ramos estalando sob pé algum. Ninguém veio em seu socorro.

A irmã parou de arrastá-la quando chegaram na beirada do buraco. Ali tentou se erguer, mas Courtney a empurrou de novo, os olhos faiscando.

– Eu devia ter feito isso anos atrás – rosnou. E então passou as mãos em torno do pescoço de Ali, pronta para estrangulá-la.

– Não! – gritou Ali. – Por favor!

Mas sua irmã gêmea apenas a estrangulou com mais força.

– Você merece isso – disse ela de forma fria, quase automática. – Você merece morrer pelo que fez.

Não, eu não mereço! Ali se debateu, chutando e agitando os braços. Ela torceu o pescoço e conseguiu respirar um pouco.

– Eu farei qualquer coisa! – implorou. – Direi a verdade, eu não me importo em confessar! Só não me mate!

– Você merece morrer – repetiu Courtney.

Quando ela procurou por uma posição melhor das mãos, Ali aproveitou para tomar ar, seus pulmões gritando.

– Lembra como costumava ser? Quando nós costumávamos ser *amigas*?

– Nós *nunca* fomos amigas – chiou sua irmã.

– Sim, nós éramos! Eu amava você! E você me amava também! Eu... Eu *sinto falta* daquilo!

A pressão das mãos de Courtney ficou um pouco mais branda, e Ali se contorceu para o lado tentando se libertar. Ela tossiu violentamente, seus pulmões parecendo que nunca mais se encheriam de ar novamente. Ela se arrastou para trás, se sentou e encarou a irmã gêmea. Courtney respirava com grande dificuldade e tinha os olhos arregalados. Ela olhou para as próprias mãos parecendo atordoada, como se nunca as tivesse visto antes.

Então, ergueu os olhos para Ali.

– Eu não posso – murmurou.

– Você não pode o quê? – Ali se atreveu a perguntar.

Os lábios de Courtney tremeram.

– Eu quero matar você. Mas *eu não posso*.

Uma onda de alívio varreu o corpo de Ali.

– Claro que você não pode – disse ela. – Somos irmãs.

Courtney olhou para ela hesitante. Depois, mais uma vez, olhou para suas mãos. Então, voltou a avançar na direção de Ali, o brilho em seus olhos renovado.

– T-talvez possamos começar de novo – barganhou Ali. Se continuasse falando, talvez pudesse manter o surto de sua irmã gêmea sob controle até que alguém viesse procurar por elas. – Eu posso ser eu. E você pode ser você. Você pode ser Alison DiLaurentis novamente.

Courtney piscou.

– E seria simples assim, você apenas voltaria para a sua vida?

Ali assentiu, engolindo o nó que havia em sua garganta.

– Simples assim. – Ali estendeu a mão e tocou a de sua irmã, um gesto de carinho que ela não fazia havia anos. – Tudo o que desejo é ter uma irmã de novo – disse ela com doçura. – Isso é tudo que eu sempre quis.

A cabeça de Courtney permaneceu baixa por mais alguns instantes. O ar cheirava a terra remexida e, por um instante, os grilos ficaram em silêncio. Então, ela deu um longo e lento suspiro, e cobriu a mão de Ali com sua outra mão.

– Eu não sei se eu posso fazer isso.

– Você *pode* – insistiu Ali. – Por favor.

– Eu... – "Courtney" se interrompeu e arregalou os olhos para alguma coisa atrás de Ali. – Você está aqui – sussurrou ela.

Ali tentou se virar para ver de quem se tratava. Um adulto? Ian? Uma de suas amigas? Mas, antes que ela fizesse isso, o olhar da sua irmã endureceu mais uma vez, deixando clara a sua determinação. Ela tomou impulso e empurrou Ali de novo.

Ali esperou atingir a grama imediatamente, mas não sentiu nada além do ar. Gritou ao ver o mundo virando de cabeça para baixo para, no instante seguinte, sentir o pescoço atingindo alguma coisa metálica, afiada. Por um instante tudo foi escuridão e, então, ouviu um retinido pavoroso. O ar pareceu deixar seu corpo todo de uma vez quando ela finalmente chegou à terra plana, gelada e imperdoável. Alguma coisa perto dali se partiu. Depois de apenas um instante, Ali se deu conta de que foi um osso dentro de seu corpo.

Ela estava no fundo do buraco.

Ali tentou gritar, mas não conseguia abrir a boca. Apenas um trecho de luz muito acima da sua cabeça era visível. As estrelas brilhavam a distância. Um pedaço da lua surgiu por trás de uma nuvem.

– Socorro! – gritou Ali, mas foi apenas em sua cabeça. Seu coração se encolhia dentro do peito como uma máquina emperrando. Uma estranha e repentina sensação se espalhava sob a pele, como que dissolvendo seus nervos. Depois de apenas um instante, percebeu que não estava respirando – ela *não conseguia* respirar. Tentou arranhar e lutar, mas cada célula do seu corpo parecia estar afundada na terra. E então Ali se deu conta do que acontecia. Ela estava *morrendo*.

Um vulto entrou em seu campo de visão. A gêmea de Ali apareceu, com uma perturbadora mistura de horror e alívio no rosto. Ela olhou para suas mãos de novo com a mesma expressão de-onde-elas-vieram. Em seguida, virou-se e olhou para algo fora da vista.

– Eu não sabia que você viria – disse ela. – Pensei que você não ia conseguir.

Em um primeiro momento, Ali pensou que Courtney estivesse falando com ela, mas, em seguida, ouviu outra voz.

– Mas é claro que vim. Virei sempre que você precisar.

Ali se esforçou para ouvir a conversa. Estava certa de reconhecer aquela voz, uma voz que ouvira muitas vezes. Mas seu cérebro, com as células morrendo pela falta de oxigênio, não conseguia juntar as peças. Ali tentou erguer a cabeça para ver de relance quem era, mas seu pescoço não se mexia.

– Você está feliz? – perguntou a voz.

Courtney moveu a boca em falso.

– Eu não sei – balbuciou ela baixando os olhos para onde a irmã estava caída com a mão sobre a boca. – Não consigo acreditar que eu acabei de... *fazer* isso!

– Mas era o nosso plano desde o começo.

De repente, Ali percebeu de quem era aquela voz. Tentou reagir, tentou gritar, mas podia sentir a vida se esvaindo de seu corpo, parte por parte, começando pelos pés, depois as panturrilhas, então os joelhos. Fez o que pôde para permanecer alerta, mas o esforço exigia demais dela. Ficou observando a abertura até que o vulto de sua irmã não passava de um borrão de luz e sombra. Os pensamentos de Ali se agitaram na direção da segunda voz, aquela que ela reconheceu. Só uma indagação girava em torno de seu cérebro, sem parar: *Por quê?*

Antes de ser capaz de esboçar qualquer resposta, a sensação da morte, como uma vela que consumia a si mesma, atingira seu pescoço. Ali sorveu o ar pela última vez, para em seguida fechar os olhos. Depois de um breve instante, em meio à sujeira, às rochas e às minhocas, ela expirou e se foi, finalmente.

34

Na manhã seguinte, a verdadeira Alison DiLaurentis viu o sol nascer pelas persianas de madeira em seu antigo quarto. A luz tênue iluminava a penteadeira que havia implorado que a mãe comprasse para ela no quinto ano, os puxadores de cristal azul de seu armário e das gavetas de sua cômoda, a fina camada de poeira que cobria o monitor de tela plana e a televisão. O quarto tinha até o mesmo *cheiro* de antes, sabonete de baunilha. Ela se sentiu em casa.

Finalmente.

O aroma de café fresco na cozinha estimulava seu olfato. Quando olhou por cima da balaustrada, viu que sua família já estava acordada. O sr. e a sra. DiLaurentis se sentaram à mesa da cozinha, olhando cansados um para o outro. Jason caminhava pelo corredor com uma expressão preocupada no rosto.

Faltava um membro da família, mas Ali não sentiria falta dela.

Ali examinou seu reflexo no espelho. Seus olhos sempre foram mais azuis do que os da sua irmã, seu rosto em forma de coração sempre tivera as maçãs mais pronunciadas. Ela era a gêmea mais bonita e a abelha-rainha de Rosewood Day *por direito*. E aquele era o momento de recuperar seu trono, tomado pela vagabunda. Só de pensar nela, apenas de lembrar da cara dela, Ali se enfurecia novamente. Como ela *ousava* aparecer em frente à sua turma de sexto ano e fingir que era alguém que não era? Como ela *ousava* aparecer na clínica nos dias de visita e ficar examinando as unhas perfeitamente pintadas ou mandando mensagens de texto para suas amigas enquanto seus pais tentavam envolver toda a família em uma conversa? Aquela vaca *mereceu* tudo o que recebeu. Ali nunca mais teria que se preocupar com ela.

Ela desceu a escadaria com a cabeça erguida. Mas, quando entrou na cozinha, a família ergueu os olhos e ficou pálida, como se tivesse visto um fantasma. A sra. DiLaurentis se adiantou e tocou no braço dela.

– Acho que você deveria voltar lá para cima, Courtney.

Ali parou bruscamente.

– Ei, eu já disse. *Não* sou Courtney. Sou Ali.

Os pais trocaram um olhar preocupado. O medo começou a tocar uma nota aguda na mente de Ali. Ela conhecia aquele olhar. *Está acontecendo de novo.*

E agora a sua outra filha estava desaparecida.

Na noite anterior, ao chegar em casa, Ali não esperava ver o pai acordado ou a mãe em casa, mas,

ainda assim, ficara com a impressão de ter manobrado bem a situação. Eles a flagraram tentando, discretamente, subir a escadaria e a chamaram pelo seu nome – seu nome *verdadeiro*.

– Oi, mãe, oi, pai – disse ela despreocupada, permanecendo oculta nas sombras, para que eles não notassem que seu cabelo estava uma bagunça e que havia machucados em seu rosto. – A festa do pijama acabou mal. Tivemos, tipo, uma briga. Vou para a cama.

Ela entrou em seu antigo quarto e fechou a porta. Depois, lavou as mãos e penteou o cabelo. Seu cérebro rodava, tentando pensar em uma razão para a irmã e suas amigas terem brigado. Parecia que a irmã estava tentando hipnotizá-las, alguma coisa assim, certo? Mas, pelo jeito, Spencer havia se incomodado com a situação. E então sua irmã e Spencer tiveram uma briga ridícula por causa de Ian Thomas do lado de fora do celeiro – Ali escutara a coisa toda.

Em seguida, houve uma batida em sua porta.

Ela se levantou e ofereceu aos pais, que estavam nervosos no corredor, um sorriso nervoso. Seus olhares foram imediatamente para o dedo indicador de Ali, que, é claro, estava sem o anel com a sua inicial. Então, eles conferiram seu pulso. Ele estava nu, sem a pulseira de barbante que as meninas passaram a usar depois da Coisa com Jenna. *Merda*.

– Courtney? – perguntou a sra. DiLaurentis com delicadeza. – Querida, você saiu?

– Eu não sou Courtney – respondeu Ali, franzindo a testa. – Sou Ali. Viu só? É por isso que não quero que vocês a deixem vir para casa. A coisa toda fica uma confusão.

Ela tentou fechar a porta, mas o sr. DiLaurentis deu um passo para a frente e a impediu.

– Este quarto não é seu, Courtney! – disse ele com autoridade.

E você não é o meu pai, Ali queria jogar na cara dele.

– É, sim – respondeu, e então franziu o cenho para ele. – E, por favor, não me chame de Courtney. É um insulto.

A sra. DiLaurentis parecia atordoada.

– Você estava tentando sair com a sua irmã e as amigas dela? Você foi ao celeiro de Spencer?

Ali deu de ombros.

– Sim, eu estava no celeiro de Spencer, *eu sou Ali*! Mas a festa do pijama foi um horror. Tivemos uma briga e cada uma foi para a própria casa. Já disse isso a vocês.

A sra. DiLaurentis piscou, ainda confusa.

– Então o celeiro está vazio?

– É. Foram todas embora.

Parecendo desconfiada, a sra. DiLaurentis correu até a janela do banheiro, que mostrava o quintal das duas casas. Ali já sabia que as janelas do celeiro estavam às escuras. Pouco depois, a mãe voltou para o quarto.

– Onde está sua irmã?

– Courtney? – perguntou Ali com expressão inocente. – Não faço a menor ideia. Ela não está no quarto dela?

A sra. DiLaurentis enfiou a cabeça na escuridão do quarto de hóspedes, então balançou a cabeça.

Ali arregalou os olhos.

– Ela saiu? Vocês não disseram que iam vigiá-la? Foi a única coisa que pedi para vocês fazerem! – disse ela, fazendo com que sua voz alternasse graves e agudos, da mesma forma que a irmã fizera ao ficar fora de si com a mãe ao descobrir que Ali interagira com suas amigas.

Exausta, a sra. DiLaurentis passou as mãos pelos cabelos.

– Nós vamos resolver isso. – Ela tocou no braço da filha. – Boa noite... *Ali*. – O nome soou estranho saindo da sua boca, como se ela nunca o tivesse dito na vida.

– Boa noite – disse Ali, pegando um pijama na gaveta de cima. Sua irmã gostava de boxers cor-de-rosa da Victoria's Secret – tão comum. Mas Ali, cumprindo seu dever, vestiu aquilo, tomada por uma sensação de triunfo. Talvez seus pais tivessem parecido um pouco confusos no começo, mas acreditaram nela no fim. Ela ia dormir em seu antigo quarto. *Ótimo*.

Contudo, de manhã, com seus pais a olhando com aquela expressão aturdida, chamando-a de Courtney, Ali começou a duvidar. Talvez seu nervosismo tenha parecido muito ensaiado. Talvez ela tivesse dormido com um pijama que a irmã jamais teria escolhido. Talvez a família estivesse intrigada porque ela não estava usando o anel com a inicial do nome. Ali tinha ouvido os pais agitados no andar de baixo até altas horas, andando, sussurrando ao telefone, abrindo a porta da frente só para fechá-la segundos depois. Ali escutara a movimentação à meia-noite, depois às duas, depois às quatro e depois às 5h30. Talvez os pais nem tivessem dormido.

– Apenas suba, está bem? – A paciência da sra. DiLaurentis estava por um fio. – Spencer e as outras meninas vão chegar a qualquer momento. E eu quero fazer perguntas a elas sem ter que dar explicações.

Ali começou a respirar de forma ofegante para fingir que estava assustada.

– Isso quer dizer que Courtney *saiu mesmo*? Viu só? É por isso que eu não queria que ela voltasse! Ela é totalmente louca, mãe. Foi exatamente por isso que você a internou. Quem sabe o que ela vai fazer agora! E se ela tentar me machucar?

A sra. DiLaurentis deu a seu marido um olhar pesaroso. Impotente, o sr. DiLaurentis devolveu o olhar. Ela se voltou para Ali.

– Vá lá para cima, só isso, até nós chegarmos a uma conclusão.

Gemendo e fazendo drama, Ali subiu as escadas, tentando decidir o que pensar daquilo tudo. Uma vez no seu antigo quarto, porém, desabou de joelhos, sua mente correndo em todas as direções. Por

que seu plano não estava dando certo? Por que não acreditavam nela? Ali precisava de um álibi incontestável. Se aquelas meninas estavam vindo para a casa dela, provavelmente Ali seria questionada sobre onde tinha ido na noite passada após deixar o celeiro. Passaram-se pelo menos vinte minutos desde que sairá de lá, e ela precisava de uma explicação para esse intervalo. Os pais iam perguntar onde ela estava. *Falando ao telefone*, ela poderia responder. *Dando uma volta, esfriando a cabeça*.

Mas seus pais deveriam acreditar na história dela. Não deveriam escondê-la no andar de cima nem interrogar aquelas garotas sem que ela estivesse por perto.

A campainha tocou. A porta rangeu ao ser aberta, e as vozes misturadas da sra. DiLaurentis e das meninas alcançaram Ali vindas do vestíbulo. Ali também ouviu passos e depois o arrastar das cadeiras da cozinha sendo puxadas para trás para que todos se acomodassem. Ali deixou seu quarto pé ante pé e desceu pela escadaria dos fundos. As quatro amigas de sua irmã estavam sentadas ao redor da mesa, com os olhos baixos. Estavam em silêncio, como se escondessem alguma coisa. Emily inspecionava suas unhas. Spencer tamborilava sobre a mesa. Aria inspecionava um porta-guardanapos em forma de abacaxi, e Hanna mastigava seu chiclete com energia.

– Alison não voltou para casa ontem – explicou a sra. DiLaurentis.

As quatro meninas ergueram seus olhos, chocadas. Ali tampou a boca escondida na escadaria, surpresa. *Como aquilo estava acontecendo?*

– Meninas, não sei se vocês tiveram uma discussão ou alguma coisa assim, mas Ali deu alguma dica sobre aonde poderia ter ido? – perguntou a sra. DiLaurentis.

Hanna empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha.

– Talvez ela possa estar com as amigas da equipe de hóquei.

A sra. DiLaurentis balançou a cabeça.

– Não, não está. Liguei para elas. – Ela limpou a garganta. – Ali alguma vez falou sobre alguém que a estivesse perturbando?

As meninas se entreolharam e, em seguida, desviaram o olhar.

– Ninguém jamais faria isso – disse Emily. – Todo mundo é louco por Ali.

– Ela alguma vez pareceu triste? – pressionou a sra. DiLaurentis.

Spencer torceu o nariz.

– Tipo, deprimida? Nunca. – Mas então uma expressão confusa tomou seu rosto. Ela desviou o olhar novamente para a janela.

– E por acaso vocês não sabem onde o diário dela está, sabem? – perguntou a sra. DiLaurentis. – Procurei por ele em todos os lugares e não consegui encontrá-lo.

– Eu sei como é o diário dela. Quer que a gente vá lá em cima procurar? – ofereceu-se Hanna.

Alison recuou até o meio da escada, pensando no diário. *Sabia* onde ele estava – e era um lugar muito, muito seguro. Mas ela não contaria para ninguém, de jeito nenhum.

– Não, não, querida, pode deixar, está tudo bem – respondeu a sra. DiLaurentis.

– De verdade. – Hanna empurrou a cadeira para trás e saiu da mesa. Ali ouviu passos no corredor. – Eu não me importo!

– Hanna – gritou a mãe de Ali, sua voz repentinamente incisiva. – Eu disse não!

Houve uma pausa. Ali desejou poder ver os olhares nos rostos das garotas, mas não conseguia ver nada de onde estava.

– Tudo bem – disse Hanna baixinho. – Me desculpe.

A meninas foram embora depois de algum tempo. A sra. DiLaurentis fechou a porta atrás delas e se deixou ficar por um momento no vestíbulo, aturdida. Ali se agachou atrás da parede do corredor no segundo andar, mal ousando respirar. Tinha de bolar um plano, e *bem rápido*. Precisava convencer a família de que era a verdadeira Ali.

Correndo até a janela de seu antigo quarto, Ali observou as amigas de sua irmã formarem um círculo no pátio. Pareciam preocupadas, talvez até mesmo culpadas, especialmente Spencer. Emily começou a chorar. Hanna mastigava, aflita, um punhado de biscoito. Dava impressão de que as garotas estavam discutindo alguma coisa, mas Ali não podia realmente ter certeza. Será que deveria ir até lá e falar com elas? Talvez pudesse dizer a verdade – que havia irmãs gêmeas, que a outra menina era uma imitadora maluca da própria irmã, que ela saíra na noite anterior, mas que os pais estavam confusos e achavam que as meninas haviam trocado de lugar. Tinha de fazer com que aquelas vacas burras acreditassem nela e convencessem o mundo, assim como sua irmã fizera um ano e meio antes.

Quando estava descendo a escadaria, um barulho ensurdecedor começou no quintal. Era a retroescavadeira com pneus enormes rasgando a grama, na direção do buraco no quintal.

– Ah, era só o que nos faltava – gemeu a sra. DiLaurentis. – O barulho dessa coisa é tão alto que mal consigo ouvir meus próprios pensamentos.

– Você quer que eu os mande parar? – perguntou o sr. DiLaurentis.

As palavras ecoaram em Ali e ela teve um pensamento horrível. Seus pais *não deveriam* ir lá para fora. E se eles vissem sua irmã no fundo do buraco? Ela empilhara um monte de terra sobre o corpo da irmã, mas a noite estava tão escura... Talvez não tivesse sido o suficiente.

Ali disparou para a janela do banheiro e olhou para baixo. De pé, ao redor do buraco, os trabalhadores posicionavam uma canaleta que levaria o conteúdo do caminhão-betoneira para o buraco. Ninguém se preocupou em verificar o fundo. Não houve gritos de terror ou gestos de surpresa. Ali pensou novamente na grande quantidade de terra que jogara sobre o corpo e, em

seguida, sobre a pessoa que a havia ajudado. Ela estava feliz por seu cúmplice ter aparecido, como pedira. Por algumas semanas, não tivera certeza de que seria assim.

O misturador de cimento foi acionado. A massa cinzenta escorria pela canaleta, caindo dentro do buraco, preenchendo-o bem devagar. Os trabalhadores permaneceram em volta, fumando. Um deles contou uma piada, e alguns riram. Ali continuou esperando que se virassem para espiar o buraco e que subitamente começassem a gritar aterrorizados, mas ninguém o fez. O misturador girava e girava. O cimento grudento continuou a seguir pela canaleta. Ali tentou entender como se sentia, mas não sabia definir. Algum tipo de alívio. Mas também muita preocupação.

Alguém bateu na porta do banheiro, que estava entreaberta. A sra. DiLaurentis estava no corredor, mexendo na bainha da camisa.

– Precisa nos dizer tudo o que sabe, meu bem – implorou a mãe. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Ali deu de ombros.

– Por que você acha que eu sei de alguma coisa?

A sra. DiLaurentis piscou. Ali baixou os olhos, tentando permanecer calma, e pegou o celular da irmã, que havia encontrado perdido no meio do gramado, na noite anterior. Nesse momento, ouviu o misturador de cimento sendo desligado. Havia acabado. O buraco tinha sido preenchido. Sua irmã estava enterrada. Morta. *Acabada.*

Seus dedos começaram a tremer incontrolavelmente.

Ela escondeu as mãos, colocando-as para trás. Então viu seu próprio rosto no espelho, exibindo uma expressão de espanto. Quando olhou para a sra. DiLaurentis, viu que o queixo da mãe caíra e ela estava branca como papel. Naquele momento, Ali soube que a mãe, de alguma forma, sabia.

A sra. DiLaurentis apertou a boca.

– Faça suas malas. Agora.

Ali piscou.

– Por quê?

A sra. DiLaurentis se virou na direção da escadaria.

– Kenneth? – gritou. – Kenneth, eu *preciso* de você!

O sr. DiLaurentis subiu as escadas de dois em dois degraus. A sra. DiLaurentis se virou e, estremecendo, apontou para Ali.

– Querido, ela... Alison... ela... – e então começou a chorar, desesperada.

O sr. DiLaurentis avançou para cima de Ali, como se tivesse planejado aquele movimento por horas. Antes que Ali se desse conta do que estava acontecendo, foi empurrada para dentro do quarto de hóspedes e a porta foi trancada pelo lado de fora.

– O que diabos está acontecendo aqui? – perguntou Ali aos gritos. – O que está acontecendo? Por que vocês dois estão agindo como loucos?

Ela podia ouvir as vozes deles no corredor, apenas sussurros. *Ela está envolvida em alguma coisa. Eu não sei o que foi, mas algo horrível aconteceu. Temos que tirá-la daqui.*

Ali ficou tensa. *Tirá-la daqui?* Eles não estavam se referindo à... à clínica Preserve, não é? Eles não podiam fazer isso. De forma *alguma*. O coração de Ali disparou só com o pensamento. Ela passara dezoito torturantes meses naquele lugar. Horas e horas presa em uma sala escura. Dias trancada dentro da sua cabeça, de tão drogada que fora por aquelas enfermeiras indiferentes. E os médicos, ah, os *médicos* eram ainda piores. Cruéis. Descuidados. Esqueciam-se do nome dela. Esqueciam-se de sua situação. Quando ela disse, chorando, *eu sou Ali, eu sou Ali*, eles tinham olhado para ela como se não fosse nada além de um número, um caso a ser estudado.

Instantes mais tarde, seus pais voltaram para o quarto dela e a sra. DiLaurentis abriu uma mala sobre a cama e começou a enchê-la de camisetas e roupa íntima.

– Mamãe – disse Ali com a voz trêmula –, não sei bem o que você está fazendo, mas...

– Fique quieta – interrompeu a sra. DiLaurentis. O marido dela estava ao telefone. Depois de um momento, alguém respondeu falando tão alto que Ali podia ouvi-lo através do receptor.

– Bom dia, clínica Preserve, como posso ajudá-lo?

Lágrimas de medo encheram os olhos de Ali. Ela tentou tirar o telefone da mão de seu pai, mas ele o ergueu fora do seu alcance.

– Vocês não podem me mandar de volta para lá! – gritou. – *Eu não fiz nada!*

A sra. DiLaurentis plantou as palmas das mãos contra os ombros de Ali, empurrando-a de volta para a cama com uma força surpreendente.

– Pare de mentir! – alertou, com os olhos cheios de lágrimas. – Pare imediatamente com todas essas mentiras!

Ali gritou e tentou se erguer, mas o sr. DiLaurentis a agarrou pela cintura. Ela chutava e se debatia enquanto os pais a levavam escadaria abaixo. Os gritos eram tão altos que Ali teve certeza de que os trabalhadores viriam correndo dos fundos da propriedade. Mas ninguém veio resgatá-la.

– Vocês não estão entendendo! – choramingava. – Eu sou Ali!

Mas eles não lhe deram ouvidos. Ali registrou um ou dois detalhes da casa enquanto era arrastada para o carro: a caligrafia de sua irmã gêmea no diploma do sétimo ano sobre a ilha da cozinha, o taco de hóquei dela encostado a um canto da lavanderia, a visão do misturador de cimento no quintal. O céu estava tão incrivelmente azul, os jardins tão imaculadamente bem cuidados.

– Eu sou Ali! – urrou novamente na garagem, um apelo desesperado aos Cavanaugh, aos Vanderwaal, até mesmo aos Hastings. Mas, ainda assim, ninguém veio em seu socorro. O pai a

empurrou com raiva para o banco traseiro, e sua cabeça bateu na janela oposta com força. Ela tentou sair de lá, mas então os pais entraram no carro e travaram as portas. O pai deu a partida, e, em seguida, o carro estava dando ré. A visão de Ali ficou turva pelas lágrimas. Sua garganta estava inflamada de tanto gritar. Ela olhou pela janela, para aquelas casas indiferentes em sua rua sem saída. Ninguém se importava com ela. Ela odiava todo mundo que vivia naquele lugar estúpido.

E, assim, sua família partiu.

– Vocês não entendem, eu sou *Ali* – repetiu mais algumas vezes, mas, conforme saíam da garagem, viu que aquilo era inútil. Os pais *não* acreditaram nela. Seu plano tinha saído pela culatra. Ela nunca, nunca seria Alison DiLaurentis de novo.

E, o que era pior, de alguma forma, fora descoberta. E talvez os pais pensassem que estavam sendo bondosos. Eles poderiam ter chamado a polícia, poderiam tê-la jogado em uma cela.

Mas aquilo não parecia bondade para ela. Ali *preferia* ter ido para a prisão. Pelo menos teria havido um julgamento. Pelo menos, ela teria conseguido recuperar seu nome.

O rosto do sr. DiLaurentis estava marcado de preocupação quando ele tomou a direita e seguiu em frente. Em estado de choque, Ali se virou e viu quando o caminhão de cimento preencheu o buraco até o fim, nivelando-o com o resto do quintal. *Ela está enterrada para sempre.* As palavras da sua irmã giraram em espiral na sua cabeça: *Tudo o que desejo é ter uma irmã de novo. Isso é tudo que eu sempre quis*. Aquela revelação a fizera recuar e pensar, pelo menos por um segundo. Passaram pela frente da casa dos Hastings. Spencer estava na varanda, observando o jardim, parecendo preocupada – talvez tivesse escutado os pedidos de ajuda de Ali.

– *Abaixe-se!* – gritou o sr. DiLaurentis, empurrando a cabeça de Ali sem nenhum cuidado para baixo, assim que Spencer virou o rosto na direção do carro.

Depois que haviam passado por ela, Ali se recostou mais uma vez e olhou para as costas de Spencer de novo. *Ela* também era irmã de Ali. E tudo o que Ali sentia por ela era ódio. Porque, se colocasse a coisa toda em perspectiva, era tudo culpa de Spencer, Aria, Emily e Hanna. Tinham sido *elas* que conversaram com sua irmã no quintal naquele dia, um ano e meio atrás. Tinham sido *elas* que facilitaram a ascensão de Courtney ao trono de Ali. Uma nova onda de ódio varreu seu corpo. Já não era apenas de sua irmã que Ali sentia raiva. Era *delas*.

O sr. DiLaurentis acionou a seta para virar a esquina. A sra. DiLaurentis deu uma fungadela atormentada quando alcançaram a via principal, deixando para trás a vizinhança tranquila e pacífica. Ali olhou pela janela de trás do carro, imaginando se algum dia veria aquele lugar de novo. *Ela veria*, decidiu. Iria encontrar uma forma de voltar para limpar seu nome. E, uma vez que fizesse isso, iria se vingar; dessa vez, para valer. Faria com que as vagabundas pagassem. Faria com que desejassem jamais terem se tornado amigas de Alison DiLaurentis para começo de conversa. Não

sabia como, não sabia quando, mas tinha alguém com quem poderia contar para colocar o plano em prática. Juntos, fariam aquilo acontecer.

Mesmo que isso a matasse.

Foi um prazer escrever este livro! Há um bom tempo eu queria entrar na cabeça de Ali, e ter feito isso foi ótimo. Tenho muitas pessoas a quem agradecer pelo sucesso deste livro: a minha maravilhosa equipe editorial, que inclui Lanie Davis, Sara Shandler, Katie McGee, Josh Bank e Les Morgenstein na Alloy, e Farrin Jacobs e Kari Sutherland na Harper. (Obrigada especialmente a Kari por todo o seu trabalho de detetive na série Pretty Little Liars, vasculhando os livros anteriores para certificar-se de todos os detalhes. É tão difícil passar por todos esses livros de novo, você salvou minha vida.)

Obrigada também para as pessoas impressionantes que trabalham no seriado *Pretty Little Liars*, exibido na ABC Family: os escritores e a equipe, todo mundo tão competente, os atores talentosos e Marlene King, que se manteve fiel à série e ao mesmo tempo a conduziu por novos caminhos. Adoro ver a Ali do seriado na tela, então foi divertido trazer um pouco desse universo para o livro.

Obrigada também à minha família e a meus amigos, especialmente o pessoal em Pittsburgh, incluindo a família Shepard e a família Lorence. Um grande abraço para Samantha Cairl, que me permite ter um pouco de tempo para escrever todos os dias. E um enorme, enorme abraço para Kristian. *Os segredos mais secretos das Pretty Little Liars* foi dedicado a você também, mas você ainda não estava por aqui enquanto eu o escrevia. Agora, você é um garoto que anda e brinca e diz "UAU!" e que mudou completamente a minha vida. Então, mais uma vez, "UAU!". Eu amo você, meu meninão.



MALDOSAS

IMPECÁVEIS

PERFEITAS

INACREDITÁVEIS

OS SEGREDOS MAIS SECRETOS DAS PRETTY LITTLE LIARS

PERVERSAS

DESTRUIDORAS

IMPIEDOSAS

PERIGOSAS

TRAIÇOEIRAS

IMPLACÁVEIS

ESTONTEANTES

Título Original
ALI'S PRETTY LITTLE LIES
A PRETTY LITTLE LIARS PREQUEL NOVEL

Copyright © 2013 *by* Alloy Entertainment e Sara Shepard

Star Books Digital

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

"Edição brasileira publicada mediante acordo com Rights People, London."

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
TÁRSIO ABRANCHES

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI DOREA

Revisão de arquivo ePub
VANESSA GOLDMACHER

Edição Digital: janeiro, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S553s
Shepard, Sara, 1977-
Os segredos de Ali [recurso eletrônico] / Sara Shepard ; tradução Fal Azevedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Pretty Little Liars)

Tradução de: Ali's pretty little lies
ISBN 978-85-8122-515-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Azevedo, Fal. II. Título. III. Série.

14-18543

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sara Shepard já sonhou em ser estrela de novela, designer de LEGO, cineasta, geneticista e editora de moda, mas quando cresceu virou escritora mesmo. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestra em escrita criativa pela Brookling College. Atualmente, a autora vive em Tucson, Arizona, com o marido e três cães indisciplinados. A série Pretty Little Liars, inspirada em sua infância e adolescência passadas em uma das regiões mais abastadas da Filadélfia, foi vendida para vários países e também adaptada para a televisão.

Visite o site: www.prettylittleliarsbooks.com